VIRGILIO CARDOSO DE OLIVEIRA

DIRECTOR DO ENSINO MUNICIPAL DE BELÉM

A Patria Brazileira

Leitura escolar illustrada com 260 gravuras

« Nada por mim ; por minha Patria, tudo. »

***

BRUXELLAS

ESTABELECIMENTO TYPO-LITHOGRAPHICO

CONSTANT GOUWELOOS & Cie

1-9, Rue Saint-Pierre, 1-9

—

1903

THE LIBRARY OF
BROWN UNIVERSITY

THE CHURCH
COLLECTION

THE BEQUEST OF
COLONEL GEORGE EARL CHURCH
1835 - 1910

Ao distincto amigo
Coronel J. E. Church
lembrança de
Cardoso de Oliveira

A Patria Brazileira

A Patria Brazileira

LEITURA ESCOLAR ILLUSTRADA COM 260 GRAVURAS

POR

Virgilio Cardoso de Oliveira
Director do Ensino Municipal de Belém

« *Nada por mim; por minha Patria, tudo.* »
* * *

BRUXELLAS
ESTABELECIMENTO TYPO-LITHOGRAPHICO
CONSTANT GOUWELOOS & Cie
1-9, Rue Saint-Pierre, 1-9
—
1903

Homenagem

ao

Municipio de Belém

OFFICIO DO EX.mo SNR. INTENDENTE MUNICIPAL

Srs. membros do Conselho, — Tenho a satisfacção de transmittir-vos a inclusa petição, na qual o dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, um espirito dos mais esclarecidos, dedicado com fructifero empenho á causa da educação civica nacional, fundado no artigo 31 do regulamento do Instituto Civico-Juridico « Paes de Carvalho », do qual é director, solicita á Municipalidade de Belém un auxilio pecuniario para a publicação do livro que acaba de escrever e que se denomina *A Patria Brazileira.*

O peticionario, em 1899, impetrou á Municipalidade e obteve um pequeno auxilio para a publicação de sua obra *Leitura Civica*, livro que está sendo acceito pelo paiz inteiro e que, com preparar a mocidade brazileira para a vida civica, é um formoso trabalho de propaganda das instituições democraticas que nos regem.

Não se torna mistér, ao certo, que eu saliente o dever inherente ao poder publico, de amparar por todos os meios os esforços empregados em pról da educação civica, que é uma condição *sine qua* da superioridade de todos os povos fortes e gloriosos.

A Patria Brazileira, cujos originaes fôram lidos por mim, é um livro, posso garantil-o, destinado a prestar os mais relevantes serviços á mocidade escolar e ao Brazil, pondo-lhe em destaque as grandezas, quer com relação á vida industrial, quer no que concerne á vida espiritual e historica.

Assim, pois, parecendo-me justo que todos os que sentem o amor da patria apoiem esse fecundo esforço do dr. Virgilio Cardoso, peço aos Srs. membros do Conselho se dignem de tomar na merecida consideração o pedido incluso, auctorizando o executivo municipal a attender ao peticionario. Saúde e Fraternidade. — *Antonio José de Lemos,*

PARECER DO CONSELHO

As 1.a e 3.a Commissões, considerando que, como bem disse o sr. Intendente Municipal, no officio com que transmittiu ao Conselho o requerimento do dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, pedindo um auxilio

pecuniario para a impressão de seu livro — *A Patria Brazileira,* — « ao poder publico compete amparar por todos os meios os esforços empregados em pról da educação civica, que é uma condição *sine qua* da superioridade de todos os povos fortes e gloriosos » ;

Considerando que, além desse dever, que occorre ao poder publico, o peticionario basêa seu pedido no direito, que lhe assiste, em face do regulamento do Instituto Civico-Juridico « Paes de Carvalho » ;

Considerando que o referido trabalho é effectivamente de valor, não só como elemento de educação nacional, mas ainda como propaganda valiosa pelas coisas brazileiras, e propaganda tanto mais proveitosa quanto deverá ser o livro illustrado com 260 gravuras ;

Considerando, entretanto, que as difficuldades financeiras que o Municipio vae atravessando, não permittem ao Governo Municipal dispensar um auxilio largo, como desejára, em attenção ao valor da obra e ao grande dispendio que, incontestavelmente, deverá exigir do auctor, que se sente falho de recursos para por si sómente leval-a a effeito, necessitando talvez mesmo realizar essa impressão fóra desta cidade, por exigencias do trabalho artistico ; e

Considerando que — *A Patria Brazileira* — tendo entrada nas escolas, como é de esperar e desejar que o tenha, ao Governo Municipal cumpre, por disposição do regulamento do Ensino Municipal, fazer acquisição de livros escolares adoptados, para distribuição aos meninos reconhecidamente pobres, sendo, portanto, certa, mais tarde, nova despesa, submettem ao estudo do Conselho o seguinte projecto. (*)

LEI Nº 558

O Conselho Municipal de Belém resolveu e eu publico como lei do Municipio o seguinte :

Art. 1.º — Fica o Intendente auctorizado a conceder ao dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, auctor do livro intitulado — *A Patria Brazileira* — a quantia de cinco contos de réis, destinada a auxiliar a respectiva

(*) O projecto apresentado não soffreu alteração, sendo unanimemente approvado pelos snrs. Vogaes Virgilio Mendonça, Virgilio Sampaio, Juvenal Cordeiro, Sabino da Luz, Marianno de Aguiar, Antonio Nunes, Ignacio Nogueira e João Moreira da Costa.

impressão, obrigando-se o auctor a entregar á Intendencia quinhentos exemplares, afim de serem distribuidos pelos alumnos das escolas municipaes e do Instituto Civico-Juridico « Paes de Carvalho ».

Art. 2.º — Caso tenha de ser feita fóra do paiz a impressão da referida obra, poderá o Intendente facultar ao mencionado funccionario municipal, uma licença, até quatro mezes, com as vantagens que lhe parecerem razoaveis.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todos os habitantes deste Municipio que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Dada e passada nesta cidade de Belém, aos doze de Março de 1903. — *Antonio José de Lemos*, Intendente.

A meus queridos filhos Rodolpho, Maria Angelita e Virgilina : — Pertence-vos este livro — amae vossa Patria ainda mais do que eu vos amo.

Virgilio.

DUAS PALAVRAS :

Não faremos um prologo : o plano deste livro, tendo por base ligeiras noções de Chorographia, como ensejo proveitoso para o desenrolar de acontecimentos de nossa Historia, demonstra nitidamente o pensamento que nos dirigiu a penna despretenciosa.

Em seu precioso trabalho — A Educação Nacional — *diz, com muita razão, o eminente educacionista José Verissimo : « Neste levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais importantes reformas é a do livro de leitura. Cumpre que elle seja brazileiro, não só feito por brazileiro, que não é o mais importante, mas brazileiro pelos assumptos, pelo espirito, pelos auctores trasladados, pelos poetas reproduzidos, pelo sentimento nacional que o anime. »*

Eis o que procurámos fazer neste livro, que representa apenas um simples arranjo de assumptos e coisas brazileiras, ordenadas, aliás, com o melhor desejo de bem servir á mocidade estudiosa e á Patria estremecida.

Concluindo, pedimos aos illustres compatriotas em cujos trabalhos artisticos ou litterarios colhemos material para o desenvolvimento de nosso plano de leitura escolar, que nos relevem o acto, deante da bôa intenção com que foi praticado e do fim altamente civico que tivemos em vista.

VIRGILIO CARDOSO DE OLIVEIRA.

Belém, 24 de Fevereiro de 1903.

Capitulo I

Patria e Escóla

A Patria, meus caros meninos, não é somente o vasto territorio em que vivemos, o sólo que cultivamos, a terra que nos viu nascer, esse conjuncto de incomparaveis bellezas naturaes, que chamamos carinhosamente — Brazil.

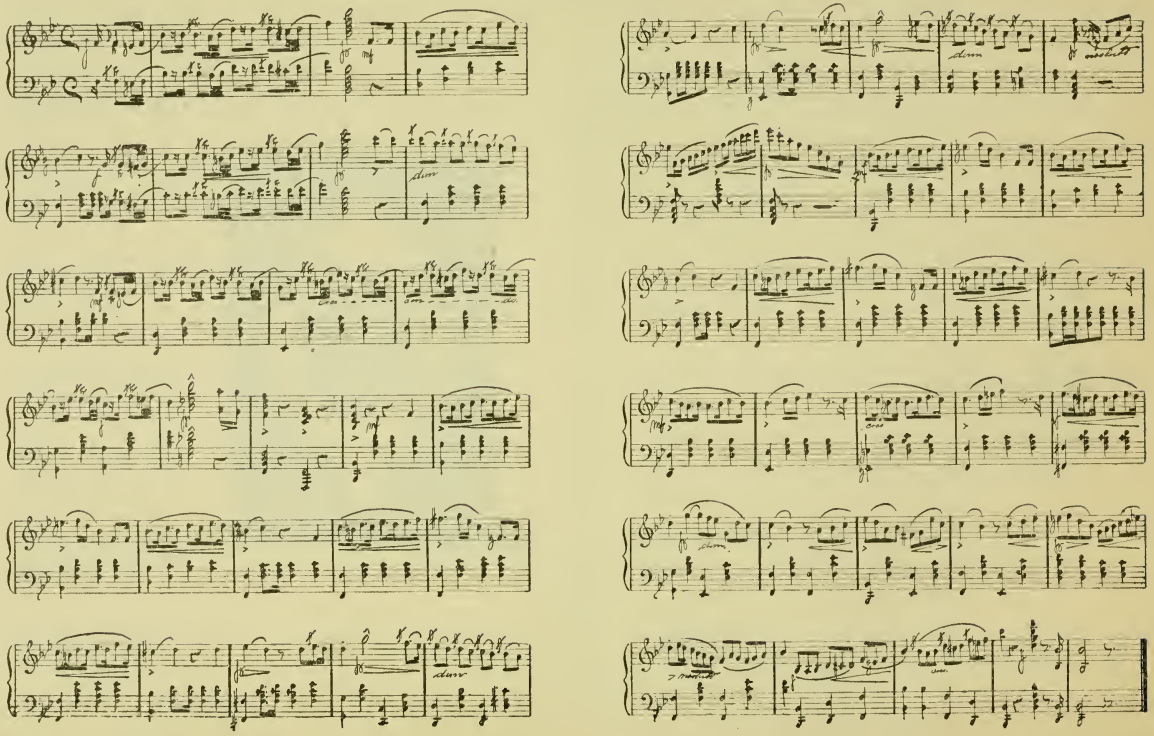
Não : sentimol-a tambem em tudo que nos desperta o affecto ou o enthusiasmo pelo nome brazileiro, – nas estatuas dos heróes, nas grandes datas da historia, nas obras primas dos artistas, nos monumentos da litteratura.

A Patria é ainda o que quer que seja invisivel, que vibra dentro de nós, percorrendo como o sangue nossas veias; é, por exemplo, essa commoção, que nos agita, quando contemplamos respeitosos a bandeira auri-verde, symbolo

sagrado de nossa nacionalidade, ou ouvimos extasiados as sonorosas notas de nosso Hymno.

Eil-o, a grandiosa producção musical de Francisco Manoel da Silva, como uma suggestão, que vos fazemos, para que procureis apprender no valor de cada nota o sentimento que elle traduz :

Hymno Nacional



E para bem avaliardes a veneração que deveis á bandeira nacional, lêde um expressivo episodio da guerra que sustentámos contra o Governo do Paraguay :

— « *Perdemos a bandeira* » — eis o brado doloroso que irrompeu nas trevas da noite em que o 30º batalhão de Voluntarios da Patria foi, de surpresa, atacado pelo inimigo nas linhas avançadas de *Tuyú-Cué*.

— « *A morte de todos, ou a bandeira, já!* » — brame o Commandante, declarando-se deshonrado, e o batalhão, como um só homem, resoluto e indomavel, parte, de sabre em punho, persegue o inimigo, alcança-o, lucta com elle corpo a corpo, semeia a morte a cada passo, e volta pouco depois ao acampamento, reduzido á metade, mas trazendo com suas armas e seus feridos o precioso emblema.

E o bravo Commandante, não tendo forças para supportar a intensidade do enthusiasmo pelo heroico feito, que o rehabilitava, cáe fulminado por um ataque, ao tempo em que a bandeira erguida é saudada com o hymno nacional.

. . . . . .

Não basta, entretanto, meus pequenos amigos, que tenhaes gravado no amago do coração o sentimento da Patria, elle que nasce com o primeiro vagido da existencia, acompanha o desenvolvimento da juventude e só morre com o ultimo suspiro da vida.

Não, não basta : o amor da Patria sem a orientação necessaria, sem que vossa consciencia possa criteriosamente avalial-o, poderá desvairar-se, degenerando, muitas vezes, em fanatismo prejudicial e improficuo.

Para seu cultivo, porém, ha dois grandes e bellos scenarios, intimamente ligados, aos quaes deveis o maior acatamento : — a Familia e a Escóla.

Si ao deixar o seio carinhoso do lar, onde a alma desabrocha, não vierdes devidamente encaminhados, por conselhos e exemplos valiosos, para a sociedade civil, esta receberá um elemento negativo para seu progresso, sem que possa ser bastante efficaz a acção civilisadora da escóla.

Si esta illustra a intelligencia ainda crystallina, em regra não poderá agir com successo sobre o coração entorpecido, ou mal inclinado.

Preparae, pois, vosso espirito na vida do lar, para que possaes bem desdobral-o, por intermedio da escóla, na vida social.

Cultivae os grandes sentimentos e tende horror á ignorancia, que depaupera o espirito e corróe as energias.

De certo já tereis visto o sol, que nos illumina e aviventa, perder o brilho fulgurante sombreado por espessa nuvem.

A luz não se apaga; o sol não deixa de ser o mesmo centro de vida; mas não surgirá radiante, emquanto se não desfizer o manto negro que o occulta.

Assim succederá comvosco, emquanto permanecer vosso espirito annuviado pela escuridão da ignorancia.

Como o astro-rei tem luz propria, sois dotados de intelligencia e sentimentos, mas estes e aquella não terão o brilho necessario si a escóla, auxiliada pela familia, não desbravar a primeira e aperfeiçoar os segundos.

Não vêdes como o ferro, devido a descuido, é atacado pela ferrugem, que o consome lentamente?

Pois a acção da ferrugem é identica á da ignorancia sobre nossa organização moral e intellectual.

Si esta não fôr bem cuidada, emquanto a intelligencia bruxoleante e o coração innocente estão aptos a receber com proveito as primeiras impressões da instrucção, sereis mais tarde imperfeitos para os fins sociaes.

Como chegareis a conhecer a superioridade do homem pela razão, afim de marchardes para o bem e para o aper-

feiçoamento? Como penetrareis na multidão dos conhecimentos humanos? Como podereis ser uteis a vossos paes e a vós mesmos, si a actividade não fôr auxiliada e bem dirigida pela intelligencia e pelo caracter, tornando o trabalho productivo e benefico?

Podereis, porventura, servir bem á Patria, ignorando os deveres que ella impõe, desconhecendo suas grandezas physicas e moraes?

Assim, a escóla é o grande templo do trabalho, onde o mestre, verdadeiro sacerdote, prepara na mocidade estudiosa o futuro da Patria.

Amae, pois, a escóla : ahi obtereis não somente o esclarecimento de vossa intelligencia, mas ainda o espirito de ordem, de disciplina, de estimulo e de solidariedade, indispensaveis ao convivio social.

Predisposto assim vosso animo, lêde agora interessadamente os capitulos seguintes, onde vos descreveremos a Patria Brazileira, encarada sob todos o pontos de vista.

Capitulo II

Territorio e população

Engastado como uma preciosa perola na America do Sul, nosso querido Brazil abrange um vastissimo territorio, mais ou menos equivalente á decima quinta parte da superficie terrestre do planeta, á quinta parte de toda a America, septentrional e meridional, representando quasi a metade desta.

Eis a relação em que se acha com os demais paizes americanos, exceptuando o Canadá :

	Superficie		
Brazil	**8.837.218**	kilometros	quadrados
Estados-Unidos .	7.800.000	»	»
Argentina . . .	2.835.970	»	»
Mexico	1.945.000	»	»
Bolivia . . .	1.247.000	»	»
Venezuela . . .	1.137.665	»	»
Perú	1.060.460	»	»
Columbia. . . .	830.700	»	»
Equador	650.038	»	»
Chile	660.000	»	»
Guyanas	460.000	»	»
Paraguay . . .	278.920	»	»
Uruguay	186.920	»	»
Nicaragua . . .	133.800	»	»
Antilhas	130.000	»	»
Guatemala . . .	121.140	»	»
Honduras . . .	120.400	»	»
Cuba	120.000	»	»
Costa Rica . . .	51.760	»	»
S. Salvador . . .	18.720	»	»

De norte a sul, das nascentes do rio *Mahú* á fronteira do *Chuy*, mede o Brazil 5.313 kilometros; de leste a oeste, do cabo *Frio* ás nascentes do *Uaupés*, 5.451 kilometros.

Superiores ao Brazil em extensão territorial, contam-se apenas — a *Siberia*, na Asia, com uma superficie de 16.000.000 de kils. qs., pertencente á Russia; a *China*, com 12.000.000, tambem na Asia; o *Canadá*, medindo 9.000.000, colonia da Inglaterra, na America do Norte.

Um ligeiro confronto entre o Brazil e differentes paizes da Europa, a parte do mundo onde o progresso e a civilisação

Mappa
da
America do Sul

têm tido maior desenvolvimento, dar-vos-á uma idéa approximada do que poderá vir a ser ainda nossa querida Patria, quando contar uma população proporcional á vastidão de seu territorio, ao qual a natureza confiou as mais prodigiosas riquezas.

Paizes :	Superficie em kil. q.	População
Russia	5.700.000	80.000.000
Austria-Hungria	680.000	40.000.000
França	528.500	38.000.000
Allemanha	540.000	52.000.000
Inglaterra	315.000	31.000.000
Italia	296.000	28.000.000
Portugal.	92.900	5.000.000
Suissa.	41.400	3.000.000
Servia.	49.000	2.000.000
Hollanda.	33.000	5.000.000
Belgica	29.460	6 000.000
	8.305.260	290.000.000

O Brazil é, pois, pouco menor do que toda a Europa, que, com os demais paizes não citados acima, conta apenas 9.923.885 kils. qs. de superficie.

Da comparação feita, observa-se, portanto, que a area occupada pelo Brazil poderia comportar, mais ou menos, a extensão territorial dos paizes referidos, ou, relativamente a cada um delles : — mais de uma vez a Russia; doze vezes a Austria-Hungria; quinze, a França; quinze, a Allemanha; vinte e seis, a Inglaterra; vinte e oito, a Italia; oitenta e nove, Portugal; cento e sessenta e nove, a Servia; duzentas e cincoenta e uma, a Hollanda; duzentas e oitenta e uma, a Belgica.

Ante as observações feitas, pois, o Brazil, que conta apenas

18 milhões de habitantes, poderia comportar uma população correspondente ao total da de todos os paizes citados, equivalente a duzentos e noventa milhões de habitantes.

Maior população poderia ainda ser apurada, fazendo-se o calculo comparativo de habitantes por extensão kilometrica com Portugal, por exemplo, onde ha cincoenta habitantes para cada kilometro quadrado, obtendo-se assim para o Brazil o elevado total de quatrocentos e quinze milhões, trezentos e sessenta e um mil habitantes!

Numero ainda mais elevado achar-se-ia, sommando-se tantas vezes a população do Imperio Allemão quantas o Brazil o comporta em extensão territorial — quinze vezes —, o que daria um resultado de setecentos e oitenta milhões de habitantes!

Si fizermos com o Reino da Belgica, relativamente o paiz mais povoado na Europa, o mesmo calculo comparativo que com o Reino de Portugal, veremos que, havendo naquelle duzentos e quinze habitantes para cada kilometro quadrado, poderia a população do Brazil elevar-se a um bilhão, setecentos e oitenta e seis milhões, cincoenta e um mil oitocentos e setenta habitantes, isto é, mais do que a população calculada para todo o mundo.

Não é, porém, possivel chegar a tal extremo, nem devemos mesmo desejar para o Brazil uma população egual á do calculo comparativo com Portugal, pois a lucta pela vida se tornaria muito difficil.

Demais, o progresso e o engrandecimento dos paizes não estão na razão directa do numero de habitantes, mas nas condições climatericas e sociaes, fertilidade do sólo, etc.

O Imperio Chinez, por exemplo, com uma superficie de doze milhões de kilometros quadrados e uma população de quatrocentos milhões de habitantes, é, relativamente, um dos paizes mais atrazados do globo, ao passo que a Republica Suissa, com quarenta e um mil e quatrocentos

kilometros quadrados de superficie, povoados por tres milhões de habitantes, podendo ser comportada por aquelle Imperio — *duzentas e oitenta e nove vezes* —, vive tranquilla, feliz, progredindo incessantemente.

Ao Brazil, paiz novo e riquissimo, ainda não convenientemente explorado em qualquer dos ramos da actividade humana, bastaria talvez uma população laboriosa, egual á dos Estados-Unidos da America do Norte — setenta e seis milhões de habitantes.

Capitulo III

Limites e fronteiras

O Brazil está situado na parte mais oriental da America do Sul, e confina com todos os paizes alli comprehendidos, á excepção do Equador e do Chile : — ao norte, a Columbia, a Venezuela, as Guyanas, franceza, hollandeza e ingleza, e o Oceano Atlantico; ao sul, a Argentina e o Uruguay; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, a Argentina, o Paraguay, a Bolivia e o Perú.

As fronteiras brazileiras não estão, porém, definitivamente fixadas com alguns desses paizes, dependendo ainda de negociações diplomaticas os limites com a Bolivia e outras Republicas.

Com relação á Guyana Ingleza, existe o tratado de 6 de Novembro de 1901, entre os Governos Brazileiro e Inglez, submettendo o assumpto á arbitragem do Rei da Italia.

Este tratado foi negociado em Londres pelo Dr Joaquim

Nabuco, nosso Ministro alli, incumbido tambem de defender a causa em Roma, perante o Arbitro.

Quanto á Bolivia, versa a questão sobre o vasto e riquissimo territorio do Acre, ora exclusivamente habitado por brazileiros, e onde, depois de diversos incidentes, rebentou poderosa revolução contra o Governo Boliviano, que para alli enviára uma expedição militar.

Placido de Castro.

A revolução, chefiada por Placido de Castro, triumphou, repellindo aquellas forças.

Sobre o assumpto, entabolaram-se negociações diplomaticas entre os Governos Brazileiro e Boliviano, as quaes, em breve, fôram embaraçadas pela resolução do Presidente da Bolivia, General Pando, de dirigir-se para o territorio disputado á frente de uma segunda expedição.

Então, o Ministro do Exterior, Barão do Rio Branco, em nome do Governo Brazileiro, endereçou ao Boliviano, pelo telegrapho, por intermedio de nosso representante diplomatico em La-Paz, a seguinte nota, em 3 de Fevereiro de 1903.

Reproduzimol-a textualmente, para que em nada perca a patriotica energia da phrase :

« Causou a mais penosa impressão ao Presidente da Republica e a toda a Nação Brazileira a certeza de haver o Sr. Presidente Pando resolvido, no dia 26 de Janeiro, partir para o territorio do Acre com o proposito de submetter pelas armas os seus habitantes, sem esperar o resultado da negociação de que encarregára, no dia 24, o Sr. Pinilla, e que apenas iniciada nos dava as melhores esperanças de um accôrdo proximo, honroso para as duas partes e vantajoso para a Bolivia. Sendo

o Acre um territorio em litigio, pretendido tambem pelo Brazil e pelo Perú, desde o parallelo de dez gráus e vinte minutos até á linha da nascente do Javary ao marco do Madeira, e brazileiros todos os habitantes da região, não podemos concordar em que alli penetrem tropas ou auctoridades da Bolivia. Dos tres litigantes, Bolivia, Perú e Brazil, é a este que melhor cabe a occupação administrativa provisoria dessa parte do territorio contestado, attenta á nacionalidade de sua população. V. Exc. fica portanto auctorizado a mostrar ao Governo Boliviano que as suas expedições em marcha não devem ultrapassar o indicado parallelo e para lhe declarar que, tanto pelo dever de não permittir que sejam maltratados ou exterminados os nossos compatriotas, levantados contra a dominação extrangeira e senhores de todo o paiz, como para satisfazer ao desejo que manifestou no dia 23 de Janeiro o Sr. Villazon, quando disse que seu governo acceitaria a discussão immediata si o Brazil se responsabilisasse pela pacificação. Iremos pacificar o territorio contestado, enviando para esse effeito tropas que, ao mesmo tempo, protejam a população, mantenham a ordem, tornem impossiveis incursões para os lados do Abunan e do Orton e repillam qualquer aggressão.

As tropas brazileiras farão a policia do territorio contestado ao oriente do rio Yaco, occupando-o até solução do litigio por via diplomatica. A Alfandega boliviana, estabelecida provisoriamente em Porto-Acre, deverá ser removida para as visinhanças do barracão Paraiso, ou para outro logar ao sul do indicado parallelo de dez graus e vinte minutos, que é a fronteira estipulada na parte final do artigo segundo do tratado de 16 de Março de 1867. A guarnição de Porto-Acre, unico ponto occupado por bolivianos e que segundo noticias recentes já devem ter capitulado, será repatriada com todo o conforto e segurança.

O Governo Brazileiro não quer romper suas relações diplomaticas com o da Bolivia; continúa prompto para negociar um accôrdo honroso e satisfactorio para as duas partes e deseja mui sinceramente chegar a esse resultado. O Sr. Presidente Pando entendeu que é possivel negociar, marchando elle com tropas para o norte. Nós negociaremos tambem, fazendo adeantar forças para o sul com o fim já declarado. No interesse das bôas relações de amizade que o Brazil deseja ardentemente manter com a Bolivia, é urgente que os dois Governos se entendam para remover rapidamente esta difficuldade do Acre, fonte de complicações e discordias. Si não fôr possivel um accôrdo directo, restar-nos-á o recurso do juizo arbitral.

O Brazil informará o Perú da resolução que foi obrigado a tomar, resolvendo os direitos que em tempo possa allegar esse nosso commum visinho e amigo. Queira V. Exc. dar ao Sr. Villazon copia deste despacho, e pedir-lhe que mande amplos poderes ao Sr. Pinilla. »

Porto-Acre.

Effectivamente, ao ser feita esta importante declaração ao Governo Boliviano, *Porto-Acre*, como previra o Barão do Rio Branco, já havia capitulado, em 24 de Janeiro de 1903.

Estando bem garantida a acção do sitio, iniciado em 14 do mesmo mez, Placido de Castro, generoso, communica ao Commandante da cidade sitiada, D. Lino Romero, a disposição de atacal-o, offerecendo todas as garantias ás mulheres e aos não combatentes que se quizessem retirar da praça.

Recusado o offerecimento, ás 8 horas da manhã de 15, ouve-se o toque de fogo e assalto. A lucta trava-se temerosa de parte á parte, entrando pela noite, e prolonga-se em constantes investidas e tiroteios, ganhando os acreanos terreno, palmo a palmo, até ao dia 22.

No dia seguinte, certos da derrota inevitavel, arvoram os bolivianos uma bandeira branca em suas trincheiras.

Interrompe-se o ataque, e é recebido o emissario que D. Lino Romero envia a Placido de Castro, solicitando um armisticio.

Desconfiando este talvez das intenções do chefe boliviano, não consente, allegando que aquelle recusára em começo o nobre offerecimento, que lhe fizéra, do hospital de sangue para recolher os feridos. Retira-se o parlamentario e o fogo continua intenso, já tendo os acreanos suas trincheiras distantes apenas dez metros das bolivianas.

Na manhã de 24, porém, reconhecida a improficuidade da resistencia, ergue-se de novo a bandeira branca : os acreanos cessam immediatamente o fogo e Placido de Castro recebe a visita do proprio D. Lino Romero, que declara a impossibilidade de continuar a lucta, propondo a capitulação.

Discutida esta e firmada a respectiva acta, Placido de Castro convidado a receber as armas dos vencidos responde com uma prova eloquente da proverbial cordura do povo brazileiro : *Não fazemos a guerra senão para conquistar o que é nosso, e aos vencidos abrimos os braços de amigos. Não inflingiremos uma humilhação a nossos inimigos, depois de derrotados. Não receberemos de suas mãos as armas com que nos hostilisaram, arrancando a vida a tantos companheiros nossos, cuja perda hoje tanto choramos. Depositem as armas nas arrecadações, que lá iremos tomar conta dellas.*

No mesmo dia, com todas as garantias, embarcaram as forças bolivianas para Manáos, com destino á Bolivia, por Belém e Rio de Janeiro.

Guarnecida a fronteira brazileira em Matto-Grosso, outra expedição militar partiu para o territorio em questão, afim de effectuar a annunciada occupação.

Em seguida, recebeu o Ministro brazileiro em *La Paz* auctorização para firmar com o Governo da Bolivia, no dia 21 de Março de 1903, um accôrdo provisorio, assim concebido :

Art. 1.º — O Governo do Brazil occupará militarmente e administrará a parte do territorio que considera litigioso, situado a léste do rio Yaco e limitado ao norte pela linha geodesica do marco do Madeira á nascente do Javary, e ao sul pelo parallelo de 10 gráos e 20 minutos, desde o referido marco até ao Yaco.

Art. 2.º — O Commandante em Chefe das tropas brazileiras estacionadas nesse territorio será incumbido de fazer tambem a policia do territorio entre o Yaco e o Purús, ao norte do parallelo de 10 gráos 20 minutos.

Art. 3.º — O Governo do Brazil reconhece que o territorio do Acre ao sul do parallelo de 10º 20' é boliviano, em virtude do art. 2º do tratado de 27 de Março de 1867, entretanto, tendo sido iniciadas, entre o Brazil e a Bolivia, negociações para um novo tratado, que ponha termo a todas as difficuldades presentes, e desejando durante as negociações pendentes evitar conflictos entre os acreanos em armas e as tropas bolivianas, propôz ao Governo Boliviano e este aceitou :

a) Que passe um destacamento de tropas brazileiras ao sul do parallelo de 10º 20' com o fim acima indicado e o de manter a ordem no territorio atravessado pelo Acre e seus affluentes, podendo estabelecer postos avançados no rio Iquiry ou Inã e no Rapirran ;

b) Que as tropas bolivianas se detenham no rio Orton e seus affluentes, podendo levar suas avançadas até á margem direita do Abunan.

Art. 4.º — Os chefes das forças brazileiras e o das bolivianas receberão instrucções, no sentido de manter a ordem e impedir conflictos e incursões.

Art. 5.º— No territorio ao norte do parallelo de 10º 20', o Governo do Brazil estabelecerá os portos aduaneiros ou fiscaes que forem necessarios, e dos direitos de exportação que elles arrecadarem sobre a borracha que

descer do alto Acre, isto é, do territorio ao sul do dito parallelo de 10° 20', entregará 50 °/₀ ao Governo da Bolivia, correndo todas as despesas de arrecadação por conta do Brazil.

Art. 6.° — O Governo Boliviano communicará immediatamente todas as estipulações deste accôrdo ao chefe de suas forças expedicionarias, General Pando, para que as cumpra e modifique quaesquer medidas em contrario, que haja tomado antes de receber o aviso.

Art. 7.° — Si no prazo maximo de quatro mezes contado da assignatura deste accôrdo preliminar, as duas Altas Partes Contractantes não tiverem podido chegar a um accôrdo directo e definitivo, concordam desde já em que as questões pendentes sejam submettidas a um Arbitro.

Art. 8.° — Vencido o prazo de quatro mezes, sem que haja accôrdo directo, as tropas brazileiras destacadas no Acre Meridional ou Alto Acre regressarão para o norte do parallelo de 10° 20'.

A occupação militar do territorio effectuou-se em 3 de Abril, firmando o General Olympio da Silveira a seguinte proclamação :

« Em nome do Governo dos Estados Unidos do Brazil, eu, o General de Divisão Antonio Olympio da Silveira, Commandante das forças expedicionarias do Acre, obedecendo ás ordens recebidas, proclamo o territorio septentrional do Acre, comprehendido entre a linha geodesica que do marco do Madeira vae á supposta nascente do rio Javary, o parallelo do 10° 20', e o rio Yaco, occupado militarmente pela Republica Brazileira, até que seja resolvido o litigio sobre os limites com a Bolivia. Assumo nesta data o governo do dito territorio, que fica sob o regimen das leis militares. »

Eis, até ao momento da impressão deste livro, as informações que vos podemos ministrar a respeito.

* * *

Quanto ás outras fronteiras, duas brilhantes victorias, em pleno seio da paz, conquistou nosso amado Brazil, resolvendo, por meio do arbitramento, pendencias seculares —

com a Republica Argentina, sobre o territorio denominado *Missões;* — com a França, a respeito do territorio do *Amapá*.

Foram Arbitros — na primeira o Presidente dos Estados Unidos da America do Norte, Grover Cleveland, que a resolveu em 5 de Fevereiro de 1895; — na segunda, o Conselho Federal Suisso, cuja decisão tem a data de 1.º de Dezembro de 1900.

Em ambas as causas, a demonstração dos direitos brazileiros ficou a cargo da competencia e do patriotismo do Dr José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

Barão do Rio Branco.

Ministro Plenipotenciario perante os Arbitros referidos, em missão especial, o benemerito brazileiro não poupou desvelos, conseguindo restituir á estremecida Patria dois grandes e ricos territorios.

Não perderemos o ensejo de vos relatar factos, que se prendem a esses acontecimentos gloriosos.

Foi um acto imponente a entrega do laudo do Presidente Cleveland, acerca do litigio das *Missões*.

A cerimonia realizou-se em Washington, no palacio do Presidente dos Estados Unidos. Por parte deste, achavam-se presentes M. Gresham, Secretario de Estado, e M. Uhl, sub-Secretario. A Republica Argentina estava representada por seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario, Snr. Zebalos, e o Secretario deste, Snr. Atwelle.

O Brazil estava presente nas pessôas do Ministro Barão do Rio Branco e dos Snrs. General Dionizio Cerqueira, Almirante Guilhobel, Domicio da Gama, Domingos Olympio, Olyntho de Magalhães, Raul Paranhos e Raul Amaral.

O Snr. Gresham annunciou que o Presidente Cleveland pronunciára seu laudo, perguntando, em seguida, aos Enviados das duas Nações se desejavam ouvir a leitura do mesmo.

O Ministro brazileiro declarou que era dispensavel, accrescentando o argentino bastar que fosse dito a favor de quem fôra o pleito resolvido.

O Snr. Uhl, então, por ordem do Snr. Gresham, declarou solemnemente : « *Senhores membros das Commissões Argentina e Brazileira, — O Presidente dos Estados Unidos da America do Norte, tomando conhecimento do litigio entre vossas Nações, decidiu no sentido da pretenção do Brazil.* »

O Ministro argentino, adeantando-se, offereceu a mão ao brazileiro e pronunciou as seguintes palavras : « *Mil felicitações, Snr. Ministro Barão do Rio Branco.* »

Este, agradecendo a gentileza, disse que considerava a solução do melhor auspicio para a manutenção da paz e bôa amizade entre as duas Nações.

* * *

Falemos agora do antigo Contestado do *Amapá*.

Para isso, reproduziremos aqui, nos trechos mais expressivos, a minuciosa noticia enviada da Suissa, no momento em que se decidia a questão (*) :

« **Berna.** — 1.º de Dezembro. — 10 horas da manhã. — A esta hora o Barão do Rio Branco acha-se no salão da casa onde tem séde a Missão Especial do Brazil. S. Ex. está cercado do ex-Ministro das Relações Exteriores, Dr Carlos Augusto de Carvalho; Encarregado de Negocios do Brazil na Suissa, Dr J. M. Cardoso de Oliveira ; Secretario da

(*) *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, telegrammas transmittidos pelo respectivo correspondente. — Edição de 2 de Dezembro de 1900.

Legação brazileira, Dr Dario Galvão; Secretario da Legação em Paris, Dr Hyppolito de Araujo, que foi Secretario da Missão Rio Branco; ex-Secretario da Missão Especial, actual Secretario da Missão em Londres, Snr. Domicio da Gama; seu filho e Secretario, Raul Paranhos do Rio Branco; Luiz Cavalcante, auxiliar da Missão; engenheiro Gonçalves Tocantins, do Pará; e correspondente especial do *Jornal do Commercio,* Snr. Roberto de Mesquita.

Está annunciado que ás 11 1/2 horas os representantes da França e do Brazil serão intimados da decisão arbitral. Reina entre todos os presentes verdadeira anciedade : os minutos são contados como horas.

Faltam ainda uma hora e trinta minutos para que chegue o Dr Gustavo Graffina, Secretario do Departamento Politico Federal, portador do laudo; entretanto, de momento a momento, todos se voltam instinctivamente para a porta, que dá entrada no salão, como si já fosse possivel a presença do eminente mensageiro.

Ninguem póde imaginar como está nervoso o Barão do Rio Branco : S. Ex. está alheio a tudo que o cerca, absorto em um mundo de pensamentos relativos á questão, cujo desfecho se espera.

Em um dos cantos, ao fundo do salão, destaca-se um busto de bronze do finado Visconde do Rio Branco, cuja expressão dôce e tranquilla parece animar a espectativa anciosa, mas confiante, de seu glorioso filho... »

« **Berna.** — 1.º de Dezembro. — 11 horas e 55 minutos da manhã. — Precisamente á hora marcada, 11 horas e meia da manhã, o Dr Gustavo Graffina intimou ao Barão do Rio Branco a sentença arbitral. Os *considerandos* formam um pequeno volume impresso, escripto em allemão e francez. Só hoje teve logar a votação de que resultou a sentença, sendo o laudo assignado pelos Snrs. Walter Hauser, Presidente, e G. Ringier, Chanceller da Confederação.

Os arbitros decidiram :

1.º Que o rio *Yapoc* ou *Vicente Pinson,* mencionado no art. 8.º do Tratado de Utrecht, conforme ficou demonstrado pelos documentos e memorias apresentadas pelo Brazil, é o rio *Oyapoc,* que desemboca no Oceano Atlantico, entre o cabo *Orange* e *Montagne d'Argent,* cerca de 4 gráus e 10 minutos de latitude septentrional; e que a linha de fronteiras, chamada limite maritimo, ficará definitivamente estabelecida pelo leito desse rio até á sua nascente.

2.º Que o limite chamado interior, desde a nascente do *Oyapoc,* para o lado de leste até encontrar o territorio da *Guyana Ingleza*, será constituida pela linha natural dos montes *Tumuc-Humac*, que separa as aguas que correm para o *Amazonas* das que correm para a *Guyana Franceza.*

Vê-se, pois, dos termos desta decisão, que dos 400.000 kilometros quadrados reclamados pela França em 1899, ou 260.000 na replica de seu representante, em Julho de 1900, apenas ella consegue cerca de 5.000. Nem isto mesmo, pode-se dizer, a França conquista propriamente, porquanto a linha de dois gráus e vinte e quatro minutos da convenção de 28 de Agosto de 1817 foi sempre considerada provisoria. Até Caetano da Silva, em seu monumental trabalho sobre o *Oyapoc*, declara que seria exorbitancia o Brazil pretendel-a.

O Dr Graffina chegou á casa do Barão do Rio Branco acompanhado do Escudeiro federal. A cerimonia, que se seguiu, teve a maior solemnidade : dirigindo-se ao Barão, o representante do Governo Federal entregou-lhe a nota, contendo a sentença arbitral, e os documentos que a acompanham.

O Dr Graffina, muito commovido, felicitou vivamente o Barão do Rio Branco, que, tambem muito sensibilisado, agradeceu as expressões que lhe eram dirigidas, declarando que o Brazil sempre confiou na justiça e imparcialidade do Governo Federal Suisso.

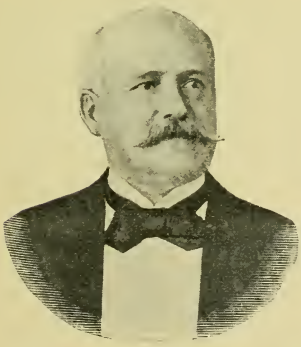
Apenas terminou a troca desses cumprimentos, o grande phonographo do Barão do Rio Branco repetiu o Hymno Brazileiro, apanhado da celebre banda da Guarda Republicana de Paris.

Todos os brazileiros presentes abraçaram vivamente o benemerito compatriota, exprimindo-lhe, em phrases repassadas de commoção, o grande enthusiasmo que sua victoria, que é a da Patria, desperta em todos os corações brazileiros.

Apenas foi conhecida a decisão arbitral, todos os Ministros extrangeiros acreditados em Berna, bem como grande numero de funccionarios suissos, fôram pessoalmente felicitar o Barão do Rio Branco. »

***

O laudo suisso interessando particularmente o Estado do Pará, de que o antigo Contestado era parte integrante, vejamos, em complemento do que já vos relatámos, como repercutiu em Belém, capital daquelle Estado.



Paes de Carvalho.

A noticia, officialmente transmittida do Rio de Janeiro pelo Ministro do Exterior, Dr Olyntho de Magalhães, foi recebida pelo Governador do Estado, Dr José Paes de Carvalho, que, em differentes epochas prestára tambem bons serviços á grande causa nacional.

Coincidia a data justamente com a da reunião do Conselho Municipal, ao qual o respectivo Presidente, Senador Antonio José de Lemos, transmittiu a noticia da victoria do Brazil.

Suspensa a sessão e incorporados os representantes do

Municipio fôram cumprimentar o Governador, levantando desde então o Intendente a idéa, geralmente applaudida, de erigir-se uma estatua ao Barão do Rio Branco.

No dia dois, ás 10 horas da manhã, convocou-se uma reunião para a praça da Republica, e d'ahi partiu o povo em direcção ao Consulado francez, onde foi respeitosamente saudado o Consul, Snr. Caula.

Este, muito commovido, agradeceu, declarando, após criteriosas considerações, nada impedir que as duas Nações, acatando a decisão do Arbitro, vivessem uma vida amistosa no concerto das nações civilisadas, e ao terminar levantou *vivas* ao Brazil e ao Pará.

Proseguindo, a passeiata civica foi ao palacio do Governo, onde o Dr Paes de Carvalho se achava em companhia de altos funccionarios civis e militares.

Ahi cumprimentado, em patriotico discurso dirige-se ao povo, erguendo em seguida *vivas* ao Barão do Rio Branco, ao Presidente da Suissa, á França, á Suissa, á Nação Brazileira e ao Estado do Pará.

O Conselho Municipal de Belém, entretanto, que iniciára as homenagens ao Barão do Rio Branco, proseguiu em suas sessões no dia 12, e voltando na seguinte a occupar-se do momentoso assumpto, votou uma resolução auctorizando o Intendente a mandar abrir uma avenida, que se denominaria — *1º de Dezembro* —, devendo terminar em uma nova praça, que se chamaria — *Barão do Rio Branco* —.

E desejando perpetuar o acontecimento de um modo mais expressivo, adoptou a lembrança do Intendente, mandando erigir na praça *Baptista Campos* « um monumento commemorativo, contendo allegorias relativas ao facto, a estatua do Barão do Rio Branco e, numa das faces, uma menção especial ao benemerito Dr Paes de Carvalho pelo muito que fez, auxiliando o emerito patrono da causa nacional. »

Auctorizado pelo Governo Federal, determinou o Gover-

nador, por decreto de 21 de Janeiro de 1901, a incorporação do referido territorio ao Estado do Pará, organizando-o provisoriamente pela seguinte fórma :

O Governo do Estado, attendendo á necessidade de providenciar sobre a organização e administração provisorias do territorio do antigo Contestado entre o Brazil e a França, o qual, por decreto n. 938 desta data, foi incorporado ao Estado, e

Considerando que o referido territorio comprehende a região que se extende desde a margem esquerda do Rio Araguary até á direita do Oyapoc, com os demais limites que lhe foram assignalados pela sentença arbitral de Berna;

Considerando que para sua organização administrativa convém dar-lhe uma divisão que abranja toda a sua extensão;

Considerando que nos elementos historicos e geographicos da região, nas suas condições de vida e de economia e na situação de sua população actual se deverão buscar as bases para uma divisão mais racional e adequada ás conveniencias de seus habitantes;

Considerando que nos fins do seculo XVI e durante o XVII a referida região era conhecida pela denominação de « Provincia de Aricary » e comprehendia tres senhorias intituladas Araway (Araguary), Maycary (Mayacaré) e Coeshebery (Cassiporé), das quaes a primeira era abrangida pelos rios Araguary e Mayacaré, a segunda limitava-se ao norte com o rio Cunany e a terceira extendia-se até aos confins da provincia;

Considerando que os maiores agrupamentos da população do antigo Contestado estão no Amapá, no Calsoene e no Oyapoc;

Decreta :

Art. 1 º — A região comprehendida entre a margem esquerda do rio Araguary e a direita do rio Oyapoc, com os demais limites que lhe fôram dados pelo laudo de Berna, fica denominada « Aricary ».

Art. 2 º — A referida região é dividida em duas circumscripções administrativas. A primeira circumscripção denomina-se « Amapá » e extende-se da margem esquerda do rio Araguary ao rio Mayacaré, tendo por séde o povoado do Amapá. A segunda denomina-se « Cassiporé », e extende-se do rio Mayacaré ao Oyapoc, tendo por séde o povoado de Calsoene.

Art. 3.º — Cada uma das circumscripções indicadas ficará sob a direcção de um Delegado do Governo do Estado, com attribuições policiaes, subordinado ao Chefe de Segurança e ás auctoridades judiciarias da capital.

Art. 4.º — Esta organização administrativa é provisoria e prevalecerá até que o Congresso Legislativo resolva definitivamente sobre o regimen legal da região e estabeleça ahi todos os orgãos da justiça e da administração.

Em 1º de Fevereiro de 1901, o Governador, em sua ultima mensagem ao Congresso do Estado, occupando-se largamente do assumpto, pediu-lhe que se associasse ás homenagens prestadas pelo Municipio de Belém ao estrenuo defensor de nossa causa na Suissa, referindo-se tambem a serviços prestados pelo Dr Emilio Gœldi, director do Museu Paráense, estabelecimento este que, porisso, já havia denominado, por decreto, — Museu Gœldi.

Ao Dr Augusto Montenegro, que succedera no governo ao Dr Paes de Carvalho, em 1º de Fevereiro de 1901, coube dar, auctorizado por lei de 25 do mesmo mez, uma organização mais desenvolvida ao territorio, o que fez por decreto de 25 de Maio do mesmo anno, já havendo creado em 7 de Março a primeira escóla publica que funccionou alli.

Augusto Montenegro.

Mais tarde, a lei de 22 de Outubro dividiu o territorio em dois Municipios, mantendo a denominação — *Amapá* — para um, e dando ao outro a de — *Montenegro* —, para attender á representação que ao Congresso dirigiram muitos habitantes do antigo Contestado.

Esses Municipios fôram, em 1902, por nova lei, convertidos em um só, com a denominação — *Montenegro* —.

*

Concluindo estas informações opportunas sobre o vasto territorio, que, em sua superficie, poderia conter quasi toda a França, ou os Reinos da Italia e de Portugal, reunidos, dar-vos-emos a ler a respeito de sua immensa riqueza aurifera, por exemplo, expressivo trecho de uma noticia insuspeita de um jornal francez (*), escripta logo após o laudo suisso :

« No centro dessa região, onde brotam á porfia todos os productos da vegetação tropical, na bacia do rio *Cachipur*, ao norte das fontes do rio *Carsevene*, um crioulo de Cayenna, Clemente Tembat, descobriu, ha alguns annos, jazidas de oiro até então ignoradas, e de riqueza tal que, em alguns dias, recolheu 200 kilos, representando o valor de 687 mil francos.

Este achado, pensa-se bem, fez algum barulho e attrahiu outros pesquisadores, que, apenas em 60 dias, nol-o diz o explorador Coudreau, no Boletim da Sociedade de Geographia de Paris, chegaram a extrahir dos pequenos affluentes do rio 2.200.000 francos de oiro. Nosso confrade Paul Mimande, de sua parte, apanhou, só em um dia, 51.000 francos. Desde então, a attenção dos pesquisadores de oiro dirigiu-se para esse novo *placer;* mas a ausencia completa de vias de communicação, assim como as difficuldades do viver para os Europeus, em um paiz inculto, fizeram que os primeiros mineiros não podessem ser senão negros. Entretanto, bem que não tendo á sua disposição senão ferramentas das mais imperfeitas, e não podendo, por conseguinte, proceder mais do que á lavagem grosseira da terra das alluviões, sem atacar os proprios filões, elles não deixaram, tão grande era a riqueza, de retirar dellas, graças a lavagens successivas, uma producção total que se póde avaliar em 100 milhões de francos... »

(*) Politique Coloniale.

Capitulo IV

Nacionalidade brazileira

Nossa cara Patria é actualmente uma Republica Federativa sob o nome de — Estados Unidos do Brazil —, tendo sido a respectiva Constituição promulgada em 24 de Fevereiro de 1891.

Por este systema, diversos Estados, com suas leis proprias e governo particular, reunem-se em communhão politica formando uma só Nação, que, por sua vez, é dirigida nos negocios que entendem com a communidade por funccionarios e leis tambem especiaes.

Não cabe no plano deste livro maior desenvolvimento sobre nosso actual regimen de governo, a respeito do qual encontrareis noticia circumstanciada em nosso livrinho — *Leitura Civica* — tambem destinado ás escólas.

Vamos, entretanto, em rapida excursão pela historia nacional, relatar-vos as modificações por que tem passado o Brazil até á actualidade.

Colonia de Portugal pelo descobrimento, desde 1500, e descurado durante alguns annos, principalmente porque as vistas do Governo Portuguez estavam firmemente dirigidas para o commercio e as riquezas da India, ficou o Brazil entregue á pilhagem de navios extrangeiros attrahidos pela abundancia de — *páu brazil* — madeira muito apreciada e de grande commercio.

Em 1501, com André Gonçalves, e em 1503 com Gonçalo Coelho, vieram ao Brazil pequenas expedições portuguezas sem resultados praticos para a colonisação.

A primeira colonia regular só foi estabelecida em 1532 por Martim Affonso de Souza, no ponto hoje occupado pela prospera cidade de *Santos*, Estado de S. Paulo, um dos portos mais importantes e de maior commercio do Brazil.

O verdadeiro plano de colonisação, porém, foi iniciado em 1534 por D. João III, successor de D. Manoel, dividindo o littoral então conhecido em doze Capitanias hereditarias.

Aos respectivos donatarios fôram outorgados vastos poderes e regalias, com a condição de colonisarem o paiz e manterem o commercio com Portugal.

Fôram estas as Capitanias, assim doadas :

1.ª **S. Vicente,** com 100 leguas, comprehendendo terras dos actuaes Estados do Paraná e Rio de Janeiro, a Martim Affonso de Souza;

2.ª **Santo Amaro**, com 80 leguas, que abrangia terras dos actuaes Estados do Paraná, Santa Catharina, S. Paulo, Pernambuco e Parahyba, a Pero Lopes de Souza;

3.ª **Pernambuco,** com 60 leguas, situada em parte do actual Estado de Pernambuco e no de Alagôas, a Duarte Coelho Pereira;

4.ª **Espirito Santo**, com 50 leguas, occupando quasi todo o actual Estado do Espirito Santo, a Vasco Fernandes Coitinho;

5.ª **Porto Seguro,** com 50 leguas, em terras ao sul do actual Estado da Bahia, a Pero de Campos Tourinho;

6.ª **Ilheus**, com 50 leguas, em territorio do actual Estado da Bahia, a Jorge de Figueiredo Corrêa;

7.ª , 8.ª e 9.ª **Maranhão,** com 175 leguas, em tres porções, a João de Barros, Fernão Alvares de Andrade e Ayres da Cunha;

10.ª **Ceará**, com 40 leguas, a Antonio Cardoso de Barros;

11.ª **Parahyba do Sul,** com 30 leguas, extendendo-se em parte dos actuaes Estados do Rio de Janeiro e Espirito Santo, a Pero Gomes da Silveira;

12.ª **Bahia de Todos os Santos,** com 50 leguas, comprehendendo parte do actual Estado da Bahia e o actual Estado de Sergipe, a Francisco Pereira Coitinho.

Não produzindo o systema colonisador o exito desejado, tanto mais quanto, distanciados da metropole, alguns donatarios aninhavam idéas de insubmissão e talvez de independencia, resolveu D. João III, em 1549, estabelecer um Governo Geral, directamente subordinado a Portugal. Era seu intento manifesto a concentração da auctoridade.

Foi Thomé de Souza o primeiro Governador nomeado, e, portanto, o primeiro homem que dirigiu directamente os destinos do Brazil.

Pretendendo-se mais tarde dar maior desenvolvimento á colonia e tornar a acção administrativa mais prompta e efficaz no vasto territorio, foi o Brazil dividido em dois Governos Geraes — norte e sul —, este com séde no Rio de Janeiro, cidade fundada por Mem de Sá, conservando-se a daquelle na Bahia, fundada por Thomé de Souza.

Divergencias e attritos administrativos entre os dois Governadores, determinaram, porém, em 1577, a reunião dos dois Governos em um só, sendo nomeado Lourenço da Veiga para o novo posto.

Tres annos mais tarde, por morte de D. Sebastião, na Africa, acclamado Philippe II, da Hespanha, Rei de Portugal, com este passou o Brazil para o dominio hespanhol.

O primeiro Governador Geral nomeado pela Hespanha foi Manoel Telles Barretto, que tomou posse do cargo em Maio de 1583.

Durante a dominação hespanhola, os hollandezes apoderaram-se de differentes pontos do Brazil, conservando a posse de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte por muitos annos.

Resolveu em 1606 o Governo Hespanhol restabelecer os dois Governos Geraes, cabendo a D. Diogo de Siqueira Menezes a administração das Capitanias do Norte, e as do Sul a D. Francisco de Souza.

Permaneceu assim o Brazil até 1640, quando de novo voltou ao dominio de Portugal, que conseguiu libertar-se da Hespanha, acclamando Rei o Duque de Bragança, sob o nome de D. João IV, em 1º de Dezembro.

Governava a esse tempo o Brazil D. Jorge de Mascarenhas, que foi então deposto, formando-se uma regencia composta do Bispo D. Pedro da Silva, do Mestre de Campo Luiz Barbalho e do Provedor-mór Lourenço de Brito Corrêa.

Esta Regencia foi substituida, em Agosto de 1642, pelo novo Governador nomeado, Antonio Telles da Silva.

Só em 1654 terminou em parte do Brazil o dominio hollandez, firmando Portugal com a Hollanda um tratado de paz, em 1661, em virtude do qual deveria esta receber quatro milhões de cruzados.

Não podemos deixar de fazer aqui uma referencia especial a esse dominio que representa 30 annos de continuadas luctas, durante as quaes se manteve sempre em evidencia o lendario Mathias de Albuquerque.

Dividem nossos historiadores esse largo periodo em cinco epochas : — primeira, primeira invasão hollandeza, perda e restauração da cidade de S. Salvador — 1624 a 1625 ; segunda, segunda invasão hollandeza, perda de Olinda e do Recife até á retirada de Mathias de Albuquerque — 1630 a 1635; terceira, desde esta retirada até á acclamação de D. João IV no Brazil — 1635 a 1641 —; quarta, desde a restauração de Portugal com D. João IV até á insurreição pernam-

bucana — 1641 a 1645; quinta, desde a referida insurreição até á capitulação dos hollandezes na campina do *Taborda* — 1645 a 1654.

De alguns factos dessa grande lucta vos faremos referencia em differentes pontos deste livro.

Sentiram-se no começo os hollandezes receiosos, não podendo bem firmar sua auctoridade; e por grande numero de contrariedades e prejuizos chegaram quasi a desanimar, quando um acontecimento inesperado lhes veiu proporcionar grandes vantagens.

Domingos Fernandes Calabar, muito habil e conhecedor do paiz, passou-se em Abril de 1632 para as fileiras hollandezas e conduziu-as a reiteradas victorias.

Fortalecido ficára então o animo dos hollandezes, que já dominavam em differentes pontos do Brazil, estando o Recife sob a administração esclarecida do Conde Mauricio de Nassáu, a quem a dominação hollandeza deveu incontestavelmente seu maior prestigio.

Desgostoso, porém, por diversos incidentes, Nassáu partiu para a Europa, em Maio de 1644, começando desde então a empallidecer no Brazil a estrella dos batavos.

Fernandes Vieira.

Foi a esse tempo que, congregando elementos, surgiu temerosa a insurreição pernambucana, salientando-se, entre outros, André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Phelippe Camarão e Henrique Dias.

Soffrendo os hollandezes constantes revezes, capitularam, finalmente, em 26 de Janeiro de 1654, assignando o respectivo General, Segismundo von Scopp, a acta na Campina do

Taborda, em frente ao forte das *Cinco Pontas,* que fôra atacado por Vidal de Negreiros.

Libertado dos hollandezes, teve Portugal novas luctas no sul do Brazil com os hespanhóes, em 1680, a proposito da fundação da *Colonia do Sacramento*, lucta que, periodicamente, se prolongou durante muitos annos.

Os francezes, que muitas investidas já haviam feito em differentes pontos, tambem procuraram apoderar-se do Rio de Janeiro.

Para isso *Duclerc* alli desembarcou á frente de 1000 homens, vendo-se obrigado, porém, depois de algumas peripecias, a entregar-se prisioneiro com mais 600 companheiros.

Intentou então o Almirante francez Renato Duguay-Trouin vingar a derrota de seu compatriota.

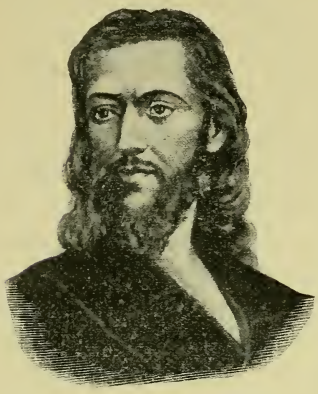
Veiu ao Rio de Janeiro, em Setembro de 1711, com uma esquadra de 17 navios, desembarcando 3.800 homens, que se apoderaram da cidade. Temendo, porém, a reacção, que se preparava, buscou tirar da empreza apenas lucros materiaes, conseguindo que, dentro de poucos dias, lhe pagassem 610.000 cruzados, 100 caixas de assucar, 200 bois, e retirou-se em seguida para a França.

Sob o reinado de D. José I, seu poderoso Ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, grandes serviços prestou ao Brazil, elevando-o mesmo em 1763 á categoria de Vice-Reino. Data d'ahi a transferencia definitiva da Capital do Brazil para o Rio de Janeiro.

O primeiro Vice-Rei foi D. Antonio Alvares da Cunha, Conde da Cunha.

Idéas de independencia iam já por esse tempo minando a alma brazileira, e em 1789, no reinado de D. Maria I, foi suffocada a planejada revolução em Minas Geraes, conhecida na historia por — *Inconfidencia Mineira*, — que se destinava á proclamação da Republica.

Condemnados á morte os conspiradores, denunciados por um supposto amigo, o Coronel Joaquim Silverio dos Reis, foi a pena commutada para degredo na costa da Africa, á excepção da de Joaquim José da Silva Xavier, cognominado — *Tiradentes* —, que subiu á forca no Rio de Janeiro, em 21 de Abril de 1789, por ser considerado o chefe da conspiração.



Tiradentes.

Exceptuado Claudio Manoel da Costa, que se suicidou na prisão, os demais, entre os quaes o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o Coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto e o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, seguiram caminho do desterro, de onde poucos regressaram.

A independencia do Brazil, entretanto, não poderia demorar muito, e um facto inesperado fel-a approximar-se.

Napoleão I, Imperador da França, mandára invadir Portugal em 1807, determinando isso que o então Principe Regente, em nome de D. Maria I, que enlouquecera, e mais tarde, por morte desta, em Março de 1816, Rei D. João VI, se refugiasse com a Côrte no Brazil, aportando á Bahia em 22 de Janeiro daquelle anno.

D. João VI.

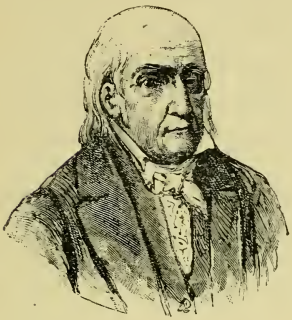
Ahi, por influencia de José da Silva Lisbôa, depois Visconde de Cayrú, baixou a carta regia de 28 de Janeiro,

pela qual foram franqueados todos os portos do Brazil ao commercio extrangeiro.

Este acontecimento, é, com razão, geralmente considerado o primeiro passo decisivo para a independencia do Brazil.

A respeito, reflecte muito bem illustre historiador :

« Teve esta carta regia um alcance superior a qualquer providencia politica, ainda da mais subida importancia, e aos desejos e intenções de seus proprios auctores. Importou em uma verdadeira revolução, que abalou todo o edificio social da colonia. Mudou-lhe os costumes, alterou-lhe os habitos, transformou-lhe a vida, creou-lhe tendencias novas e communicou-lhe aspirações as mais elevadas. Deu origem a um futuro immenso, inopinado, desconhecido. A liberdade commercial, o direito de relacionar-se com os povos extrangeiros, a facilidade e gyro do trato, as communicações mercantis e pessoaes que se abriam e tenderiam necessariamente a crescer, progredir e desenvolver-se, acarretaram consequencias politicas e sociaes, que não previram na sua extensão o Regente, a Côrte e os conselheiros do Principe, e que nenhuma força mais consegueria desnaturar ou revogar. Separavam-se interesses e necessidades do Brazil e de Portugal. Desligava-se inteiramente a colonia da dependencia e sujeição em que se achava para com a metropole nos minimos negocios e nas mais pequenas particularidades. Em despeito de sua condição de provisoria, firmava-se a emancipação commercial e seria sua consequencia natural, legitima e forçada, a independencia politica dos Estados americanos pelas raizes que entranhavam no sólo e nos espiritos os novos interesses e idéas, que se tornariam inexpugnaveis e invenciveis. » (*)



Visconde de Cayrú.

Não foi, pois, sem motivo que manifestaram forte opposição a esse acto os aferrados á manutenção da colonia.

(*) Pereira da Silva. — *Historia da Fundação do Imperio Brazileiro.*

E julgamos mesmo mais acertado acreditar que D. João VI não o teria praticado, si não fôsse a conjunctura especial em que se encontrára, porque, como bem pondera criterioso historiador « occupado o territorio portuguez da Europa pelos exercitos francezes e bloqueados seus portos pelas esquadras da Inglaterra, como poderia o Brazil continuar seu commercio com o Reino privilegiado? Por que meio remetteria as producções de sua agricultura, para que entrassem nos mercados que se haviam acostumado a acolhel-os e consumil-os? Que elementos empregaria para importar os objectos de industria e generos de manufactura, que seus povos exigiam? Onde encontraria rendimentos para o Estado, que supprissem os que lhe forneciam as Alfandegas pela importação e exportação de mercadorias? Não era de mistér sustentar a Côrte, o Governo, a Administração, o Exercito, a Marinha? Podia por si só, isolada e sem relações mercantis, subsistir a colonia? »

Pouco tempo se demorou D. João VI na Bahia, partindo em 26 de Fevereiro para o Rio de Janeiro, onde aportou em 6 de Março.

Dalli declarou a guerra aos francezes e dirigiu um manifesto á Europa, explicando os acontecimentos.

Estabelecida assim a séde da Monarchia portugueza no Brazil, viu-se o Rei forçado a crear novas instituições e a nomear mesmo um Ministerio, que lhe auxiliasse na administração.

Inclinamo-nos muito a crer que D. João VI, observando o desenvolvimento da colonia, sua immensa riqueza e os altos destinos que a aguardavam, acalentára a idéa de fixar definitivamente no Brazil a séde da Monarchia, ou de preparar elementos proprios para a possibilidade da fundação de um novo Imperio, deante das idéas de independencia que iam lavrando.

Parecem-nos provas do que avançamos, sua permanencia

no Rio de Janeiro, estando já Portugal libertado da dominação franceza, em 1810, a despeito da promessa formal, que fizéra, de regressar á Europa logo que a paz fosse estabelecida; o decreto de 16 de Dezembro de 1815, elevando o Brazil á categoria de Reino unido a Portugal e Algarves; e ainda a declaração de *levantar a voz do seio do novo Imperio que ia fundar*, no manifesto de guerra dirigido aos francezes.

Os ciumes, porém, já existentes em Portugal pela permanencia do Rei no Brazil, produziram alli a revolução de 1820, com intuitos de adoptar-se uma Constituição.

Esse acontecimento echoou de diversos modos no Brazil, com exaltações partidarias em alguns pontos, exigindo em 26 de Fevereiro de 1821 a tropa portugueza, reunida no largo do Rocio, que fosse jurada no Rio de Janeiro a Constituição que as Côrtes lusitanas votassem.

D. João, temendo naturalmente mais serias complicações, accedeu.

As Côrtes de Lisbôa lançaram então um manifesto, que provocou o enthusiasmo dos portuguezes, anciosos pelo regresso do Rei, vendo-se este forçado a assignar o decreto de 7 de Março, onde fez a declaração solemne de voltar a Portugal, deixando seu filho D. Pedro encarregado da regencia do Reino do Brazil.

Estava determinada por esse tempo a eleição para Deputados brazileiros ás Côrtes portuguezas, devendo o processo ser regulado, em falta de disposições especiaes, pela Constituição hespanhola. Crescia, entretanto, a agitação entre os adeptos de differentes causas, e reunidos os eleitores na *Praça do Commercio*, depois de realizada a eleição parochial, ouviram a leitura do decreto que investia D. Pedro na regencia do Reino.

Tornou-se a reunião tumultuaria, mandando-se intimar D. João VI a adoptar desde logo a Constituição hespanhola.

O Rei accedeu mais uma vez á nova imposição.

Proseguia, entretanto, a assembléa em suas resoluções revolucionarias, quando foi inopinadamente atacada pela tropa portugueza, que a dispersou, victimando muitas pessôas.

Aproveitou, então, o Rei o terror produzido na população, e annullando as medidas que fôra antes obrigado a admittir, confirmou a regencia de D. Pedro e nomeou um novo Ministerio.

Em seguida, dirigiu proclamações ao povo e retirou-se para bordo da náo *D. João VI*, onde seguiu, no dia 26 de Abril, para a Europa.

Levava, porém, a certeza de que o Brazil proclamaria sua independencia.

São historicas as ultimas palavras dirigidas ao filho : « *Pedro, o Brazil brevemente se separará de Portugal : si assim fôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.* »

Não faltaram ao Principe difficuldades no melindroso posto, pois sendo o principal empenho da revolução de 1820, em Portugal, a preeminencia deste, fôram as Côrtes, por medidas reiteradas, procurando amesquinhar-lhe a auctoridade. Chegaram mesmo a abolir as principaes instituições creadas no Brazil e a chamar D. Pedro á Lisbôa, sob o futil pretexto de aperfeiçoar a educação, viajando pela Europa.

Principe D. Pedro.

Evidenciado, emfim, por todos os meios, o firme proposito de ser de novo o Brazil reduzido ao deprimente papel de simples colonia, accendeu-se definitiva e irrevogavelmente o idéal patriotico da independencia.

Movimenta-se a imprensa sob a acção de Joaquim Gonçalves Lêdo e Januario da Cunha Barbosa, entre outros, resolvendo-se enviar ao Principe uma representação no sentido de não deixar o Brazil, desobedecendo assim ás Côrtes de Lisbôa.

Entregou-a José Clemente Pereira, no dia 2 de Janeiro de 1822, e em resposta pronunciou D. Pedro as seguintes palavras historicas: « *Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.* »

José Bonifacio.

A essa representação, seguiu-se outra de S. Paulo, sob os auspicios de José Bonifacio de Andrada e Silva, que prestou reaes serviços á causa da Independencia junto a D. Pedro, no Ministerio constituido em 16 de Janeiro de 1822.

Nas Côrtes portuguezas tremenda era a reacção contra o Brazil, onde os acontecimentos haviam caminhado com tanta decisão, que D. Pedro, em constante correspondencia com seu pae, mostrando-se inclinado a não ser desleal á Corôa portugueza, escrevia-lhe em Agosto de 1822 : « Eu vejo as coisas, de todo modo, fallando claro, que ter relações com Vossa Magestade só familiares; porque assim é o espirito publico no Brazil; não para deixarmos de ser subditos de Vossa Magestade, que sempre reconhecemos e reconheceremos como nosso Rei, mas porque — *salus populi suprema lex est* (*), quero dizer que é um impossivel physico e moral Portugal governar o Brazil, ou o Brazil ser governado de Portugal. Não sou rebelde, como hão de dizer á Vossa

(*) A salvação do povo é a suprema lei.

Magestade os inimigos de Vossa Magestade. São as circumstancias. »

A esse tempo, já havia sido offerecido a D. Pedro pelo povo e pelo Senado da Camara do Rio de Janeiro o titulo de *Defensor Perpetuo do Brazil*, sendo em 3 de Junho requerida e convocada uma Assembléa Legislativa Constituinte.

Por um decreto fôram declaradas inimigas as tropas portuguezas que se conservassem no paiz sem permissão do Governo, sendo o General Labatut mandado para a Bahia, onde se achavam as tropas do General Pinto Madeira, que Portugal para alli enviára.

Acalmados os animos em Minas Geraes, fóco de idéas federativas, por D. Pedro em pessôa, dirigiu este as vistas para S. Paulo, onde a harmonia tambem não era completa.

Passou a Regencia á sua esposa D. Leopoldina, que deveria proceder de accôrdo com os Ministros, e partiu para S. Paulo com Luiz de Saldanha da Gama, seu Secretario interino.

Os animos arrefeceram-se com a chegada inesperada de D. Pedro. No dia 7 de Setembro de 1822 achava-se o Principe de passeio nos arredores da ci lade, quando, á margem do *Ypiranga*, recebeu, vindos do Rio de Janeiro por um expresso, diversos despachos de Lisbôa e uma carta de D. João VI. Esta, cujo theor não é completamente conhecido, dizem historiadores, censurava acremente o Principe, e aquelles annullavam seus ultimos actos, responsabilisando por elles os Ministros.

D. Pedro, então, indignado, após a leitura, reune em torno de si a comitiva e, num lance de resolução inabalavel, arranca do chapéo o laço portuguez, lança-o ao chão e brada energico — *Independencia ou morte* —, aos echos das acclamações dos que o cercavam.

Parte immediatamente para a cidade de Santos, dirige uma proclamação enthusiastica aos paulistas e segue para o Rio de

Proclamação da Independencia do Brazil. — Quadro de Pedro Americo. — (No Monumento do Ypiranga — S. Paulo. — Vid. pagina 85.)

Estatua de D. Pedro I. — Rio de Janeiro.

Janeiro, onde chega em 17 de Setembro, publicando tres decretos : um sobre o novo escudo de armas do Brazil; outro, creando a bandeira nacional ; e o terceiro, concedendo amnistia geral e chamando ao novo gremio os portuguezes residentes no Brazil, devendo os que se não conformassem com o novo estado de coisas abandonar a terra brazileira dentro de quatro mezes.

No Rio de Janeiro, foi D. Pedro proclamado — *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.*

Applaudido com enthusiasmo o grande acontecimento, apenas em poucos pontos do Brazil houve alguma resistencia, que foi facilmente suffocada.

A verdadeira lucta, com o grosso das tropas portuguezas, travou-se na Bahia, onde se achava o General Pinto Madeira.

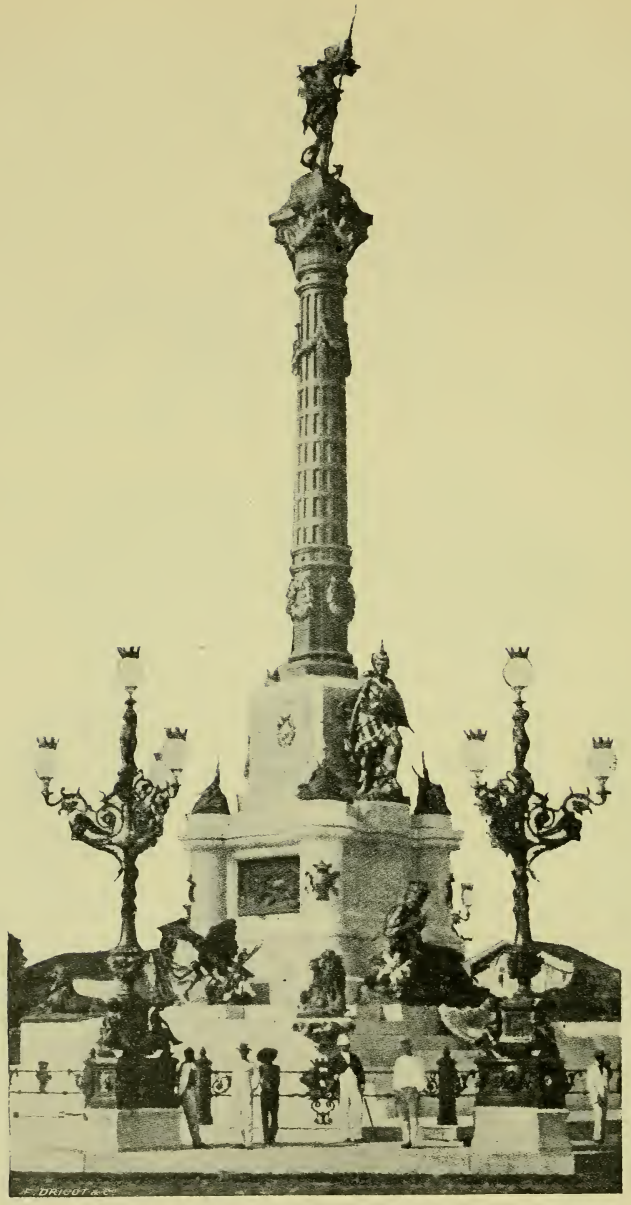
Contra este, como já dissemos, foi enviado do Rio de Janeiro o General Labatut, que sitiou a cidade de S. Salvador.

Madeira, tentando inutilisar o assedio foi repellido em differentes pontos, entre outros *Pirajá*, *Cabrito* e *Itaparica.*

Em Maio de 1823 chegava tambem á Bahia uma pequena esquadra brazileira sob o mando do Almirante inglez Lord Cochrane, que o Brazil convidára para seu serviço. Não lhe sendo possivel travar um combate geral com a esquadra portugueza muito superior em numero, causou-lhe em differentes escaramuças alguns damnos.

Visconde de Magé.

No dia 3 de Junho, já substituido o General Labatut no commando de nossas forças pelo Coronel José Joaquim de Lima e Silva, mais tarde Visconde de Magé, fôram os portuguezes atacados, sem resultado, porém, definitivo. Reconhe-



Monumento ao Dois de Julho, erguido na Capital do Estado da Bahia.

ceram-se, entretanto, sem elementos sufficientes para sustentar a lucta, embarcando em seus navios, que deixaram a bahia de *Todos os Santos* com destino á Europa no dia 2 de Julho.

Neste mesmo dia, Lima e Silva entra victorioso na cidade, percorrendo-a á frente das forças imperiaes por entre acclamações delirantes do povo.

A proposito da retirada da esquadra portugueza, conta-se um incidente bastante interessante.

Sahiram os navios sem a menor opposição, mas não sem que fôssem perseguidos depois pela esquadrilha brazileira, que conseguiu mesmo capturar alguns delles, levando o Commandante João Taylor, da fragata *Nitheroy*, sua audacia ao ponto de perseguil-os até á embocadura do rio *Tejo*, perto de Lisbôa.

Regressando, toca nos *Açôres*, possessão portugueza, na Africa, no intuito de prover-se de mantimentos, que já lhe faltavam, e apresenta-se ás auctoridades como Commandante de um navio inglez, chegando mesmo a offerecer a bordo um jantar ao Governador local. De partida, porém, ergue no respectivo mastro o pavilhão brazileiro, sauda-o com 21 tiros e volta sobranceiro ao Brazil.

Antonio Carlos.

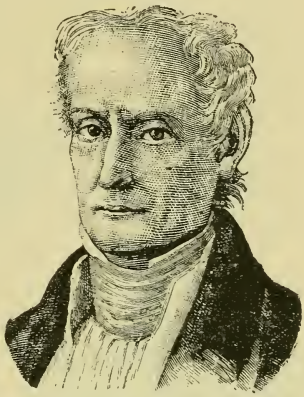
* * *

Perduraram, entretanto, as divergencias entre portuguezes e brazileiros, e erros politicos de D. Pedro, homem de caracter impetuoso, tornaram curto seu governo.

Dissolvida violentamente a Constituinte Brazileira, quando se achava em pleno exercicio de suas funcções, em 12 de

Estatua de José Bonifacio. — Rio de Janeiro.

Novembro de 1823, fôram presos e deportados os irmãos Andrada : José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco; e D. Pedro outorgou uma Constituição, que foi jurada em 25 de Março de 1824. D'ahi por deante, diversos acontecimentos, entre outros a perda da provincia *Cisplatina*, que se declarou independente, transformando-se na Republica do Uruguay, em Agosto de 1828, fôram impopularisando D. Pedro, de modo que em 1831, tendo demittido accintosamente o Ministerio, o povo e a tropa reunidos no *Campo da Acclamação* impozeram a reintegração do mesmo.



Martim Francisco.

Julgando o Imperador não dever acceder á vontade popular, segundo seu lemma — *tudo para o povo, nada pelo povo* —, mas comprehendendo a gravidade da situação, e temendo provavelmente a victoria das idéas democraticas, que já se accentuavam no paiz, attestadas pela *Inconfidencia Mineira* em 1789 e pelas revoluções republicanas de 1817 e 1824 em Pernambuco, julgou mais acertado sacrificar sua pessôa, para salvar a instituição monarchica em sua descendencia.

Entregou então ao Major Miguel Frias, que lhe fôra enviado pelos revolucionarios, a seguinte declaração :

« Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessôa de meu muito amado filho — o Snr. D. Pedro de Alcantara. — Bôa Vista 7 de Abril de 1831. »

Subiu assim ao throno brazileiro o segundo Imperador, creança ainda de oito annos de edade; e D. Pedro, como testemunho publico da injustiça que praticára contra José

Bonifacio, nomeou-o tutor dos filhos que deixava no Brazil, partindo no dia 13 para a Europa, a bordo da fragata ingleza *Volage*.

Acclamou-se então uma Regencia provisoria, em nome do Imperador menino, composta do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, e dos Senadores Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro e J. J. Carneiro de Campos, Marquez de Caravellas, que governaram até 17 de Junho de 1831, sendo mais tarde eleitos Regentes pela Assembléa o Brigadeiro Lima e Silva e os Deputados João Braulio Muniz e José da Costa Carvalho, Marquez de Monte Alegre.

Essa Regencia governou o Imperio até 1835, quando em cumprimento de disposição do *Acto Addiccional* á Constituição, votado em 1833, foi eleito Regente, o Padre Diogo Antonio Feijó, que, como Ministro da Justiça, déra grandes provas de competencia e energia.

Feijó governou pouco mais de dois annos, atravessando um periodo de muitas difficuldades, entre as quaes differentes revoluções no norte e no sul do paiz.

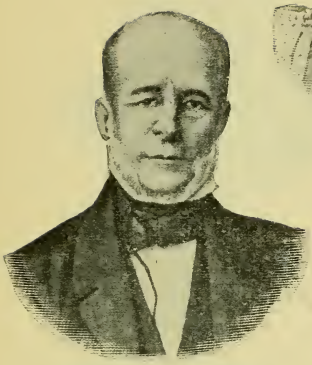
Cançado, ou desgostoso, pelos embaraços que se lhe oppunham, resignou o poder em 19 de Setembro de 1837 nas mãos do Senador Pedro de Araujo Lima, mais tarde Marquez de Olinda, Ministro do Imperio, a quem, na forma da Constituição, competia substituil-o, e que foi depois eleito definitivamente.

Não foi mais feliz o governo do segundo Regente, ao qual succedeu o de D. Pedro II, declarado maior com seu proprio consentimento aos 15 annos de edade, e investido nas funcções magestaticas em 23 de Julho 1840.

Só de 1850 em deante logrou o Brazil completa paz.

D. Pedro II governou-o até 1889, com pequenos intervallos, em que assumiu a regencia do Imperio sua filha D. Izabel, herdeira presumptiva do throno : — de 25 de Maio de 1871 a 30 de Março de 1872, de 26 de Março de 1876 a 25 de

D. Pedro II.

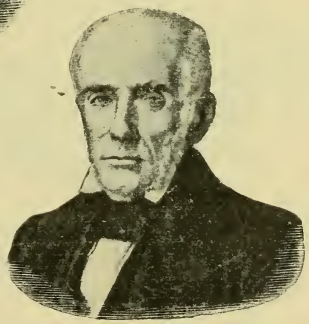


Costa Carvalho.

Lima e Silva.

Diogo Feijó.

Carneiro de Campos.



Araujo Lima.

Setembro de 1877, de 30 de Junho de 1887 a 21 de Agosto de 1888, periodos esses de viagens do Imperador á Europa e aos Estados Unidos da America do Norte.

Princeza Izabel.

O Brazil, porém, que, conquistando a independencia, constituira uma excepção nas duas Americas, onde quer as colonias inglezas, quer as hespanholas, ao se libertarem das respectivas metropoles, adoptaram o systema republicano, estava fatalmente destinado a entrar, mais cedo ou mais tarde, na communhão democratica da America.

Com effeito, as idéas republicanas, iniciadas em Pernambuco, em 1710, com Bernardo Vieira de Mello, desenvolvidas em Minas Geraes com a *Inconfidencia,* avigoradas pelas revoluções republicanas de 1817 e 1824, em Pernambuco; de 1835, na Bahia, e de 1837 no Rio Grande do Sul, expandiram-se cada vez mais até que a Republica foi proclamada no Brazil em 15 de Novembro de 1889 (*).

D. Pedro II.

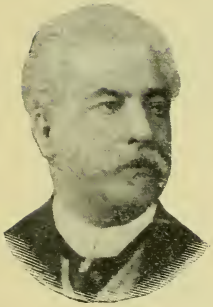
Intimado o Imperador da deposição da Monarchia pela revolução triumphante, assim respondeu por escripto :

« A' vista da representação que me foi entregue hoje ás tres horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das

(*) A historia das tradições democraticas no Brazil, da proclamação da Republica e de sua organização legal, constitue justamente o objecto de nosso livrinho : — *Leitura Civica.*

Benjamin Constant.

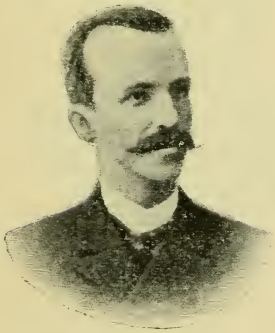
Campos Salles.



Wandenkolk.

Manoel Deodoro da Fonseca.

Quintino Bocayuva.



Ruy Barbosa.

Aristides Lobo.

Demetrio Ribeiro.

circumstancias, partir com toda a minha familia para a Europa, amanhã, deixando esta Patria de nós estremecida, a qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quasi meio seculo em que desempenhei o cargo de Chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessôas de minha familia, conservarei as mais saudosas lembranças, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. »

Acclamado o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, escolheu os seguintes Ministros : Tenente Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Guerra; Dr Ruy Barboza, Fazenda; Dr Demetrio Ribeiro, Agricultura; Quintino Bocayuva, Relações Exteriores; Capitão de Mar e Guerra Eduardo Wandenkolk, Marinha; Dr Manoel Ferraz de Campos Salles, Justiça; Dr Aristides da Silveira Lôbo, Interior.

Estes, porém, exoneraram-se em Janeiro de 1891, organizando então Deodoro um novo Ministerio com elementos que fôram encontrar grande opposição no seio da Assembléa Constituinte, que, a despeito disto, promulgada a Constituição em 24 de Fevereiro, o elegeu Presidente da Republica.

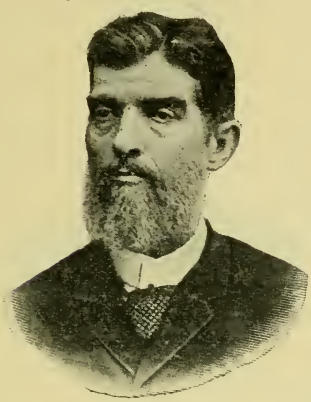
Floriano Peixoto.

Entretanto, a desharmonia entre o Chefe do Estado e os representantes da Nação chegou a tal extremo, que o Marechal Deodoro, em 3 de Novembro do mesmo anno, julgou poder resolver a crise dissolvendo dictatorialmente o Congresso Legislativo.

Vinte dias depois, porém, nova revolução intimou-o a deixar o poder, o que fez sem resistencia, passando o exer-

cicio do alto cargo ao Vice-Presidente Marechal Floriano Peixoto, que, no decurso de seu governo teve de suffocar differentes revoltas.

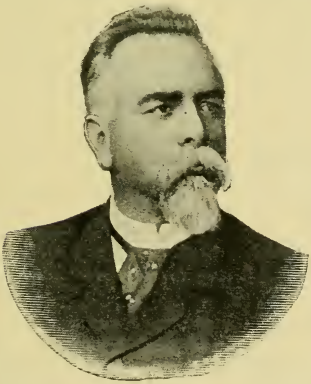
No prazo constitucional assumiu o governo o primeiro Pre-



Prudente de Moraes.

Manoel Victorino.

sidente eleito pelo povo de conformidade com a Constituição, Dr Prudente José de Moraes e Barros. Este governou, desde 15 de Novembro de 1894, durante todo o periodo presidencial, com o intervallo apenas de quatro mezes, 11 de Novembro de 1896 a 3 de Março de 1897, em que, por grave enfermidade, passou o exercicio do cargo ao Vice-Presidente, Dr. Manoel Victorino Pereira.

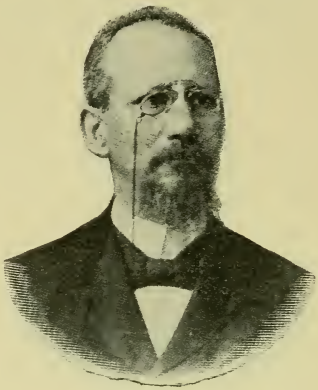


Campos Salles.

Ao Dr Prudente de Moraes succedeu, em 15 de Novembro de 1898, o Dr Manoel Ferraz de Campos Salles, que governou até 15 de Novembro de 1902, exceptuados apenas quinze dias, quando em retribuição á visita do Presidente da Republica

Argentina, General Julio Roca, foi a *Buenos-Ayres,* passando o governo ao Vice-Presidente Dr Francisco de Assis Roza e Silva.

Roza e Silva.



Rodrigues Alves.

Em 15 de Novembro de 1902 subiu ao poder o Dr Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente actual.

Capitulo V

Divisões politicas

A Federação Brazileira compõe-se de vinte Estados e um Districto Federal, que é a capital da União, podendo aquelles de accordo com a Constituição « incorporar-se, subdividir-se, ou desmembrar-se para se annexar a outros ou formar novos Estados, mediante a acquiescencia das respectivas Assem-

bléas Legislativas, em duas sessões annuas, successivamente, e approvação do Congresso Nacional ».

Relativamente á posição geographica, os Estados dividem-se em maritimos e centraes, isto é, banhados pelo Oceano Atlantico, ou situados no interior do paiz.

Trataremos destacadamente, em ligeiros traços, dessas differentes circumscripções territoriaes.

Estado do Pará.

ESTADOS MARITIMOS

Estado do Pará

Limites : — Ao norte, as Guyanas, franceza, hollandeza e ingleza; ao sul, os Estados de Goyaz e Matto Grosso; a léste,

Vista da cidade de Santa Maria de Belém — Capital do Estado.

o Oceano Atlantico e o Estado do Maranhão; a oéste, o Estado do Amazonas.

Superficie : — 1.149.712 kilometros quadrados. E' maior do que a França, a Allemanha, a Suissa e a Hollanda, reunidas.

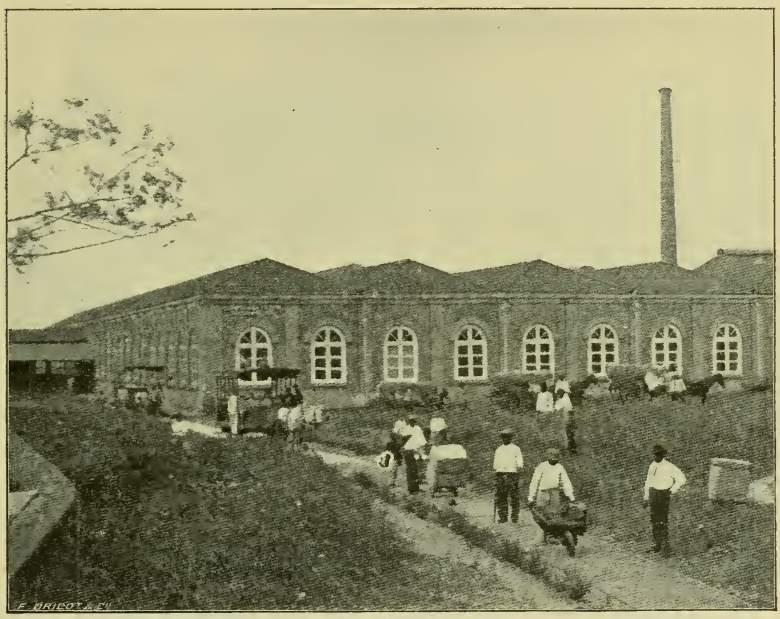
População : — 800.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — borracha, cacáu, castanha e fumo.

Estado do Maranhão.

Estado do Maranhão

Limites : — Ao norte, o Oceano Atlantico; ao sul e a léste, o Estado do Piauhy; a oéste, os Estados do Pará e de Goyaz.



Fabrica de tecido de algodão, na cidade de S. Luiz, Capital do Estado.

Superficie : — 459.884 kilometros quadrados. E' maior do que a Italia, a Grecia e a Suissa, reunidas.

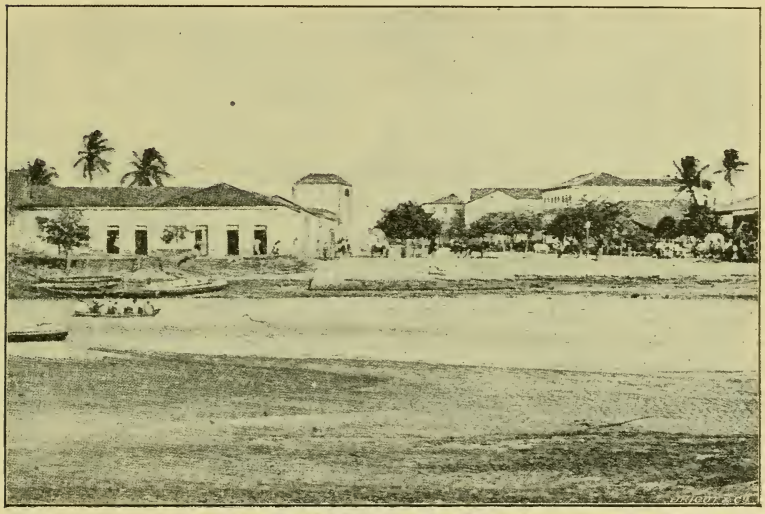
População : — 500.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — algodão, assucar, fumo, cereaes.

Estado do Piauhy.

Estado do Piauhy

Limites : — Ao norte, o Oceano Atlantico ; ao sul, os Estados da Bahia e Goyaz ; a léste, os Estados do Ceará e Pernambuco ; a oéste o Estado do Maranhão.



Vista da cidade da Parnahyba, no Estado do Piauhy.

Superficie : — 301.797 kilometros quadrados. E' maior do que a Italia.

População : — 300.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente. — gado.

Capital : — Therezina.

OCEANO ATLANTICO
Porto de Camocim
Porto de Acaraú
Camocim
Acaraú
Granja
Sta Anna
Sobral
Viçosa
Ibiapina
S. Benedicto
Santa Cruz
Campo Grande
Pires Ferreira
Ipu
Serra Grande
Serrada Uruburetama
S. Francisco
Rio Aracatiassu
Rio Curu
Rio Mundaú
Rio Acaraú
FORTALEZA
Pontal do Mocuripe
Barra do Rio Coco
Barra do Rio Pacoty
Maranguape
Mecejana
Pacatuba
Aquiraz
Cascavel
Redenção
Guaramiranga
Guaiuba
Acarape
Baturité
Guaiany
Aracatiú
Palmatuba
Pacatuba
Rio Choró
Rio Pirangy
Rio Palhano
S. Bernardo
Uma
Lagoa Parahyba
Morada Nova
Unique
Quixeramobim
Quixadá
Boa viagem
Prudente de Morais
Sebastião de Lavada
Rio Banabuyé
Senador Pompeu
Maria Pereira
Cachoeira
Riacho do Sangue
Rio Jaguaribe
Rio Banabuyé
Rio Sitiá
Rio Salgado
Rio Cariú
Rio Curimatá
Rio Trahiry
Rio Trahirema
Rio Jaguaribe

Estado do Ceará

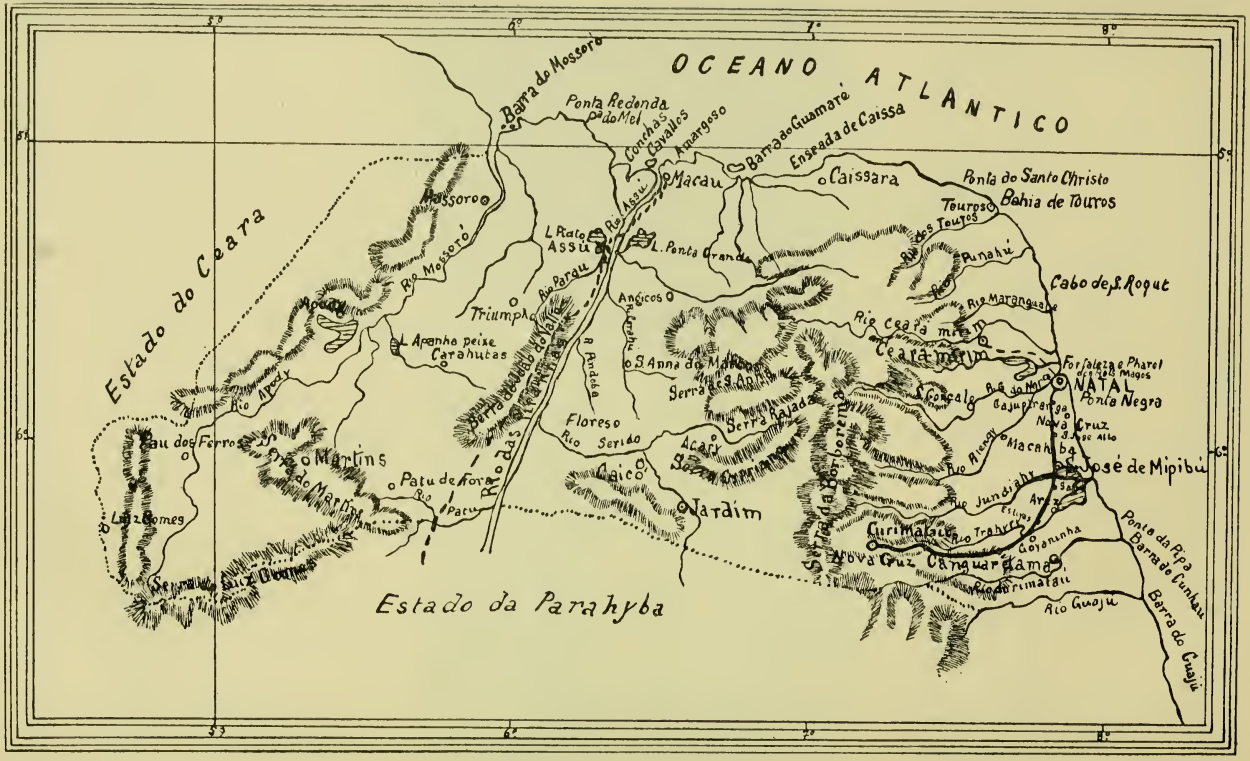
Limites : — Ao norte e nordeste, o Oceano Atlantico; ao sul, os Estados da Parahyba e de Pernambuco; a léste, o Estado do Rio Grande do Norte; a oéste, o Estado do Piauhy.

Passeio Publico, na cidade da Fortaleza, Capital do Estado.

Superficie : — 104.250 habitantes. E'maior do que Portugal.

População : — 850.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — algodão, assucar, café, carnahuba.



Estado do Rio Grande do Norte.

Estado do Rio Grande do Norte

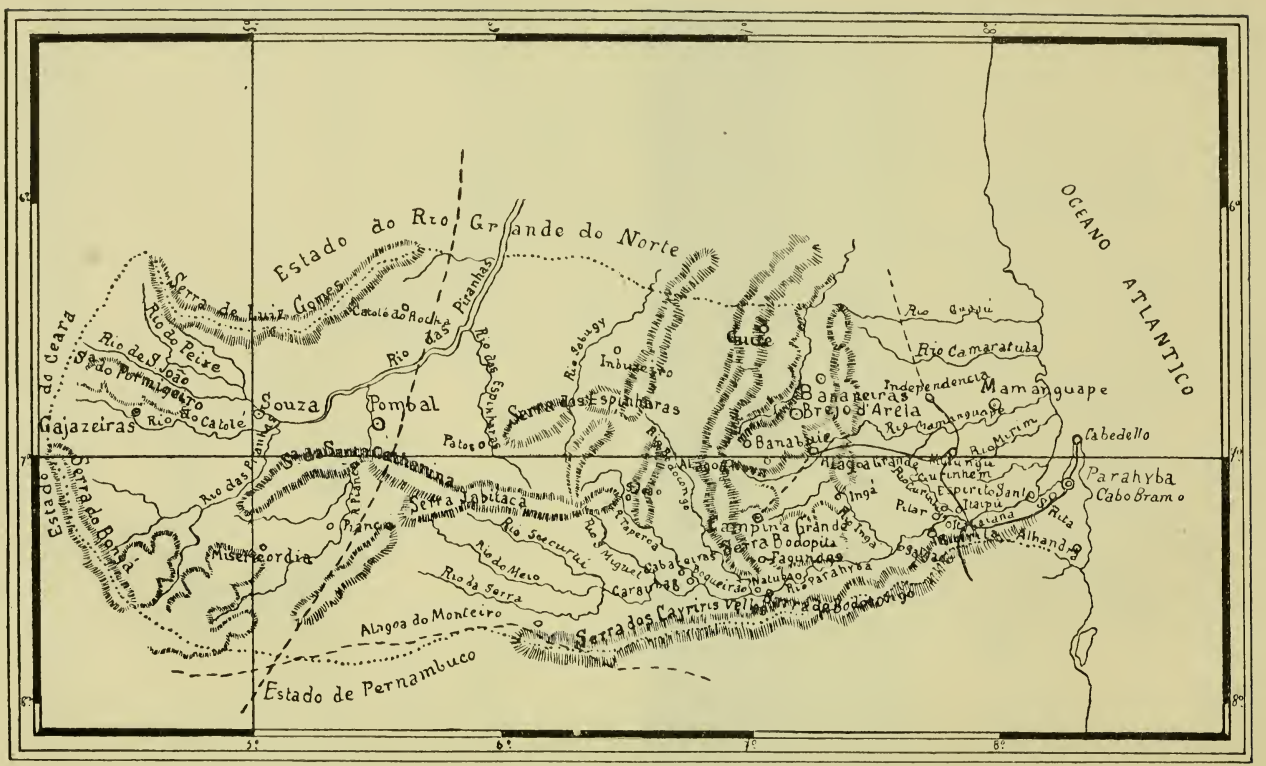
Limites : — Ao norte e a léste, o Oceano Atlantico; ao sul, o Estado da Parahyba; a oéste, o Estado do Ceará.

Vista da cidade de Natal, Capital do Estado.

Superficie : — 57.485 kilometros quadrados. E' maior do que a Suissa.

População : — 300.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — sal, algodão e assucar.


Estado do Rio Grande do Norte
Oceano Atlantico
Serra de Luiz Gomes
Rio do Peixe
Rio do João
Rio Piranhas
Rio das Espinharas
Souza
Pombal
Cajazeiras
Rio Catolé
Serra das Espinharas
Patos
Serra da Santa Catharina
Serra Jabitaca
Misericordia
Serra do Bom Bom
Rio Sucurui
Rio do Meio
Rio da Serra
Alagoa do Monteiro
Serra dos Cayriris Velhos
Serra do Bodopitá
Estado de Pernambuco
Guarabira
Inhuma
Rio Camaratuba
Independencia
Mamanguape
Banabuiú
Obreiro d'Areia
Rio Mamanguape
Rio Murim
Cabedello
Parahyba
Cabo Branco
Alagoa Grande
Campina Grande
Serra Bodopitá
Lagoa Seca
Rio Paraahyba
Rio Paraiba
Rio Tinto
Rio Gramame
Rio Abiaiú
Rio Jacuipe
Rio Mamanguape
Rio Curiú
Rio Camaratuba
Rio Rita
Rio Inga
Rio Espirito Santo
Rio Pilar
Rio Gramame
Rio Abiaiú
Rio Jacuipe
Rio Tinto
Rio Paraiba
Rio Paraahyba
Rio Inga
Rio Espirito Santo
Rio Rita

Estado da Parahyba

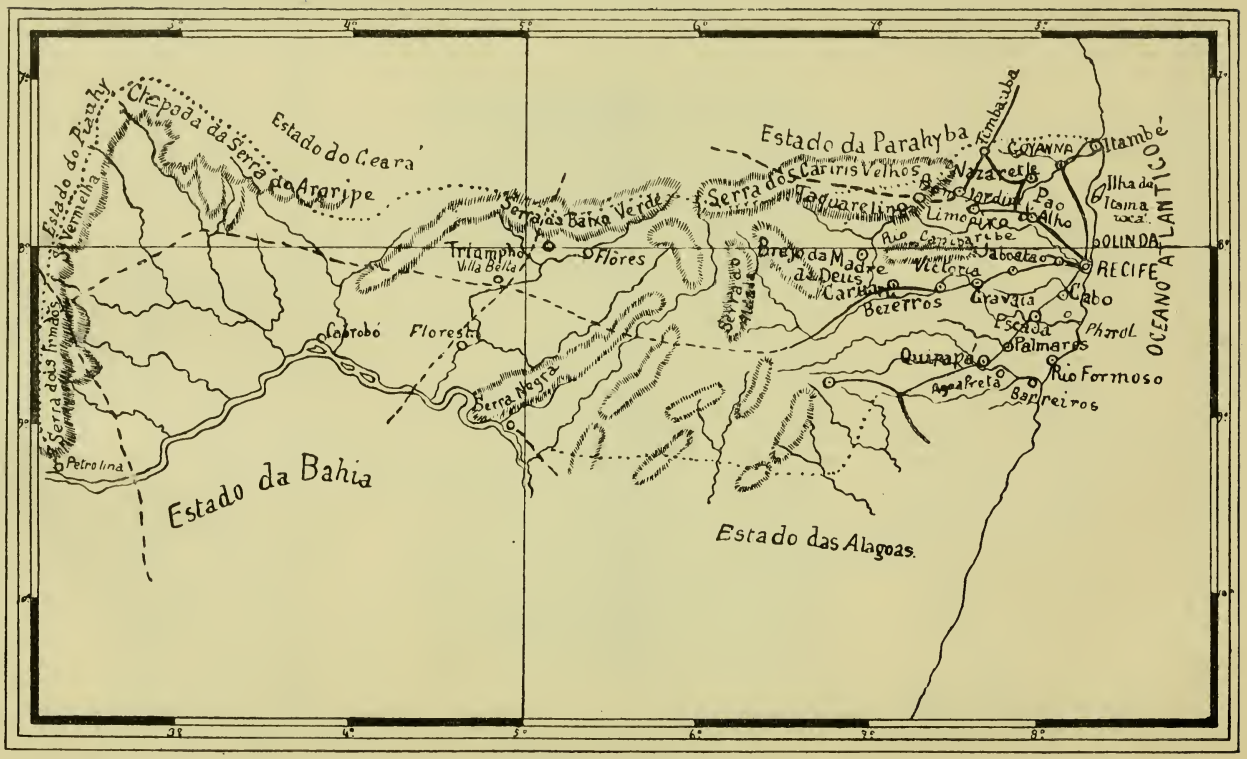
Limites : — Ao norte, o Estado do Rio Grande do Norte; ao sul, o Estado de Pernambuco; a léste, o Oceano Atlantico : a oéste, o Estado do Ceará.

Vista da cidade da Parahyba, Capital do Estado.

Superficie : — 74.731 kilometros quadrados. E' maior do que a Hollanda e a Belgica reunidas.

População : — 650.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — algodão e assucar.



Estado de Pernambuco.

Estado de Pernambuco

Limites : — Ao norte, os Estados da Parahyba e Ceará; a o sul, os Estados de Alagôas e Bahia; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, o Estado do Piauhy.

Vista da cidade do Recife, Capital do Estado.

Superficie : — 128.395 kilometros quadrados. E' maior do que a Hollanda e Portugal, reunidos.

População : — 1.000.000 de habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — algodão, assucar, aguardente, alcool.

Estado de Alagôas.

Estado de Alagôas

Limites : — Ao norte e a oéste, o Estado de Pernambuco; ao sul, os Estados de Sergipe e Bahia; a léste, o Oceano Atlantico.

Vista da cidade de Maceió, Capital do Estado.

Superficie : — 58.491 kilometros quadrados. E' maior do que a Servia.

População : — 700.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — algodão e assucar.

Estado de Sergipe.

Estado de Sergipe

Limites : — Ao norte, o Estado de Alagôas; ao sul e a oéste, o Estado da Bahia; a léste, o Oceano Atlantico.

Praça de Palacio, na cidade de Aracajú, Capital do Estado.

Superficie : — 39.190 kilometros quadrados. E' o menor Estado da Federação Brazileira : mesmo assim é maior do que a Hollanda, ou a Belgica.

População : — 500.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — assucar e algodão.

Estado da Bahia.

Estado da Bahia

Limites : — Ao norte, os Estados de Sergipe, Alagôas, Pernambuco e Piauhy; ao sul, os Estados do Espirito Santo e Minas Geraes; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, o Estado de Goyaz.

Vista da cidade de S. Salvador, Capital do Estado.

Superficie : — 426.427 kilometros quadrados. E' maior do que Portugal, a Hollanda e a Italia, reunidos.

População : — 2.000.000 de habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — diamantes, café, fumo, cacáo, piassava, assucar, algodão.

Estado da Bahia
Rio Mucury
Rio Itaunas
Rio S. Domingos
Conceição da Barra
Rio S. Matheus
L. das Tres Ilhas
S. Matheus
Estado de Minas Geraes
Lagoa Tapada
Bocca Secca
Ilha do Imperador
Lagoa Juparanã
Lagoa de Monsaras
Juparanã-mirim
L. das Palmas
Linhares
Rio Doce
L. do Pão Doce
Ponta de Monsaras
L. do Pão Gigante
L. do Choro d'Agua
Rio Mucury
Rio Preto
Rio Pardo
Rio Pardo
Rio Preto
Rio Preto
Rio Preto

Estado do Espirito Santo

Limites : — Ao norte, o Estado da Bahia; ao sul, o Estado do Rio de Janeiro; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, o Estado de Minas Geraes.

Vista da citade da Victoria, Capital do Estado.

Superficie : — 44.839 kilometros quadrados. E' maior do que a Suissa, ou a Hollanda.

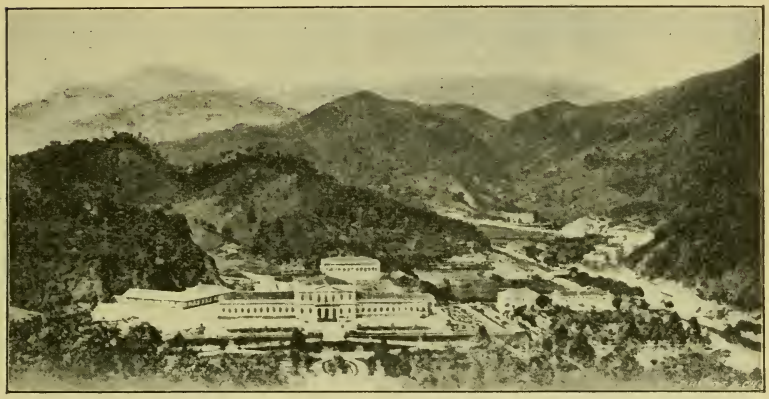
População : — 300.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — café.

Estado de Minas Geraes
Estado do Espirito Santo
Novidade do Carangola
N.S. da Lage
S. Antonio de Padua
Itabapoana
Campos
Barra
Praia do Furado
L. Carapebus
Ilha de Sant'Anna
Ponta dos Peccados Mortaes
Barra de S. João
Ilha Fera
Ilha Branca
Ponta Grimmosa
Ilha d'Ancora
Ilha Comprida
Cabo Frio
Araruama
Saquarema
Maricá
Niterói
Mequé
Petropolis
Theresopolis
Nova Friburgo
Barra do Piraí
Valença
Vassouras
Rio Claro
Barra Mansa
Resende
Pirahy
Mangaratiba
Ilha Grande
Ponta dos Castelhanos
Ilha do Jorge Grego
Parati
Estado de S. Paulo
Rio Paraiba
Rio Parahyba
Rio Paraiba
Rio Sapucaia
Rio Preto
Rio Paraiba
Rio Itabapoana
Rio Macacú
Rio Macacú
Rio Guandu
Rio Piraí
Rio Paraiba
Rio Preto
Rio Paraiba
Rio Preto
Rio Paraiba
Rio Preto

Estado do Rio de Janeiro

Limites : — Ao norte, os Estados do Espirito Santo e Minas Geraes; ao sul e a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, o Estado de S. Paulo.



Vista da cidade de Petropolis, antiga Capital do Estado.

Superficie : — 68.982 kilometros quadrados. E' maior do que a Hollanda e a Belgica, reunidas.

População : — 1.300.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — café.

Capital : — Nictheroy.

Districto Federal.

Districto Federal

Limites : — Ao norte e a oéste, o Estado do Rio de Janeiro; ao sul e a léste, o Oceano Atlantico.

Vista da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Superficie : — 1.892 kilometros quadrados. O Districto Federal é consideravelmente menor do que Sergipe, que, já dissemos, é o menor Estado da União Brazileira; mesmo assim é o duplo ainda dos territorios reunidos do Principado de Monaco e das Republicas de S. Marino e de Andorra.

População : — 800.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta café, assucar, sendo sua industria fabril a mais importante e desenvolvida do Brazil.

Capital da União Brazileira — A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro é um dos grandes centros commerciaes do mundo e o mais importante na America do Sul.

O actual Districto Federal, entretanto, não é a Capital definitiva da Republica.

A Constituição de 24 de Fevereiro de 1891 declarou no art. 3.º pertencente á União, no planalto central da Republica, uma zona de 14.400 kilometros quadrados para se estabelecer ahi a futura Capital, passando a actual a constituir um novo Estado. Cumprindo a disposição constitucional, o Governo Federal organizou em Maio de 1892 uma commissão, sob a chefia do Dr Luiz Cruls, Director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, destinada a demarcar a nova zona.

« É evidente », diz o Dr Cruls em seu relatorio de Julho de 1894, « que por *planalto central* se deve entender a parte do planalto brazileiro *mais central* em relação ao centro do territorio, isto é, mais proximo deste. Esta é, indubitavelmente, a unica interpretação exacta da expressão *planalto central*, que figura na Constituição. Admittido isto, examinemos qual a configuração que apresenta o planalto brazileiro, cujas altitudes, segundo os geographos mais auctorizados, variam entre 300 e 1000 metros ou superior a mil metros. A unica parte, porém, deste planalto, que nos interessa, é evidentemente a mais elevada; portanto só trataremos daquella cuja altitude é de mil ou acima de mil metros. Este planalto occupa grande parte dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Geraes, parte menor do de Goyaz, e extende-se, sob forma de fachas estreitas, uma na Bahia, a leste do rio *S. Francisco*, outra a oeste deste mesmo rio até os limites do Estado de Goyaz com os do Maranhão e Piauhy, outra finalmente ao longo do littoral, em direcção ao sul até o Rio Grande. Eis em traços largos a configuração geral do planalto brazileiro, que nos interessa directamente. Desse planalto, porém, a unica parte á qual cabe a denominação de *central* é aquella que se acha nas proximi-

dades dos *Pyrineus* no Estado de Goyaz, não somente por ser, na realidade, a mais proxima do centro do Brazil, como tambem por se acharem ahi as cabeceiras de alguns dos mais caudalosos rios do systema hydrographico brazileiro, isto é, o Tocantins, o S. Francisco e o Paraná ».

Vista da bahia de Guanabara do alto de Santa Thereza.

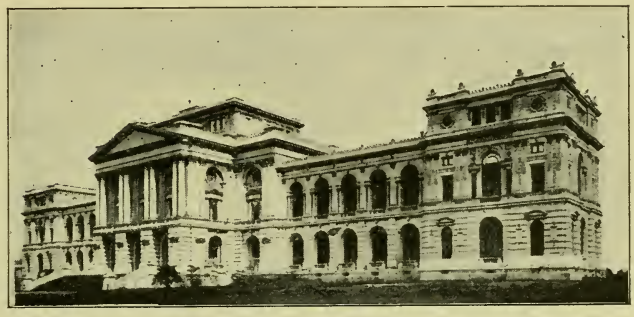
Até á presente data, entretanto, permanece a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro como Capital da Republica, nenhum effeito pratico tendo ainda produzido os trabalhos e as conclusões da commissão.

A futura Capital, si fôr definitivamente localisada de accôrdo com os estudos realizados, distará da actual, approximadamente, 970 kilometros.

Estado de S. Paulo.

Estado de S. Paulo

Limites : — Ao norte, o Estado de Minas Geraes; ao sul, o Estado do Paraná; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, o Estado de Matto Grosso.



Monumento do Ypiranga, na cidade de S. Paulo, Capital do Estado, erguido no mesmo ponto onde fôram proferidas as palavras — *Independencia ou morte.*

Superficie : — 290.876 kilometros quadrados. E' maior do que Portugal, Suissa, Servia, Hollanda e Belgica, reunidas.

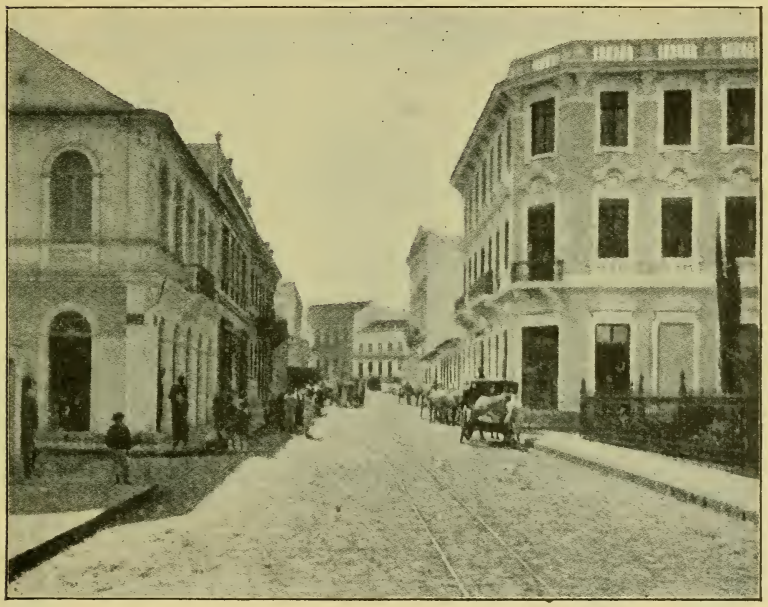
Commercio de exportação : — Exporta principalmente — café.

População : — 2.000.000 habitantes.

Estado do Paraná.

Estado do Paraná

Limites : — Ao norte, o Estado de S. Paulo; ao sul, os Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul e a Republica Argentina ; a léste, o Oceano Atlantico ; a oéste, o Estado de Matto Grosso e a Republica do Paraguay.



Rua 15 de Novembro, na cidade de Curytiba, Capital do Estado.

Superficie : — 240.000 kilometros quadrados. E'maior do que Portugal, Suissa, Grecia, Hollanda e Servia, reunidas.

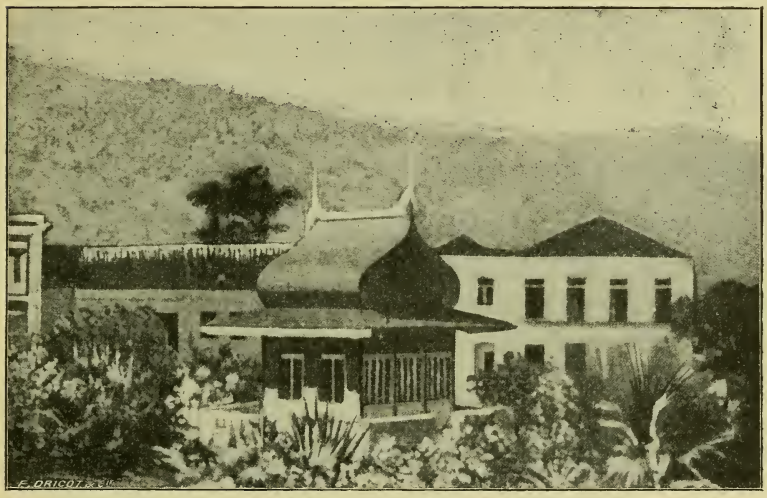
População : — 400.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente— fructas, madeira, herva matte.

Estado de Santa Catharina.

Estado de Santa Catharina

Limites : — Ao norte, o Estado do Paraná: ao sul, o Estado do Rio Grande do Sul; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, a Republica Argentina.



Passeio Publico, em Florianopolis, Capital do Estado.

Superficie : — 74.156 kilometros quadrados. E' maior do que a Hollanda e a Belgica, reunidas.

População : — 300.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente— madeiras, herva matte, fructas.

Estado do Rio Grande do Sul.

Estado do Rio Grande do Sul

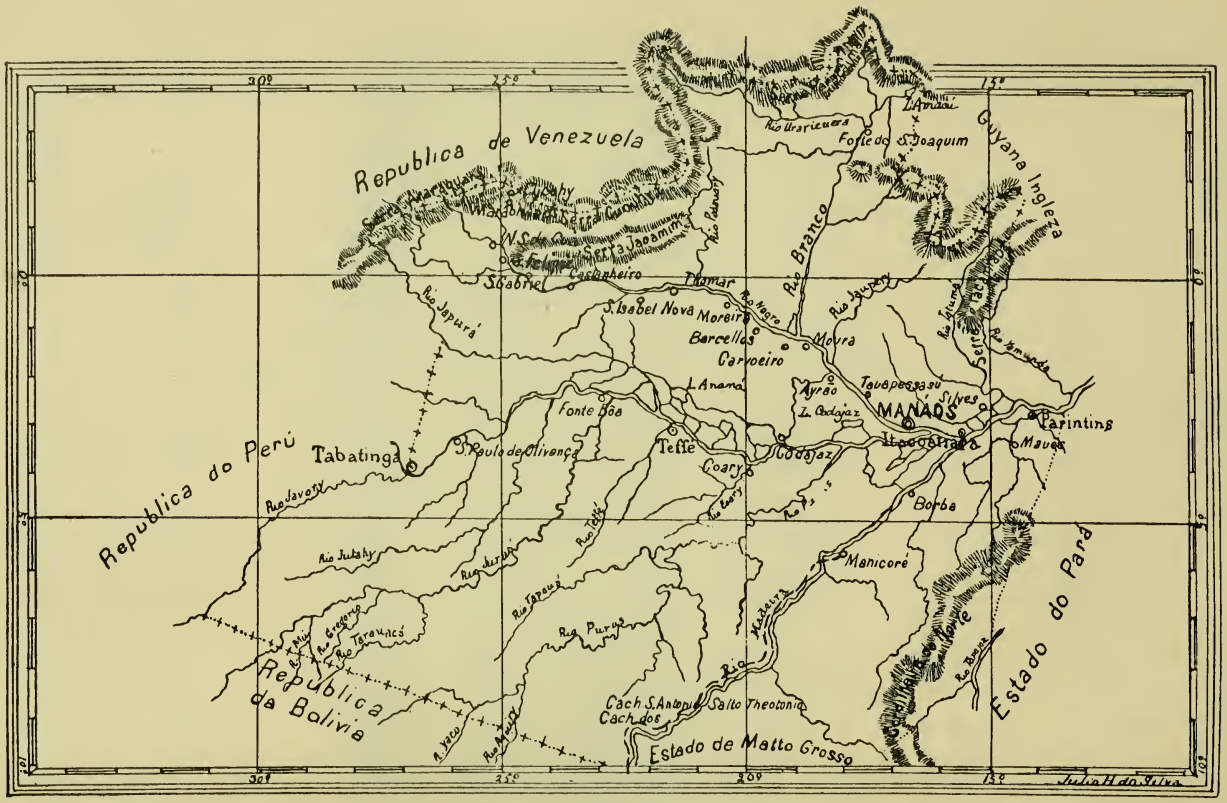
Limites : — Ao norte, o Estado de Santa Catharina; ao sul, a Republica do Uruguay; a léste, o Oceano Atlantico; a oéste, a Republica Argentina.

Vista da cidade de Porto Alegre, Capital do Estado.

Superficie : — 236.553 kilometros quadrados. E' maior do que Portugal, Hollanda, Belgica e Suissa, reunidas.

População : — 1.000.000 de habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente— carne salgada, fumo, herva matte, madeiras.

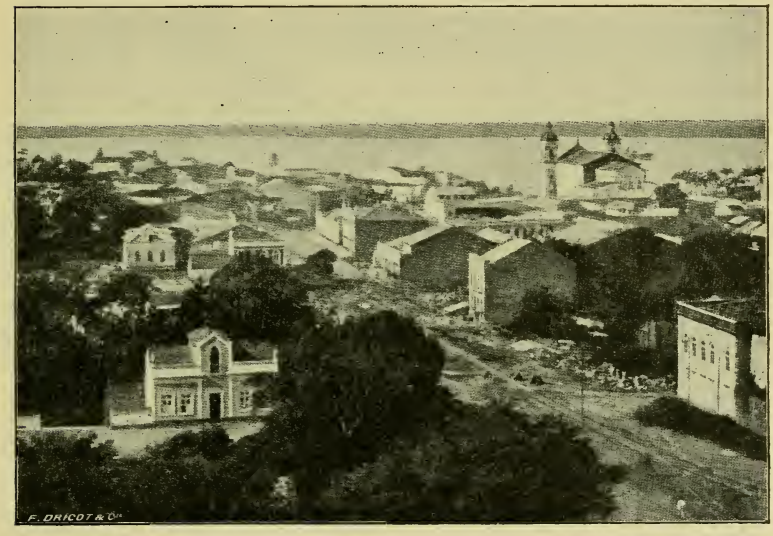

Republica de Venezuela
Guyana Ingleza
Rio Urariquera
Forte do S. Joaquim
L. Amazonas
Rio Branco
Rio Jauapery
Serra Jacamim
S. Gabriel
Castanheiro
Thomar
Rio Negro
S. Isabel Nova
Moreira
Barcellos
Carvoeiro
Moura
Rio Japurá
Rio Jurua
Serra Tacutu
Rio Amazonas
L. Anana
Ayrão
Tauapessassu
Silves
L. Codajaz
MANAOS
Parintins
Mauès
Fonte Boa
Tabatinga
S. Paulo de Olivença
Teffé
Coary
Codajaz
Rio Javary
Rio Tefé
Rio Coary
Rio Purus
Borba
Rio Jutahy
Rio Jurua
Rio Tapauá
Rio Purus
Manicoré
Rio Madeira
Rio Tarauacá
Rio Preto
Rio Tapajoz
Rio Madeira
Cach. S. Antonio
Salto Theotonio
Cach. dos
Rio Paraguay
Rio Mamoré
Rio Guaporé
Rio Paraná
Rio Paraná
Rio Paraná

ESTADOS CENTRAES

Estado do Amazonas

Limites : — Ao norte, a Guyana Ingleza e as Republicas de Venezuela e Columbia; ao sul, o Estado de Matto Grosso e a Republica da Bolivia; a léste, o Estado do Pará; a oéste, a Republica do Perú.

Superficie : — 1.897.020 kilometros quadrados. E' o maior



Vista da cidade de Manáos, Capital do Estado.

Estado da União Brazileira, podendo comportar em sua superficie a Inglaterra, a Hespanha, a França e a Allemanha, reunidas.

População : — 210.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente borracha, cacáu, guaraná e castanha.

Estado de Minas Geraes.

Estado de Minas Geraes

Limites : — Ao norte, o Estado da Bahia ; ao sul, os Estados do Rio de Janeiro e S. Paulo ; a léste, os Estados do Espirito Santo e Rio de Janeiro ; a oéste, o Estado de Goyaz.

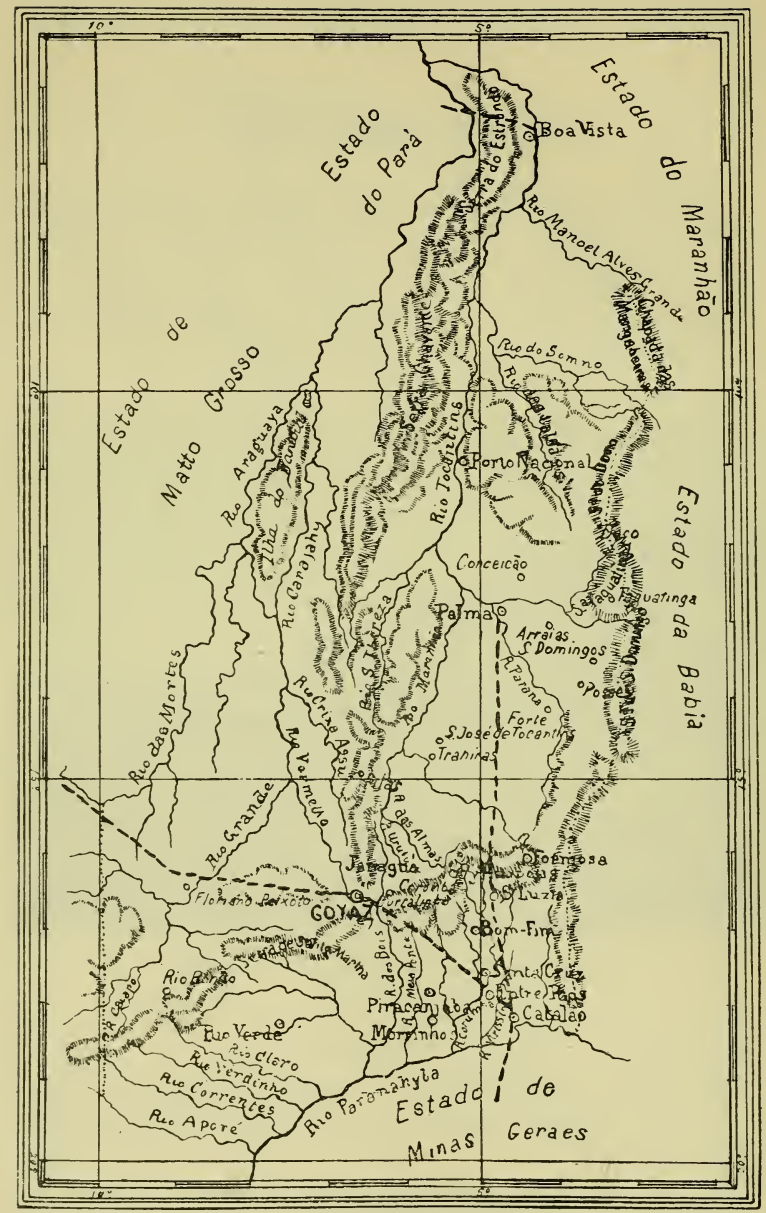
Superficie : — 574.855 kilometros quadrados. E' maior do que a Allemanha e a Hollanda, reunidas.

Vista da cidade de Ouro-Preto, antiga Capital do Estado.

População : — 3.500.000 habitantes.

Commercio de exportação : — Exporta principalmente — café, fumo, assucar, algodão, gado, ouro, pedras preciosas, aguas mineraes.

Capital : — Bello Horisonte.



Estado de Goyaz.

Estado de Goyaz

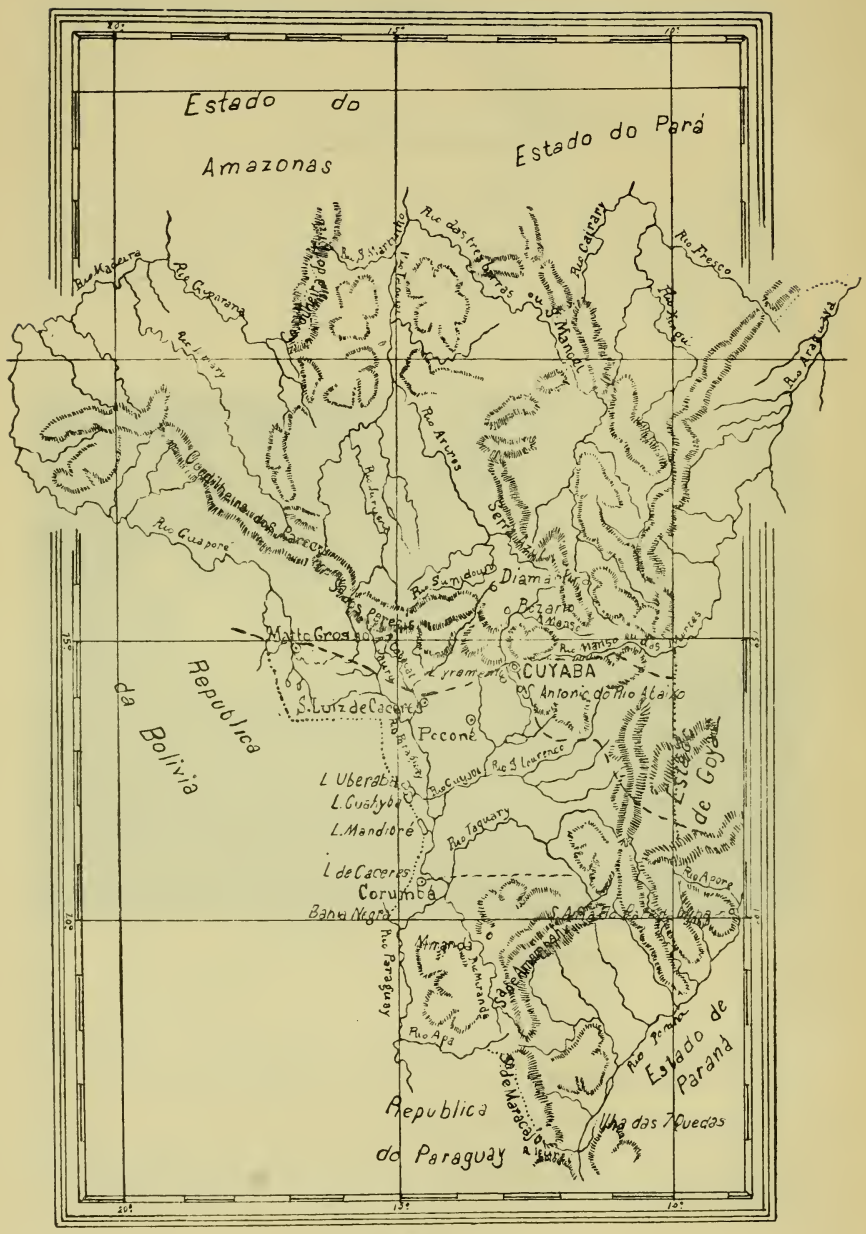
Limites : — Ao norte, o Estado do Pará e Maranhão; ao sul, os Estados de Minas Geraes e Matto Grosso; a léste, os Estados de Minas Geraes e Bahia; a oéste, os Estados do Pará e Matto Grosso.

Vista da cidade de Goyaz, Capital do Estado.

Superficie : — 747.311 kilometros quadrados. E'maior do que a Austria-Hungria, a Hollanda e a Belgica, reunidas.

População : — 300.000 habitantes.

Commercio de exportação : – Exporta principalmente — gado e fumo.


Estado do
Amazonas
Estado do Pará
Rio Madeira
Rio Guaporé
Rio Jauru
Rio Guapore
Rio Arinos
Rio Tapajoz
Rio Teles Pires
Rio Xingu
Rio Araguaia
Rio Paraguay
Rio Cuiaba
Rio Sangradouro
Rio das Garças ou S. Manoel
Rio Sangradouro
Rio Paraguay
Diamantino
Bezerra
Matto Grosso
CUYABA
Antonio João
S. Luiz de Caceres
Poconé
Rio Cuiaba
Rio S. Lourenço
L. Uberaba
L. Gualyba
L. Mandioré
L. de Caceres
Corumbá
Baia Negra
Rio Paraguay
Rio Apa
Rio Aquidauana
Rio Aquidauana
Rio Aquidauana

Estado de Matto Grosso

Limites: — Ao norte, os Estados do Pará e Amazonas; ao sul, a Republica do Paraguay; a léste, os Estados de Goyaz, Minas Geraes, S. Paulo e Paraná; a oéste, o Estado do Amazonas e a Republica da Bolivia.

A pesca de diamantes, no Burytisal, em Matto Grosso.

Superficie: — 1.379.651 kilometros quadrados. E' maior do que a Allemanha, a França e a Italia, reunidas.

População: — 200.000 habitantes.

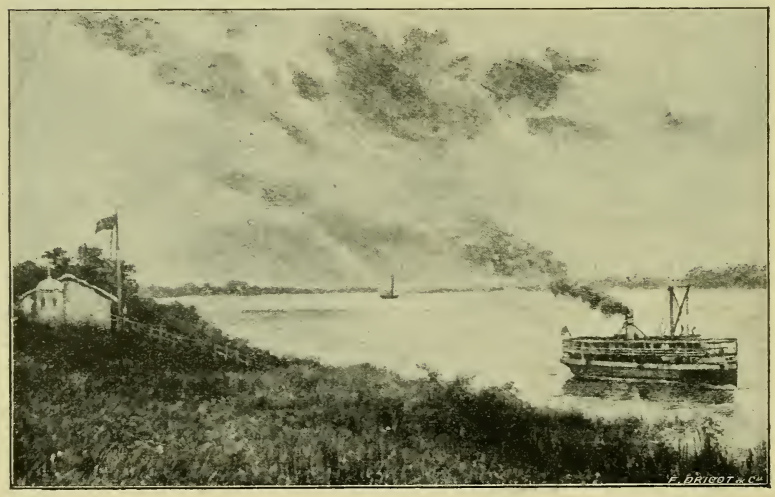
Commercio de exportação: — Principalmente — gado.

Capitulo VI

Rios

Innumeros e magestosos são os rios que banham o territorio brazileiro.

Ahi tem a maior parte de seu leito maravilhoso o cogno-



Entrada do Amazonas no Brazil.

minado — *Rio Mar* —, o maior do mundo em volume de agua — o *Amazonas* — tão extenso que recebe no percurso de 5.400 kilometros tres denominações : *Tunguragua*

ou *Maranhão*, desde a nascente, no lago *Lauricocha*, na Republica do Perú, até ás divisas deste paiz com o nosso, em *Tabatinga*, onde toma o nome — *Solimões* —, até receber as aguas do rio *Negro*, seu affluente, poucos kilometros acima de Manáos, Capital do Estado do Amazonas, quando se denomina propriamente — *Amazonas*, até entrar no Oceano Atlantico, atravessando o Estado do Pará.

Cantou-o, entre outros, em inspirados versos, Gonçalves Magalhães, Visconde de Araguaya :

Balisa natural ao norte avulta
O das aguas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,
No solio á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes, no mundo!
O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipi,
Inda que as aguas suas reunissem,
Com elle competir não poderiam
Ao lado seu direito e ao esquerdo lado,
Mil feudatarios rios vêm pagar-lhe
Tributo perennal de suas aguas.
Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briareu, mas verdadeiro,
Que estende os braços p'ra abraçar a terra!
Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante si repellindo o argenteo salso,
Como se elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-a receioso
Si mais longo e mais lento a discorresse!
O Amazonas co' o Oceano furioso
Lucta renhida trava interminavel,
Para roubar-lhe o leito : e ronca e espuma,
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuruiúba horrida ronca
Quando sente mover-se á flôr das aguas,

Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E, inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingua solta,
Para de uma só vez tragar o amphibio :
Tal no pleito co' o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Leguas abre setenta! A ingente lingua
Estende de tres vezes trinta milhas,
Como uma larga espada, que se embebe
Ao través do Atlantico iracundo,
Que gemendo recúa no arremesso,
E em montes alquebrado o dorso enruga.
Armas que joga ao mar são grossos troncos,
Arrancados na furia, são pedaços
De esboroadas montanhas que elle mina;
Seus gritos são trovões tão horrorosos,
Que alli parece submergir-se o mundo;
Quando se incha seu corpo desmedido,
Equorea, espessa nuvem se levanta,
Como uma chuva contra o céo erguida,
Reflectindo do sol os sete raios :
Tal o conquistador que co' os despojos
Dos reis desthronisados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro do combate,
Envolto numa nuvem de poeira,
Na frente vae levando debandada,
Ingente alluvião de imigas hostes;
E ante as portas de bronze do castello
Nova victoria altercа porfiosa.

***

O percurso do rio Amazonas em territorio brazileiro é de 4.000 kilometros. Sua largura é muito variavel, medindo-se em *Tabatinga* 2.775 metros, que sobem a 5.000 na boca do rio *Madeira*, affluente, elevando-se a 13.000 junto á bocca do *Xingú*, outro affluente.

Como a largura, varía a profundidade entre 20, 30 e

60 metros, sendo navegavel desde a foz até Manáos por vapores de 4.500 toneladas, e até *Iquitos*, na Republica do Perú, por embarcações de 2.500.

Quanto á velocidade da corrente, affirma-se que na costa de *Cueiras*, proxima a Santarém, na maxima força da vasante, é de quasi tres milhas por hora, referindo um observador ter notado « mais de uma vez as aguas amarelladas do *Amazonas* a mais de 200 kilometros da foz, ainda com força bastante para, durante o silencio da noite, se ouvir o ruido da corrente amazonica no seu embate com as aguas do Oceano ».

O *Amazonas* traz-nos á lembrança o curiosissimo phenomeno da —*pororóca*—, alterosa onda, que avança rio acima, seguida, ás vezes, por segunda e terceira, com grande estrepito, levando de vencida tudo que encontra na passagem. Alguns attribuem o phenomeno á impetuosidade do encontro da agua do rio com a do Oceano; outros o explicam por circumstancias especiaes no leito do rio.

Leiamos a respeito uma observação pessoal do Conego Francisco Bernardino de Souza, descripta em seu livro *Valle do Amazonas*:

« Vi a *pororóca*. Eram quasi 11 horas da manhã quando me pareceu ouvir um ruido surdo como o do trovão que echôa muito ao longe.

As aguas do *Guajará* corriam tranquillas, como se não esperassem a invasão do inimigo, que se approximava.

A vasante era completa, deixando a descoberto, como corôas, os baixos e espraiados. O dia estava claro. Na extremidade do horisonte vi como formar-se uma ligeira linha d'espuma, que ia rapidamente crescendo e engrossando. O ruido tornara-se perfeitamente distincto. Houve como que uma suspensão nas aguas do rio. Dir-se-ia que tinham presentido o inimigo e comprehendido o perigo.

A linha d'espuma ia crescendo espantosamente e descrevendo como um semicirculo em que prendia o rio. Era uma muralha d'espuma, uma vaga gigantesca, que se ennovelava e estoirava com fragor medonho.

Depois, aquelle semicirculo, por uma subita e admiravel evolução,

formou uma immensa linha recta, de uma perfeição completa, e avançou rapida, ameaçadora, fremente, rugindo, levantando espuma e levando deante de si tudo quanto encontrava no caminho, troncos de grandes arvores, galhos etc. Em certo ponto do rio desappareceu de subito, parecendo como *mergulhar*, indo surgir mais violenta, mais ruidosa, álgumas braças adeante.

Não pude mais vêl-a; formava ahi o rio uma curva, que me tirava a vista. Disseram-me que assim continuava ella até á juncção dos rios *Guamá* e *Capim*, em uma distancia de 9 milhas pouco mais ou menos, dividindo-se em duas partes, internando-se cada uma dellas pelos dois rios.

Calculam em 18 a 20 milhas por hora a marcha da pororóca.

Immediatamente depois da passagem do assombroso phenomeno, tornaram-se extremamente agitadas as aguas, levantando ondas, a que dão o nome de *banzeiros*, e que se iam quebrar violentas na praia. O rio encheu subitamente, de modo que em 3 ou 4 minutos a agua havia crescido de 4 a 5 pés.

Muito se tem escripto acerca da pororóca, mas ainda ninguem conseguiu explicar esse assombroso phenomeno.

Diz-se geralmente que o impulso das aguas do rio e a repulsão que soffrem das do mar motivam a pororóca. Entretanto, manifesta-se tambem ella em alguns rios e em alguns logares, onde é absolutamente nulla a influencia do mar, como no rio *Purús*, na distancia de 690 milhas da foz.

A que eu vi, surge de uma pequena ilha, formada pelo *Guajará*, a 80 milhas da sua fóz. Levanta-se, no momento em que começa a enchente, uma onda que cresce e corre, caminhando, para a nascente do rio. No momento da vasante, as praias, que circumdam a ilhota, acham-se completamente descobertas, e de repente, do lado que olha para a nascente do rio, levanta-se a onda, que se transforma em pororóca. »

* * *

Até 1867 era o *Amazonas* navegado exclusivamente por embarcações nacionaes, a despeito de pedidos e reclamações de paizes aos quaes a livre navegação poderia interessar, entre outros a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte.

Chegou-se mesmo a fazer umas tantas insinuações ao Governo Brazileiro, aventando-se, por exemplo, a idéa de que a navegação no *Amazonas* não poderia depender de tratados, por ser um direito natural, egual ao de navegar no Oceano.

Respondeu a isso dignamente nosso Governo, por intermedio do Ministro Visconde de Abaeté, em 1853, resalvando a bôa doutrina e demonstrando, ao mesmo tempo, zelo e energia na defesa de nossas prerogativas.

Visconde de Abaeté

« O Governo Imperial », ponderava o Ministro, na respectiva nota, « está firmemente convencido de que não póde ser o Oceano assimilhado a um rio do qual o Brazil possue ambas as margens na vasta extensão de 480 leguas, que tantas vão da bocca do Amazonas á Tabatinga, limite do Imperio. Ainda quando o Amazonas seja em alguns logares bastante largo, em outros é bastante estreito para que uma fortaleza possa impedir sua passagem.

O Brazil possue as duas terças partes de sua extensão navegavel, tem em sua entrada as fortalezas de Macapá e Gurupá, e rio acima os fortes de Mazagão, da Barra, de S. José do Rio Içá, Tabatinga, e em ambas as margens, cidades, villas e povoações. Possue, portanto, o Brazil no Amazonas tudo quanto, segundo os principios admittidos, serve para provar sua soberania sobre as aguas deste rio.

O Oceano serve de communicação a todas as nações do mundo, sua navegação é indispensavel a muitas dellas que, poderosas e populosas como são, não poderiam subsistir sem o extenso commercio que por elle fazem.

Nas mesmas circumstancias não está o Amazonas. Ainda

que o seu extenso valle convenientemente povoado possa dar vasto alimento ao commercio das nações, comtudo estando esse valle quasi inteiramente deserto, nem a sua navegação é indispensavel, nem ainda póde em seu actual estado ser de interesse e vantagem para as nações que são ribeirinhas. »

Ao commercio brazileiro, entretanto, e ao desenvolvimento mesmo do paiz convinha a abertura do *Amazonas* á navegação de todas as bandeiras.

O Brazil, porém, queria fazel-o por si, na consciencia de seu direito, e não por insinuações ou ameaças.

Foi o que succedeu em 1866, por decreto de 7 de Dezembro :

« Ficará aberta desde o dia 7 de Setembro do 1867 aos navios mercantes de todas as nações a navegação do rio Amazonas, até á fronteira do Brazil; do rio Tocantins, até Cametá; do Tapajós, até Santarém; do Madeira, até Borba; do Negro, até Manáos.

Na mesma data ficará, egualmente, aberta a navegação do rio S. Francisco, até á cidade de Penedo.

A navegação dos affluentes do Amazonas, na parte em que só uma das margens pertence ao Brazil, fica dependente de previo ajuste com os outros Estados ribeirinhos sobre os respectivos limites e regulamentos policiaes e fiscaes.

As presentes disposições em nada alteram a observancia do que prescrevem os tratados vigentes de navegação e commercio com as Republicas do Perú e Venezuela, conforme os regulamentos já expedidos. »

A respectiva solemnidade realizou-se effectivamente no dia 7 de Setembro de 1867, ao noroeste da ilha *Cutijuba*, na bahia de Marajó, que recebe, reunidas, as aguas do *Amazonas* e *Tocantins*, achando-se presentes o Vice-Almirante Joaquim Raymundo de Lamare, Presidente e Commandante das Armas da Provincia do Pará, acompanhado de altas auctoridades civis e militares e de grande numero de pessôas gradas.

Finda a leitura do decreto, seguiu-se a cerimonia da benção das aguas do *Amazonas* e do *Tocantins* pelo Conego Sebastião Borges de Castilho.

Concluida esta, foi o acto saudado com *vivas* e as salvas do estylo, seguindo a corveta *Paráense*, onde se achava o Vice-Almirante, rio acima até em frente á ilha *Arapiranga*, de onde regressou acompanhada pela esquadrilha composta da corveta *Nitheroy* e dos vapores mercantes *Belém*, *Inca*, *Odorico Mendes*, *Jurupensen* e *Pará*.

Para commemorar o facto, ergueu-se em Manáos, na praça S. Sebastião, uma pequena columna, que foi substituida em 1900 pelo grandioso monumento de marmore que vêdes na gravura.

Somente, porém, os navios mercantes gozam da faculdade de sulcar livremente as aguas dos rios referidos : os de guerra só poderão fazel-o com permissão especial de nosso Governo.

Da Armada Brazileira o maior navio que subiu pelo *Amazonas* até 1903 foi o cruzador *Almirante Barroso*.

Neste anno, porém, pela primeira vez, fel-o uma esquadrilha composta do encouraçado *Floriano*, torpedeira *Tupy* e caça-torpedeira *Gustavo Sampaio*, com destino a Manáos, no proposito de assegurar a occupação militar do

Brazil no territorio do Acre, disputado pela Bolivia, como já vos dissemos em capitulo anterior.

***

Como vistes, no decreto citado, o Governo aproveitando o ensejo, resolveu tambem abrir á navegação extrangeira não só os mais importantes affluentes do *Amazonas*, como ainda os grandes rios *S. Francisco* e *Tocantins*, que banham riquissimas terras destinadas a consideravel commercio.

Infelizmente, permanece ainda quasi inexplorado o *Tocantins*, que na opinião do explorador James Orton « *é um rio magnifico que rega uma das regiões de clima mais delicioso do Brazil, correndo em um leito de diamantes, de rubis, de saphiras, de topasios, de opalas, de ouro, prata e de petroleo* ».

« Tivessemos tido a felicidade », diz com razão um escriptor, « de aproveitar os grandes serviços iniciados em 1864 pelo distincto ex-Presidente de Goyaz e do Pará, o benemerito Dr José Vieira Couto de Magalhães, as condições da prodigiosa riqueza, que se prolonga em uma consideravel extensão do mais rico territorio brazileiro, seriam hoje de inestimavel proveito para aquellas provincias, e, particularmente, para a do Pará, cujo mercado está destinado a ser o emporio de um commercio consideravel dos productos dalli oriundos ».

Couto de Magalhães

É uma realidade o que ahi fica; e, por interessante e instructiva, pôremos sob vossos olhos uma noticia sobre o illustre brazileiro, como um exemplo de iniciativa e perseverança.

Escreve seu biographo, encarando-o como explorador :

« Deve-se a elle a primeira exploração do rio Araguaya, feita por profissional, missão que, como Presidente de Goyaz, em 1863, confiou ao Engenheiro Vallée, o qual a desempenhou de modo satisfactorio, apresentando a planta daquelle rio e a do Tocantins.

Estabelecer facil caminho fluvial entre Matto-Grosso, Goyaz e Pará; communicar a bacia do Prata com a do Amazonas, realizando um pensamento do Marquez de Pombal, completando tentativas dos jesuitas, — constituiu pertinaz projecto de Couto, que, após seis annos de esforços, vencendo fortes resistencias de todo genero, conseguiu o seu fim.

Formaria um volume a historia detalhada do emprehendimento.

Couto de Magalhães rivalisa ahi com o mais arrojado *yankee* na tenacidade, decisão, iniciativa, coragem, fertilidade de recursos.

Em 1866, no Pará, obteve a custo do Governo geral credito para mandar desobstruir as cachoeiras do Araguaya; encommendou da Inglaterra um navio proprio para quebrar rochedos abaixo do nivel d'agua; mandou rasgar canaes ; preparou com paciencia o material necessario para superar cachoeiras; instruiu o pessoal destinado a guarnecer as embarcações exploradoras; decretou, mediante auctorização solicitada da Assembléa Provincial, premios para fomentar a pequena navegação; discutiu proficientemente a exequibilidade de seus planos, ora em memoriaes ao Parlamento, pedindo subvenção, ora em officios á Praça do Commercio de Belém, documentos (constante o ultimo do *Diario Official* de 29 de Outubro de 1866) em que expõe a materia de fórma notavel, com preciosa abundancia de informações geographicas, financeiras e commerciaes.

Por fim, apromptou dois vapores consagrados a navegar o Tocantins e o Araguaya; e como a sua presença seria vantajosa á direcção e animação dos trabalhos preparatorios da transposição das corredeiras, alcançou permissão de embarcar no navio iniciador. Era um tentamen perigosissimo. O vapor estava arriscado a quebrar as machinas, abalroar em pedras occultas, sossobrar a cada minuto. Couto de Magalhães tudo previra, ordenando que só se ultimasse o preparo de um dos navios, afim de que, em caso de catastrophe, restasse o outro. Providenciou até para que, si as cachoeiras estorvassem inteiramente a passagem, o barco fosse desmontado, conduzido assim por terra e montado de novo mais acima.

O relatorio da Agricultura de 1867 rende homenagem ás extraordina-

rias faculdades de acção que elle então patenteou. No officio com que, antes de partir para a exploração, transferiu a presidencia ao Vice-Presidente, consignou estas levantadas phrases :

« Vou tentar a passagem do vapor atravez das cachoeiras do Tocantins e Araguaya, si agora estiverem em ponto que me pareça isto possivel. Para o bom exito desta experiencia tem-se preparado largamente tudo quanto é possivel preparar com os meios de que se dispõe ; infelizmente, porém, a previdencia humana não é sufficiente para garantir o successo dessa causa e só Deus, a quem a confio, póde fazer com que ella seja propicia. »

Não permittiu Deus que dessa vez lograsse resultado o commettimento. Só em 1868, presidindo Matto-Grosso, deu Couto definitivamente o primeiro e mais consideravel passo para unir pelo interior a foz do Amazonas á do Rio da Prata.

Teve para isso de arcar com obices peiores que os dos seis annos anteriores, desajudado da imprensa nacional, que qualificava o projecto de loucura e utopia.

Basta dizer que comprou, mandou desarmar e levar por terra até o Araguaya um vapor que se achava no rio Paraguay.

O transporte effectuou-se em 16 carros que conduziam em caixas, além do vapor desmanchado, tornos, forjas, todo o material de uma officina, para armal-o, fazel-o funccionar regularmente, ferramenta adequada a reparal-o, fundir ferro e bronze das peças da machina que se deteriorassem, — objectos enviados não só de Cuyabá, como do Pará e Goyaz, de cujas administrações Couto os requisitára. Imagine-se a somma de trabalho que isto importou !

A viagem dos carros foi de 100 leguas atravez bravio sertão, desprovido de tudo. Eram elles escoltados por 20 praças, com machados e enxadas, a abrirem picadas, construirem pontilhões á medida que avançavam. Varios ficaram pelo caminho prostrados de fadiga ou victimas das sezões. Houve desintelligencias entre os chefes, malogrando-se quasi a expedição. Não cessavam os jornaes de vaticinar que os restos do infeliz vapor seriam afinal abandonados e se perderiam no deserto intransitavel.

Couto sobrepujou todas as contrariedades com serenidade e firmeza. Merecem attenta leitura, como exemplos de quanto alcança a força de vontade, os officios, contendo importantes dados historicos, geographicos e estatisticos, nos quaes elle participa ao Ministerio da Marinha e ao da Agricultura o que havia realizado. Trazem a data de 15 e 29 de Maio

de 1868, redigido este ultimo no pouso defronte da foz do rio Vermelho, e constam do relatorio da Agricultura, bem como do *Jornal do Commercio* de 14 de Agosto do mesmo anno.

Installou-se a officina em pleno sertão, armou-se o vapor, — calcule-se com que labor. Couto lá foi em pessôa inaugurar a navegação do Araguaya Nos citados officios descreve elle com eloquencia o seu enthusiasmo e satisfacção ao ver aquelle primeiro agente da industria e do commercio acordando o gigantesco rio e as magnificas regiões vizinhas do somno em que as trazia o deserto.

A 28 de Maio, depois da benção do navio, effectuou-se a inauguração solemne, em presença do Presidente de Goyaz e outros altos funccionarios. Couto mandou gravar num rochedo da grande cachoeira ahi existente e em lingua tupy, a falada pelos canoeiros, a seguinte inscripção :

« Sob os auspicios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veiu chamar á civilisação e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868. »

Percorreu o vapor 35 leguas do rio. Tencionava Couto explorar por si proprio todo o Araguaya e seus principaes affluentes. Não lh'o consentiram os trabalhos da guerra paraguaya, a que, simultaneamente com estes, se applicava. Seu principal objectivo, promovendo então a navegação do Araguaya e do Tocantins, fôra mandar vir do Pará, por via fluvial, as munições que o inimigo impedia subissem pelo rio Paraguay. Cogitou até o Governo em enviar dessa maneira monitores que, desmontados no trajecto por terra, atacassem inopinadamente as forças de Lopes pelas costas.

E' fóra de duvida que a Couto de Magalhães compete a honrosa primazia de ter iniciado a navegação a vapor no *plateau* central da America do Sul. » (*)

Numerosissimos e importantes são os affluentes do *Amazonas*.

Destacaremos entre estes : *Madeira*, com 3.240 kilometros de curso ; *Purús*, 3.000 ; *Tapajoz*, 1.992 ; *Xingú*, 1.980 ; *Juruá*, 1.980 ; *Japurá*, 1.848 ; *Negro*, 1.551 ; *Içá* 1.452 ; *Jutahy*, 1.056 ; *Teffé*, 990 ; *Javari*, 660 ; *Coari*, 594.

(*) Affonso Celso. *Revista do Archivo Publico Mineiro*. Anno III, fasciculo III.

Assim, o maior rio da Europa — o *Volga,* na Russia, é um pequeno rio comparado ao *Amazonas;* e o decantado — *Tamisa* —, que banha Londres, com um curso de 365 kilometros, ou o — *Sena,* que corta Paris, percorrendo 776 kilometros, são pequenos regatos deante dos principaes affluentes do *Rio-Mar!*

Falando destes, não podemos calar o bello espectaculo que nos proporciona a entrada do rio *Negro* no *Amazonas.*

Alguns kilometros antes da bocca do rio *Negro,* deparam-se sobre as aguas barrentas do *Amazonas* singulares manchas escuras, até que, ao avistar-se a foz do primeiro, divisa-se em toda a extensão descortinada no segundo, uma verdadeira faixa negra, assignalando precisamente a entrada do magestoso affluente.

Não conhecemos uma explicação positiva para a côr escura dessa agua, que, aliás, apanhada em pequena porção mostra-se clara, transparente.

Não é tambem escuro o leito por onde corre esse rio.

Attribuem uns a côr negra da massa da agua a « bitumes que o rio encontra nos grandes e multiplicados rochedos por onde passa em quasi todo seu curso », e outros a « arvores que elle inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças ».

Vem a proposito uma bella producção do mavioso poeta Paulino de Brito :

O RIO NEGRO

Na terra em que eu nasci deslisa um rio
ingente, caudaloso,
porém triste e sombrio ;
como noite sem astros, tenebroso ;
qual negra serpe, somnolento e frio ;
parece um mar de tinta, escuro e feio ;
nunca um raio de sol victorioso
penetrou-lhe no seio ;

no seio, em cuja profundeza enorme,
coberta de negror,
habitam monstros legendarios, dorme
toda a legião phantastica do horror!

Mas de um e de outro lado,
nas margens, como o quadro é differente!
Sob o docél daquelle céo ridente
dos climas do Equador,
ha tanta vida, tanta,
ó céos! e ha tanto amor!
Desde que no horisonte o sol é nado
até que expira o dia,
é toda a voz da natureza um brado
immenso de alegria;
e vôa aquelle grande sussurrar de festas,
vibrante de ventura,
desde o seio profundo das florestas
até ás praias que cegam de brancura!

Mas o rio lethal,
como estagnado e morto,
arrasta entre o pomposo festival
lentamente o seu manto perennal
de lucto e desconforto.
Passa—e como que a morte tem no seio!
Passa—tão triste e escuro, que dissereis,
vendo-o, que elle das lagrimas estereis
de Satanaz proveio;
ou que ficou, do primitivo dia,
quando ao—Faça-se!—a luz raiou no espaço,
esquecido, da terra no regaço,
um farrapo do cháos que se extinguia.

Para acordal-o, a onça dá rugidos,
que os bosques ouvem, de terror transidos.
Para alegral-o, o passaro levanta
voz com que a propria penha se quebranta.
Das flores o thuribulo suspenso
manda-lhe effluvios de perenne incenso.

Mas debalde rugis, brutos ferozes!
Mas debalde cantais, formosas aves!
Mas debalde incensais, mimosas flores!
Nem canticos suaves,
nem magicos olores,
nem temerosas vozes
o alegrarão jamais! Para a tristeza
atroz, profunda, immensa, que o devora,
nem todo o rir, que alegra a natureza,
nem toda a luz com que se enfeita a aurora.

O' meu rio natal!
quanto, oh! quanto eu pareço-me comtigo!
Eu, que no fundo do meu ser abrigo
uma noite escurissima e fatal,
como tu, sob um céo puro e risonho,
entre o riso, o prazer, o gozo e a calma,
passo entregue aos phantasmas do meu sonho
e ás trevas de minh'alma.

Dá-se ainda no rio *Negro* um phenomeno digno de nota, de que já fômos testemunha.

Dois ou tres dias antes do termo da enchente, cobre-se o céo de espessas nuvens, que os raios do sol não logram atravessar, gozando-se em Manáos um delicioso clima : sente-se frio, propriamente.

D'ahi a denominação de — *friagem* — que se dá ao phenomeno.

No fim do terceiro dia dissipam-se as nuvens, o sol resplandece e o rio começa immediatamente a baixar.

Dizem que se observa identico phenomeno em outros affluentes do *Amazonas*.

* * *

Além dos citados, muitos outros grandes rios cortam o territorio brazileiro.

Vejamos alguns dos de maior curso :

Paraná, 4.390 kilometros, banha os Estados de Minas

Geraes, Goyaz, S. Paulo e Paraná, separando o Brazil da Republica do Paraguay;

S. Francisco, 2.900 kilometros, nasce na serra da *Canastra,* em Minas Geraes, e separa o Estado da Bahia do de Pernambuco e o de Alagôas do de Sergipe, entrando no Oceano dez leguas abaixo da cidade de *Penêdo,* no Estado de Alagôas;

Tocantins, 2.640 kilometros, que não é propriamente affluente do *Amazonas,* communicando-se, entretanto, com este, perto da foz, pelo canal *Tagypurú,* nasce em Goyaz formado pelos rios *Maranhão* e *Piratininga,* recebendo na margem esquerda, entre outros, o *Araguaya,* e precipita-se no Oceano pelo Estado do Pará, entre a margem oriental da ilha de *Marajó* e o ponto *Tigicioca;*

Paraguay, 2.078 kilometros, nasce na serra *Parecis* no Estado de Matto Grosso;

Parnahyba, 1.766 kilometros, vem da serra *Tabatinga,* no Estado de Goyaz, separa o Estado do Maranhão do de Piauhy, lançando-se no Oceano abaixo da cidade da *Parnahyba,* no ultimo;

Uruguay, 1.650 kilometros, nasce na serra do *Mar,* no Estado do Rio Grande do Sul, e desemboca no rio *Paraná;*

Iguassú, 1.320 kilometros, affluente do rio *Paraná,* com bellas cachoeiras, entre as quaes o famoso salto das *Sete Quedas;*

Rio das Velhas, 1.135 kilometros, affluente do rio *S. Francisco;*

Jequitinhonha, 1.082 kilometros, nasce na serra *Pedra Redonda,* no Estado de Minas Geraes, e entra no Oceano abaixo de *Belmonte,* no Estado da Bahia;

Gurupi, 800 kilometros, separa o Estado do Pará do de Maranhão.

*

Não invejam nossos rios a famosa cachoeira do *Niagara,* nos Estados Unidos da America do Norte.

Apreciae, por exemplo, na imponencia da altura e na belleza grandiosa do lençol das aguas, a denominada *Visconde do Rio Branco,* no rio dos *Patos*, no Estado do Paraná.

Cachoeira Visconde do Rio Branco.

Descreve-a o Visconde de Taunay, que a visitou quando Presidente da então Provincia :

« Difficil é, por certo, encontrar-se, até mesmo no Brazil, tão prodigo de formosas e variadissimas curiosidades naturaes, cousa mais bella, mais cheia de grandeza e selvatica magnificencia. Imagine-se copiosissima e limpida massa liquida, atirando-se de golpe em precipicio de 75 a 80 metros de altura e pulando uma muralha cortada a pique, cuja linha da aresta superior, toda crivada de fundas reintrancias e grandes saliencias, imprime as mais pittorescas e encontradas direcções ás aguas, no momento em que o rio inteiro, como que preza de fatal desespero, se jorra de um impeto no abysmo.

Porisso, os enormes e espumantes caixões, ora formam larga e bellissima curva toda riscada de rugas parallelas como crespos de ondeante cabelleira, ora cahem de subito em blóco, a modo de peso inerte e que só obedece á gravidade, ou então se dividem em fios e filetes, mais ou menos encorporados, parecendo, uns, alvissimos fitões a riscarem de branco a pedra negra, outros, uma serie de aéreos flócos, que não tatingem o fundo, se desfazem em nevoeiro, se pulverisam nos ares e

desvendam nos raios do sol os graciosos e leves ancenubios do arco iris.

Além da disposição de toda a rocha talhada a prumo, que incute cunho novo e extraordinario a essa catadupa, ha para o viajante, que a contempla de cima para baixo, como nós a vimos, isto é, á bocca do precipicio, quando o rio galga o colossal obstaculo, ha uma particularidade que empresta realce particular e nunca assaz admirado ao Salto *Visconde do Rio Branco*.

E' um grande panno de muralha estratificado e saliente, que do lado de lá da curva mais opulenta em aguas se adeanta bem para fóra e serve assim de fundo ao crystallino jacto, conservando-se sempre enxuto, pois a rigorosa convexidade da quéda e sua rapidez são taes, que nenhum borrifo ou salpico delle se desprende.

E esse monolitho, terminado por uma especie de agigantada cornija, ainda mais sobresahe, porquanto a seu turno resalta de uma verdadeira cortina d'agua formada por um jorro, que se despeja do lado de traz, de maneira que aquelle colosso petreo figura de monstruosa columna, cercada por todos os lados de immensos bulcões liquidos, sem nunca ser molhada.

A admirarmos tudo aquillo e mais a esplendida vegetação das margens, as paredes cyclopeas e estratificadas de toda aquella scena, cuja nota alegre e vivida era dada pela florescencia delicada e multicolor das melastomaceas, chamadas em toda a Provincia do Paraná *alleluias*, ficamos mais de uma hora, considerando bem empregadas as canceiras a que nos haviamos sujeitado, a transitar por picadas impossiveis, a subir e a descer ingremes morros e a vencer trechos, em que os cavallos mal podiam ter-se de pé, tal a quantidade de pedras soltas e seixos ralados, tudo debaixo de continuos e violentos aguaceiros.

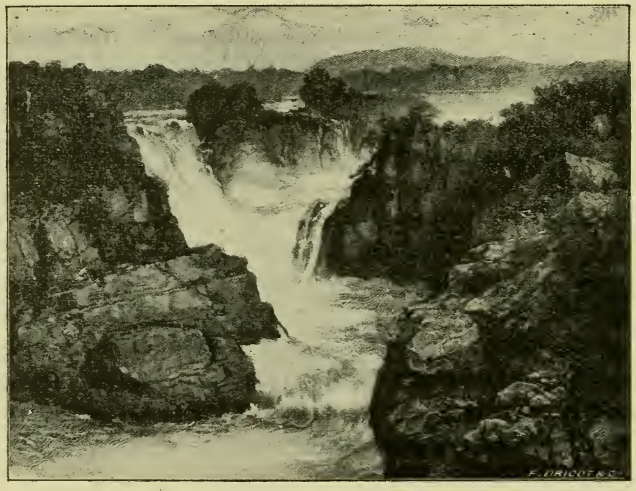
Aliás, já alguns viajantes de nota alli haviam chegado, os Snrs. Barão de Capanema, o Dr Weiss com o Principe de Hohenlohe e Barão Schoeler, o Engenheiro Oldebrech e varios outros, não muitos, pois esse salto é ainda pouco conhecido e quasi nunca visitado, tendo havido necessidade de se abrir estreita trilha para termos caminho.

Ainda ahi tivemos valente e perduravel impressão. Foi quando, voltando-me para os companheiros de excursão, exclamei com voz forte : « *Esta catadupa terá o nome de Salto Visconde do Rio Branco.* » Então, uma saudade funda e repassada de gratidão pungia o coração dos brazi-

leiros, que se achavam naquellas solidões, e todas as grandezas da natureza inconsciente, aquellas revôltas e estrondeantes aguas, aquellas immensas rochas, aquelles solemnes e alentados madeiros, tudo se abateu e ficou pequeno ante a estatura moral do estadista, cuja recordação esse glorioso nome evocava no meio de invios sertões! »

Quereis apreciar ainda outra, soberba e deslumbrante ao despenhar-se no abysmo?

Eil-a, formada pelo rio *S. Francisco*, no Estado de Alagôas, pouco abaixo da cidade de Penêdo, cahindo de 85 metros de altura.



Cachoeira de Paulo Affonso.

Lêde a bella descripção de Affonso Celso :

« Os americanos do norte têm immenso orgulho de sua cataracta do *Niagara,* que Chateaubriand qualificou uma columna d'agua do diluvio.

O Brazil possue maravilha egual, senão superior — a cachoeira de Paulo Affonso.

Encontra-se nesta tudo quanto naquella encanta, apavora e maravilha. E' a mesma enorme massa liquida, a rolar de vertiginosa altura, em fervilhante precipicio; o mesmo estrondo, repercutindo em prodigiosa distancia; a mesma trepidação dos arredores, como que a prenunciar um terremoto; o mesmo abysmo continuamente trovejante, formigando de espumas e do qual se elevam nuvens de alvos vapores, cortados de arco-iris permanentes; a mesma imagem turbilhonante de chaos; produzindo tudo a mesma impressão, a principio confusa e aterradora, depois extraordinaria, miraculosa, sublime, parecendo menos um espectaculo do que portentosa visão.

Paulo Affonso, porém, offerece mais selvagem poesia e maior variedade de aspectos do que o *Niagara*.

O rio *S. Francisco,* que a forma, desfila antes de chegar a ella, no meio de um dedalo de ilhas, ilhotas, recifes, pedras isoladas, de surprehendente effeito pittoresco.

De subito, apertada entre colossaes muralhas graniticas, divide-se a torrente, para o salto tremendo, em tres gigantescos braços — quatro no tempo da cheia, — separados por extranhos grupos de rochedos, emquanto multiplos jactos copiosos e independentes, entrechocam-se no ar, projectando, em todas as direcções, flechas irisadas, flócos argenteos, nevoeiros diamantinos, poeira humida.

Transposto o estreito canal, continua o rio seu curso, oitenta metros abaixo, no fundo da voragem, com violencia, rapidez e impetuosidade indiziveis, despenhando-se ainda em pequenas cachoeiras, fumegante, retorcendo-se em vascas desesperadas, espadanando, pulando, borbulhando, com rufos, estouros, brados surdos, formidaveis e ininterruptos mugidos.

O penhasco em que se acha o observador parece agitar-se, tremer, prestes a fugir com a correnteza. E' o verdadeiro inferno das aguas, de que fala Byron.

O *Niagara,* cujas quédas são apenas duas, longe está de ostentar as singularidades, os contrastes e profusão de quadros de *Paulo Affonso,* que dir-se-ia modificar-se e mudar de posição todos os dias. »

* * *

Não é só, porém, na cachoeira bella e imponente que a natureza brazileira se ostenta creadora caprichosa, nessa combinação soberba de aguas e rochas.

Que maravilhas se desenrolam deante de olhos observadores nas muitas grutas que o Brazil possue?

Notaremos, entre outras, a famosa gruta do *Inferno,* em Matto Grosso, e a da *Mangabeira,* no Brejo Grande, Estado da Bahia.

Como typo, porém, desses soberbos palacios subterraneos, especialisaremos aqui a *Caverna do Monjolinho,* na villa *Iporanga,* Estado de S. Paulo, da qual illustre observador assim nos fala, em interessante estudo illustrado com differentes gravuras :

« Descendo do morro do *Chumbo,* chega-se ao fertilissimo valle do ribeirão *Monjolinho.* A caverna do mesmo nome é a mais importante que nesta região pude explorar. Sua posição é na face norte dos *Agudos* e acha-se sua entrada a 30 metros acima do nivel actual do ribeirão do *Monjolinho,* bastante entulhada de ruinas do frontespicio, apresentando ainda um claro de cinco metros de largura por tres de altura.

Atravessando o muro da entrada desce-se á vasta sala luxuriosamente revestida de estalactites e estalagmites. » (*)

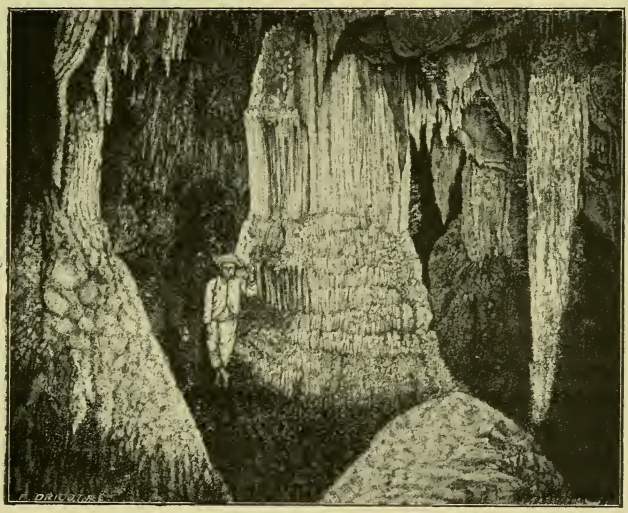
Continúa, com enthusiasmo, a descrever a vasta gruta, em um ponto da qual, « com auxilio de vinte metros de cabo, desce-se depois como sobre uma cascata congelada para o fundo de uma sala de quarenta metros de comprimento por vinte de largura ».

Alli, nesse immenso salão, ao derredor do qual « se acham algumas galerias, extraordinariamente ricas em estalactites », maravilha-se o observador, não tanto pela « forma

(*) « **Estalactite,** concreção calcarea de volume variavel, formada pela acção das aguas que, gottejando lentamente de uma cavidade natural, de uma gruta etc. formam com as materias calcareas, que trazem em dissolução, uma especie de columna ou pyramide conica invertida, que fica como suspensa do tecto. — **Estalagmite,** concreção da mesma natureza que a estalactite, com a differença de que se ergue do solo, em consequencia de ser originada pelos pingos de agua que gottejando do tecto, cáem no chão, de tal forma que a cada uma corresponde uma estalactite e algumas vezes chega a unir-se o cone da estalagmite com o da estalactite, formando uma columna pittoresca e exquisita. »

gigantesca de columnas colossaes, que produzem o bello effeito », mas, principalmente, pela « grandiosa variedade e multiplicidade de fórmas e figuras bizarras: cortinas de quasi um metro de largura e tres de altura, tendo apenas cinco a seis milimetros de espessura, guarnecem e escondem os paredões de um dos cantos da magestosa sala ».

Proseguindo, descreve as bellezas do segundo e terceiro salões de vinte metros de largura por trinta de comprimento, falando-nos em seguida de uma outra sala, ricamente ornada



Gigante da Caverna Monjolinho

de artefactos calciticos, a respeito da qual diz, illustrando a palavra com expressiva gravura :

« A diversidade de fórmas é tal, que a cada instante se acredita ver imitações de objectos usados em nossa vida

terrestre : columnas, altares, nichos com presepios, consólos, flôres, passaros, animaes, instrumentos de musica, velas etc.

No meio da sala, porém, existe o ornamento mais precioso de toda a caverna do *Monjolinho :* é uma estalactite isolada, que, vindo do alto da abobada, se uniu com a estalagmite correspondente sem ter mais adherencias. Rodeado de outras formações formosas, eguaes columnas magestosas de neve, supera todas, parecendo ser revestido de uma camada brilhante de crystaes deslumbrantes de alvura; e na occasião de illuminação fortissima para uma reproducção photographica, a sala, com esse *Gigante do Monjolinho,* nos parecia superior ao erario das narrações de *Mil e uma noites.*

Medindo, achamos o pé da columna com $8^m,5$ de circumferencia, e numa entalha de dois metros de altura mede ainda $5^m,5$ em volta.

Calculamos o peso especifico do calcito egual a 2.777, que é a media do resultado de diversas experiencias, e sendo seu conteúdo de 23,75 metros cubicos, temos um peso total para a columna de 54.000 kilos. » (*)

* * *

Dentre os rios brazileiros, muitos relembram acções heroicas de que suas margens fôram scenario.

O *Comandituba*, por exemplo, ao norte de Alagôas, perto de *Porto Calvo*, onde se desdobraram grandes scenas da guerra hollandeza, foi theatro de inexcedivel heroismo.

Alli, o bravo Camarão, á frente de seus commandados, indios como elle, fez-se verdadeiramente notavel, tendo ao lado a inseparavel e abnegada esposa, Clara Camarão, que, na phrase de um historiador, « combateu com um denodo que

(*) As grutas calcareas do Iporanga — *Ricardo Krone* — Revista do Museu Paulista — vol. III — 1898.

o seu sexo fazia incrivel, affrontando todos os perigos; carregou por muitas vezes o inimigo e penetrou nos mais cerrados batalhões. Ao passo que combatia, exhortava os soldados a cumprirem seus deveres, promettendo-lhes victoria e dando assim o exemplo a outras conterraneas, que procuraram imital-a ».

Henrique Dias.

Alli tambem, o valente Henrique Dias, o preto que tanto se nobilitou nas luctas hollandezas, ferido, mais uma vez, na mão esquerda, mandou promptamente amputal-a e voltou ao combate com o mesmo ardor, declarando que na mão direita *lhe ficavam muitas mãos para servir a Deus, ao Rei e á Patria, e que para vingança delles saberia fazer de cada dêdo uma forte mão.*

* * *

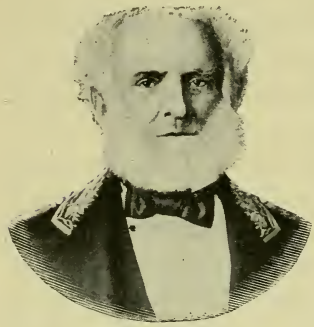
O rio *Paraguay* tambem desperta a lembrança de grandes feitos de nossa Armada na guerra contra o Governo do Paraguay, que, em sua capital — *Assumpção* — se considerava inexpugnavel, tendo por sentinellas avançadas as formidaveis fortalezas de *Curuzú, Curupaity* e *Humaytá*, a celebre *Humaytá* geralmente tão temida.

Curuzú era um forte reducto defendido por possante muralha de tres braças de altura, protegida em torno por um largo fôsso de nove palmos de profundidade e doze de largura, guarnecido com treze peças de artilharia e tres mil paraguayos.

Nossa esquadra, sob a chefia do Vice-Almirante Visconde, e mais tarde Marquez de Tamandaré, bombardeou-o efficaz-

mente em 3 de Setembro de 1866, assegurando o ataque e a tomada da fortaleza pelo segundo Corpo do Exercito.

« Terminando », escreveu o Vice-Almirante na parte official do combate, « não posso deixar de manifestar o orgulho de que me sinto possuido por ter a honra de commandar chefes, officiaes e guarnições tão bravos e decididos, quando se trata de desaffrontar a honra nacional. »



Marquez de Tamandaré.

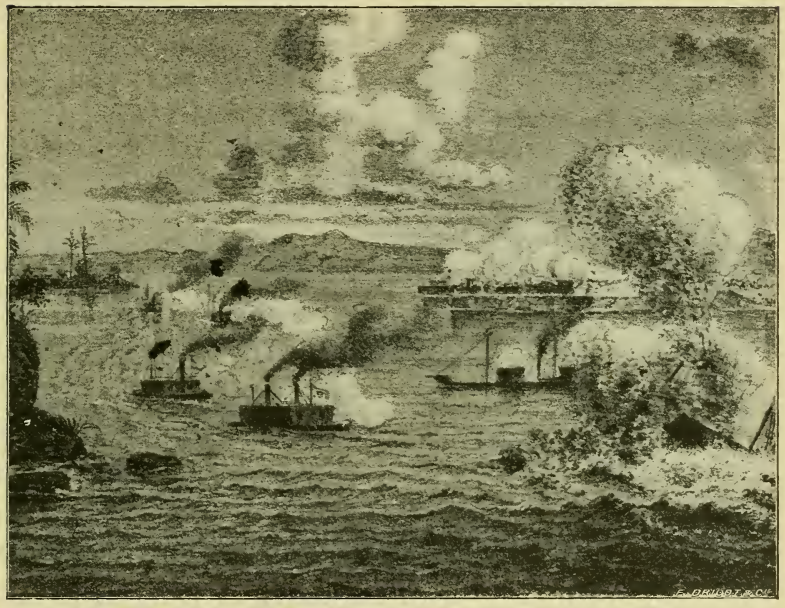
Deu-se, porém, nessa gloriosa lucta um lamentavel desastre para a Armada com o desapparecimento do encouraçado *Rio de Janeiro*, ferido de morte por dois torpêdos, como vêdes figurado na gravura.

O triste acontecimento foi assim relatado em uma correspondencia de *Buenos-Ayres*, datada de 11 de Setembro :

« Dos encouraçados o que se achou mais proximo á bateria foi o *Rio de Janeiro,* cujo Commandante, Americo Silvado, ainda uma vez devia, antes de morrer gloriosamente, comprovar sua conhecida intrepidez e sangue frio. Na bocca da casamáta do encouraçado bateram duas balas inimigas, calibre 68, acertando uma na peça, que tambem era de 68, e que ficou amolgada e fendida. Os estilhaços, penetrando na mesma casamáta, feriram gravemente o 1º Tenente Napoleão Janser Muller, mataram duas praças e feriram mais oito. Esse bravo 1º Tenente já perdeu um braço e de certo perderá tambem uma perna...

O encouraçado, conservando-se na frente da linha, tinha sido desde a vespera um dos vasos que maiores serviços havia prestado. Infelizmente, em uma das evoluções ou voltas que deu, esse encouraçado bateu em um tropêdo, que, explodindo em baixo do casco, o partiu fazendo grandes rombos. No primeiro momento mal se pôde verificar o que occorria no encouraçado, pois além do estrepito medonho, só se o via envolto em uma espessa nuvem de fumaça; logo, porém, percebeu-se que elle afundava, o que em poucos segundos teve logar.

O intrepido Commandante, máu grado ver o navio partido ao meio, conservou toda a serenidade na expedição das ordens para accudir á gente que tinha ficado incolume, desceu á camara para salvar os documentos de bordo, e não arredou de si senão quando nada mais tinha a fazer.



Bombardeio de Curuzú

Mas, já era tarde... o navio virou sobre o lado da porta em que elle se achava e submergiu-o comsigo, como si quizesse servir de tumulo a seu bravo chefe. »

Além de Americo Silvado, fôram victimas do desastre o 2º Tenente Joaquim Alves Coelho da Silva Junior, o Guarda Marinha Raymundo Antonio da Silva, o Escrivão Aristides Armenio de Azevedo e Albuquerque e 62 praças da guarnição.

Entre os salvos, achava-se o Immediato do encouraçado, 1° Tenente Custodio José de Mello.

A respeito da occupação da fortaleza pelo exercito ao mando do heroico General Manoel Marques de Souza, Barão, e mais tarde Visconde e Conde, de Porto Alegre, diz este na extensa parte official da tremenda lucta, referindo-se ao momento decisivo da acção: «... *Pequeno era o espaço que nos separava dos paraguayos : galgal-o, saltar o fôsso uns sobre os outros, escalar as trincheiras, combater peito a peito e vencer, foi obra de poucos momentos.* »

Conde de Porto Alegre.

Curupaity formava um semicirculo de quatrocentas braças, mais ou menos, cujas extremidades eram unidas por um fôsso de quinze palmos de altura e outros tantos de largura, tendo a vinte braças de distancia um paúl parallelo ao primeiro fôsso e a vinte braças desse paúl o fôsso da fortificação muito mais largo e profundo do que o primeiro, em cuja borda interna se levantava um parapeito de trinta palmos, servindo de supporte a cincoenta e seis peças de artilharia.

Essa formidavel fortaleza foi atacada, em 22 de Setembro de 1866, por acção combinada da esquadra e do exercito, sendo, porém, desastrosa a investida.

Muitas circumstancias concorreram para isso, não se podendo, entretanto, contestar que os brios e o denodo do

Exercito Brazileiro, desde o valente General até ao ultimo soldado, ficaram intactos.

Com razão assim o fez sentir o bravo Porto Alegre na *Ordem do dia* de 10 de Outubro de 1866 :

« Soldados! Reconhecer e tomar, si fosse possivel, a posição de *Curupaity* foi nosso empenho na jornada de 22 de Setembro.

Occupação de Curuzú.

O estandarte brazileiro não tremulou sobre os muros daquelle forte mas ainda assim bem merecestes da Patria, que, solicita, vos contempla.

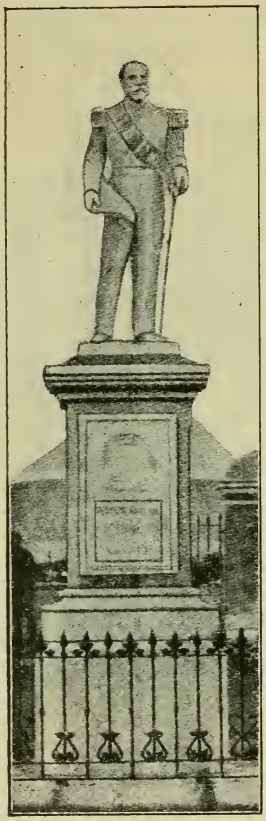
Cincoenta boccas de fogo collocadas e 13.000 homens de infantaria arremeçavam-nos abobadas de balas.

Os insuperaveis fóssos, revestidos com os accessorios que a arte ensina, davam animo aos escravisados soldados do tyranno Lopez.

Sobre essa posição, assim artilhada e defendida, investistes com denodo.

A vosso lado pelejaram os valentes argentinos : elles e vós cumpriram com admiravel intrepidez o sacrificio que a Patria exige, a honra ordena e a liberdade espera.

Muitos de nossos conterraneos encontraram morte gloriosa sobre as ultimas baterias inimigas! Honra a esses bravos, cuja memoria jamais perecerá.



Estatua do Conde de Porto Alegre na Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

O vacuo de vossas fileiras attesta com eloquencia irrespondivel quão mortifera foi a peleja, e vosso denodo conteve o inimigo em suas posições, observando admirado a mais tranquilla das retiradas

Quatro horas tinha durado o combate!

Soldados! Ainda quando o movimento do dia 22 pódesse ser considerado — um revez para as armas alliadas, — elle retemperou nossos animos sem diminuir o brilho de nossas armas.

Os bravos que tomaram parte naquelle glorioso combate pódem com arrogante altivez dizer ao mundo : — Em *Curupaity* ficou illesa a honra da bandeira brazileira. »

Na esquadra, a bordo do encouraçado *Lima Barros*, entre outros, foi ferido o Capitão de Mar e Guerra Elysiario Antonio dos Santos, que, entretanto, na phrase do Almirante Tamandaré « continuou a combater com o sangue frio imperturbavel que o caracterisa no perigo ».

Em *Curupaity*, perdeu gloriosamente a vida Francisco Camerino, poeta sergipano, de vinte e tres annos de edade, que, sem ser alistado no Exercito, seguira para o Paraguay ao lado do 8° batalhão de Voluntarios de Sergipe, sobre cujos soldados exercia verdadeira fascinação, quando com elles, marchando para renhidos combates, incitava-lhes o patriotismo recitando versos heroicos.

Já em *Curuzú*, dizia desse denodado joven, em parte official de 14 de Setembro de 1866, o Visconde de Porto Alegre :

« *Torna-se digno de menção o voluntario Francisco Camerino, porque guiado unicamente por seus sentimentos patrioticos, combateu heroicamente nas fileiras do batalhão 8º de Voluntarios da Patria. Não é alistado, nem recebe dos cofres publicos remuneração alguma.* »

Francisco Camerino.

Sobre a morte de Camerino, victimado com mais dezoito companheiros pela explosão de uma granada, ao transpôr, num impeto de audacia, o primeiro entrincheiramento, lemos em uma auctorizada descripção do assalto de *Curupaity* :

« A honra da bandeira brazileira ficou illesa, como bem disse o General. Com effeito, actos de valor, de abnegação, de temeridade e heroica coragem fôram praticados por nossos officiaes e soldados e seria longo enumeral-os.

Camerino, *Voluntario da Patria,* sergipano, poeta, no começo da acção é gravemente ferido; conduzem-no para o hospital de sangue e ahi os cirurgiões reconhecem a necessidade de amputar-lhe os dois braços.

Principiam a operação : Camerino, pela perda de sangue, está pallido, mas risonho; não quiz chloroformio.

A operação caminha e tambem a morte : Camerino sorri sempre, recitando poesias, mas sua pallidez cresce.

De repente, fita os olhos sobre os montes de pernas e braços humanos que estão por alli espalhados; depois, olha para o céo com a expressão das estatuas tumulares : está em um extasis... mas extasis da morte.

Seus labios abrem-se e o heróe, concentrando nelles os ultimos alentos da vida, recita a seguinte estrophe do poema *D Jayme* :

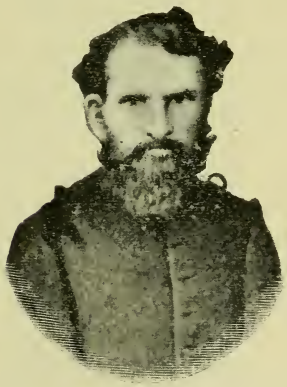
. . . . . .

Até porque, meu D. Jayme,
A guerra amortalha as dôres
De inexequiveis amores;
E ou morre o homem na lida,
Feliz, coberto de gloria;
Ou surge o homem com vida
Mostrando em cada ferida,
O hymno de uma Victoria!

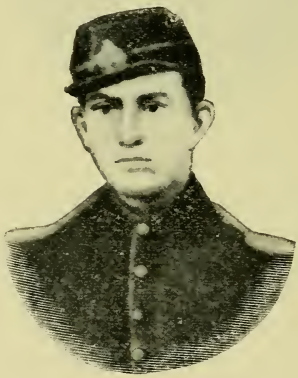
. . . . . .

E Camerino expira. » (*)

Entre muitos outros, succumbiram tambem em *Curupaity*, luctando heroicamente, os irmãos Hyppolito e Affonso da Fonseca, este Alferes porta-bandeira do 34°, aquelle Major commandante do 36° de *Voluntarios da Patria*.



Hyppolito da Fonseca.



Affonso da Fonseca.

Hyppolito, transpondo uma trincheira inimiga, cáe mortalmente ferido; Affonso é attingido por uma granada que lhe arrebenta aos pés, despedaçando-lhe o braço direito e as duas pernas, crivando-o ainda de feridas.

(*) Coronel José Bernardino Bormann — *Historia da Guerra do Paraguay* —. Vimos ainda esse acontecimento seguramente attestado por J. Arthur Montenegro — *Fragmentos historicos* — Almanak Popular Brazileiro — 1901.

Conduzido ao hospital de sangue, ao serem feitas as tres amputações, morre erguendo *vivas* ao Brazil.

Visconde de Inhaúma.

A formidavel fortaleza de *Curupaity* foi, entretanto, brilhantemente transposta por nossa esquadra em 15 de Agosto de 1867, após differentes bombardeios e reconhecimentos pelas forças do 2º Corpo do Exercito acampadas em *Curuzú*.

A esse tempo já se achava a esquadra sob o mando do bravo Almirante Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhaúma.

Em um dos bombardeios, em 2 de Fevereiro de 1867, o mais fructuoso, aliás, tivemos a lamentar a perda do Capitão Tenente Manoel Antonio Vital de Oliveira, Commandante do vapor *Silvado*, official valente e illustrado, que no posto de honra, incentivando os commandados pelo exemplo de bravura, cahiu no tombadilho varado por bala inimiga.

Vital de Oliveira.

O commando desse navio, que evocava a memoria de — Americo Silvado — morto, como já vos dissemos, a bordo do encouraçado *Rio de Janeiro*, que lhe foi glorioso tumulo em *Curuzú*, não podia deixar de ser confiado a outros bravos.

Provou-o, mais uma vez, o novo Commandante, Capitão-Tenente Justino José de Macedo Coimbra, a quem a *Ordem do dia* sobre a passagem de *Curupaity*, « *sob um diluvio de balas* », na phrase do Visconde de Inhaúma, assim se refere :

« O Snr. Capitão Tenente Macêdo Coimbra, Commandante do *Silvado,* tomou o reboque, debaixo do mais vivo canhoneio, debaixo mesmo das baterias inimigas, do *Tamanduré*, que, tendo uma das peças essenciaes da machina partida, estava em circumstancias de não poder navegar. Este bello serviço militar e humanitario honra sobremaneira o digno Capitão-Tenente Coimbra, que o praticou, e por elle lhe dou os meus parabens e rendo os devidos elogios e agradecimentos. »

E' notavel a coincidencia que se deu a bordo do *Tamandaré*, ao qual ficou ligado o heroico feito do Commandante Coimbra

Em *Itapirú*, no dia 27 de Março de 1866, uma bala penetrando na casamáta do referido navio, entre outros lamentaveis estragos produzidos, feriu de morte o bravo Commandante, 1° Tenente Antonio Carlos Mariz e Barros; em *Curupaity*, outra bala ricocheteando na mesma casamáta, arrancou um dos braços ao brioso Commandante Elysiario Barbosa, que substituira áquelle.

Mariz e Barros.

E essa referencia nos leva a falar tambem da morte estoica de Mariz e Barros e outros companheiros de infortunio, por occasião do ataque aos nossos navios, em differentes dias, pelas terriveis *chatas* do Dictador do Paraguay, no rio *Paraná*.

Transportado para o hospital de sangue, resolveram os

medicos, embora sem grande probabilidade de exito, fazer-lhe a amputação da perna acima do joelho. Mariz e Barros, sempre calmo e risonho, não consentiu que lhe déssem o chloroformio, dizendo que isso seria bom para as mulheres, e accrescentou : « *Dêm-me um charuto acceso, e cortem* »; — e fumando tranquillamente, presenciou toda a operação sem dar um só gemido.

Mais tarde, sentindo que a morte se approximava, despediu-se calmamente dos amigos, fez differentes recommendações e exhalou o ultimo alento, depois de proferir estas palavras : « *Mandem dizer a meu pae que eu sempre soube respeitar seu nome.* »

. . . . . .

Vêde, entretanto, os caprichos da sorte : Mariz e Barros, dentro da casamáta de um encouraçado, ferido inesperadamente; ao passo que, ao mesmo tempo, o 1° Tenente Jeronymo Gonçalves, Commandante do vapor *Henrique Martins,* fazendo terrivel caça ás *chatas* paraguayas, « de pé, no passadiço de seu vapor e com a busina na mão, duas horas esteve sob uma chuva de balas e não teve uma só contusão »!

*

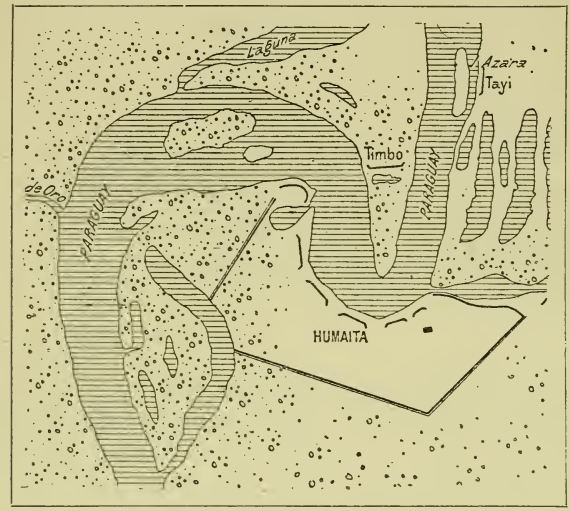
Falemos, finalmente, da celebre *Humaytá*, poderosissima fortaleza, considerada a chave do rio *Paraguay.*

Nella depositava o Dictador Lopez inteira confiança, não só pela excellente posição estrategica em que se achava, como pelo possante armamento que alli concentrára, mais de trezentas peças de artilharia.

Demais, sete grossas correntes, partindo da fortaleza para a margem opposta, interceptavam a passagem, estando além disso o rio semeado de torpêdos.

Pois bem : em 19 de Fevereiro de 1868, a terceira divisão da Esquadra brazileira, sob o commando do Capitão de Mar e

Guerra Delphim Carlos de Carvalho, que pelo notavel feito recebeu o expressivo titulo de Barão da Passagem, transpoz o temeroso passo, pela madrugada, protegida pelos fogos do grosso da Esquadra, collocada em posição conveniente e sob a direcção do Visconde de Inhaúma.



Posição da fortaleza de Humaytá.

Não deveis ignorar, meus caros concidadãos, alguns pormenores desse glorioso feito que, podemos dizer com orgulho, repercutiu no mundo civilisado, como um assombroso attestado de audacia.

Eis a parte final da communicação dirigida por Delphim de Carvalho ao Visconde de Inhaúma :

« ... A ordem de marcha era a seguinte : o *Barroso* com o monitor *Rio Grande* na testa da linha, o *Bahia* com o *Alagôas* no centro, e o *Tamandaré* com o *Pará*, na rectaguarda.

A divisão achava-se fundeada no porto Elisiario.

A' meia noite suspendeu e seguiu a passar Humaytá, o que se devia effectuar pouco depois das 2 horas e antes de nascer a lua, mas o mau governo deste não permittiu chegar a Humaytá senão ás 3 1/2 horas.

A's 3 horas e 35 minutos já todas as baterias inimigas convergiam os seus fogos sobre o *Barroso* e o *Rio Grande* Parecia que aquelles navios iam ser esmagados pelos projectis.

A's 3 horas e 50 minutos o *Barroso* lançava ao ar um foguete, signal de que tinha transposto livremente as correntes. Já o *Bahia* e o *Tamandaré* estavam debaixo do fogo das baterias; o *Bahia*, porém, governava

Passagem de Humaytá.

tão mal com o seu leme de combate e o reboque do *Alagôas*, que só a decisão firme em que estavamos fazia-me avançar.

Conseguimos afinal transpôr as correntes e nesse momento, debaixo do troar dos canhões inimigos e quando se elevavam vivas estrepitosos em todos os navios, uma contrariedade terrivel veiu juntar-se á crise em que nos achavamos; os cabos de reboque do *Alagôas* acabavam de ser cortados pelas balas inimigas, e este monitor desgovernado ia pela agua abaixo sendo impossivel buscal-o.

Conscio, porém, de que o seu bravo Commandante poderia com a sua

machina orientar-se de modo a encorporar-se á esquadra de protecção, caso não podesse mais alcançar-me, segui ávante sem elle.

Poucos minutos depois o *Tamandaré*, vencendo egualmente todos os obstaculos, lançava o terceiro foguete.

A's 4 horas e 50 minutos a divisão avançada, excepto o *Alagôas* achava-se acima de Humaytá e fóra do alcance de seus canhões.

O *Alagôas,* porém, investia de novo o passo, e ainda tendo soffrido um desarranjo na machina retrocedeu segunda vez, para de novo investir a soberba fortificação, como fez com heroismo.

Ordenei ao *Barroso* que continuasse a seguir a toda a força aguas acima, e fosse destruindo o que encontrasse do inimigo, e me conservei com pouca marcha, esperando a todo o momento o *Alagôas,* sobre o qual sentia fazer o inimigo fogo.

A's 6 horas já o *Barroso* forçava a bateria do Timbó, assestada á margem do rio do lado do Chaco. A's 7 1/2 horas cheguei a esta bateria onde contei 12 bocas de fogo de grosso calibre e onde alguns navios soffreram ainda mais que em Humaytá; forcei-a, e pouco acima della percebi que o *Alagôas* a vinha transpondo. Voltei aguas abaixo afim de protegel-o, mas já o encontrei livre de perigo e da abordagem que o inimigo teve a louca pretenção de dar-lhe com algumas canôas.

Ao meio-dia achava-se toda a divisão que me foi confiada fundeada no porto do Tagy, onde o 1.º Corpo do Exercito Imperial. sob o commando do Exm. Sr. Marechal de Campo Victorino, recebeu-a com as mais enthusiasticas ovações!

Estava, pois, realisado o sublime plano concebido por V. Ex.; mas tres navios achavam-se inutilisados : o *Tamandaré,* o *Pará* e o *Alagôas*, os quaes mandei encalhar immediatamente afim de não sossobrarem.

Os Commandantes que tenho a fortuna de ter sob minhas ordens excederam a todo o elogio que podesse fazer-lhes. Mencionando aqui os seus nomes, recommendo a V. Ex., e apresento ao paiz seis bravos dignos de toda a consideração do Governo Imperial e da Patria. São elles os Srs. Capitão de Fragata Guilherme José Pereira dos Santos, Commandante do *Bahia,* Capitães-Tenentes, Augusto Cesar Pires de Miranda, Commandante do *Tamandaré,* Arthur Silveira da Motta, Commandante do *Barroso.* 1.os Tenentes Custodio José de Mello, Commandante do *Pará,* Antonio Joaquim, Commandante do *Rio Grande*, e Joaquim Antonio Cordovil Maurity, Commandante do *Alagôas;* este ultimo official ante os desastres

que lhe sobrevieram, distinguiu-se por uma inexcedivel audacia e sangue frio.

Mas o numero dos bravos não se limita ao numero dos Commandantes, extende-se tambem a todos os officiaes e praças que tiveram a fortuna de tomar parte em tão gloriosa jornada A todos, pois, considero mais que dignos de elogios e louvores que mereceram dos seus respectivos Commandantes nas partes especiaes juntas, que tenho a honra de transmittir a V. Ex. em original.

Não deixarei de pedir a attenção de V. Ex. sobre as palavras do Commandante do *Barroso* a respeito do pratico que dirigiu seu navio, o 1.º Tenente Fernando Etchbarne. Este official, que V. Ex. bem conhece, é com effeito digno da gratidão do paiz e do Governo Imperial, pela sua bravura e pela dedicação com que serve ha longos annos á nossa marinha. »

Como si não bastasse a ousadia da passagem para nobilitar a brazileira entre as esquadras do mundo, o incidente do vapor *Alagôas* veiu tornal-a ainda mais gloriosa.

A respeito, escreveu ao Governo o Visconde de Inhaúma :

Cordovil Maurity.

« O regozijo era indescriptivel entre as nossas guarnições, quando avistámos vindo aguas abaixo o monitor *Alagôas*, o qual, fazendo a volta á retaguarda da linha, approximou-se ao navio almirante como para receber suas ordens. Ordenei ao Commandante Maurity que désse fundo em logar conveniente, e tomasse parte no combate. Ouvisse ou não a minha ordem, o *Alagôas* subiu rio acima e impavido se encaminhava de novo a transpôr o passo inimigo.

Admirei tanta coragem, tanto brio, tanto heroismo, emfim.

Não quiz privar a Marinha da gloria que sobre ella revertia por tão brilhante acção; não quiz cortar os vôos desse magnifico joven, que em tão sublime occasião escrevia uma pagina de ouro para a historia patria. O que me contristava era ver que corria

elle á morte de um heróe, mas o céo protege actos generosos e tal era o de Maurity. Foi feliz. Se me fosse permittido lançar-lhe aos hombros naquelle momento as dragonas de official superior, eu o teria feito com o mais indizivel prazer.

O dia estava a clarear; o fogo de Humaytá recrudescia; o lado do Chaco era uma chamma immensa, ateada em grandes fogueiras com o fim de indicarem a posição dos nossos navios, mas o *Alagôas* estava ainda exposto á furia de nossos inimigos!

Pelas 5 horas, pouco mais ou menos, vimos o foguete que annunciava emfim a passagem do bravo lidador para dentro das correntes de Humaytá. Era então completa nossa victoria.

Um outro acto de heroismo estava ainda reservado ao *Alagôas*. Antes de chegar a Laurelles, quarenta chalanas guarnecidas por paraguayás (nação indigena alliada do Paraguay) pretenderam abordal-o. De tal fórma, porém, manobrou Maurity que metteu umas a pique e afugentou o resto, perecendo nesta occasião segundo bons calculos mais de cem dos nossos inimigos. »

E para que seja completa a noticia sobre tão assignalado feito naval, aqui vos damos, egualmente, a parte official do Commandante Maurity ao chefe da divisão victoriosa, no ponto em que se refere á denodada guarnição do *Alagôas*:

Miguel Lisbôa.

« O comportamento desta guarnição foi digno da causa que defende. O meu bravo e intelligente immediato, o 2.º Tenente Miguel Ribeiro Lisboa (*), portou-se com aquella dignidade e calma de que mais de uma vez tem dado provas nesta guerra; durante as passagens de Humaytá, Timbó e Laurelles conservou-se na torre dirigindo

(*) Não nos foi possivel conseguir um retrato de Miguel Lisbôa, daquella epocha. O que ahi vae representa o valente official aos 56 annos de edade, já reformado, e occupando actualmente, com muita distincção, o cargo de Director da Secção de Obras do Municipio de Belém.

a artilharia com vantagem e acerto; por occasião da abordagem, saltou no convez com uma espingarda-revolver, dirigiu a defesa e matou a dous inimigos; foi levemente ferido nas costas.

O mestre Manoel Joaquim de Sant'Anna, homem velho, cançado e cheio de molestias, portou-se com bravura, sangue frio, e desenvolveu muita actividade em todos os combates.

O guardião Martinho de Mendonça, que se achava preso para responder a conselho de guerra, foi solto na vespera do ataque, e durante elle tornou-se denodado; depois de ferido, saltou no convez para defender a abordagem com uma espingarda, pelo que o julgo merecedor de perdão.

O 1.º machinista João Fernandes Gonçalves foi incançavel, e viu-se só, por ter sido ferido logo no principio da acção o 2.º machinista; trabalhou 12 horas consecutivas debaixo da temperatura de 52º centigrados, reparando prompta e dedicadamente a avaria da machina em uma das circumstancias mais criticas em que me vi, com toda a calma e distincção.

O 2.º machinista Manoel Ferraz foi gravemente ferido por um estilhaço de bala, no começo do combate, e até ahi conduziu-se com distincção.

Todos os imperiaes marinheiros destacados a bordo são dignos de louvor e tornam-se salientes os seguintes : o cabo André Candido, chefe de peça, que com um só tiro de metralha metteu duas chalanas a pique; imperial marinheiro de 1.ª classe Luiz José de Moraes, que muito ajudou-me no governo do navio, e armado de espingarda fez fogo mortifero sobre as chalanas, sendo o primeiro a saltar no convez; o imperial marinheiro Claudino Apolinario, que foi ferido por uma bala de fuzil na abordagem.

A valentia, denodo e boas indicações do pratico Santiago Orseira são dignos da attenção do Governo Imperial; seu logar foi quasi sempre o convez pela impossibilidade de se dirigir o navio pelas seteiras da casamáta de governo, que estavam tapadas por estilhaços de pau e ferro; foi levemente ferido na cabeça e nas costas.

As circumstancias criticas em que me achei, o mau governo do monitor, causado pela irregularidade de trabalho das machinas, pela noite a principio, pelos redomoinhos, pelas difficuldades e ardis que o inimigo oppunha e pelo choque das balas, obrigaram-me nas occasiões

de mais apuro a estabelecer o meu posto no convez junto á escotilha da coberta; foi assim que um estilhaço de madeira grande, mas já sem força, atravessou-se-me pelas duas pernas e atirou-me á coberta por cima do pratico, que estava a meu lado.

Junto faço chegar ás mãos de V. S. a relação dos feridos. O material soffreu extraordinariamente : mais de 200 balas chocaram o navio em todos os sentidos e deixaram móssas patentes na couraça acima e abaixo do lume d'agua e no madeiramento. Quasi todas as depressões da torre, nas faces plana e na curva de menor espessura, são de 2, 2 1/2 e 3 pollegadas, nesta ultima uma bala perfurou a chapa proximo á aresta superior e carregou com toda a tabica que a cobria.

O navio faz 1 1/2 a 2 pollegadas d'agua por hora, e precisa de serios e promptos reparos, porém si as circumstancias da guerra exigirem, póde entrar em fogo no estado em que se acha. »

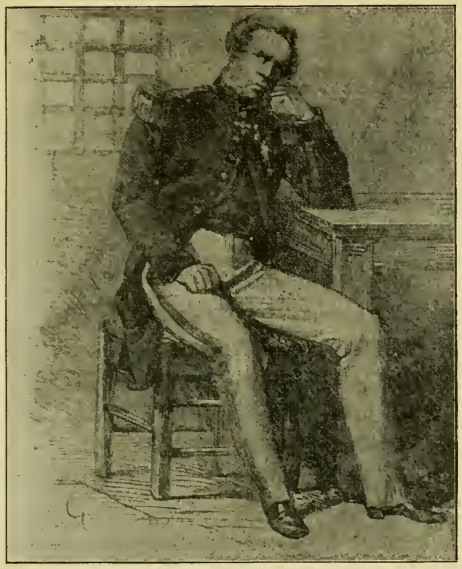
*

Já agora, meus caros concidadãos, não devemos deixar de vos dar aqui uma rapida noticia de como foi o Brazil arrastado a essa tremenda guerra, que nos custou 600 mil contos de reis e a perda de oitenta mil brazileiros, referindo-vos tambem alguns feitos notaveis de nosso Exercito.

Solano Lopez.

Acalentava o Dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopez, um vasto plano ambicioso, preparando-se pouco a pouco para impôr seu predominio na America do Sul. Quando se julgou prompto para a lucta, aproveitou alguns incidentes da politica brazileira no rio da Prata, e, sem previa declaração de guerra, aprisionou, em Novembro de 1864, em Assumpção, capital do Paraguay, o vapor brazileiro *Marquez de Olinda* e os respectivos passageiros, entre os

quaes o Coronel Frederico Carneiro de Campos, que se dirigia á Provincia brazileira de Matto-Grosso, no caracter de Presidente da mesma, e que não mais logrou voltar á Patria, fallecendo no Paraguay, após penosas privações. Só no dia 14 de Dezembro levou o Dictador ao conhecimento de nosso Ministro, em Assumpção, Vianna de Lima, a declaração de guerra, invadindo, porém, logo no dia seguinte, a Provincia de Matto-Grosso, com mais de 4.000 homens, commandados pelos Coroneis Barrios e Rasquin, este por terra, e aquelle rio acima; sendo, egualmente, o Rio Grande do Sul invadido, em Junho de 1865, por 9.000 homens ao mando de Estigarribia.



Carneiro de Campos, prisioneiro de Lopez.

A primeira invasão representa um transe crudelissimo para nossa amada Patria.

Desprevenido para a resistencia immediata, Matto-Grosso não pôde arcar efficazmente com a horda invasora, que se apoderou do forte de Coimbra, em 29 de Dezembro de 1864.

É digno de referencia o heroismo dos poucos brazileiros que guarneciam aquella fortificação.

Intimado no dia 27 a entregar a fortaleza dentro de uma

hora, responde incontinente o valoroso Tenente Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrêro :

« O Tenente Coronel commandante deste districto militar, abaixo assignado, respondendo á nota enviada pelo Snr. Coronel Vicente Barrios, commandante da divisão de operações do Alto-Paraguay, recebida ás 8 1/2 da manhã, na qual lhe declara que em virtude de ordens expressas de seu governo, vem occupar esta fortaleza, e que querendo dar uma prova de moderação e humanidade, o intima para que se entregue dentro do prazo de uma hora, e que, caso o não faça, passará a tomal-a á viva força, ficando sua guarnição sujeita ás leis do caso, tem a honra de declarar, que, segundo os regulamentos e ordens que regem o Exercito Brazileiro, a não ser por ordem da auctoridade superior, a quem transmitte neste momento copia da nota a que responde, só pela sorte e honra das armas a entregará ; assegurando a S. S que os mesmos sentimentos de moderação, que S. S. nutre, tambem nutre o abaixo assignado.

Pelo que o mesmo commandante, abaixo assignado, ficará aguardando as deliberações de S. S., a quem Deus guarde. »

Era, porém, impossivel, a resistencia de 155 homens, com cinco boccas de fogo apenas, sem petrechos de guerra sufficientes para o caso, deante de uma esquadrilha de oito navios com 36 canhões!

Apenas recebida a altiva resposta do Commandante da fortaleza, foi a mesma atacada pela artilharia e 3.000 homens das forças inimigas.

Mas, que grandioso espectaculo! Que lucta de gigantes travaram então nossos heroicos patricios, sustentando vivo fogo e mantendo suas posições durante 48 horas!

Comprehendendo, emfim, Porto Carrêro a inutilidade da resistencia, exgottadas as munições, e tendo levantado já bem alto o heroismo do soldado brazileiro, aproveitou a noite de 28, e, por uma sortida estrategica, conseguiu embarcar com os poucos companheiros em um pequeno vapor e escapar á sanha dos invasores, que, no dia seguinte, investindo o forte, o occuparam

Seguindo adeante a expedição paraguaya, apodera-se ainda de Miranda, Corumbá e Albuquerque, como uma verdadeira turba de barbaros, saqueando e devastando!

Organizada então a resistencia, partem de Coxim 2.500 homens, sob as ordens do Coronel Galvão, substituido mais tarde pelo Coronel Carlos Camisão, conseguindo avançar até *Laguna*, de onde, em 8 de Maio de 1866, por innumeras difficuldades invenciveis, resolveram retroceder.

« Essa retirada », diz um historiador, « feita por uma região devastada, sob o fogo incessante do inimigo, que voltava ao encalço dos expedicionarios, e sob o latego cruel do *cholera-morbus*, é um dos episodios mais dolorosos da guerra com o Paraguay ».

O Visconde de Taunay, de quem já vos fizemos referencia, distincto engenheiro militar, descreve, como testemunha de vista, em um commovente livro, denominado — *A retirada da Laguna* —, esse dolorosissimo, mas heroico, episodio de nossas armas.

Só mais tarde foi Matto-Grosso libertado da vandalica invasão por esforços inesqueciveis de Couto de Magalhães, Presidente nomeado para aquella Provincia, de cujo valor e energia tudo confiára o Governo.

A invasão do Rio Grande do Sul, como já dissemos, em Junho de 1865, terminou em 18 de Setembro de 1866, com a rendição de *Uruguayana* ás forças brazileiras, entregando-se prisioneira a expedição paraguaya que alli se encontrava.

Não tendo Lopez conseguido a acquiescencia do Governo da Republica Argentina, para atravessar o territorio respectivo com o fim de atacar o Rio Gande do Sul, invadiu-a por sua vez pelo lado de *Corrientes*.

A esse tempo, já contava o Brazil com a amizade do novo Governo do Uruguay, após as peripecias alli havidas e que determinaram, em 20 de Fevereiro de 1865, sob a acção diplo

matica do Visconde do Rio Branco, a rendição de Montevidéo bloqueada pela esquadra brazileira.

Honorio Hermeto Carneiro Leão.

O acontecimento de *Corrientes*, ligára egualmente aos interesses do Brazil contra o Dictador do Paraguay os do Governo Argentino.

Não cabe aqui, meus caros concidadãos, estudar os longos precedentes, que, indirectamente, deram pretexto á guerra, e que já vinham desde 1851 com a campanha contra Rosas, Dictador de *Buenos-Ayres*, tempo em que fôram relevantes os serviços diplomaticos prestados no *Rio da Prata* por Honorio Hermeto Carneiro Leão, Visconde e depois Marquez do Paraná.

Estabelecido o accôrdo entre o Brazil e as duas Republicas contra o Governo do Paraguay, que conseguira levantar um exercito de 80.000 homens, verdadeiramente fanaticos e escravisados á dura tyrannia de Lopez, firmou o Conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Roza, em 1º de Maio de 1865, em *Buenos-Ayres*, como representante do Brazil, o chamado tratado da — *Triplice Alliança* —. Muito discutido foi esse tratado, applaudido por uns e censurado por outros, principalmente porque o mando supremo das forças de terra, alliadas, no territorio paraguayo fôra confiado

Francisco Octaviano de Almeida Roza.

ao General Bartholomeu Mitre, Presidente da Republica Argentina. (*).

Não é, entretanto, a qualidade de brazileiro que nos leva a dizer que o maior peso da guerra, os principaes feitos d'armas e a direcção mais acertada dos planos de campanha couberam incontestavelmente ao Brazil e a seus gloriosos Generaes : é a consciencia da historia que o affirma.

E para não deixar esta asserção sem o apoio de um juizo insuspeito, transplantaremos para aqui palavras do valente General Flores, por exemplo, chefe das forças do Uruguay, ao nosso brioso General Polydoro Jordão :

« *Eu não me considero aqui senão como um soldado voluntario, um patriota oriental, amigo do Brazil; nem eu, nem Mitre somos verdadeiramente Generaes em chefe : General é o senhor que tem exercito.* » (**)

Ainda mais : já vos tendo feito ler palavras do General oriental, vêde agora uma expressiva consideração do General em Chefe argentino, Mitre, em *Ordem do dia* a proposito do mais memoravel encontro no Paraguay, o de Tuyuty, em 24 de Maio de 1866, considerado ainda hoje a maior batalha campal travada na America do Sul e ganha brilhantemente pelas forças alliadas : — « *Todos sem excepção alguma — Brazileiros, Argentinos e Orientaes, cumpriram dignamente seu dever, desde o primeiro General até ao ultimo soldado, cabendo o maior esforço ao Exercito brazileiro.* »

. . . . . .

Não comporta o plano deste livro, certamente, uma expo-

(*) Motivos pró e contra podem ser bem apreciados, por exemplo, nas obras *Marinha de outr'ora*, do Sr. Visconde de Ouro Preto, e *Historia da Guerra do Paraguay*, do Coronel José Bernardino Bormann, respectivamente.

(**) Referencia feita pelo Coronel José Bernardino Bormann no vol. 1º pag. 229 de sua obra — *Historia da Guerra do Paraguay* — transportando-se á obra de Schneider, annotada, pag. 114.

sição detalhada sobre todo o movimento do Exercito brazileiro nessa tremenda guerra de cinco annos. Referir-nos-emos apenas ao periodo que é geralmente considerado mais decisivo para o termo da campanha : — o Commando em Chefe do General Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.

Duque de Caxias.

« Arrastava-se a campanha, » diz com razão um illustre escriptor, « e immensos obstaculos se oppunham á marcha dos alliados, que acabavam de esbarrar de encontro aos abatizes e ás trincheiras de *Curupaity*. Caxias, chamado ao Commando Geral do Exercito brazileiro, só ouviu a voz do patriotismo, e partiu. General organizador e tactico, deu nova feição á campanha, cautelosamente preparou os elementos de ataque, e, quando os teve reunidos, fez a famosa marcha de flanco, planeou a passagem pelo *Chaco*, obrigou *Humaytá* a render-se, e foi dar em *Itororó*, *Villeta* e *Lomas Vallentinas*, o golpe de morte nas forças regulares de Solano Lopez. As grandes batalhas de Dezembro de 1868 cobriram-no de gloria immorredoira. » (*)

Effectivamente, pondo em acção seu grandioso plano, Caxias atravessa com o Exercito o *Grão Chaco*, terreno pantanoso, por uma admiravel estrada construida sob as

(*) B. F. Ramiz Galvão. — *Galeria de Historia Brazileira.*

istas energicas do denodado General Argollo Ferrão, Visconde de Itaparica, heróe de memoraveis feitos durante toda a campanha.

Transposto o obstaculo com verdadeiro pasmo do Dictador do Paraguay, que o considerava intransitavel pelas seguranças que a respeito lhe deram seus engenheiros militares, foi Caxias recebido pela Esquadra, que o conduziu onde o destino e seu genio militar o chamavam.

General Argollo.

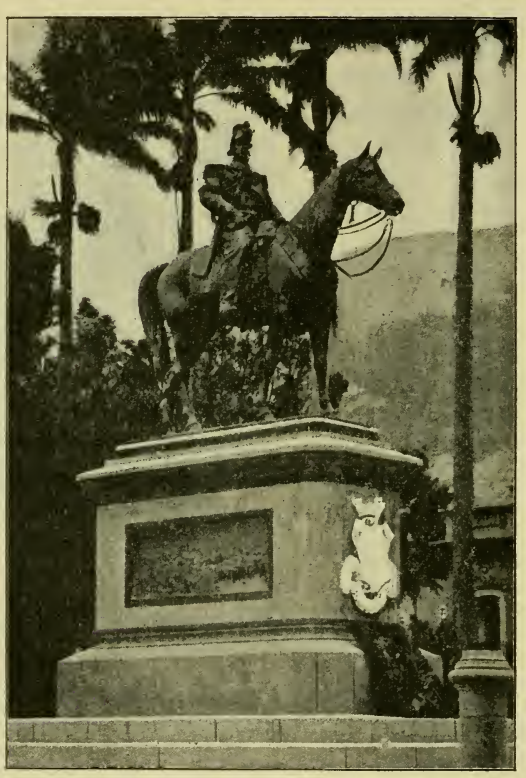
Então, em triumphos consecutivos, no celebrado mez de Dezembro de 1868, de victoria em victoria — *Itororó*, em 6, *Avahy*, em 11, *Lomas Vallentinas*, em 21, *Angustura*, em 30, entrou em *Assumpção*, capital do Paraguay, no dia 5 de Janeiro de 1869.

Em *Itororó*, na passagem pela tremenda ponte onde o Exercito deixou milhares de soldados, Caxias pelejou a peito descoberto, incitando com o exemplo seus bravos commandados; e, o valente Coronel Fernando Machado, ao investil-a com verdadeiro heroismo, cahiu morto gloriosamente no meio de seus soldados.

Feridos fôram, entre outros, os bravos Coroneis Hermes e Deodoro da Fonseca, irmãos do Capitão Hyppolito e do Alferes Affonso, victimados em *Curupaity*, como já vos dissemos.

Mais um membro dessa familia de heróes desappareceu em *Itororó*, — o Major Eduardo Emiliano da Fonseca.

E vem a proposito, em ligeira diggressão, referir aqui uma bella pagina de amor fraternal : seu irmão e tambem



Estatua do Duque de Caxias. — Rio de Janeiro.

companheiro de campanha Dr João Severiano visitou-lhe a sepultura em Fevereiro de 1869, e, plantando algumas flôres, alli deixou dependurada na modesta cruz uma extensa e tocante poesia, que assim conclue :

Sim, dorme, dorme em paz na nobre campa.
Mais feliz do que Hyppolito, não foste
Por selvagem inimigo trucidado
No proprio campo onde arrojou-te o brio
E o heroismo extremo;
Mais feliz do que Affonso — o pobre martyr,
Que envolto no pendão sempre adorado,
Os membros teve rôtos á metralha,
E por sepulchro — a valla, em chão ignoto.
— Tu tens, Eduardo, tumba assignalada,
Sabem os teus a campa onde descançam
E onde, um dia, buscarão rev'rentes,
Teus restos venerados.
Dorme em paz á sombra do cruzeiro,
Da dupla cruz que á cabeceira ergui-te.
Si o céo propicio fôr á mão que os planta,
Hão de brotar jasmins no teu sepulchro,
E rosas nos dos outros.
Dorme, dorme em paz! A pouca terra
Em que descanças — que te cobre o corpo,
Compraste-a com teu sangue...
E' tua, dorme.

. . . . . .

Emiliano da Fonseca.

Em *Itororó* foi tambem gravemente ferido o valente General Hilario Maximiniano Antunes Gurjão, que veiu a fallecer, e de quem a historia guarda memoraveis palavras proferidas no momento decisivo da acção.

Conquistada a ponte em tres refrégas, que a deixaram alastrada de corpos brazileiros, e por outras tantas retomada pelos paraguayos em posições superiores, havia empenho urgente em reconquistal-a definitivamente : as necessidades da guerra exigiam, e os brios do Exercito o reclamavam.

Caxias dava os maiores exemplos de heroismo, e os Generaes á porfia incentivavam seus soldados, que pareciam esmorecer, cançados.

Fazia-se mister um acto de abnegação. Gurjão recebeu ordem de investir com seus soldados: convicto da morte, fronte erguida, espada em punho, traçando o caminho do dever e da honra, o brioso General avança sobre a ponte, transformada em vasto cemiterio, bradando enthusiasmado a seus soldados, que o veneravam: — « *Vejam como morre um General brazileiro.* »

Hilario Gurjão.

As tropas fôram arrastadas pela audacia daquelle feito: centenas de corpos atapetaram de novo o solo, mas, entre o tilintar das bayonetas e o ribombar dos canhões, a ponte foi tomada e os inimigos em fuga póderam divisar, por entre a espessa fumarada, o pavilhão auri-verde erguido onde momentos antes elles se julgavam invenciveis.

*

A mais importante batalha travada nesse tempo, porém, foi a de *Avahy,* que, na phrase do proprio Caxias, « traçou, sem a menor duvida, um dos mais brilhantes marcos na historia da guerra, cobrindo de glorias as armas alliadas ».

Lêde, portanto, a exposição do combate, dirigida pelo Duque de Caxias ao Governo:

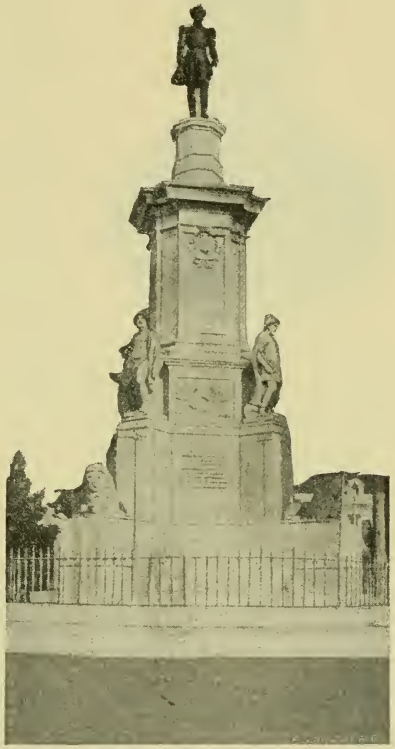
« ... Logo que o General Visconde do Herval, á testa do 3º corpo, e formando a vanguarda do exercito, se approximou do *Arroio Avahy,* viu e me participou que o inimigo se achava em linha de batalha, forte

de cinco a seis mil homens das tres armas, e disposto a travar comnosco combate.

Ordenei que carregasse, e aquelle distincto e bravo General o fez, como é costume seu, isto é, com a maior intrepidez e o mais decidido arrojo; e, não obstante uma das maiores tormentas de chuva e vento sul, que aqui temos experimentado, e que nos açoutava pela frente, pôde, com uma divisão de cavallaria, tres batalhões do 3º corpo, depois de ter metralhado o inimigo e lançado contra as suas fileiras grande porção de foguetes a congréve, desalojal-o e passar o arroio.

Como V. Ex. vê, não eram, porém, sufficientes essas forças nossas para poderem continuar a manter-se no posto conquistado e responder ao fogo nutrido e incessante que do inimigo soffriamos.

Dando-me disso parte aquelle General, avancei com as forças do 1.º e 2.º corpo a fortificar nosso flanco esquerdo, tendo ordenado que o Brigadeiro João Manoel Menna Barreto, á testa da divisão de cavallaria que commanda, seguisse por uma vereda da direita para contornar em tempo o inimigo por ahi, emquanto que o bravo Barão do Triumpho procuraria o mesmo fazer pela esquerda. Carregando de novo o Visconde do Herval, foi infelizmente ferido por uma bala de fuzil que lhe fraccionou o maxillar inferior, o que chegando ao meu conhecimento, fiz ainda avançar o resto das forças e carregar sobre o inimigo em todos os pontos em que elle



Estatua do General Gurjão
na Capital do Estado do Pará.

procurava abrigar-se, lançando sobre nossas columnas uma quantidade prodigiosa de bombas e de metralha, e fazendo com suas infantarias fogo nutridissimo.

General Osorio, Marquez do Herval.

Durante 4 horas durou este combate, ou antes esta batalha, na qual empenharam os combatentes todas as forças de que dispunham.

A mais esplendida e completa victoria coroou nossas armas; o inimigo cercado por todas as partes começou o seu movimento de retirada, ou para melhor dizer de fuga, e nessa occasião nossas cavallarias nada deixaram a desejar.

O General Caballero, que commandava a acção, cahiu morto, sendo encontrado o seu cadaver e recolhidos os papeis que tinha em seu bolso, trazendo-os á minha presença o capuchinho Frei Salvador Maria de Napoles, que o assistiu em seus ultimos momentos.

Além de muitos officiaes de todas as patentes, cujos cadaveres ficaram sobre o campo, cahiram em nosso poder prisioneiros o Coronel Serrano, que commandava toda a força de infantaria, o Coronel Gonçalves, commandante de uma brigada, um Tenente-Coronel dous Majores, e até este momento 700 prisioneiros, não fallando em mais de 500 paraguayos feridos que estão sendo tratados nos nossos hospitaes de sangue. Dizem uns e outros que apenas 200 homens pouco mais ou menos se puderam salvar!

General Andrade Neves, Barão do Triumpho.

Dezoito foram os canhões com que o inimigo entrou em combate : 17 delles estão em nosso poder já, e consta-me que o que falta está cahido em uma das barrancas do arroio Avahy.

Seis bandeiras, uma quantidade extraordinaria de munições de guerra e de armamento, além de consideravel numero de rezes fôram os trophéos desse dia de jubilo e gloria para o Imperio e para suas alliadas!

General Menna Barretto.

Prodigios de valor se praticaram durante o combate de 6 e a batalha do dia 11 do corrente mez.

Orgulhoso por commandar um exercito de tantos bravos, eu levarei ao conhecimento do Governo Imperial em tempo competente os nomes dos que mais se distinguiram e se recommendam, podendo desde já assegurar a V. Ex. que todos cumpriram galhardamente seu dever.

Exige, porém, a justiça que eu desde já recommende á munificencia do Imperador e á consideração do Governo Imperial os Commandantes de corpos de exercito, de divisões, brigadas e corpos, e bem assim todo o pessoal de que se compunha o meu Estado-Maior no combate do dia 6 e na batalha do dia 11, desde o seu digno chefe até o ultimo de seus empregados, os quaes, todos, além de me ajudarem cada um na parte que lhe diz respeito em tudo quanto delles dependeu, deram as mais assignaladas provas de sua dedicação e coragem, achando-se sempre em torno de minha pessoa durante todo o fogo e na occasião dos maiores perigos. Na ordem do dia respectiva, declinarei com satisfacção seus nomes.

Nossas perdas fôram em relação ás do inimigo muito mais insignificantes em numero; todavia nas duas pelejas tivemos fóra de combate 2.000 homens, e entre elles temos a deplorar a morte de guerreiros abalisados, e que, cheios de patriotismo, se haviam devotado á causa nobre de vingar as injurias da patria.

Trato de recompôr as forças sob meu commando, e cumpridos os deveres sagrados do General, após lucta tão grande, marcharei a desembaraçar-nos de Angustura, se ainda ella tentar resistir, e d'ahi seguirei rapidamente para Assumpção, dando então parte a V. Ex. e ao Governo

Imperial do que tiver occorrido, e da direcção que o Dictador tiver seguido.

Termino, dirigindo a V. Ex. e ao Governo Imperial minhas cordiaes felicitações por ter permittido o Deus dos Exercitos, que com o intervallo apenas de 5 dias tivessemos combatido duas vezes rudemente, e sahido em ambas completamente victoriosos, vendo nossas bandeiras cobertas de bençãos por todos quantos se interessam pela regeneração de um povo, que ha tanto tempo supporta resignado a crueldade de um despota feroz. »

Estatua do Marquez do Herval. — Rio de Janeiro.

Dentre muitos rasgos de heroismo praticados nesse memoravel dia, referir-vos-emos um que nos foi narrado por uma testemunha, e de que foi protagonista o Tenente em commissão, Frederico Augusto da Gama Costa, do 9º batalhão, não só como acto de petulante arrojo, como de nitida comprehensão do dever militar.

O batalhão, atacado bruscamente por forças inimigas, forma quadrado e repelle a investida paraguaya.

A metralha, porém, dizima-lhe as fileiras, completando então a cavallaria a obra de destruição. Officiaes e praças escapas ao morticinio abrigam-se nos capões do matto, e continuam a fuzilar o inimigo.

Divisa agora o Tenente Costa, de onde se acha á frente de poucos soldados, no meio da fumarada, um troço de inimigos, conduzindo prisioneiro o Coronel Lima e Silva, Commandante do batalhão destroçado, gravemente ferido.

Gama Costa, impellido então pela audacia do desespero, aponta aos soldados o corpo ensanguentado do Commandante, desafia-lhes o patriotismo e a coragem, avança resoluto, apodera-se do prisioneiro, e consegue transpôr as difficuldades e chegar com elle ao acampamento.

Por esse brilhante feito foi Gama Costa declarado Tenente effectivo por actos de bravura (*).

. . . . . .

Mas a batalha de *Avahy* não representa somente para nós um estupendo feito d'armas nos annaes de nossas glorias militares; pertence, egualmente, como obra prima e grandiosa, aos fastos de nossa historia artistica.

Pedro Americo, o genial pintor brazileiro, transportou-a para a esplendida tela, cuja reproducção vereis adeante.

Neste imponente quadro, que mede quasi onze metros de comprimento e seis de altura, Pedro Americo, na phrase de illustre critico não escolheu precisamente « o fim desta terrivel batalha, e sim a primeira manifestação de seu epilogo, quando, depois de violento fogo de artilharia, carregam sobre o inimigo a 5ª divisão de cavallaria e tres batalhões de

(*) O retrato deste valente official está figurando no quadro que vereis em outro capitulo representando *os ultimos dias de Carlos Gomes*. Notae na face esquerda um grande sulco, resultado de grave ferimento recebido no combate de *Potrero-Oveja*, em 5 de Outubro de 1867.

Batalha de Avahy. — Quadro de Pedro Americo — Na Academia de Bellas-Artes — Rio de Janeiro.

infantaria do 3º corpo. Foi esse o momento escolhido, já por ser o de maior movimento, e, portanto, agradavel ao temperamento, nervoso, irrequieto e phantasista do pintor; já por offerecer ensejo de apresentar aureolados pela mesma gloria, os vultos mais eminentes de nosso exercito ».

Pintado na Italia, em 1877, esse quadro recebeu os applausos enthusiastas do grande mundo artistico europeu, e de cerca de cem mil pessôas, no curto espaço de dezoito dias, na exposição em que esteve em Florença, inaugurada por D. Pedro II; e é, na phrase de um biographo, « incontestavelmente a obra prima do mestre brazileiro, e no conceito universal uma das mais notaveis da arte moderna ».

Imitando o exemplo da Municipalidade de Florença, que graciosamente fizera remover quarenta mil volumes do Convento da *Santissima Annunziata*, afim de dar a Pedro Americo um salão de tamanho adequado á pintura do painel, o Governo Italiano mandou collocar o retrato do grande artista brazileiro na sala dos pintores celebres na *Galeria degli Uffizzi*, em Florença.

. . . . . .

Retomando a trajectoria das glorias de Caxias, bem podereis avaliar deante do que temos exposto quanta razão assistia ao invicto General, para dirigir, ao clarear do dia 21 de Dezembro de 1868, as seguintes palavras ao Exercito, como prenuncio da grande victoria de *Lomas Vallentinas* :

« *Camaradas! O inimigo vencido por vós na ponte de* Itororó *e no arroio* Avahy *nos espera em* Lomas Vallentinas *com os restos de seu exercito. Marchemos sobre elle, e com esta bathalha mais teremos concluido nossas fadigas e privações.*

O Deus dos Exercitos está comnosco! Eia! Marchemos ao combate que a victoria é certa, porque o General e amigo que vos guia ainda até hoje não foi vencido. »

Lomas Vallentinas.

Organizado em Assumpção, sob os auspicios do Visconde do Rio Branco, nosso representante diplomatico, um novo Governo Paraguayo, e pouco mais restando a fazer para o completo anniquilamento de Lopez, que se internára no norte do paiz com os restos de seu exercito, Caxias, sentindo-se doente e fatigado, pediu dispensa do Commando geral das forças brazileiras.

Visconde de Pelotas.

A guerra terminou sob a chefia do Conde d'Eu, genro do Imperador, depois de alguns encontros, sendo mais importantes, — *Peribebuy*, *Campo Grande* e *Aquidaban* —, onde forças sob o commando do General Camara, Visconde de Pelotas, alcançaram Solano Lopez, que ahi falleceu por ferimentos recebidos.

Capitulo VII

Lagos, portos e bahias (*)

Numerosos são tambem os lagos e lagoas existentes no Brazil.

Só a vasta bacia do *Amazonas* possue um numero conside-

(*) *Lago* é uma porção d'agua cercada de terra. *Lagoa* é um lago pouco profundo e em geral sem caracter permanente. *Porto* é um logar na costa onde os navios podem fundear abrigadamente. *Bahia* é uma grande sinuosidade na costa por onde penetra o Oceano.

Batalha de Campo Grande. — Quadro de Pedro Americo. — Academia de Bellas-Artes.

ravel, entre os quaes, *Campinas*, *Surubiú*, *Urubúcuára*, no Estado do Pará; *Nhamundá*, entre este e o do Amazonas; *Saracá*, *Matary*, *Uautás*, *Anamá*, no do Amazonas.

Nos demais Estados, notaremos, por exemplo : — *Xaraes*, em Matto-Grosso; *Paranaguá*, no Piauhy; *Manguaba*, *Jiquiá*, em Alagôas; *Juparanan*, no Espirito Santo; *Araruama* e *Maricá*, no Rio de Janeiro; *Laguna*, em Santa Catharina; *Patos*, com 200 kilometros de extensão e 60 na maior largura, e *Mearim*, com 174 kilometros de extensão e 24 de largura, no Rio Grande do Sul.

Muitos são, egualmente, os portos e bahias.

A costa maritima do Brazil tem quasi 8.000 kilometros de extensão, e como bem pondera um escriptor « nenhum paiz possue tão longa e tão bella fachada sobre o Oceano Atlantico ».

« Nosso Oceano », escreve competente auctor, « é o verdadeiro Oceano Pacifico e Tranquillo. As tempestades e os naufragios são muito raros ahi : não ha *fogs*, nevoeiros, nem gelos fluctuantes. Os portos do Brazil são abertos e francos durante o anno inteiro; sendo que a maior parte, com qualquer maré, a toda hora do dia e da noite.

Sabe todo o mundo que o porto do Rio de Janeiro é a obra prima da natureza em portos de mar... Tudo, absolutamente tudo, foi feito pela natureza com uma magnificencia, uma magestade e uma belleza sem eguaes. ».

Dentre os portos, notaremos : *Guajará*, no Pará; *S. Luiz* e *Alcantara*, no Maranhão; *Parnahyba*, no Piauhy; *Fortaleza*, *Aracaty* e *Granja*, no Ceará; *Natal*, no Rio Grande do Norte; *Parahyba*, na Parahyba; *Recife* e *Tamandaré*, em Pernambuco; *Maceió*, *Alagôas* e *Penêdo*, em Alagôas; *Aracajú*, em Sergipe; *Camamú*, *Ilhéus*, *Porto Seguro*, na Bahia; *S. Matheus* e *Victoria*, no Espirito Santo; *Campos*, *Macahé*, no Rio de Janeiro; *Santos*, *S. Sebastião*, em S. Paulo; *Rio Grande*, no Rio Grande do Sul.

Dentre as bahias : — *S. Marcos*, no Maranhão; *Touros*, no Rio Grande do Norte; *Traição*, na Parahyba; *Sepetiba*, no Rio de Janeiro; *Ubatuba*, em S. Paulo; *Paranaguá* e *Antonina*, no Paraná; *S. Francisco*, em Santa Catharina.

Bahia de Guanabara.

As mais bellas e vastas bahias brazileiras, porém, são a de *Guanabara*, no Rio de Janeiro, e a de *Todos os Santos*, na Bahia, tendo a primeira 45 e a segunda 90 milhas de circumferencia.

A bellissima bahia de *Guanabara*, « o ponto do Universo, onde a mão do Creador parece haver-se esmerado em reunir o maior numero de bellezas, accumulando nelle tudo quanto possa encantar os olhos e arrebatar o espirito », já foi objecto de uma obra — *A Bahia do Rio de Janeiro, sua historia e descripção de suas riquezas* —, onde o auctor recolheu innumeras opiniões de nacionaes e de extrangeiros sobre o magnifico panorama que se desenrola aos olhos do observador enlevado.

Em uma rapida e insinuante noticia a respeito, escreve o auctor do apreciavel livro — *Porque me ufano do meu paiz :*

« Elevam todos enthusiasticos hymnos á bahia do Rio de Janeiro, declarando-a uma das maravilhas da natureza, superior ás mais famosas, como o golpho Napolitano. o Bosphoro, as margens do Rheno, os lagos da Suissa, as praias do Mediterraneo.

Exclamam alguns que viram nella a mais encantadora paizagem da terra, a que mais enche a alma de deliciosas sensações; confessam-se outros impotentes para descrever o que experimentaram ante as tintas deslumbrantes e as feições do espectaculo presenciado; affirmam outros haver concebido, não pasmo perante tamanha magnificencia, e sim uma exaltação religiosa, um santo respeito para com a infinita grandeza do Creador, comparada ao nada da creatura humana; testemunham outros que ahi se reunem as formas felizes do Universo, as possiveis combinações do pittoresco, tudo quanto a phantasia dos artistas tem sonhado de magico e seductor; opinam outros que marca epocha numa existencia a primeira entrada nessa bahia, que não póde ser imaginada por quem a não viu, parecendo fabulosa aos mesmos que a estão admirando.

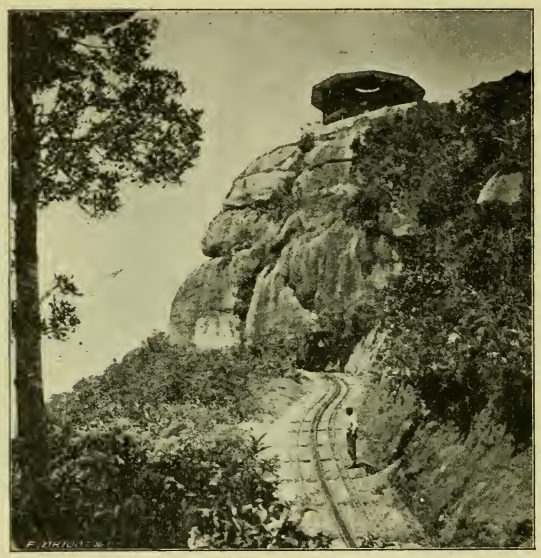
E' na realidade um prodigio de lindeza, quer observada no seu conjuncto magestoso, quer em insignificantes particularidades.

Do alto do *Corcovado,* um dos morros que a dominam, descortina-se panorama surprehendente, unico. Avistam-se as duas cidades fronteiras, edificadas nas margens — Rio de Janeiro e Nitheroy. No centro, graciosa multidão de ilhas, — estas isoladas e desertas, aquellas em grupo e povoadas, meras pedras escalavradas aqui, adeante reçumantes de verdura.

Entre as ilhas, centenas de navios; no fundo, em amphitheatro, circumdando a enorme bahia, as collinas cobertas de mattas; além as fortalezas, o mar alto, novas ilhas, situadas fóra da barra; horizonte infinito, emfim, a confinar no firmamento, que corôa tudo, quasi sempre guarnecido de sereno e purissimo azul. »

Podemos attestar de vista a grandeza desse maravilhoso espectaculo! Gozamol-o justamente do cume do *Corcovado,* representado na gravura, que vos demos, por aquella saliencia

ao longe por detraz do morro que domina a entrada da bahia, o famoso *Pão de Assucar*, de 385 metros de altura, do qual Elizeu Réclus diz que « somente do lado de léste lembra a fórma — *pão de assucar* —, nome por que é conhecido; parecendo antes ao sul, com os cabeços que o prolongam e as intumescencias de sua base, um leão ou uma esphinge, curvando o dorso e descançando as enormes patas á borda do mar.»



Ultimo trecho do Corcovado.

O *Corcovado* mede 710 metros de altura accessivel por um ferro-carril, que o torneia até ao cume, admiravel obra da engenharia brazileira.

*

A bahia de *Guanabara* foi scenario, nos tempos coloniaes, de differentes investidas de navios extrangeiros, avidos de se apossarem do Brazil, cujas immensas riquezas iam attrahindo verdadeira cobiça.

Em 1555 ahi esteve uma expedição franceza, sob o mando de Nicoláo Durand Villegaignon, auxiliado pelo celebre Almirante *Coligny*, com a intenção de fundar uma colonia que podesse servir de bom abrigo aos francezes que a intolerancia religiosa obrigasse a deixar a patria.

Não parecendo favoravel o ponto onde se acha hoje a fortaleza da *Lage*, dirigiu as vistas para uma ilha mais extensa, no centro da bahia : fortificou-a, denominando-a *Coligny*. D'ahi foram expulsos os francezes em 1559 por Mem de Sá, depois de uma grande lucta.

A invasão franceza, repetiu-se porém, como já dissemos, em 1710 e 1711, com Duclerc e Duguay-Trouin, sem resultados colonisadores.

*

Em 1862 foi esta mesma bahia scenario de uma affronta á dignidade brazileira, por navios de guerra ás ordens do Ministro da Inglaterra, no Brazil, William Christie.

Diversos incidentes já haviam tornado melindrosas as relações entre os Governos Brazileiro e Inglez.

Em Julho daquelle anno foi desacatada a sentinella do corpo da guarda na *Tijuca*, no Rio de Janeiro, por officiaes da marinha ingleza á paizana, os quaes fôram por isso detidos.

Exacerba-se o Ministro inglez por esse facto, aliás naturalissimo, e exige em termos asperos não só uma indemnisação por negocios attinentes ao naufragio da barca *Prince of Wales*, como ainda, entre outras satisfacções, a exoneração do Commandante da guarda, o castigo da sentinella e censura publica ao Chefe de Policia.

Marquez de Abrantes.

Recusa-se positivamente nosso Governo a tão desarrazoada exigencia, e, em resposta ás reiteradas notas do Ministro inglez, o então Ministro de Extrangeiros Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquez de Abrantes, em tom energico e digno, endereça-lhe uma nota, em 18 de Dezembro de 1862, onde, depois de historiar o caso, declara que o Governo

Brazileiro resolvera tratar do assumpto directamente com o Britannico, por intermedio de nosso Ministro em Londres.

A resposta de William Christie é um *ultimatum*, isto é, uma imposição definitiva com um prazo fatal para seu comprimento.

Com subido patriotismo e elevada comprehensão dos brios nacionaes, replica o Marquez de Abrantes, concluindo assim a nota de 27 de Dezembro :

« 1º Que não póde, nem deve o Governo de Sua Magestade o Imperador acceder ao principio de responsabilidade que se lhe attribue, e contra o qual alta e categoricamente protesta ;

2º Que se recusa peremptoriamente a consentir e a intervir na proposta liquidação das perdas soffridas pelos donos da barca naufragada e da indemnisação que se exige pelos suppostos assassinios ;

3º Finalmente, si fôr obrigado a ceder á força nesta questão pecuniaria, pagará, protestando tambem contra a violencia que se lhe fizer, a somma que o Snr. Christie ou o Governo de S. M. Britannica quizer.

E quanto á questão relativa aos officiaes da fragata *Forte,* tenho a declarar ao Snr. Christie que o Governo Imperial, conscio de que auctoridades policiaes, como foi demonstrado, não faltaram ás attenções devidas á Marinha britannica no procedimento que tiveram com tres individuos vestidos á paizana, que recusaram declinar seus nomes e qualidades, não póde nem deve egualmente satisfazer ás exigencias do *ultimatum ;* e por muito que deplore os males que desta sua deliberação resultar, julga preferivel e mais honroso soffrêl-os do que sacrificar o decôro e a dignidade nacional. »

Movimentam-se então na bahia os vasos de guerra inglezes, apresando diversos navios brazileiros, entre outros o *Parahyba.*

Interrompem-se as relações entre os dois Governos, e de fogos accesos, como se costuma dizer, conservam-se aquelles affrontando assim os brios nacionaes.

Estava imminente uma violencia inaudita : sob um digno e energico protesto, o Governo Brazileiro paga a indem-

nisação exigida, conforme declarára na nota que transcrevemos, conseguindo, porém, submetter o assumpto á arbitragem do Rei Leopoldo, da Belgica, que, em 1865, reconheceu positivamente os direitos do Brazil.

Somente depois dessa decisão e por mediação espontanea do Governo Portuguez fôram restabelecidas as relações diplomaticas com a Inglaterra. Vem a proposito falar-vos desse acontecimento.

A esse tempo, achava-se o Imperador no Rio Grande do Sul, para onde seguira em consequencia da invasão paraguaya naquella provincia.

Alli, em Uruguayana, foi encontral-o, em Setembro de 1865, o Ministro em missão especial mandado pelo Governo Inglez, Eduardo Thornton, que, além das credenciaes do estylo, era portador de uma carta autographa da Rainha da Inglaterra para a Imperatriz do Brazil.

Recebido por D. Pedro, com toda a distincção, pronunciou o Ministro as seguintes palavras :

« — Senhor — Tenho a honra de depositar nas mãos de Vossa Magestade Imperial a carta pela qual Sua Magestade a Rainha de Inglaterra dignou-se acreditar-me como seu enviado, em missão especial, junto de Vossa Magestade Imperial, e supplico a Vossa Magestade Imperial se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as seguranças de sincera amizade e as expressões que me conferiram Sua Magestade a Rainha e meu Governo.

Estou encarregado de exprimir á Vossa Magestade Imperial o sentimento com que Sua Magestade a Rainha viu as circumstancias que acompanharam a suspensão das relações de amizade entre as Côrtes do Brazil e Inglaterra, e de declarar que o Governo de Sua Magestade nega da maneira a mais solemne toda a intenção de offender a dignidade do Imperio do Brazil; e que Sua Magestade acceita completamente e sem reserva a decisão de S. Magestade o Rei dos Belgas, e será feliz em nomear um Ministro para o Brazil logo que Vossa Magestade Imperial estiver prompto a renovar as relações diplomaticas.

Creio ter fielmente interpretado os sentimentos de Sua Magestade e do

seu Governo, e estou convencido que Vossa Magestade Imperial terá a bondade de acceital-os com o mesmo espirito de conciliação que os dictou. »

D. Pedro II respondeu então :

« Vejo com sincera satisfacção renovadas as relações diplomaticas entre o Governo do Brazil e a Grã-Bretanha.

A circumstancia de tão feliz acontecimento realizar-se onde o Brazil e seus leaes e valentes alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito (*), augmenta meu prazer, e prova que a politica do Brazil continuará a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.

Assim, com esta satisfacção renovam-se as relações amistosas do Brazil com a Inglaterra, que se mostrou verdadeiramente grande reconhecendo nosso direito. »

*

Tambem da bahia de *Guanabara* partiu, em 23 de Novembro de 1891, o brado da restauração da Constituição Republicana,

Custodio de Mello.

Saldanha da Gama.

violada em 3 do mesmo mez pela dissolução do Congresso Legislativo, por decreto do Marechal Manoel Deodoro da

(*) Referia-se o Imperador á rendição do exercito paraguayo, commandado por Estigarribia, em *Uruguayana*, ficando o mesmo exercito prisioneiro em 18 de Setembro de 1865, quatro dias antes da solemnidade acima narrada.

Fonseca, Presidente da Republica, que, como já vistes, passou o governo ao Vice-Presidente, Marechal Floriano Peixoto, cedendo assim á intimação que lhe fôra feita, de bordo do encouraçado *Aquidaban*, pelo Contra-Almirante Custodio José de Mello, chefe do movimento.

Julio de Castilhos.

*

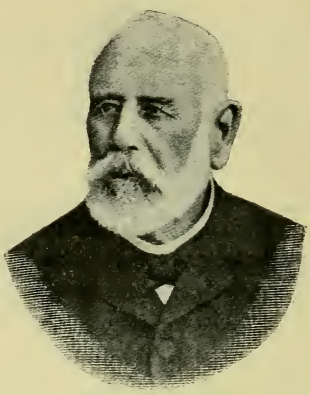
Foi ainda a mesma bahia theatro de uma revolta de parte da Armada, contra o governo do Marechal Floriano, no dia 6 de Setembro de 1893.

Fôram seus chefes supremos o mesmo Contra-Almirante Custodio de Mello, no começo; e mais tarde, o Contra-Almirante Saldanha da Gama, a partir de 7 de Dezembro do mesmo anno.

A esse tempo, lavrava tambem no Rio Grande do Sul, desde 4 de Fevereiro, poderosa revolução contra o respectivo Presidente do Estado, Dr Julio de Castilhos, que, auxiliado pelas forças federaes, oppoz efficaz resistencia, e levou os revolucionarios, que tinham por chefe politico o Dr Gaspar da Silveira Martins e por chefe militar o General João Nunes da Silva Tavares, a se alliarem á revolta da Armada, fazendo com esta causa commum contra o Presidente da Republica pelo apoio por este prestado ao Presidente do Rio Grande do Sul.

Silveira Martins.

Seis longos mezes durou a revolução na bahia do Rio de Janeiro, havendo constantes tiroteios entre os revoltosos e as forças que apoiavam o Governo, e bombardeios dos pontos fortificados da cidade, ao passo que forças revolucionarias do Rio Grande do Sul marchavam com o intento de se unirem ás do Rio de Janeiro, chegando até ás fronteiras de S. Paulo.



General Tavares.

O Marechal Floriano, porém, apoiado pelo Exercito, Guarda Nacional, batalhões patrioticos e parte da Armada, consegue por fim subjugar a revolta, que já havia invadido o Paraná e Santa Catharina, onde os revolucionarios estabeleceram seu Governo.

A esquadra legal, entretanto, confiada ao mando do Contra-Almirante reformado Jeronymo Gonçalves, não chegou a entrar em acção no porto do Rio de Janeiro, pois justamente quando se aprestava para o combate na bahia de *Guanabara,* os revoltosos acossados desde muito pelas fortificações de terra, já sem elementos de resistencia e não querendo sacrificar inutilmente mais vidas, abandonaram os navios e fortalezas que occupavam, refugiando-se, em grande parte, a bordo do navio de guerra portuguez — *Mindello* —, em 14 de Março de 1894.

Jeronymo Gonçalves.

Esse facto determinou o rompimento de relações entre o Brazil e Portugal, reatadas somente em 1895 por intervenção officiosa da Inglaterra.

Naquella epocha, já Custodio de Mello havia abandonado completamente a direcção do movimento, confiando ao Governo Argentino, em *Buenos-Ayres,* onde se refugiára, alguns navios que para alli conduzira em 17 de Abril de 1894.

O novo chefe, Saldanha da Gama, deixando o Rio de Janeiro conseguiu, entretanto, abandonar o navio portuguez, que o o devia levar com os demais companheiros para a Europa, e passou-se pouco depois para o Rio Grande do Sul, onde, reunido aos revolucionarios, morreu após algumas peripecias, no combate de *Campo Osorio,* em 24 de Junho de 1895.

Suffocada, pois, a rebellião na bahia de *Guanabara,* a esquadra legal parte para Santa-Catharina, onde se achava o navio chefe da revolta, o *Aquidaban*, que, em ligeiro combate, é inutilisado por um torpêdo expedido pela *Gustavo Sampaio*, commandada pelo Capitão Tenente Altino Corrêa, e conduzido a reboque para o Rio de Janeiro.

Altino Corrêa.

Por mais algum tempo, entretanto, se prolongou a revolução no Rio Grande do Sul, sendo esse Estado completamente pacificado já na presidencia do Dr Prudente de Moraes, successor do Marechal Floriano.

Para isso, aproveitou o Governo o momento de sua victoria em *Campo Osorio,* e afim de evitar maior effusão de sangue, negociou, por intermedio do General Galvão de Queiroz, com

o General Silva Tavares um accôrdo honroso, de que resultou a amnistia aos revolucionarios votada depois pelo Congresso.

*

Vem a proposito, tratando desses acontecimentos, narrar-vos aqui dois incidentes, entre outros, que bem demonstram o caracter altivo e energico do Marechal Floriano, cognominado o — *Marechal de Ferro* —.

Pretenderam um dia os representantes diplomaticos de differentes nações, no Rio de Janeiro, effectuar o desembarque de marinheiros dos respectivos vasos de guerra surtos na bahia de *Guanabara*, para garantirem em terra os interesses de seus compatriotas, incumbindo-se um delles de perguntar ao Presidente da Republica como receberia aquella resolução.

Consultado, o Marechal Floriano, indignado e resoluto, responde simplesmente : — *A' bala*.

Não se falou mais no desembarque, que seria, com effeito, uma affronta á nossa Patria.

O outro facto é relativo a Saldanha da Gama : vencido e asylado, como já dissemos, a bordo da *Mindello*, alguem que era seu inimigo, ou que desejava insinuar-se bem no animo do Marechal Floriano, vencedor, em conversa com este qualificára de cobarde a resolução daquelle.

Floriano, levantando-se bruscamente, responde : « *Entre os Almirantes brazileiros não ha cobardes! O Almirante Saldanha é um bravo, cujo heroismo faz honra aos militares brazileiros* ».

* * *

Falemos agora da bahia de *Todos os Santos*, em cuja margem está situada a cidade de S. Salvador, Capital do Estado da Bahia, descoberta, em 1501, por Christovam Jacques, que lhe deu aquella denominação.

Já Simão de Vasconcellos, chronista da Companhia de Jesus, descrevendo-a em phrase enthusiastica, dizia que

Bahia de Todos os Santos.

« a formosa e espaçosa bahia de *Todos os Santos* é assim chamada, ou porque parece um paraizo, onde habitam todos os santos, ou porque parece que todos os santos do paraizo influem nella alguma parte de suas qualidades ».

Pódemos, sem exaggero, affirmar que não existe no mundo

outra que se lhe compare em vastidão, ou em numero e segurança de ancoradouros.

As esquadras extrangeiras e a marinha mercante de todas as nações, é licito dizer-se, poderiam ahi fundear folgadamente.

Na bahia de *Todos os Santos* ancorou a primeira esquadra hollandeza que veiu ao Brazil com animo de apoderar-se da então colonia hespanhola.

Compunha-se a expedição de vinte e tres navios e tres hiates, armados com 500 boccas de fogo e 1.700 homens, que conseguiram, sem grande resistencia, apossar-se da cidade. Nella se mantiveram durante um anno, sendo finalmente repellidos, em consequencia das perseguições e prejuizos que lhes causaram em terra as chamadas *companhias de emboscadas*, e dos reforços navaes enviados pela Hespanha, constantes de uma esquadra de 52 navios com mais de 12.000 homens.

Foi ainda nessa bahia que se abateram os ultimos esforços de Portugal, para a manutenção do seu dominio sobre o Brazil.

Como já vos dissemos em logar opportuno, no dia 2 de Julho de 1822 toda a tropa portugueza existente na cidade de S. Salvador embarcava nos respectivos navios de guerra e fazia-se de vela para a Europa, ficando assim positivamente firmada a independencia do Brazil.

Leiamos, a proposito, a inspirada producção de Castro Alves :

ODE AO 2 DE JULHO

Era no dois de Julho. A pugna immensa
Travára-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
— Neste lençol tão largo, tão extenso,
Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava, erguendo um grito :
— Qual dos gigantes morto rolará ?!...

Debruçados do céo... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia!
Por féras — os canhões negros rugiam!
Por athletas — dois povos se batiam!
Enorme amphitheatro — era a amplidão!

Não! Não eram dois povos que abalavam
Naquelle instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente á escravidão.
Era a lucta das aguias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duello da tréva — e do clarão!...

No emtanto a lucta recrescia indomita...
As bandeiras — como aguias eriçadas
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heróes! ..

. . . . . .

Mas, quando a branca estrella matutina
Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras,
No verde leque das gentis palmeiras,
Fôram cantar os hymnos do arreból,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,
Sagravas livre a nova geração!

Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do *Cabrito*,
Um pedaço de gladio — no infinito. .
Um trapo de bandeira — n'amplidão !...

Capitulo VIII

Cabos, pontas e ilhas (*)

Dentre as diversas *pontas e cabos* existentes na vasta costa brazileira, apontaremos : *Orange* e *Norte,* no Estado do Pará; *Mucuripe,* no Ceará; *S. Roque*, no Rio Grande do Norte; *Branco,* na Parahyba; *Santo Agostinho,* em Pernambuco; *S. Thomé* e *Frio,* no Rio de Janeiro; *Santa Martha,* em Santa Catharina.

Do cabo *Santo Agostinho* occupam-se nossos historiadores com relação á possibilidade de ter sido essa terra a avistada por *Vicente Yanez Pinson,* em 26 de Janeiro de 1500, denominando-a *Santa Maria de la Consolacion,* antes mesmo de ter sido o descobrimento do Brazil assignalado por Portugal.

Estabelecem duvidas, entre outros, o Visconde de Porto Seguro, em sua *Historia Geral do Brazil,* procurando demonstrar com argumentos ter sido a ponta de *Mucuripe,* no Ceará, a terra avistada por Pinson.

Querem outros ainda que o cabo em questão tivesse sido o do *Norte,* no Estado do Pará.

(*) *Cabo* é uma porção estreita de terra que entra pelo mar. *Ponta* é um cabo pequeno. Os *cabos* e as *pontas* são assignalados á navegação por pharóes. *Ilha* é uma porção de terra cercada de agua.

O Barão do Rio Branco, no valioso trabalho que escreveu como advogado de nossos direitos perante o Governo Suisso, na questão do territorio do *Amapá*, referindo-se á viagem de Pinson ao norte do Brazil, repelle tambem a idéa de ter sido o de Santo Agostinho a terra chamada *Santa Maria de la Consolacion*.

Pensa o erudito historiador, justificando sua opinião, que « o ponto avistado por Pinson sobre a costa do Brazil foi a ponta *Calcanhar*, por 5° 9′ 10″ de latitude sul e 37° 48′ 35″ de longitude oéste de Paris, formando ao noroéste do cabo de *S. Roque* a extremidade oriental do norte do Brazil, e não o chamado *Santo Agostinho*, como Pinson dissera alguns annos depois, sem estar bem certo da posição do cabo ao qual os portuguezes deram este nome em 28 de Agosto de 1501, festa de Santo Agostinho ».

* * *

Seria impossivel enumerar todas as ilhas semeadas na vasta costa do Brazil, e em seus grandes cursos de agua dôce.

Dentre as dos rios, sobreleva a de *Marajó* na foz do *Amazonas*, formada por este e pelo *Tocantins*, communicados pelo canal *Tagipurú*, como já vos dissemos.

Sua superficie é de perto de 50.000 kilometros quadrados, comportando differentes Municipios do Estado do Pará, sendo, portanto, maior do que a Suissa.

Além da de *Marajó*, contam-se ainda centenas na bacia do *Amazonas*. Imaginae que numero attingirão as ilhas esparsas por todos os grandes rios brazileiros !

Com relação ás situadas no Oceano Atlantico, só na bahia de *Guanabara* no Rio de Janeiro existem mais de oitenta, entre as quaes *Villegaignon*, *Paquetá*, *Governador*, *Cobras*, *Fiscal*, *Bom Jesus*, *Enxadas*, etc.

A ilha *Fiscal*, pequenina, assim chamada por ser uma

dependencia da Alfandega do Rio de Janeiro, pertence hoje á historia pelo sumptuoso baile que o Governo da Monarchia alli offereceu, em 9 de Novembro de 1889, a officiaes de differentes vasos da Marinha de Guerra chilena em visita de cumprimentos ao Brazil; ao mesmo tempo que em terra, no *Club Militar*, tinha logar a celebre sessão onde ficou assentada a revolução que proclamou a Republica no dia 15.

Ilha Fiscal.

A proposito da ilha de *Bom Jesus*, onde se acha o Asylo dos Invalidos da Patria, occorre-nos uma reminiscencia historica : guarda o Museu Militar existente nessa ilha, como uma reliquia, a farda com que o Conde de Porto Alegre pelejou heroicamente em *Tuyuty*, ganhando a assignalada victoria de 3 de Novembro de 1867, farda em que se contam muitos furos de balas, que respeitaram, entretanto, a preciosa existencia do valente General.

E a lembrança de *Tuyuty*, alliada tambem á denominação da ilha *Bom Jesus*, traz-nos ainda á idéa a bravura do soldado Jesus na batalha de 24 de Maio de 1866, durante a qual tendo perdido um dos braços, manteve com o outro, tambem gravemente ferido, a corneta com que transmittia as ordens do Commando.

Este feito inspirou ao primoroso poeta José Bonifacio a seguinte poesia :

O CORNETA DA MORTE

Toca, toca... avança, avança!
São horas de combater;
São horas, ninguem descança,
Ninguem... vencer ou morrer!
Por toda a parte a peleja
Feia, convulsa, doudeja,
Sinistro o clarão reluz!
Mais se ennovela a batalha,
Mais torvelinha e se espalha,
Toca a corneta, Jesus!

Que terriveis estampidos!
Estronda a fuzilaria:
Ouvem-se ao longe os bramidos
Que vomita a artilharia;
Jesus, depressa a corneta!
Tu és da morte a vedêta,
E dás o grande signal!
Em torno dessa bandeira
Tiras a luz da poeira,
Fazes do toque um phanal.

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio e a tormenta
Do fogo e fumo a estrondar!
Corneta da minha terra,
Chammeja o facho da guerra,
Rebentam jorros de luz...
Altivo berra o canhão,
Zune a bala, é sangue o chão...
Toca a investida, Jesus!

Nascido humilde, — no seio
Arde-te acceso um vulcão,
Filho do povo — no anceio
Que popular coração!

Como pulsa bronzeo e invicto
Na muralha de granito,
Que a mão de Deus fabricou!
Jesus — accende-se a lucta,
Prezas a morte disputa,
Jesus, teu braço voou!

Pouco importa — avante, avante!
Creoulo d'alma viril;
Pygmeu, fazes-te gigante,
Tu és filho do Brazil!
Oh, toca, toca a investida!
Sobre a hoste embravecida,
Jesus, um passo, inda um passo!
Aos gritos, pragas e ais
Sóbe o horror cada vez mais!...

Nasceste, filho do povo,
No berço da natureza!
Da raça de um mundo novo
Tu fundaste a realeza!
Teus pobres braços cortados,
Por esse espaço espalhados
Mudos supplicam : Saudade,
Leva-me ás patrias areias,
Quero quebrar as cadeias,
Patria, patria, liberdade!...

Teu sangue é tinta que dura,
Que não se apaga, Jesus!
Fel-o o Christo na amargura,
Antes de expirar na cruz!
Aquelle suor em gottas
Pelas tuas veias rôtas
Talvez goteje tambem!
Tens um horto — o dos escravos,
Tens um calvario — o dos bravos...
Irás ao céo — inda bem!

Teu berço d'ouro esmaltado,
Corneta da minha terra,
Teve um grande cortinado,
Os nevoeiros da serra!
Nas folhas da trepadeira,
Ao canto da cachoeira,
Tremia o berço no ar!
Que tropical formosura!
Foi tua mãe — a noite escura,
Quando o sol beijava o mar!

Como são brancas, tão brancas,
As flôres do algodoeiro!
Que musgos pelas barrancas,
Que estalos no palmiteiro!
Brota o astro, brota a planta,
Tudo sorri, tudo canta,
Terra e mar e passarinhos!
O sol tem ondas azues,
As ondas flócos de luz,
A luz dourados arminhos!

Ao pezo das bagas ruge...
Ruge... ruge... o cafezal;
Desce a tarde, o gado muge
Para os bandas do curral...
Pelas tapéras desertas,
Piam as aves despertas
Vagam as sombras... que maguas!
Chorae, saudades nas fontes,
Pelas varzeas, pelos montes,
Nas mattas, nos céus, nas aguas!

Morres grande entre os gigantes,
Limpo, limpo de brazões,
Pequenino como dantes,
Ao retumbar dos canhões!
Silencio! ninguem responde,
Não te fizeram visconde,

Não tens titulo ou medalha;
Mas, ainda ao som da corneta,
Dança a noite a bayoneta,
Pelos campos de batalha.

Tua gloria vaga no ar,
E' quasi um sagrado mytho;
O marmor pode quebrar,
Não dura sempre o granito;
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tum'lo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome — Jesus!

*

Como a bahia de *Guanabara*, a de *Todos os Santos* contém grande numero de ilhas, entre as quaes *Frade, Madre-Deus, Bom Jesus, Medo, Maré, Santo Antonio.*

A maior e mais importante, porém, dentre ellas, é a de *Itaparica*, que tem 16 kilometros de comprimento e 4 de largura, dotada de ameno clima e de aguas medicinaes.

Tão grande é o valor dessa ilha, tão estrategica sua posição na bahia, que, já nos ultimos tempos do dominio portuguez no Brazil, a Inglaterra propoz recebel-a em pagamento completo de toda a grande divida de Portugal, contrahida por occasião da guerra declarada á França em 1805.

Já em lucta com as idéas de independencia no Brazil, D. João VI, temendo provavelmente excital-as com a acceitação da proposta, ou desconfiando das intenções da Inglaterra, recusou.

Effectivamente, como bem observa illustre geographo, « teria sido entregar a chave do Brazil aos inglezes ».

Essa ilha tem um logar honroso em nossa historia nas luctas da Independencia : atacada no dia 6 de Janeiro de 1823

pela flotilha expedida pelo General portuguez Pinto Madeira, no intuito de apoderar-se da fortaleza *S. Lourenço,* travou-se renhido combate, renovado nos dias 7 e 8, sendo finalmente repellidos os portuguezes, que desanimaram muito.

*

Por associação de idéas, vem a proposito pôr em relevo uma pagina de gloria para a mulher brazileira na historia da grande conquista que nos fez Nação Soberana.

Referimo-nos á D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros.

Em excursão pelo interior da Bahia, um propagandista hospedou-se na residencia do portuguez Gonçalves de Almeida, pae da heroina, e no seio da familia expandiu-se calorosamente sobre a causa da Independencia.

Maria Quiteria sente inflamar-se-lhe o coração de enthusiasmo, e, não tendo obtido o consentimento paterno para se alistar nas fileiras libertadoras, traça um plano ousado e leva-o a effeito com verdadeira abnegação.

Obtém de uma irmã casada, que lhe animára o intento, alguma roupa do cunhado, e assim disfarçada parte para a villa de Cachoeira, acompanhando de longe seu pae, que de nada suspeitava e se dirigia a negocio á mesma villa.

Alli assenta praça, iniciando seu novo estado em um batalhão de artilharia, passando-se, mais tarde, para o denominado — *Voluntarios do Principe D. Pedro* —.

Descoberto o ardil, reclama-a instantemente seu pae, e só então veiu ao conhecimento publico o verdadeiro sexo do joven *soldado*.

Maria Quiteria a nada attende e entrega-se sempre enthusiasta aos destinos que a aguardavam.

« As fileiras do exercito da Independencia », diz um historiador, « não tiveram simplesmente um defensor. Dona Maria Quiteria mostrou-se guerreira corajosa e distinguiu-se por seus feitos d'armas. Quando os inimigos tentaram de

novo apoderar-se de Itaparica e outros muitos pontos da costa, ella achou-se á frente de muitas senhoras bahianas e guiou-as á victoria ».

Dona Maria Quiteria.

O devotamento porém, dessa heroina, de quem o Commandante do exercito pacificador dissera em documento publico que « em toda a campanha se distinguiu por indizivel valor e intrepidez », não serenou depois do triumpho.

Eil-a então de viagem para o Rio de Janeiro, afim de levar ao Imperador a noticia do embarque das ultimas tropas portuguezas.

E D. Pedro I, deante de tanto valor, prega com suas proprias mãos no peito da abnegada bahiana, proferindo honrosissimas palavras, a insignia de Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, que lhe garantia, ao mesmo tempo, as honras e regalias de Alferes do Exercito Nacional.

Ratificando, em seguida, essa homenagem, mandou lavrar o seguinte acto :

« Querendo conceder a D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros um distinctivo, que assignale os serviços militares, que, com denodo raro entre as mais de seu sexo, prestára á causa da Independencia deste Imperio, na porfiosa restauração da Bahia; hei por bem permittir-lhe o uso da insignia de Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. »

Maria Quiteria é objecto de elogiosas referencias de illustres escriptores, e acerca de uma entrevista que com ella tivéra, naquella epocha, a escriptora ingleza Maria Graham, em suas impressões de viagem publicadas em Londres no anno de 1824, referindo-se longa e admirativamente á heroina, cujo retrato estampou, assim termina :

« Trajava o uniforme de um dos batalhões do Imperador com a addição de um saiote por tel-o visto em um figurino de soldados escocezes, e por lhe parecer mesmo mais conveniente a seu sexo.

Não é instruida, mas tem intelligencia, comprehensão rapida e espirito penetrante, e penso que com educação poderia ser uma pessôa notavel. Nada tem de masculino na apparencia, suas maneiras são graciosas e agradaveis, e nenhum mau habito adquiriu na convivencia dos acampamentos. Sua virtude nunca foi posta em duvida. »

*

Dentre as ilhas afastadas da costa, falemos, por exemplo, da de *Fernando de Noronha*, que mede quinze kilometros quadrados de superficie e dá o nome ao archipelago de que faz parte.

Situada a 66 milhas ao nordeste do cabo de S. Roque, no Rio Grande do Norte, e a noventa e sete ao nordeste do Recife, Estado de Pernambuco, serviu durante muitos annos de presidio, passando após a proclamação da Republica ao dominio territorial deste Estado, por acto do Governo Provisorio, que, entre outras considerações, allegou para isso as que vamos reproduzir por envolverem pontos de nossa historia colonial : — Que o archipelago de Fernando de Noronha recebeu de Pernambuco seus primeiros exploradores no começo do seculo XVII; que o Governo da capitania de Pernambuco, por duas vezes, em 1630 e 1654, expulsou os hollandezes que se haviam apossado da principal das mesmas ilhas, primitivamente chamada *S. João*, por seu descobridor Fernando de Noronha; que a carta regia de

24 de Setembro de 1700 determinou que essa ilha ficaria pertencendo á Capitania de Pernambuco, cujo Governador Henrique Luiz Pereira Freire defendeu o mesmo archipelago contra a invasão da companhia oriental franceza, que em 1736 se havia apoderado da ilha, á qual dera o nome de *Isle Del-*

Ilha de Fernando de Noronha.

phine, sendo desalojados os francezes e construidos os fortes dos *Remedios, Santo Antonio* e *Conceição,* além de iniciados os trabalhos agricolas pela expedição que o dito Governador mandou em 1737, sob o commando do Tenente Coronel João Lobo de Lacerda.

E' fertilissima a ilha de *Fernando de Noronha* e goza um clima muito agradavel. Visitamol-a em 1889.

Destacaremos dentre suas varias producções deliciosas uvas e saborosissimos melões.

A agua das fontes é salobra, e durante os dias que alli estivemos, utilisamo-nos, a exemplo de muitos dos habitantes, ora da agua de côco, que é abundantissimo em toda a ilha,

ora da de chuva, tendo mesmo algumas casas deposito proprio para esta.

Ha alli muitas singularidades dignas de nota : entre outras coisas, dois grandes morros um em face do outro, perfeitamente eguaes, não só na altura como na conformação, de onde lhes vem o nome de — *Dois Irmãos*.

E' notavel ainda na ilha a abundancia extraordinaria de ratos e de rôlas, principalmente em determinadas epochas.

Quanto a estas, informaram-nos, occasiões ha em que esvoaçam por sobre os campos de plantação de algodão, milho, mandioca, etc., formando verdadeira nuvem compacta, que chega a sombrear os pontos do campo por onde passa.

Sobre os ratos, porém, é ainda viva a impressão do que vimos : como nos annos anteriores, determinou o Director do presidio a *matança*, pois elles já circulavam em grande quantidade pelos campos e estradas, sendo a cada um dos trabalhadores marcada uma *tarefa* pelo respectivo sargento de turma.

Pois bem : ás seis horas da tarde desse dia, na costumada revista passada pelo Director, apresentaram-se os referidos sargentos, trazendo dependurada á mão por uma pequena corda a *tarefa* de sua turma.

Contadas em alta voz e depositadas em determinado ponto uma a uma com destino á incineração, averiguou-se um total de 1853 ratos nessa primeira *fachina!*

Entretanto, coisa admiravel : não ha noticia da existencia de uma só cobra na ilha!

Conta-se mesmo que, por experiencia ou maldade, levaram do Recife uma, que não pôde alli viver muitos dias, sendo encontrada morta em uma das estradas, sem o mais insignificante indicio de violencia.

*

Foi essa ilha o ultimo ponto do territorio brazileiro avistado pela familia imperial quando seguia no vapor

Alagôas, comboiado pelo *Riachuelo*, para a Europa, em consequencia da proclamação da Republica no Brazil.

De bordo soltou então D. Pedro de Alcantara um pombo que levava pendurado ao pescoço um papel em que escrevera — « *Saudades ao Brazil* ».

O mensageiro, porém, não conseguiu chegar a seu destino, perecendo afogado no Oceano, que recolheu em seu seio o derradeiro pensamento do ultimo Imperador do Brazil, ao deixal-o para sempre!

*

Sem a importancia e o valor da ilha de *Fernando de Noronha*, possue ainda o Brazil, afastadas da costa, as dos *Abrolhos*, na altura de Caravellas, no Estado da Bahia; *Martin Vaz* e *Trindade*.

Tem a ilha da *Trindade* tres milhas de extensão e seis de circumferencia, mais ou menos, e acha-se situada a 1.113 kilometros da costa brazileira, na altura do Estado do Espirito Santo.

É toda montanhosa e difficilmente accessivel, em consequencia de ser o mar muito agitado, quebrando-se de encontro ás grandes rochas.

Existe nella, no extremo sul, um rochedo de côr avermelhada, tendo cerca de 70 metros de altura, no qual o mar abriu um tunnel de mais de 140 de extensão, por onde as vagas o atravessam, produzindo um grande estrepito.

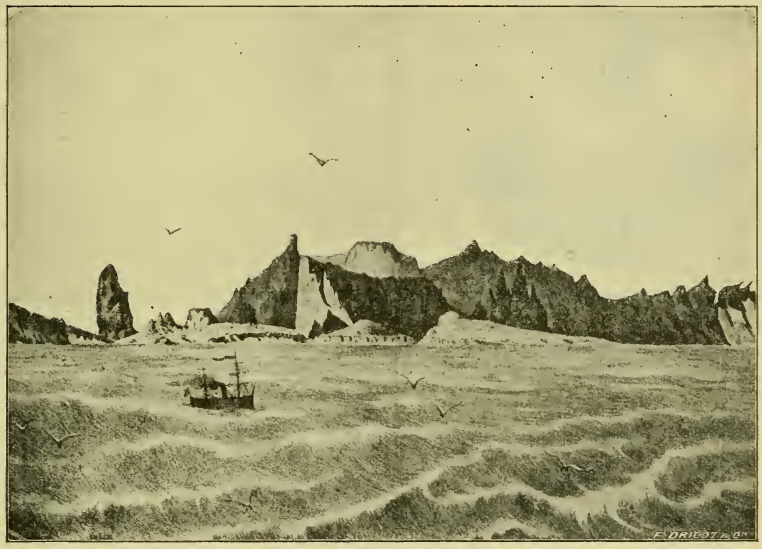
Si bem que deshabitada, assegura-se que não é esteril, pois os inglezes, que della se apoderaram em 1782, ao evacuaremna no anno seguinte, por imposição do Governo Portuguez, alli deixaram plantações de milho, feijão, legumes e hortaliças.

E essa primeira tentativa de estabelecimento inglez na ilha da *Trindade*, leva-nos a falar-vos de uma segunda occupação em 1895, que deu ensejo a uma frisante manifestação da dignidade do povo brazileiro, na defesa de seu direito.

Ora sob o fundamento da primitiva occupação, ora procu-

rando apoiar-se na circumstancia de ser deshabitada, pretenderam os inglezes manter-se na posse da ilha, onde arvoraram seu pavilhão, em Janeiro de 1895, do que só teve conhecimento nosso Governo em Julho do mesmo anno.

Tratado o assumpto diplomaticamente e estremecidas as



Ilha da Trindade.

relações entre os dois paizes, não pôde a Inglaterra furtar-se á evidencia de nossos argumentos, brilhantemente desenvolvidos pelo Ministro do Exterior de então, Dr Carlos Augusto de Carvalho, que assim destruiu a argumentação da Inglaterra, em nota de 23 de Julho :

« Neste momento, trinta e cinco minutos depois do meio-dia, tive a honra de receber a nota datada de 20 do corrente, em que o Sr. Constantino Phipps, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario

de S. M. Britannica, me communica, de ordem do seu Governo, que a posse da ilha da Trindade foi pela primeira vez tomada pela Grã-Bretanha, no anno de 1700, sem que houvesse protesto da parte de Portugal, sendo, portanto, opinião de Lord Salisbury, Principal Secretario de Estado dos Negocios Extrangeiros, que não pode haver titulo brazileiro ao dominio dessa ilha superior ao da Grã-Bretanha. Accrescenta o Sr. Phipps que o Governo de S. M. a Rainha da Grã-Bretanha, tendo occupado a ilha Trindade e a de Martin Vaz, em Janeiro ultimo, para uma estação de cabo telegraphico, não pode consentir em abrir mão de seus direitos sobre esta.

Carlos de Carvalho.

Permitta o Sr. Phipps que eu lhe responda, para transmittir a Lord Salisbury, que o melhor titulo do direito do Brazil sobre a ilha da Trindade é o reconhecimento solemne, positivo e pratico desse direito pelo Almirantado inglez que, em 22 de Agosto de 1782, expediu terminantes ordens ao official inglez que commandava a ilha da Trindade para que a evacuasse sem demora e a entregasse ao Governo Portuguez, como pertencente aos dominios do Reino de Portugal na America do Sul e sujeita ao Vice-Reinado do Brazil.

Vê, pois, o Sr. Phipps que Lord Salisbury, fazendo remontar os titulos inglezes a 1700, anno em que o Capitão Edmundo Halley aportou á ilha da Trindade, descoberta pelos portuguezes no começo do seculo XVI, labora em equivoco, que os archivos britannicos facilmente poderão desvanecer.

Offereço á consideração do Sr. Phipps cópia das instrucções que ao Capitão de Mar e Guerra, Commandante da náo *Nossa Senhora dos Prazeres,* deu em 7 de Dezembro de 1782 o Vice-Rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos Souza, para o estabelecimento militar da ilha da Trindade, nesse anno, e que deveria seguir-se, como seguiu-se, a retirada das forças inglezas que intrusamente alli achavam-se. De tudo deu esse Vice-Rei communicação ao seu Governo, em 20 de Dezembro do mesmo anno.

Por ellas verá o Sr. Phipps que a Grã-Bretanha cedeu á justiça e á razão, desoccupando a ilha da Trindade e proclamando os direitos em que o Brazil succedeu por motivo de sua independencia politica e por estar a ilha da Trindade sob a jurisdicção do Governo do Rio de Janeiro.

O titulo de 1700, invocado por Lord Salisbury, não resistiria aos factos anteriores, como não póde resistir aos subsequentes.

Submetto, tambem, á appreciação do Sr. Phipps a carta régia de 22 de Fevereiro de 1724, em que D. João, Rei de Portugal, ordenou providencias no sentido de impedir que a companhia ingleza de Guiné se servisse da ilha da Trindade para o commercio de escravos.

Foi sem duvida solemne protesto contra o acto de 1700, praticado pelo Capitão Halley.

Cumpro o dever de appellar para os sentimentos de justiça do Governo de Sua Magestade a Rainha da Grã-Bretanha, no intuito de afastar das boas relações que mantém com o da Republica dos Estados Unidos do Brazil motivo de perturbação. Não tenho duvida que á verificação do que affirmo seguir-se-ha espontanea desoccupação da ilha da Trindade, como fez em 1782 o Governo de Sua Magestade Britannica.

E porque o Sr. Phipps no final de sua nota allude á suggestão que me fez de suspender-se a ordem de ir á ilha da Trindade um navio de guerra brazileiro verificar o que lá occorria, e declara que, á vista do exposto em nome do seu Governo, não ha mais necessidade de mandal-o para verificar-se estar o Governo de Sua Magestade a Rainha exercendo acto de soberania com a occupação da ilha, faço o mais vivo protesto contra similhante asserção, resalvando todos e quaesquer direitos da Republica dos Estados Unidos do Brazil e pedindo licença para fazer sentir ao Sr. Phipps, confirmando o que verbalmente lhe declarei hoje, ás 11 1/2 da manhã, que, forte no seu direito, a Republica dos Estados Unidos do Brazil não o abandonará, confiando antes de tudo nos sentimentos do Governo de S. M. a Rainha da Inglaterra. »

Em face da evidente demonstração de nossos direitos sobre a ilha disputada, sentiu-se a Inglaterra em uma posição difficil e procurou uma sahida, propondo ao Governo Brazileiro o recurso do arbitramento.

Este recusou-o terminantemente, declarando que os direitos do Brazil eram tão palpitantes que a Nação não poderia

convir em um julgamento extranho sobre a propriedade de um territorio reconhecidamente nosso.

Em taes circumstâncias, deante de nossa altiva e digna attitude, a Inglaterra, cada vez em posição mais falsa, procurava naturalmente o meio de entregar a ilha, sem quebra de seu prestigio. Deu-se então a mediação officiosa de Portugal que nosso Governo resolveu acceitar, antevendo nella uma prompta solução do incidente.

Com effeito, no dia 5 de Agosto recebiamos do Ministro portuguez no Rio de Janeiro a seguinte nota :

« Tendo o Governo Portuguez offerecido seus bons officios ao Governo Britannico para uma amigavel solução do conflicto suscitado acerca da ilha da Trindade, bons officios que pelas duas Potencias foram acceitos, e ponderado devidamente o assumpto, expoz o Governo Portuguez o que lhe determinou a convicção de que aos Estados Unidos do Brazil assiste o direito de plena soberania áquella ilha.

Em presença da razão dada, o Governo Britannico nobremente declarou já ao Governo Portuguez, que reconhece a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade, o que, com muita satisfacção, me apresso em communicar. »

E por nota de 21 de Agosto informava-nos a seu turno o Ministro inglez que, de accordo com as instrucções recebidas de Londres, o navio *Barracouta* iria á ilha da Trindade « afim de proceder ás formalidades concernentes á remoção dos signaes de occupação daquella ilha ».

Em seguida, resolveu o Governo Brazileiro, para evitar futuros incidentes, deixar alli bem assignalada a soberania nacional.

Dessa commissão foi incumbido o cruzador *Benjamin Constant*, lavrando-se a bordo uma acta, onde ficou constando que no logar denominado *Forte da Rainha* collocou-se « uma haste de bronze, tendo de comprimento dois metros e noventa centimetros e de diametro dezoito millimetros, e uma chapa de metal de um metro e cincoenta millimetros de altura

e um centimetro de espessura, dentro de uma outra de chumbo, tendo de comprimento 334 millimetros, de largura 250 millimetros e de altura 110, envolvida em cimento, tendo na parte superior uma chapa com a seguinte inscripção : — Este marco foi collocado pelo cruzador *Benjamin Constant,* sob o commando do Capitão de Fragata Rodrigues Torres, em viagem de instrucção da turma de Guardas-Marinha de 1896 — Janeiro de 1897 —, em consequencia de não se poder erigir o marco padrão que trouxe este navio para ser collocado na referida ilha, devido isso ao navio não possuir uma jangada appropriada para o desembarque das peças do mesmo marco-padrão, em numero de doze. »

*

Apezar do que vos dissemos acerca da difficuldade de accesso, a ilha da Trindade não tem deixado de despertar a cobiça de aventureiros attrahidos pela curiosa historia, que em seguida resumimos, a respeito de suppostos thesouros alli existentes :

Viajava para a China, de 1848 a 1850, fazendo o commercio de opio, um Capitão inglez, que a bordo de seu navio tinha um marinheiro de origem russa, appellidado pelos companheiros — *o pirata* —, por causa de uma grande cicatriz no rosto, que lhe dava um aspecto sinistro. Era, entretanto, um homem reservado, mais instruido do que o commum dos marinheiros, e possuindo grande pratica de navegação, pelo que o Capitão o distinguia com sua estima e confiança.

Em uma dessas viagens, esse marinheiro muito doente e sentindo-se morrer em um hospital de Bombaim, onde fôra recolhido, disse ao Capitão que para lhe provar sua immensa gratidão pelo bom tratamento que delle sempre recebera, queria confiar-lhe um segredo, capaz de tornal-o um dos homens mais ricos da Inglaterra.

E, tomando precauções para não ser ouvido por mais nin-

guem, entregou-lhe um pedaço de encerado velho, onde se achava traçada uma planta da ilha da Trindade; revelando-lhe, anciadamente, que no ponto nella indicado, isto é, debaixo da montanha — *Pão de Assucar* —, existiam grandes thesouros, alli accumulados em 1821.

Provinham estes em grande parte dos saques nas egrejas do Perú, especialmente na Cathedral de Lima, por hespanhoes fugitivos ao tempo da guerra da independencia naquelle paiz, e apprehendidos no mar por piratas, que os esconderam na citada ilha, constando os mesmos de muita prata, muito ouro e ornamentos de culto, entre os quaes se lembrava de alguns candelabros de ouro massiço.

Dos piratas, era o unico sobrevivente, porque os demais fôram pouco depois capturados e enforcados na ilha de Cuba, razão por que se considerava a unica pessôa sabedora do segredo.

Antes de expirar deu ainda ao Capitão outras indicações sobre o ponto em que fôram enterrados os thesouros, estabelecendo um verdadeiro roteiro; e exhortou-o a que fosse buscal-os.

Na volta, o Capitão, doente e não contando com uma tripolação numerosa e dedicada, passou pela *Trindade* sem tentar desembarcar; mas chegando á Inglaterra contou ligeiramente a historia, guardando, porém, segredo quanto ao esconderijo dos thesouros.

Ao mesmo tempo, averiguações feitas nos archivos de Cuba e em Lima, combinadas com diversos factos da guerra da independencia peruana e com singulares circumstancias e notaveis coincidencias de datas, corroboraram fortemente a narração do pirata.

Apezar disto, só em 1880 o Capitão conseguiu que o bergantim « John », de viagem para Santos, abordasse á ilha, afim de que seu filho, que para isto mandára a bordo, podesse verificar os pormenores dados pelo fallecido mari-

nheiro. Assim se fez, e foi tão difficil o desembarque que o destemido joven foi á terra a nado e alli passou uma noite inteira sem roupas, nem provisões, sendo quasi devorado vivo pelos caranguejos, aos quaes por mais de uma vez teve que disputar a propria vida. Não obstante, com admiravel sangue frio, conseguiu seu intento, e, ao voltar para bordo no dia seguinte egualmente a nado, affirmou que encontrára o ponto marcado na planta, mas obstruido por um enorme desmoronamento de terra vermelha, que só com muito trabalho poderia ser removida. Accrescentou que era exactissima a descripção feita a seu pae, mas, que por preço algum, passaria outra noite naquelle logar, ainda mesmo que todo o thesouro lhe podesse vir a pertencer, tão aterrado ficára!

A essa simples visita, seguiu-se uma verdadeira expedição, na barca *Aurea*, cujos tripolantes permaneceram na ilha desde 25 de Março até 17 de Abril de 1885, quando, desanimados pelas molestias, deficiencia de agua e de provisões, abatidos pelo calor e impressionados pela solidão da ilha, abriram mão da empreza, abandonando mesmo os instrumentos da exploração.

Já em 1881 o Snr. E. F. Knight, rico advogado em Londres, em viagem de recreio, estivera durante alguns dias na ilha da Trindade, passando, porém, taes perigos e dissabores por causa do desembarque e em terra, que descrevendo essa viagem diz que « *por motivo algum poria de novo os pés em similhante ilha* ».

Pois bem, tendo conhecimento da historia do thesouro por um dos expedicionarios da *Aurea*, fez diversas pesquizas pessoaes, e convenceu-se tanto da sua veracidade que, apezar do solemne protesto feito dez annos atraz, organizou em 1889 uma importante expedição e voltou áquella ilha a bordo do *yatch* « Alerte », para tal fim comprado. Este emprehendimento foi tão commentado pela imprensa e tal enthusiasmo

despertou, que dos treze companheiros do Snr. Knight, tripolantes do « Alerte », nove eram voluntarios, que ainda lhe pagaram cem libras para fazer parte da expedição, devendo-lhes caber uma quota do thesouro, caso fosse encontrado.

Lá desembarcaram, após paciente espera de dias por uma occasião menos desfavoravel, e levando comsigo tendas, provisões abundantes e instrumentos, estabeleceram um acampamento relativamente confortavel, iniciando os trabalhos de excavação que duraram tres mezes. Exgottados os recursos ou desanimados pelo cançaço, resolveram retirar-se, convencidos antes da deficiencia de seus esforços ou da impropriedade dos meios empregados, do que da não existencia do thesouro; tanto que o Snr. Knight, conclue assim a interessante obra em que descreve miudamente todas as peripecias de sua segunda visita á Trindade e da qual tiramos estes apontamentos : (*)

— « O Snr. ainda acredita na existencia do thesouro? — é uma pergunta que innumeras vezes me tem sido feita. Conhecendo o que eu conheço do assumpto, tenho muita pouca duvida quanto á veracidade da historia do pirata russo, e sobre terem sido os thesouros de Lima enterrados na Trindade; porém, se elles já fôram tirados ou se ainda lá se acham e nós não os podemos encontrar por nos faltar talvez algum dado essencial nas indicações que nos guiavam, é o que não posso affirmar. »

Em outro ponto, escreve o mesmo auctor, referindo-se a duas outras egualmente infructiferas expedições de americanos, posteriores á sua :

« A perda de homens e de botes pelas resacas, as molestias e numerosos perigos, abateram os exploradores, que abandonaram a ilha antes de emprehender qualquer pesquiza seria. Dir-se-ia que a Trindade é uma

(*) The Cruize of the « Alerte ». The narrative of a search for treasure on the desert island of Trinidad. Londres — 1899 — 6a edição.

dessas ilhas perdidas de que se fala nos velhos romances de mar, sobre a qual paira como uma maldição a lembrança de sanguinarias façanhas de piratas, de modo que o thesouro está protegido por espiritos malignos. Demais, o rugido formidavel do mar, que alli se encapella sem uma causa natural apparente, ainda mesmo depois de muitos dias de calmaria, os rochedos sempre vacillantes e todas as forças e terrores da natureza são proprias a guardar o inviolavel thesouro occulto fóra do alcance humano, ao passo que os repugnantes caranguejos podem bem ser os espiritos inquietos dos proprios piratas, porque na verdade elles são horriveis e ferozes e geralmente de uma apparencia diabolica. »

E sobre este interessante assumpto não existe somente o o livro de Knight : muitos outros estudos estão publicados (*), entre os quaes o de *Tito Martel*, pseudonymo de um erudito escriptor portuguez, que assim enceta sua substanciosa narrativa (**), baseada não só em pacientes leituras, mas tambem « em cartas particulares e esclarecimentos verbaes fornecidos pelos primitivos conhecedores do segredo do pirata » :

« Não é um romance imaginario o que vae ler-se, porém historia, — historia documentada que eu não contei mais cedo por suppôr que ella era, em parte, pelo menos, conhecida no Brazil, mas que, porque me não chegam á Europa noticias de sua publicação no Rio de Janeiro, eu julgo opportuno narrar agora com os detalhes authenticos que conheço. A ilha da Trindade tão esquecida ainda ha pouco, tão cobiçada, tão discutida agora, é, — entre as ilhas romanticas do mundo — e foi sempre proprio das ilhas a evocação de romances, talvez neste momento, e por motivos extranhos á politica, aos telegraphos submarinos e ás avidezes nacionaes, a mais romantica das ilhas atlanticas. Ella é, ao que parece authenticamente, o que tem sido, para quatro ou cinco gerações de leitores,

(*) — Victor de Hamel — The search for hidden treasure — Story of the Expedition. « Tyneside Echo » 20 de Julho 1885 — Newcastle.

— E. F. Knight — The cruiser of the « Falcon ». A voyage to South America — 4ª ed. 1887 — Londres.

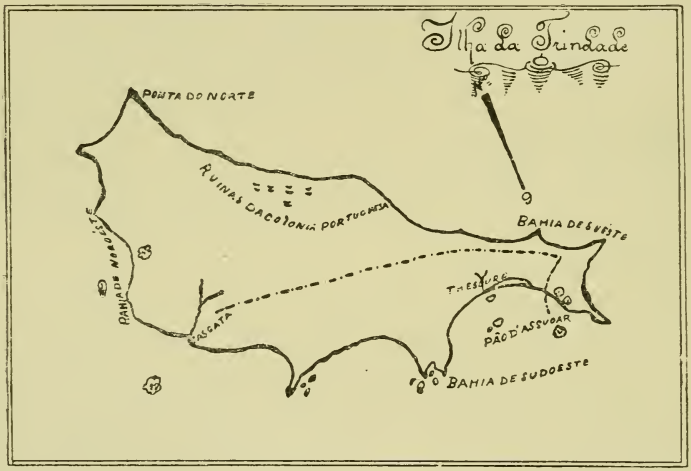
— A Real Treasury Hunt — Daily Graphic — Junho, 1889 — Londres —

(**) — *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, de 30 e 31 de Março de 1896.

mercê da phantasia de Alexandre Dumas, a ilha mediterranea de Monte Christo.

Vinde pois, vinde todos, politicos e imaginativos, diplomatas e sonhadores de aventuras, vinde todos ouvir o caso antigo, cujo mysterio se estende até nós e que Byron estimaria haver podido cantar em verso. »

Depois de contar minuciosamente a historia já relatada, illustrando-a com o mappa junto, conclue assim *Tito Martel*



seu aprofundado estudo, referindo-se ás conclusões do Snr. Knight, acima citadas :

« Das duas hypotheses que elle menciona, a primeira é inadmissivel. Qualquer expedição que conseguisse desenterrar na ilha da Trindade um thesouro como o descripto pelo pirata russo, teria sido conhecida. Resta, pois, a segunda hypothese : — O Thesouro está ainda na ilha da Trindade.

Ficam os brazileiros prevenidos. »

Capitulo IX

Serras, montes e montanhas (*)

As montanhas do Brazil pertencem a dois systemas : — *Parima* e *Brazileiro*. A principal cadeia do systema *Parima* corre pela fronteira norte do Brazil com os nomes de serras *Tumuc-Humac, Acarahy*, *Paracaima* etc.

Tres cadeias principaes contém o systema *Brazileiro* : — Occidental ou Serra das Vertentes, que separa as bacias do Amazonas, Tocantins e Parnahyba das dos rios Paraguay, Paraná e S. Francisco, e prolonga-se desde os limites do Estado do Ceará com o do Piauhy até ao de Matto Grosso, tomando differentes nomes, como — *Alegre, Dois Irmãos, Pyrinéos, Santa Martha, Parecis, etc* ; Cadeia Central ou Serra do Espinhaço que se prolonga desde a margem direita do rio S. Francisco, atravessando os Estados da Bahia, até Minas Geraes e S. Paulo, com as denominações *Almas, Mantiqueira* etc ; Cadeia Oriental ou Serra do Mar que, parallela á costa, vae do Estado de Sergipe ao do Rio Grande do Sul, tomando differentes nomes, como *Orgãos, Aymorés* etc.

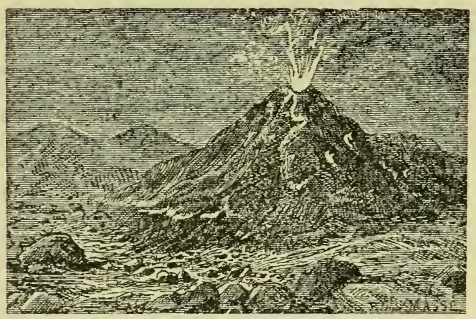
Destacaremos dentre as serras e montanhas brazileiras algumas das mais elevadas : — *Itatiaia* (Agulhas negras), em Minas Geraes, 2994 metros ; *Itatiaia* (Pyramides) no mesmo Estado, 2500 metros ; *Pyrinéos*, no Estado de Goyaz, 2310 metros ; *Orgãos*, no Estado do Rio de Janeiro, 2232 metros ; *Itapemerim*, no Estado do Espirito Santo, 2100 metros ; *Itaco-*

(*) *Mo te* é uma porção de terra que se eleva sobre a planicie. *Montanha* é um monte grande. *Serra* é uma reunião de montanhas. *Cadeia* é uma reunião de serras. *Grupo* é uma reunião de cadeias. Um *systema de montanhas* compõe-se de muitos grupos, ligados entre si.

lomi, no Estado do Rio de Janeiro, 1750 metros; *Ibiapaba*, no Estado do Ceará, 1020 metros.

Comparado ao pico mais elevado do planeta, o *Everest*, tambem chamado *Gaurisankar*, na serra Hymalaia, na Asia, com 8840 metros de altura, bem pouco, em verdade, representa o *Itatiaia!*

Em compensação, porém, nosso Brazil vive tranquillo, sem os horrores que experimentam, por exemplo, todos os paizes situados na costa occidental da America do Sul, banhada pelo Oceano Pacifico.



Vulcão.

Alli os vulcões abundam nas colossaes montanhas, cujas erupções são quasi sempre prenunciadas por terremotos.

Vulcão, como vêdes na gravura, é uma montanha, de cujo cume, que se chama *cratéra*, jorram estrepitosamente fogo, fumo, cinza, pedras e materias incandescentes, que se denominam *lavas*.

Em geral a erupção de um vulcão faz-se preceder, como dissemos, de um terremoto, que é uma verdadeira convulsão do sólo, rachando-o ás vezes em largas fendas, derrubando arvores e edificios, causando, emfim, ás pessoas que uma vez o experimentam uma impressão profunda e perduravel.

Umas vezes é passageiro e fraco, durando segundos, apenas; outras, porém, prolonga-se, repetindo-se a miudo.

Em 1755 a cidade de Lisbôa, por exemplo, foi quasi totalmente destruida por um desses violentos cataclysmas; e em 1884 a *Andaluzia*, na Hespanha, foi possantemente sacudida

por tremendo terremoto, que victimou milhares de habitantes, arrazou cerca de 1200 casas, damnificando mais de 5000!

E recentemente, em 1902, devido talvez a alguma transformação operada no interior da Terra, esses phenomenos fôram geraes em grande parte do mundo.

Ainda é intensa a consternação produzida em Maio desse anno pela pavorosa erupção vulcanica na montanha *Pellada,* na ilha de *Martinica*, possessão franceza, do grupo das Antilhas, na America, devastando uma população de 40.000 almas e destruindo completamente a cidade de *S. Pedro!*

Vède, pois, deante desses horrores como a Providencia vela por nosso amado Brazil!

*

Dentre as montanhas brazileiras, existem algumas relativamente pequenas, mas que nos relembram acontecimentos memoraveis, como, por exemplo : o monte *Paschoal* e a serra da *Itiuba,* no Estado da Bahia; os montes das *Tabócas* e os *Guararapes*, no de Pernambuco.

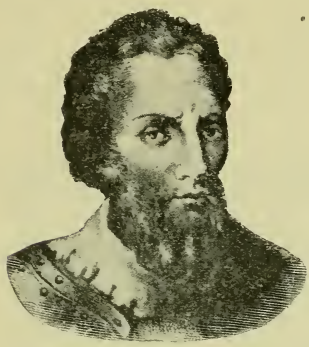
Acerca do monte *Paschoal,* póde-se dizer que na historia brazileira elle apparece como o pharól de nossa nacionalidade.

E' certo que a costa do Brazil foi avistada e visitada mesmo em differentes pontos por Vicente Yanez Pinson, entre outros, em 1500, nada, porém, resultando dessas aventurosas viagens para a Civilisação; mas a Portugal coube incontestavelmente a gloria de encorporar-nos ao mundo então conhecido.

Reinava então alli D. Manoel, appellidado — *Venturoso* —, que desejando mandar á India, para assegurar a Portugal o commercio daquella riquissima paragem, segunda expedição pelo caminho já traçado por Vasco da Gama, aprestou

uma esquadrilha de treze embarcações, cujo commando foi confiado a Pedro Alvares Cabral, que partiu de Lisbôa no dia 9 de Março de 1500.

« A partida », diz um escriptor nacional, « foi honrada com todo o esplendor e pompa de uma festa. Na vespera, que foi um domingo, o sino da cathedral batia grave e solemne em suas modulações festivas e parecia annunciar de antemão as scenas altamente dramaticas, que dentro em breve se deviam passar, além do Atlantico, nas ferteis regiões do Novo Mundo.



Pedro Alvares Cabral.

D. Manoel, o *Afortunado*, tinha reunido, no começado mosteiro de Belém, todos os grandes da sua Côrte, com o fim de invocar o auxilio do Céo para a importante expedição. Conserva o Rei ao pé de si, na sua tribuna, o illustre Almirante, durante a missa, que é dita com toda a solemnidade. Pendente do altar via-se o estandarte real da Ordem de Christo. Prega D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, que depois o foi de Viseu, *o qual accende nos animos o desejo de partilhar dos grandes perigos a que se iam expor esses atrevidos navegadores*. Terminada a cerimonia religiosa, benzeu-se um chapéo, que o Papa mandara a Cabral, e que é posto na cabeça pelas mãos do proprio Rei, que entrega tambem ao illustre Capitão o estandarte da Cruz da Ordem de Christo. Dirigem-se depois todos, processionalmente, com cruzes alçadas e reliquias para as margens do Tejo.

Lisbôa apresenta então um aspecto faustoso, que raras vezes offerecem os povos, em que as lagrimas e soluços da saudade se misturam com os risos e vivas, que retumbam nos ares em acclamações. »

As instrucções de viagem fornecidas a Cabral determinavam que tocasse nas ilhas de *Cabo Verde*, e na altura de *Guiné*, na costa da Africa, se desviasse o mais possivel das calmarias alli muito frequentes.

Assim navegando, tal foi o providencial desvio tomado por

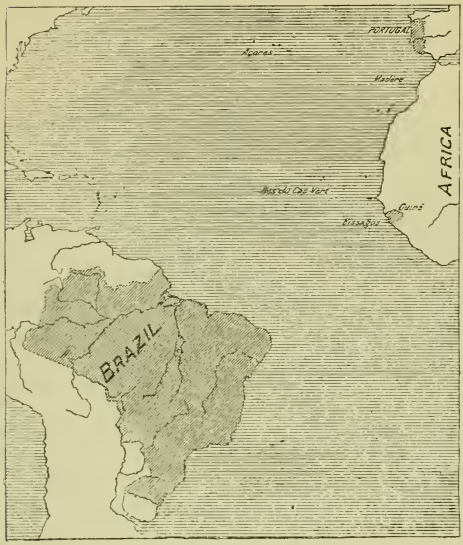
A partida de Cabral.

Cabral, que, auxiliado por correntes oceanicas, até então desconhecidas, originadas justamente no golfo de *Guiné*, e que attingem uma largura mais ou menos de trezentas milhas, se lhe depararam inesperadamente hervas marinhas, passaros aquaticos e, finalmente, desconhecida terra em 22 de Abril, correspondente hoje a 3 de Maio, em virtude da reforma por que passou o kalendario em 1582.

O ponto primeiramente avistado foi um monte, que recebeu

a denominação de — *Paschoal* —, em homenagem á cerimonia catholica da Paschoa, cujo oitavario se celebrava então.

Continuando a avistar a terra, que se prolongava, julgou, entretanto, Cabral ter descoberto uma simples ilha, a que chamou *Vera-Cruz*, nome que foi mais tarde, talvez em 1504, substituido por — *Brazil* —, devido a existencia no paiz de abundantes mattas de uma madeira avermelhada, propria para a tinturaria, e chamada — páu brazil — por sua similhança com a côr da braza.



Procuraram os portuguezes estabelecer relações com os naturaes do paiz, e buscando um ponto apropriado para fundear a frota, encontraram-no excellente e abrigado, chamando-o *Porto-Seguro*.

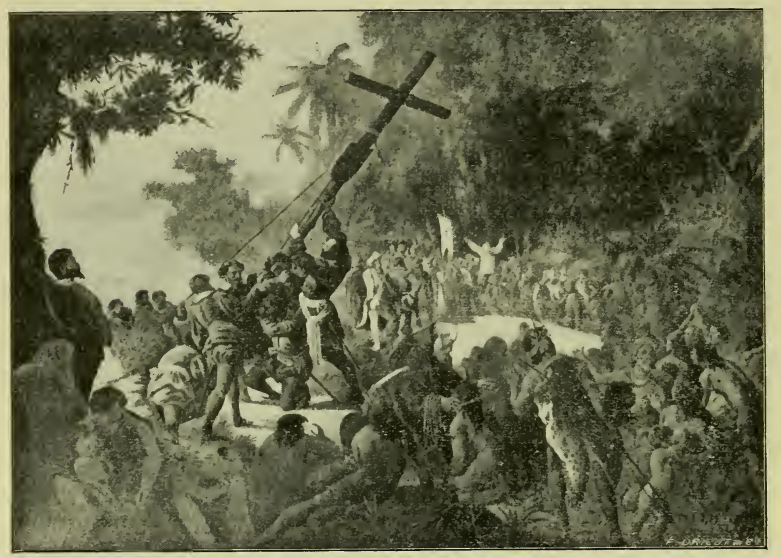
Em terra, ergueram uma grande cruz, emblema da Religião Catholica, com as armas de Portugal, sendo em um pequeno ilhéo, que designaram pelo nome de — *Corôa Vermelha* —, celebrada uma missa, pelo capellão da frota, Frei Henrique, cerimonia que se repetiu em 1º de Maio.

No dia 2, Cabral fez partir para Lisbôa um de seus navios, sob o mando de Gaspar de Lemos (*), com o fim de levar a

(*) Mattoso Maia, *Lições de Historia do Brazil*. — Oliveira Lima, *O descobrimento do Brazil* (Memoria) 1905. — Outros, como Capistrano de Abreu e Candido Mendes, seguem a opinião de Gaspar Corrêa que diz ter sido André Gonçalves o mensageiro de Cabral.

Descobrimento do Brazi — Quadro de Aurelio de Figueiredo.

D. Manoel a noticia do descobrimento, e deixou as aguas brazileiras com destino á India, verdadeiro fim de sua viagem, como vimos.



Levantamento da Cruz. — Quadro de Pedro Pinto Peres — Escóla de Bellas-Artes, no Rio de Janeiro.

* * *

A serra da *Itiuba,* ainda no Estado da Bahia, faz lembrar os porfiados combates travados em suas ramificações durante a campanha de *Canudos,* vasto povoado ao norte daquelle Estado, pouco distante de seus limites com o de Sergipe, abrangendo uma superficie de cerca de 1500 metros de frente sobre 800 de largura, á margem do rio *Vasa-Barris.*

Alli se estabelecera, desde muito tempo, creando o arraial, Antonio Vicente Mendes Maciel, conhecido por *Antonio Con-*

selheiro, que, aliás, já havia percorrido em peregrinações differentes pontos do *sertão*.

Antonio Conselheiro.

Era esse homem um verdadeiro fanatico religioso, que, com suas praticas e privações de todo genero, conseguiu congregar em torno de si numerosos adeptos, pelos quaes era tido por um santo e cegamente obedecido.

Intentada a destruição desse forte nucleo de ignorantes, entre os quaes criminosos de toda casta que buscavam em *Canudos* a protecção do *Conselheiro*, pelo então Governador do Estado da Bahia, Dr Luiz Vianna, á sua acção associou-se a do Governo Federal, por elle solicitada, em 1895.

A primeira expedição, sob o commando do Tenente Pires Ferreira e composta de cem praças do exercito, é destroçada.

A segunda, chefiada pelo Major Febronio de Brito com 450 praças, tem de recuar, em bôa ordem felizmente, deante da superioridade de forças reconhecida em *Canudos*, em cujas immediações chega, travando ligeira lucta.

Luiz Vianna.

Apresta-se terceira expedição, composta de uma brigada de 1280 praças, a cuja frente marcha o Coronel Antonio Moreira Cezar. Essa expedição, tendo alcançado o centro do fanatismo, é completamente batida, morrendo entre outros officiaes aquelle Coronel, além de grande numero de praças.

Os *conselheiristas*, tambem chamados — *jagunços* —, praticam então atrocidades e apprehendem armas, munições e mantimentos da expedição, causando isso verdadeiro panico em todo o paiz.

Febronio de Brito.

Resolve o Governo operar decisivamente com redobrado esforço, e organiza a quarta e ultima expedição, composta de seis brigadas, formando duas divisões, commandadas pelos Generaes João da Silva Barbosa e Claudio do Amaral Savaget, comprehendendo todas as armas — infanteria, cavallaria e artilheria — com 7000 homens.

Ahi figuram tambem os batalhões de policia dos Estados do Amazonas, Pará e S. Paulo, offerecidos pelos respectivos Governadores, e cinco batalhões de policia organizados pelo Governador da Bahia.

Essa expedição é confiada ao commando supremo do General Arthur Oscar de Andrade Guimarães. Tem logar o primeiro encontro dos *conselheiristas* com a divisão commandada pelo General Savaget, que se dirigia a *Canudos* atravessando o Estado de Sergipe, nos desfiladeiros de *Cocorobó*, em 25 de Junho de 1897.

Moreira Cezar.

Ahi entricheirado e bem protegido, o inimigo faz a cavalleiro mortifero fogo sobre as forças legaes, que conseguem, finalmente, desalojal-o, levando-o de vencida.

O General Savaget é ferido nesta acção. Novos encontros se dão, sempre derrotados os *conselheiristas*, sendo mais salientes os de *Macambira*, em 27 de Junho, onde é morto por bala o Coronel Thompson Flores, Commandante da terceira brigada; e o de *Favella*, em 28 do mesmo mez, onde perde tambem a vida o Tenente Coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, Commandante do 12º batalhão de infantaria.

Arthur Oscar.

Estreita-se então de dia a dia o cerco á cidadella de *Canudos*, recebendo, emfim, o centro do fanatismo o golpe considerado decisivo, no dia 25 de Setembro, com um assalto levado a effeito por forças do regimento de policia do Estado do Pará, ás quaes mais tarde tambem se alliaram contingentes da policia do Amazonas, secundando o esforço a artilheria ao mando do Coronel Olympio da Silveira.

Logo no começo da lucta é ferido o Coronel Sotéro de Menezes, Commandante Geral do regimento paráense, que passa o commando ao Tenente Coronel Antonio Sergio Vieira da Fontoura, Commandante do 2º corpo, que era justamente o empenhado na lucta.

Ferido o Coronel Sotéro, a destemida força paráense, deante do encarnecimento da lucta, naturalmente tem um momento de indecisão, mas o sangue frio e a bravura do novo Commandante asseguram o triumpho.

« O Commandante Fontoura », diz uma testemunha de vista, « que não houvera recebido instrucções sobre o plano concebido para aquelle combate, traça rapidamente na imaginação um plano, mediu a probabilidade de cada pró e contra, tudo num apice, e tomou uma resolução luminosa.

Assentada esta, avança para o meio dos soldados, cujo tiroteio não cessára, e tomando-lhes a dianteira incitou-os a imitarem-no, com o intento manifesto de penetrar na praça.

Antonio Fontoura.

Foi uma avalanche impetuosa que se arrojou para a frente, á qual não ousaram fazer face os jagunços que deixavam as trincheiras, procurando contornar por cima um cotovello da barranca esquerda, cujo terreno é accidentado, para cortar a recta-guarda da força. A tempo fez-se ouvir a artilharia do forte « Sete de Setembro » que, avisando do perigo ao Commandante Fontoura, deteve e destroçou os ousados jagunços.

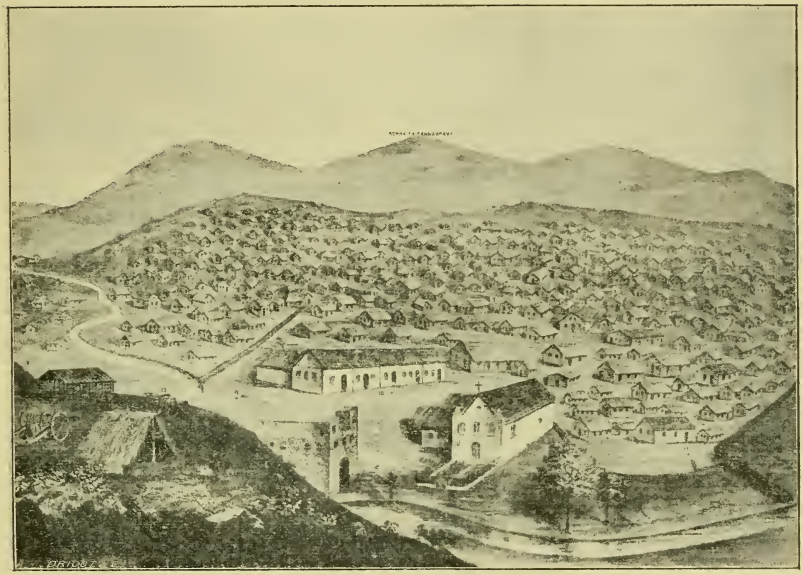
Afinal, o Commandante Fontoura, seguido da soldadesca, consegue transpôr o rio *Vasa-Barris*, escalando a barranca esquerda, e penetrar no arraial; conseguindo tambem tomar calculadamente oitocentas casas, aprisionar approximadamente sessenta jagunços, entre homens e mulheres, matar para mais de duzentos *conselheiristas* e apprehender grande quantidade de armamento Manulicher, bacamartes, espingardas de caça, garruchas, armas brancas, etc. »

Assegurada a victoria, as forças assaltantes, extenuadas de fadiga, são rendidas pelo 15° e 32° batalhões de infanteria do exercito, para manter as posições conquistadas, que completam o cerco de *Canudos*; terminando a campanha, após tiroteios isolados, em 5 de Outubro, quando é emfim encontrado o cadaver do chefe dos fanaticos — *Antonio Conselheiro*.

. . . . . .

Assim acabou essa triste lucta em que perderam a vida tantos compatriotas!

Canudos, meus caros concidadãos, representa um terrivel fructo da ignorancia.



Arraial de Canudos.

Foi ella, essa triste cegueira da alma, que levou um punhado de inconscientes a conceber a santidade de um homem, que no atrophiamento do espirito de seus adeptos encontrou a fortaleza que lhe animou a acção fatidica!

Foi ella que, entre outros factos terriveis, nos deu o compungentissimo espectaculo de uma pobre mulher, que, intimada a abandonar uma casa incendiada, se lançou ás chammas com o filhinho que estreitava ao seio, bradando : *Viva nosso bom Jesus!*

Lamentemos, pois, a lucta fratricida, de que não nos deve-

mos orgulhar como brazileiros; que ella nos sirva de bom incentivo para trabalharmos mais e mais, com verdadeiro patriotismo, no sentido de diffundir por todos os meios os beneficios da instrucção em nossos vastos *sertões*.

* * *

Tratemos agora dos montes existentes no Estado de Pernambuco : *Tabócas* e *Guararapes*.

No das *Tabócas* travou-se entre os pernambucanos insurgidos contra a dominação hollandeza, em 3 de Agosto de 1645, renhido e memoravel combate.

Os hollandezes já com sensiveis perdas, numa atrevida tentativa, investem rapidos pelo monte acima, mas a seu encontro desce vertiginosamente João Fernandes Vieira á frente de suas forças.

« A acção », diz o Visconde de Porto Seguro, « passou a ter logar corpo a corpo, e os hollandezes, que avançavam, viram-se obrigados a voltar costas, empurrados como por uma torrente, similhavel á das lavas jorrando do cone dos vulcões ou ás das grandes geleiras despenhadas dos cimos das cordilheiras nevadas, que, com a propria força de sua massa accelerada, vão levando após si quanto se lhes oppõe. Em tão grande confusão pereceram muitos dos inimigos e só tres dos nossos. »

Prolongando-se a lucta até á noite, aproveitaram os hollandezes esta circumstancia para, a coberto, se retirarem, cedendo o campo aos pernambucos victoriosos.

Foi após este combate que ás forças de Fernandes Vieira se reuniram as de Phelippe Camarão e Henrique Dias, depois de quatro mezes de marcha para esse fim, desde o rio *Real*.

*

Os montes *Guararapes*, ao sul do Recife, como o das *Tabócas*, relembra, egualmente, a lucta hollandeza em sua

ultima phase, marcando as duas batalhas ahi travadas o verdadeiro anniquilamento do dominio batavo no Brazil.

Teve logar a primeira em 19 de Abril de 1648.

Reforçados os hollandezes por novas tropas que lhes fôram enviadas, recebe Segismundo von Sckoppe ordem positiva para subjugar a insurreição pernambucana.

Os montes *Guararapes* fôram o scenario do encontro das duas forças, pelejando os hollandezes com perto de 2.500 homens.

Não esmorecem por isso os insurrectos, vendo em sua vanguarda Fernandes Vieira; Camarão e Henrique Dias nos flancos, e commandados pelo Mestre de Campo Francisco Barretto de Menezes.

Após o primeiro e terrivel encontro, trava-se o combate á arma branca, chegando-se a tomar a artilheria e munições dos hollandezes, que as recobram, em seguida, numa lucta renhida, até que, encurralados em uns pantanos, André Vidal de Negreiros derrota-os completamente.

A perda dos hollandezes foi enorme, deixando no campo da batalha mais de mil homens, entre mortos e feridos, dos quaes setenta e quatro officiaes, em cujo numero figurava o proprio von Sckoppe, baleado em uma perna.

Dessa memoravel batalha existe um bellissimo quadro, na Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, pintado pelo eximio artista brazileiro Victor Meirelles de Lima, e cuja reproducção vos damos.

Aos *Guararapes*, porém, estava reservado, nessa tremenda lucta, ser, em nova refréga, theatro de maior desastre para os hollandezes.

Foi o que succedeu em 19 de Fevereiro de 1649 a 3500 delles sob o commando do Coronel Brinck, enfrentando 2600 homens da insurreição, commandados por Francisco Barretto.

Acampadas as forças em logares convenientes, mas permanecendo durante algum tempo inactivas e expectantes, resol-

Primeira batalha dos Guararapes.

veram os hollandezes, desconfiando de suas posições ou imaginando um novo plano de combate, effectuar a retirada, ao que se oppoz Francisco Barretto, que, em taes circumstancias, anciava por illustrar o scenario da primeira victoria com um segundo triumpho.

Resolveu então atacar o inimigo, mandando avançar sua gente.

Ouçamos a respeito o Visconde de Porto Seguro, que, em 1861, visitou aquellas paragens historicas, e escreveu deante de documentos :

« Apresentaram-lhe primeiro resistencia cinco companhias do inimigo, que formavam sua retaguarda, ao mando do Capitão Tenbergen, em quanto se organizavam, para entrar em combate, duas columnas ao mando dos chefes Hautijn e Claes; logo avançou aquelle carregando pela direita, mas foi repellido pela cavallaria da nossa parte, que feriu ao mesmo Hantijn, obrigando-o a retirar-se. Apezar de ferido, reuniu Hautijn os seus, e juntando-se á força que Claes commandava atacaram ambos os nossos já senhores da estrada ; mas viram-se obrigados a retirar-se para as bandas dos cerros « por causa da grande força dos contrarios, que atacaram então com tanto impeto que as tropas hollandezas começaram então a fugir, sendo em breve tal a confusão que, nem por palavras nem por força, poderam ser contidos os que fugiam... e esta confusão foi consideravelmente augmentada pelos corpos dos Coroneis *van den Brande* e *van Elts*, que, baixando dos montes para acudir, lançaram-se de envolta com os regimentos mencionados e introduziram a mais completa desordem » (*). O inimigo ficou de todo destroçado ; e a victoria foi para os nossos ainda mais completa que a do anno antecedente. Além do chefe Brinck, perderam os contrarios 173 officiaes e officiaes inferiores a saber: quatro Tenentes-Coroneis, quatro Majores, trinta e cinco Capitães, trinta e dois Tenentes, vinte e seis Alferes e quarenta e nove Sargentos; e mais 855 mortos e noventa prisioneiros, o que tudo prefaz um total

(*) Estas palavras, como declara em nota o Visconde de Porto Seguro, em sua obra — « *Os hollandezes no Brazil* » foram copiadas do officio ao Presidente e Conselho do Recife, de Miguel van Gock, em 22 de Fevereiro de 1649.

de 1.045 homens. Ficaram além disso no campo cinco peças de campanha e cinco bandeiras. O inimigo reconheceu sua derrota e a confessou officialmente, attribuindo-a á cobardia dos proprios soldados. A perda dos nossos foi avaliada em 45 mortos e 200 feridos, entrando no numero destes o bravo Henrique Dias, que pela ultima vez derramava nessa campanha seu sangue pela patria. »

Capitulo X

Clima

Prodigamente aquinhoado pela natureza, nosso querido Brazil goza um clima variadissimo, apropriado a todos os povos e a todas as producções do Universo.

Não exaggeramos; não vos estamos suggerindo impressões nascidas apenas da imaginação alentada pelo calor do sentimento brazileiro.

Nossas palavras representam positivamente a verdade crystallina dos factos.

Lêde na phrase insuspeita do grande geographo Elizeu Réclus, por exemplo, um attestado eloquente desta affirmativa :

« Certamente o Brazil tem todas as vantagens naturaes da terra, do clima, dos productos, para que possam bastar amplamente ás necessidades das multidões que ahi vierem viver. Graças ás differenças do relevo e das latitudes, os povos de qualquer origem ahi encontram o meio perfeito que convem a seu pleno desenvolvimento : todas as fórmas vegetaes da zona torrida e das zonas temperadas ahi prosperam. A' flora brazileira, já prodigiosamente rica, se ajuntam pela acclimatação as floras de todo o resto do mundo. Para os homens, como para as plantas, o Brazil é uma terra da promissão... Nesse paiz tão fecundo, o calor e a humidade

bastam para revestir de uma bella vegetação as terras mais estereis; a propria rocha, decompondo-se, cobre-se de terra vegetal; pedras, que nos paizes da Europa não teriam por adorno senão o tapete cinzento ou amarellado dos musgos, são ahi cobertas pela ramagem engrinaldada das florestas virgens. »

Basta relembrar que a região mais temida e que ainda causa pavor a muita gente, que a suppõe quente como uma fornalha e pestilencial como um pantano — a grandiosa *Amazonia* —, como são geralmente denominados os Estados do Amazonas e Pará, tem merecido de sabios viajantes e exploradores os mais enthusiasticos encomios.

« Não conheço », diz Agassiz, que a percorreu durante muitos annos, « paiz no mundo mais rico, mais cheio de attractivos, mais soberbo e mais proprio para vir a ser a séde de uma numerosa população do que este magnifico valle do Amazonas. »

Wallace, que por longo tempo alli viajou, assim diz na obra que escreveu a respeito :

« O clima do valle do Amazonas é notavel pela uniformidade da temperatura e por uma provisão regular de humidade. Em muitas partes delle, ha seis mezes de estação secca e seis mezes de estação chuvosa, nenhuma dellas tão rigorosa como em alguns outros paizes tropicaes... Ha, comtudo, notaveis desvios desta regra geral... O Pará é um destes logares excepcionaes. São aqui as estações tão modificadas, que tornam o seu clima um dos mais agradaveis do globo. Houvesse eu julgado simplesmente o clima do Pará pela minha primeira residencia de um anno, poderia pensar ter sido impressionado pela novidade do clima tropical; porém, á minha volta, após um estadio de tres annos no Alto Amazonas e no Rio Negro, fui egualmente impressionado com a maravilhosa frescura e brilho da atmosphera, com a balsamica doçura das tardes, que certamente não têm eguaes em outra parte por mim visitada. A maior variação em um dia não é, penso eu, nunca de mais de 20° Fahrenheit e em quatro annos as mais baixas e as mais altas temperaturas dão somente um extremo de variação de 25°. Provavelmente não existe no mundo clima mais egual . »

Menos valiosa não é a opinião de Maury, em importante trabalho sobre a *Amazonia :*

« Em todas as regiões intertropicaes do globo, na India, na Polynesia, na Africa Occidental e na Nova Hollanda, imperam as duas estações. Durante a secca pouca ou nenhuma chuva cáe; exhaurem-se as fontes, perece o gado e os corpos mortos contaminam o ar; succede então desenvolver-se naquellas regiões o terrivel mal da peste.

No valle amazonico não succede a mesma coisa; as chuvas, ainda que copiosas, não cáem no espaço de poucos-mezes, nem são acompanhadas pelos terriveis tufões que apparecem nas mudanças de estações na India. Na America, brandas e fertilisadoras chuvas cáem em todos os mezes do anno e não são frequentes os tufões.

Muitos suppõem que por estar esta região dentro dos tropicos, tem clima analogo ao dos demais paizes tropicaes, como a India; mas pelas razões expostas e por não haver monções ou outras causas que produzam o abrazamento do valle do Amazonas pela secca em uma estação, ou ser inundada pelas chuvas em outra, ha tanta similhança entre os climas da India e do Amazonas, como entre os de Roma e Boston.

E assim como commetteria um grave erro quem julgasse identicos os climas de Boston e de Roma, por se acharem sob a mesma latitude, tambem em egual erro incorreria quem julgasse identico ao da India o clima da região amazonica, por serem ambos paizes intertropicaes.

Qual deve ser a condição de um paiz intertropical que tem o seu sólo regado por frequentes chuvas e onde não se verificam seccas abrazadoras durante seculos de perpetuo verão? Em um tal clima dá-se o phenomeno de uma extraordinaria fertilidade, porque tudo nasce e desenvolve-se rapidamente.

A rapida producção e a constante decomposição de materias vegetaes, durante milhares de annos, devem necessariamente haver enriquecido a superficie do territorio com bastas camadas de terra vegetal. A vegetação está em continua actividade, sem intervallo de repouso, porque logo que cáe uma folha e começa a decomposição vão nascendo outras que lhe absorvem os gazes.

Taes condições fazem com que o clima do Amazonas seja um dos mais saudaveis e deliciosos do mundo. »

Ao passo que no norte existem a humidade e o calor fertili-

sadores, sente-se no sul, em determinadas epochas, verdadeiro frio de climas europeus.

E' notavel, entretanto, que nem o calor é tão formidavel que determine a *insolação,* que em outros paizes da Europa e da America ceifa muitas vidas, no verão, nem o frio é tão excessivo que leve ao seio das classes pobres a miseria, a fome e a morte, como se dá em geral na Europa, durante o inverno.

Somos, portanto, gozando de todos os climas, um paiz verdadeiramente privilegiado pela natureza, bastando para fazer calar as injustiças que se irrogam, muitas vezes, á salubridade do Brazil, demonstrar por dados estatisticos que, como bem observa illustre escriptora, « é no Brazil, tão calumniado, que os — *muito velhos* — são legião, passando por assim dizer despercebidos, tanto isso é frequente e natural ».

Esta consideração é real, e no interessante estudo a que nos referimos vem comprovada por muitos exemplos, dentre os quaes mencionaremos aqui o mais notavel, mesmo porque envolve um attestado frisante de uma das mais bellas faces do caracter brazileiro — a justa comprehensão dos deveres de humanidade :

« ... O que excede, porém, a todos aquelles de que se tem feito menção no mundo é Manoel Bernardes Sá, que conta 170 annos de existencia. Foi casado seis vezes e habita Ponta Grossa, a um kilometro de S. Pedro de Aldeia, Estado do Rio de Janeiro. Seu neto, Leocadio de Mello, de 90 annos de edade, é actualmente carcereiro da cadeia daquella cidade. No anno passado, D. Francisco do Rego Maia, Bispo de Petropolis (*), em visita episcopal, deteve-se em S. Pedro de Alba : Manoel Bernardes Sá tomou parte no cortejo. Passando o rio Vidal, o cavallo que o Bispo montava, tendo tropeçado, foi arrastado pela impetuosidade da corrente; mas o valoroso velho, atirando-se á agua, toma o Bispo em seus braços vigorosos e o leva são e salvo.

Como a generosidade do Brazileiro não perde ensejo de manifestar-se,

(*) Actualmente Bispo do Pará.

o capitalista Francisco Mangueira recompensou a abnegação do corajoso velho fazendo-lhe presente do palacete que pertencera á rica proprietaria Francisca de Gonçalves; e afim de levar á posteridade esta acção inaudita, collocou o retrato de Manoel Bernardes Sá, na Cathedral, junto ao do Bispo. » (*)

O que ahi fica, pois, é bastante para fazerdes uma idéa approximada da salubridade e doçura do clima do Brazil, que a nenhum outro paiz inveja, sendo antes por muitos invejado.

Capitulo XI

Producções e riquezas naturaes

Em consequencia da notavel variedade de climas, como já vistes, é o Brazil fabulosamente rico em qualquer dos reinos da natureza.

Como tentar descrevel-os, quando de seus thesouros se diz, por exemplo, que « as florestas do interior, sobretudo as do Amazonas e Paraná, são talvez as mais opulentas do mundo » ?!

Como desdobrar deante de vossos olhos as grandezas inexgottaveis do Brazil, si para tanto seria necessario um tratado de muitos volumes ?!

Até 1889, a flora brazileira, por exemplo, já contava 22.000 especies classificadas em mil generos e em 155 familias.

E, a proposito, reflecte auctorizado escriptor : « Póde-se dizer, entretanto, que a flora da zona central é apenas conhecida : nenhum botanico penetrou jamais nas immensas florestas banhadas pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Xingú,

(*) Dona A. de Almeida e Vasconcellos — *A longevidade no Brazil* (1900). Transcripção no « Le Brésil » de Pariz, de 21 de Junho de 1903.

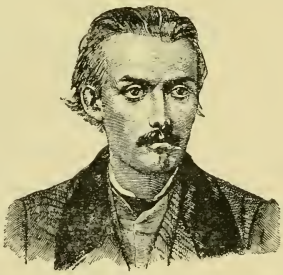
sendo estas 22.000 especies rigorosamente da flora do littoral do Brazil e das margens de seus grandes rios.

Freire Allemão, o grande botanico brazileiro, o homem que melhor estudou nossa flora, dizia-nos sempre que tinha vergonha de sua ignorancia quando se achava em face da floresta brazileira. » (*)

Achille Richard, por exemplo, chamava o Brazil — *Eden do naturalista;* e sabe-se, accrescenta o auctor já citado, que « *Martius,* o organizador da *Flora brazileira*, recommendou a seus discipulos que lançassem sobre seu tumulo folhas de palmeiras do Brazil, que elle tanto tinha estudado e amado ».

Lêde, por exemplo, as enthusiasticas palavras de Rocha Pita, celebrado historiador :

« O Brazil, vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando seus campos o mais util alimento, suas minas o mais fino ouro, seu terreno o mais suave balsamo, seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz a todas as luzes rico, onde, prodigiosamente profusa, a natureza se desentranha nas ferteis producções, brotando suas cannas espremido nectar, e dando suas florestas sazonada ambrosia. Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes. E', emfim, o Brazil terreal paraizo descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios, onde domina salutifero clima, influem benignos astros, respiram auras suavissimas. »



Casimiro de Abreu.

Eram essas mesmas bellezas, esses mesmos aromas e encantos, que nosso inspirado poeta Casimiro de Abreu, em

(*) Dr André Rebouças — *As zonas agricolas. O Brazil em 1889.* Livro para a Exposição de Paris do mesmo anno, publicado sob a direcção do Barão de Sant' Anna Nery.

suas sentidas — *Canções do Exilio* — celebrava na dulcissima poesia, uma das mais populares no Brazil :

MINHA TERRA

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha.
— Hei de dar-lhe a realeza
Nesse throno de belleza,
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul :
Debaixo dum céo de anil,
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil.
— E' uma terra de amores,
Alcatifada de flores,
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal !
— E' uma terra encantada,
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem egual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
Dentre todas — a primeira :
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borbolêta que adêja
Sobre as flôres que ella beija,
Quando o vento rumoreja,
E a folhagem da mangueira.

E' um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um sólo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli, nas tardes amenas,
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo,
A' sombra do cajazeiro,
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brazileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava,
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia,
Em ternissimos enleios,
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios:
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na larangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade;

Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana,
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos.
Foi bello vêr esse povo,
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
— Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os echos da montanha
Ao longe diziam — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia,
Cheio de nobre ousadia,
O nome da minha terra!

Se brazileiro eu nasci,
Brazileiro hei de morrer,
Que um filho daquellas mattas
Ama o céo que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos,
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyé formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra
Mas não pôde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas,
O mesmo canto desfira.
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores,
Alcatifada de flôres,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura : — não tem rival!

* * *

REINO VEGETAL

Como mais importantes dentre as producções vegetaes do Brazil, pelo extraordinario movimento commercial de que são objecto, mencionaremos — algodão, cacau, fumo, café, borracha, canna de assucar, herva-matte, carnaúba, castanha, piassava, etc.

*

O café não é originario do Brazil, sendo que o primeiro caféeiro nos veiu de Cayenna, Guyana Franceza, em 1727, para o actual Estado do Pará, de onde, transportada a semente para o Rio de Janeiro, propagou-se por tal fórma em todo o paiz, tão abundantemente e com tantos ele-

Ramo de Caféeiro.

mentos de superioridade, que o Brazil se constituiu o mais importante productor.

A exportação do café, que em 1800 não excedia de 700 kilos, em 1890 attingiu 490.000 toneladas, representando mais de metade da producção dos demais mercados exportadores.

Em 1900, só os Estados Unidos da America do Norte, que dentre os paizes consumidores occupam o primeiro logar, importaram do Brazil 5.969.635 saccas de café, correspondentes a 358.179.100 kilos!

Dentre os diversos Estados do Brazil são os da Bahia, do Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes aquelles que mais exportam o precioso grão.

Canna de assucar.

*

Com relação ao assucar, já houve um tempo em que o Brazil foi, egualmente, o maior exportador no mundo.

Ha duvidas sobre a origem da canna de assucar entre nós.

Querem uns que ella seja um producto indigena; outros, que tivesse sido introduzida no Brazil, em 1531, por Martim Affonso de Souza, transportada da ilha da *Madeira*, possessão portugueza na Africa, para *S. Vicente*, que elle fundára.

Além do assucar, extráe-se da canna o alcool, mercadoria de grande importancia e commercio, não só por suas diversas propriedades e applicações industriaes, mas tambem pelo emprego que vae tendo na illuminação e como combustivel em vez do carvão de pedra.

A canna é, geralmente, cultivada em todo o paiz, cuja producção total de assucar, segundo dados estatisticos, se elevou de 1900 a 1902 — a 924.110.852 kilos, dos quaes 308.286.195, isto é, um terço, fôram exportados.

O Estado de Pernambuco foi o maior productor com 372.427.340 kilos, exportando 383.026.440, incluida neste numero parte da producção de Estados visinhos, que têve sahida tambem pelo porto do Recife.

Os Estados do Maranhão, do Rio Grande do Norte e da Parahyba produziram, respectivamente, 4.242.452, 8.720.900, 15.179.458 kilos, e exportaram, na mesma ordem — 923.016, 2.555.048, 12.859.460.

Não ficou, infelizmente, bem precisada, no referido periodo, a producção total dos Estados de Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, que exportaram, entretanto : o primeiro, 92.576.904; o segundo, 96.097.384; o terceiro, 45.467.667 kilos; ao passo que S. Paulo, que importou de outros Estados 140.714.040 kilos produziu, por sua vez, 23.294.714.

*

A borracha constitue uma das mais vastas riquezas do Brazil, que fornece a maior parte da producção total dessa materia prima no mundo, abastecendo amplamente a Inglaterra, a Allemanha e os Estados Unidos da America do Norte.

Dentre os differentes Estados brazileiros, productores de borracha, extrahida da *maniçoba* e da *mangabeira*, nenhum possue, entretanto, a especie fornecida pelas *Seringueiras* dos Estados do Pará e do Amazonas, que as têm em

mmensas florestas, produzindo a melhor borracha até hoje conhecida.

Não é fóra de proposito referir-vos aqui como se prepara nesses dois Estados o precioso leite extrahido da *seringueira*.

Ferida a arvore com uma *machadinha* apropriada, o *seringueiro,* como é chamado o extractor, colloca na abertura produzida no tronco um pequeno vaso de folha de Flandres, a *tigelinha*, que vae recebendo uma certa quantidade de resina, emquanto elle passa adeante, fazendo o mesmo em toda a *estrada*, que, geralmente, contém centenas de *paus*.

Seringueira.

O processo da coagulação consiste em ser o leite despejado, pouco a pouco, sobre uma fôrma, que está em contacto com a fumaça produzida pela queima de sementes de determinadas arvores, até tomar a consistencia necessaria, transformando-se em grandes bólas, que pesam ás vezes 30, 40 e mais kilos, e assim entram no mercado.

A exportação annual da *Amazonia* sóbe a mais de 30.000.000 de toneladas.

Para bem avaliardes a importancia desse producto, para o qual a industria vae dia a dia descobrindo novas applica-

ções, basta dizer que em 1900 alcançou nos dois grandes Estados do Norte o preço de 15$000 por kilo !

Fumo.

*

O *fumo*, como o café e a canna de assucar, está espalhado por todo o territorio brazileiro, sendo afamado o produzido nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Bahia, Minas Geraes, Rio Grande do Sul e Goyaz.

O da Bahia é mais conhecido e apreciado no extrangeiro, sendo objecto de extraordinario commercio, principalmente com a Allemanha.

Manipulado em excellentes charutos por grande numero de fabricas existentes no Estado, e ainda em folhas sèccas, devidamente preparadas, attinge muitos milhões de arrobas sua exportação annual.

*

E' egualmente abundantissimo no paiz o *cacau*, de cuja arvore ha verdadeiras florestas nos Estados do Amazonas e do Pará, sendo tambem extenso seu cultivo em outros Estados, principalmente no sul do da Bahia.

Ramo do cacauzeiro.

Não tão consideravel como o do café, do fumo e da borracha, é, entretanto, bastante desenvolvida a exportação do

cacáu, que no proprio paiz tem tambem bastante consumo por meio das differentes fabricas de chocolate.

*

Como outras plantas extrangeiras, adaptou-se bem no clima privilegiado do Brazil, mórmente nos Estados do Sul, a do chá.

Arbusto do chá.

E', entretanto, minima a colheita, limitada apenas a uma pequena parte do consumo no paiz, não podendo por ora fazer face, absolutamente, á producção da India ou da China.

Em compensação, temos em prodigiosa quantidade a *herva-matte;* dentre os Estados productores, sobreleva o do Paraná, cuja exportação em 1899, por exemplo, ascendeu a 21.912.899 kilos.

A proposito transplantaremos para aqui valiosas opiniões de scientistas a respeito desse nosso precioso producto, destinado, quem sabe, a abater ainda na Europa o imperio do chá, cujo consumo é extraordinario, principalmente na Inglaterra.

« A herva-matte », diz o Dr Schnepp, « dá uma bebida aromatica e de bom sabor, que mitiga a sêde, illude a fome e repara as forças, sem fadiga nem excitação. Tomada com leite e assucar é tão alimenticia como o chá da China e o café, com a vantagem, porém, de estimular brandamente o

systema nervoso sem produzir insomnia. Só, independente de qualquer outro alimento, a infusão do *matte* sustenta as forças e o vigor durante dias inteiros. Seria de grande vantagem para nossos colonos de Argel que, trabalhando longe de casa e em logares onde nem sempre podem achar alimentos, vivem, como os viajantes, obrigados a trazer comsigo a comida. Em medecina o *matte* é aconselhado em todos os casos em que se trata de sustentar sem excitar as forças, e nutrir sem fatigar o estomago. »

Herva-matte.

Valiosa é ainda a opinião do Dr Lankaster, Superintendente da secção de productos animaes e alimenticios do Museu de *South Kensington*, em Londres:

« É questão palpitante para o Brazil a de se propagar o *matte* como bebida alimentar. Demonstram as analyses chimicas que esta planta contém quasi o dobro de théina que o mesmo peso de grãos de café e tanto como as folhas de chá. Esta planta, que ainda se não consome na Europa, tem, entretanto, grande interesse para os que estudam a alimentação do genero humano sob um ponto de vista philosophico. Na Inglaterra, por exemplo, onde é tão extenso o uso do chá, não seria impossivel que viesse ainda a abrir-se um mercado para o *matte*, cujo baixo preço se tornaria um incentivo de estimação e de consumo. » (*)

(*) Relatorio acerca dos productos do Brazil na exposição internacional de Londres de 1862.

Como observação pessoal sobre os effeitos de tão apreciavel bebida, não podemos deixar de vos dar tambem a ler a interessante apreciação do Dr Couty :

« Fiz experiencias sobre mim mesmo e verifiquei que o matte póde substituir perfeitamente o café, para uma pessôa que esteja habituada com este; observei, ao mesmo tempo, que o matte não tem os inconvenientes do café. Habituado a beber o café, tinha necessidade desse excitante para poder trabalhar; quando não o tomava, cançava-me e adormecia, porém bastava ultrapassar um pouco além para ter insomnia e palpitações. Substitui o café pelo matte, em diversas dóses, e pude trabalhar á vontade, sem me cançar nem ter somno. Exaggerando as dóses, não tive insomnia. O matte prepara-se por infusão ou decocção. A dóse ordinaria é de 25 grammas pouco mais ou menos para um litro de agua, podendo tambem ser regulada, segundo o gosto de cada um. Deixa-se repousar dez a quinze minutos e serve-se filtrando. Adoça-se á vontade e bebe-se assim, ou então addicionando-se leite, rhum etc. Deve-se evitar o emprego de utensilios de ferro, que dêm côr escura ao liquido. O matte, pelo gosto que lhe é proprio, muitas vezes só é apreciado depois de muitas experiencias. É um tonico poderoso de longo alcance que convém principalmente ás pessôas que se entregam a trabalhos peniveis do corpo e do espirito, aos doentes e a todos que procuram resolver o problema de uma bôa alimentação com uma despesa modica. O jornal *La France* affirma que foi o matte que permittiu ao Dr Tanner supportar os quarenta dias de jejúm. O matte é desalterante por excellencia e um grande reparador de forças. Convém aos homens de estudo, aos quaes o uso do café é nocivo, pois que proporciona os mesmos effeitos, sem excitar o systema nervoso. Póde-se bebel-o frio, porém, geralmente, bebe-se quente e os amadores o absorvem por meio de uma bombilha. »

*

É vastissimo tambem no Brazil o cultivo do algodão, especialmente nos Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Sergipe e Bahia.

Não só a exportação do algodão em rama se faz em larga escala para o extrangeiro, como é esse producto muito utilisado no paiz por mais de cento e cincoenta fabricas de tecido em differentes Estados; entre outros, nos do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul e no Districto Federal.

Algodoeiro.

*

A *carnaúba* tambem é muito commum, notadamente nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Bahia.

Além da cêra que as folhas contêm e de que se faz larga exportação para a Europa e a America do Norte, onde é usada na coloração do papel e no fabrico de velas e cylindros de phonographos, produz tambem a *carnaúbeira* uma gomma similhante ao sagú, fornecendo ainda as folhas excellentes fibras para tecidos. No proprio paiz presta-se a carnaúbeira á industria de velas e chapéos e outros misteres, empregando-se os troncos como excellentes traves de duração secular na construcção de casas etc.

Da mesma familia existe no norte do Brazil o *burityseiro*, que, além de dar um fructo muito saboroso, serve a identicos fins industriaes, fornecendo demais uma madeira de composição flaccida, que substitue perfeitamente a cortiça e se emprega egualmente na construcção de jangadas.

Carnaúbeira.

*

Bôa adaptação vae tambem tendo no sul do Brazil o *trigo*, precioso cereal indispensavel á alimentação humana e que é a base da riqueza agricola de muitos paizes americanos e europeus.

Espiga de trigo.

*

É consideravel o commercio que fazem os Estados do Amazonas e Pará com a Inglaterra e, principalmente, com os Estados Unidos da America do Norte, de um apreciavel coquilho, chamado em geral *castanha do Pará*.

Possuem esses Estados dilatadas extensões de colossaes castanheiros, cujo fructo é, como vêdes na gravura, um

volumoso *ouriço*, contendo grande numero dessas castanhas, que são muito oleosas e se prestam a differentes industrias e diversas applicações culinarias.

Exportam-se annualmente muitos milhões de kilos.

Castanheiro.

*

Dentre as numerosas especies de plantas medicinaes, como *copahyba*, *salsaparrilha*, *quina*, *cóca*, *jalapa*, *baunilha*, etc., sobreleva a *pôaya*, a respeito da qual se affirma « quasi que só em Matto Grosso a ipecacuanha tem patria, sendo os terrenos de sua predilecção as ribas occidentaes e notavelmente as das cabeceiras do *Guaporé* e do *Paraguay* até o *Jaurú*. É nas margens deste affluente e nas do *Cabaçal* que se cólhe a maior parte da que desce a abastecer os mercados do mundo, e são conhecidas pelo nome de *mattas de poaya* as frondosas florestas que cobrem as margens desses dois rios, e a cuja sombra protectora vegeta extraordinariamente tão precioso medicamento. » (*)

A *poaya* encontra-se tambem em quantidade em outros Estados, notadamente no da Bahia, servindo sua raiz, que, ordinariamente, méde de 27 millimetros a 11 centimetros de comprimentro, de precioso emetico que desde 1686

(*) Dr João Severiano da Fonseca — *Viagem em redor do Brazil.*

conquistou larga reputação em toda a Europa após as experiencias realizadas pelo celebre medico Helvetius.

Poaya.

*

No genero — madeiras de construcção, innumeras são as especies conhecidas nas vastas e fecundas mattas brazileiras, como, por exemplo : *jacarandá, massaranduba, pau setim, canella, araribá, gonçalo alves, giquitibá, ipé, cedro, muerapinima, pau d'arco, pau ferro, sucupira, sapucaia, vinhatico*, etc.

Em S. Paulo, Santa Catharina e Paraná, por exemplo, existem florestas de pinheiros — *araucaria brasiliensis* — apreciada madeira de construcção civil e naval, que produz tambem uma resina de beneficos effeitos medicinaes nas molestias pulmonares.

Como vereis na gravura seguinte, é um bello typo de arvore, tendo algumas mais de quarenta metros de altura.

Lemos algures que em 1893 se pretendeu enviar do Estado do Paraná para a Exposição de Chicago, nos Estados Unidos da America do Norte, um bonito specimen de araucaria com quarenta e tres metros de altura, tendo a base tres de diametro.

Cortado em diversos tóros, não poderam estes, entretanto, chegar a seu destino, por não haver vapor que os quizesse conduzir, em vista do peso e da enorme grossura dos mesmos.

*

Quanto a fructas, bellas e deliciosas, é extraordinaria nossa riqueza!

Basta reflectir que, participando o Brazil de todos os climas, além das que lhe são peculiares, produz as differentes especies dos demais paizes.

Assim, nos Estados do sul, por exemplo, tão bem como na Europa, temos a *pêra*, a *maçã*, o *morango*, a *cereja* etc.

Em todos os Estados brazileiros abundam, entre outras fructas apreciadissimas: — o *abacaxi*, o *melão*, a *melancia*, o *tamarindo*, o *saputi*, a *uva*, o *araçá*, o *genipapo*, a *cajá*, a *pinha* ou *ata*, *a laranja*, etc.

Araucaria.

E a proposito da superioridade de nossa laranja, não podemos calar aqui impressões que nos ficaram de uma leitura sobre o prodigioso commercio de que ella é objecto, no Estado da California, na União Norte-Americana, ao qual o Brazil forneceu em 1873 seu precioso producto.

Com effeito, fôram naquelle anno introduzidos em *Riverside*, levados do Estado da Bahia, dois pés de *laranjas selectas*, de cujos rebentos brotaram milhões de arvores, produzindo especialissima fructa, que tomou o primeiro logar nos mercados. Calcula-se que presentemente só os Estados do Sul possuem 4.120.470 laranjeiras, oriundas daquelles dois pés, que produziram em 1900, por exemplo, uma expor-

tação de 6.624.000 caixas de laranjas, no valor de dezoito milhões de dollars, equivalentes em nossa moeda a muitos milhares de contos de reis!

Affirma-se mesmo que o cultivo e a exploração das laranjeiras têm contribuido mais, sob diversos pontos de vista, para o desenvolvimento geral do rico Estado da California, do que a propria mineração do ouro.

Eis, portanto, o que dois pés apenas de nossa excellente fructa produziram nos Estados Unidos da America do Norte!

Que essas simples observações possam servir de bom incentivo ás nossas energias, produzindo em vosso espirito um interesse devotado pelo desenvolvimento de nossas riquezas naturaes.

Não basta a posse de thesouros : é preciso saber aproveital-os.

*

Dentre as fructas do Brazil, entretanto, destacaremos aqui o *cajú*, o *mamão*, a *banana* e a *manga*.

O *cajú* é excellente de gosto e essencialmente medicinal.

Em um estudo sobre fructas brazileiras e suas propriedades, o Dr Eduardo Magalhães assim se pronuncia :

« ... É tradicional que o cajú chupado pela manhã em jejum é muito saudavel. Realmente ha pessôas que se dão bem com essa pratica.

Quero mesmo crer que, attenta á composição, seja esta fructa, usada desse modo, mais agradavel do que a laranja.

Em uma conferencia realizada no Recife sobre a *utilidade do cajueiro*, o respeitavel Dr Cosme fez a apologia dessa arvore nos termos mais encomiasticos e convencidos, só faltando, para maior encanto das damas e cavalheiros, tivesse logar a cerimonia sob a copa frondosa e balsamica de um cajueiro em plena florescencia.

Comparando a efficacia do succo do cajú com o de outras fructas, a laranja, o melão, a melancia, o abacaxi, a manga, o abacate etc., salienta o enthusiasta conferente que nenhuma dessas possue tanino e

um oleo excitante — diaphoretico, suspenso em seus succos como tem o cajú, dando-lhe as prodigiosas virtudes que possue.

Nesse oleo pretende o Dr Cosme que um dia se descobrirá algum alcaloide, que por antecipação denomina — anacardina —, identico á — cafeina, cocaina, theobromina etc.

Suggestionando o auditorio, elle descreve a actividade que o succo do cajú imprime ao coração, ás funcções digestivas, aos rins, á pelle, inferindo desse conjuncto de effeitos as multiplices virtudes dessa fructa em saúde e na molestia.

Ha realmente no cajú qualidades distinctas. Das fructas usadas como auxiliar do tratamento de algumas molestias, é o cajú a mais recommendavel.

Fala-se em cura de uvas, cura de morangos, de laranja, de limão, de cerejas e tambem de tamaras. Bem; serão todas efficazes, não contesto, mórmente a primeira, a cura de uvas; nenhuma, porém, competirá com a cura por cajús.

Individuos fracos, magros, eczematosos, rheumaticos, diarrheicos, syphilicos, recolhendo-se no verão a uma das bellas praias de Sergipe, onde os cajueiros, cobertos de cajús amarellos e vermelhos, são extensas florestas, e atirando-se loucamente aos cajús, cujo caldo ingerem, chupando-os ou em cajuada, de lá voltam fortes, nutridos, nedios, não parecendo os mesmos que para lá fôram.

Do cajú se póde dizer que o proprio abuso é proveitoso... » (*)

*

O *mamão*, tambem de excellentes effeitos medicinaes, presta-se, assim como a propria arvore que o produz, a differentes usos na vida pratica.

Tomamos ainda, a bem da diffusão dos beneficos effeitos de tão preciosa fructa, algumas observações do citado Dr Magalhães :

« ...Servem as folhas :

1°) Para alvejar a roupa as lavadeiras munem-se de algumas, ou da herva de *S. Caetano* para economisarem o sabão;

(*) Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, edição de 6 de Fevereiro de 1903.

2º) Bem sêccas em pó finissimo, sendo queimadas, são efficazes em inhalações contra a asthma;

3º) Envolvendo a carne de vacca por algumas horas, amaciam-na, tendo sido esse effeito o ponto de partida para os estudos do sempre lembrado Dr Moncorvo e de sua descoberta da *caricina* ou papaína, fermento digestivo por elle isolado do succo leitoso, principalmente do mamão verde.

As flôres — dão um xarope contra a tosse. Conheço casos de tosse rebelde, que, resistindo a differentes meios, cedêram a esse xarope, que merece mais attenção do que se lhe presta.

Do tronco — fabricam papel, ignorando eu a razão de não ter vingado essa industria, sendo a materia prima de tão baixo preço e facil acquisição.

Os fructos — porém, constituem a parte mais importante dessa utilissima arvore, em estado ainda verde ou principalmente maduro.

Do mamão verde — se colhe o succo leitoso, de que se extráe por processo conveniente a *Caricina Moncorvo*, a varios respeitos superior á pepsina. Com o nosso elixir de papaina — tenho conseguido muitas vezes regularisar a funcção digestiva em creanças e em adultos. E' um digestivo de primeira ordem, quando é empregado opportunamente ou ha indicação.

Do mamão verde, cortado em pedacinhos, se faz bom prato de verdura, imitando a abobora d'agua, ou se usa em ensopado simples ou misturado com a carne de vacca. Cortado do mesmo modo se prepara tambem bôa sôpa. O mamão verde constitue, pois, um alimento ou um coadjuvante de alimentação, devendo ter seu que de digestivo

Maduro é o mamão uma fructa apreciavel, sã, util..... O mamão, cumpre reconhecer, é muito menos apreciado do que merece : prejudica-o a abundancia, a vulgaridade. Os homens, em geral, dão mais valor ao que mais lhes custa obter : a raridade e a difficuldade encarecem. E', com effeito, uma fructa digestiva, refrigerante, nutriente e muito saudavel.

Pessôas ha que se queixam do mamão, accusando de lhes relaxar o estomago. O mal, seja dito, não vem da fructa, mas do abuso : — essas pessôas não começam prudentemente, como devem, excedem-se e d'ahi a perturbação digestiva. Deste modo o que deixa de ser prejudicial? Aconselho frequentemente a dyspepticos o uso dessa fructa, como

auxiliar de digestão, advertindo-os, porém, da conveniencia de não se excederem, e noto que a muitos aproveita o conselho..... Além de ser fructa alimenticia, abundante, como acabo de mostrar, de substancias mucilaginosas, o mamão contém fermentos digestivos, que muito aproveitarão nas molestias do estomago, intestinos e nas especies da nutrição.

Quero crer que o uso systematico do mamão todas as manhãs — durante 30 ou mais dias — daria importantes resultados nesses casos.

A's horas mais calidas do dia, entre as refeições, é que o mamão mais agrada; é, porém, pela manhã, ou no fim da refeição que mais aproveita, não havendo abuso, sua acção digestiva.

Uma talhada vale, então, uma dóse de maltina ou de papaina... » (*)

*

A *banana,* muito abundante entre nós, possue notaveis propriedades alimenticias, que a tornam uma fructa de primeira ordem.

Muito saborosa, é bastante apreciada no paiz e mais ainda na Europa, que a importa em grande escala de differentes mercados.

Sobre esta excellente fructa o Dr Duarte Guimarães, de Minas Geraes, dá o auctorizado attestado, que vamos pôr sob vossos olhos, como materia instructiva e de muita utilidade pratica :

« A farinha de banana é hoje uma das substancias mais usadas como alimento e de emprego na therapeutica, em quasi toda a Allemanha, Asia, Africa, Estados Unidos do Norte e no Brazil, tanto que ja temos a felicidade de possuir algumas fabricas muito bem installadas com os mais aperfeiçoados apparelhos adquiridos na Europa, com seccadores e vaporisadores proprios á preparação das bananas sêccas em fatias para grande exportação para os paizes extrangeiros, além da exportação em bruto, que mantém o commercio de Santos e Santa Catharina com a Republica Argentina, ha longos annos, por conhecerem os argentinos ser este fructo um importante alimento.

(*) *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro, edição de 6 de Fevereiro de 1905.

As fabricas que temos no Brazil, são nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. (*)

Em Cuba e muitos pontos da America do Norte a farinha de banana é um grande sustentaculo para os trabalhadores, servindo até para o fabrico do pão, que comem de mistura com os caldos vegetaes; fazem papas, mingáos para os doentes enfraquecidos por diversas molestias, para os convalescentes, tuberculosos, dyspepticos, e para a alimentação das creanças, como tenho em muitas occasiões mandado empregar de mistura com o leite, obtendo sempre o mais satisfactorio resultado. Na tuberculose pulmonar, a farinha de banana tem sido de um proveito extraordinario, como tambem para os velhos enfraquecidos, exgottados pelo trabalho; e como alimento das creanças é uma verdadeira maravilha, cujos resultados por diversas vezes tenho verificado, sendo melhor que qualquer farinha extrangeira, como sejam a de *Tropon, Lactea* e *Falières.*

A grande vantagem do emprego desta farinha na clinica é como verdadeiro alimento e grande reparador da nutrição, pelas ricas substancias que o fructo contém, que são as seguintes : *albumina, amido*, *assucar, dextrina, phosphatos de sodio e de potassa, chloruretos* e diversos *carbonatos.* que muito concorrem para o desenvolvimento muscular.

Nem todas as bananas tem o mesmo valor nutritivo, e para isso transcrevo uma classificação feita pelo meu illustre collega, Snr. Dr Peckol, que tem estudos especiaes sobre o assumpto.

Grande valor nutritivo da banana :

1ª classe, banana roxa	43 %
2ª classe, banana da terra	42 %
3ª classe, banana ouro	37 %
4ª classe, banana maçã	34 %
5ª classe, banana da india	31 %
6ª classe, banana capitão-mór	28 %
7ª classe, banana prata	27 %
8ª classe, banana São Thomé	20 %
9ª classe, banana anã.	20 %

Deante desta classificação scientifica, chega-se á conclusão de que se

(*) Existe tambem no Pará, em Obidos, uma fabrica que produz excellente farinha de banana.

deve preferir as bananas que contiverem mais elementos nutritivos para o fabrico da farinha, afim de se poder obter um producto aproveitado á nutrição e tonico do organismo depauperado de forças.

Com a farinha de banana preparam-se diversos dôces esplendidos e sôpas para o uso diario em muitas casas de familia, sendo isto um bom alimento que póde ser feito com caldos de carne, de gallinha e de perdiz, cujo sabor é bem agradavel, podendo-se tambem misturar a farinha com leite, um pouco de assucar e gemmas de ovo, obtendo-se um bom preparado, que se póde chamar chocolate de bananas, que muitas vezes mando os doentes usarem nas convalescenças.

Para os neurasthenicos, dyspepticos, devido aos phosphatos de cal, de sodio e potassa, que contém, a farinha de bananas, é de grande vantagem, por ser esta substancia um bom tonico nevrino.

A alguns doentes que não possam supportar o chocolate de bananas, aconselho somente prepôr o mingáo desta farinha com leite de vacca ou de cabra, tornando-a assim uma substancia alimenticia de primeira ordem e de facil digestáó.

Tal é a força da farinha de bananas como alimento, que basta uma colher de sôpa da pura farinha para corresponder a 100 grammas de carne de superior qualidade e a meia garrafa de bom leite.

Eis, pois, um termo comparativo entre a farinha de bananas, a bôa carne de gado e o bom leite, tendo unicamente a farinha a grande vantagem de grande applicação na medicina, como alimento de poupança e reparador do organismo enfraquecido por molestias, principalmente na tuberculose pulmonar, e cujos resultados beneficos eu na clinica tenho verificado em muitos doentes.

Tenho sempre aconselhado a muitas pessôas de minha clientella, quer aqui, quer no Rio de Janeiro, usar de preferencia a alimentação vegetariada e lactea, incluindo o uso da farinha de bananas, como um alimento bem completo. »

E para bem avaliardes, com já fizemos com relação á laranja, a grande riqueza que possuiriamos nesse producto, si conseguissemos estabelecer uma exportação consideravel, cujas fontes seriam verdadeiramente inexgottaveis, falar-vos-emos aqui, como um eloquente attestado, da ilha da Jamaica, por exemplo.

Pequena possessão ingleza, nas Antilhas, conta essa ilha na exportação de fructas o mais seguro elemento de sua riqueza, sobrelevando a banana, cuja sahida de 1899 a 1900, conforme lemos, subiu ao valor de 15.077.000 francos!

Equivalendo neste momento um franco a 800 rs. em nossa moéda, teremos para o total referido, mais de 12.000.000$000! Imaginae, porém, que sendo o Brazil capaz de dar o decuplo, pelo menos, da producção da Jamaica, teriamos si podessemos exportar nas mesmas proporções de quantidade e valor um total de mais de 120.000.000$000!

*

Falemos, finalmente, da *manga*, não só pelo saborosissimo gosto e propriedades medicinaes de que é dotada, como ainda pela preferencia que a mangueira vae tendo para a arborisação publica.

Sobre a fructa, ouçamos mais uma vez o Dr Eduardo Magalhães :

« Não receiasse ferir os paladares susceptiveis, contrariar os apaixonados do abacaxi e da laranja, e eu collocaria a manga no primeiro logar entre as melhores fructas. A manga, a bôa manga, é realmente muito saborosa.

No *Diccionario de Botanica Brazileira*, Arruda da Camara, occupando-se da manga, diz ser « excellente fructa, talvez a melhor que existe ».

Vê-se, pois, que não estaria desacompanhado, se eu sustentasse aquelle conceito sobre a primazia da manga.

Pernambuco produz bôa manga; a de *Itamaracá* passa por superior.

A manga da Bahia, mais abundante e conhecida, é tambem mais afamada, principalmente a da ilha de Itaparica.

Entre as especies dizem haver, produzida mesmo na capital deste ultimo Estado, uma pequenina, que é um favo de doçura e um primor de aroma.

Aqui, em S. Paulo, temos as primorosas mangas de Itú e Araraquára. A manga paulista é realmente muito saborosa, não se podendo distinguir qual das tres especies conhecidas, — a *espada*, a *bonbon* e a *rosea*, é a melhor.

No vulgo ha a crença de ser a manga prejudicial á saúde, e existe mesmo o preconceito de que tres góles de agua tomados sobre a manga — tiram-lhe a maldade.

A manga é, com effeito, excitante — o producto de uma terebenthinacea. Não é, pois, fructa para se abusar. Além disto, nota-se ser a digestão um tanto demorada : em algumas pessôas, horas depois de ingerida, vem ainda á bocca o gosto da fructa.

Pela lavagem do estomago de um cliente meu obtive retirar, na manhã seguinte, polpa de manga comida na vespera. A essa pessôa a manga era sempre prejudicial.

Não vos assuste, porém, este caso excepcional; muita e muita gente usa da saborosa fructa sem inconveniente algum. Diz-se mesmo que da manga se extráe um succo resinoso com propriedades eupepticas ou digestivas.

Certo é que a manga, do mesmo modo que o abacaxi, não *relaxa o estomago* ao contrario da laranja em algumas pessôas, principalmente dyspepticas.

A manga é util aos debilitados, anemicos, nos casos de bronchite chronica e nos affectados do peito.

Recordo-me de uma publicação, ha tempo, no Jornal do Commercio, concernente á cura de um tuberculoso, que, desenganado dos meios usuaes contra similhante molestia, *usou* largamente dessa fructa.

Merat e de Lens attribuem ás folhas da manga a virtude de combater a dôr de dentes; á resina, o effeito antisyphilitico; á amendoa do carôço, a propriedade de combater os vermes; e á fructa, a qualidade de nutritiva, naturalmente pela abundancia dos principios assucarados. Egualmente a consideram contraria ao escorbuto.

No catharro da bexiga, do mesmo modo ou com maioria de razões, do que no catharro bronchico, a manga tem cabimento por sua acção diuretica, não deixando de haver razão na crença do povo, attribuindo a essa fructa o effeito de *alimpar as urinas.* »

*

Quanto á adaptação da mangueira á arborisação publica, mencionaremos a cidade de Belém, a florescente Capital do Estado do Pará, que, em poucos annos, pela actividade incançavel e apurado gosto artistico do Intendente, Senador Antonio

Praça Visconde do Rio Branco. — Estatua do Dr Malcher, caridoso medico e eminente homem publico. — Em Belém.

José de Lemos, já por duas vezes reeleito, se elevou á qualidade incontestavel de mais bella e mais importante capital do Norte, occupando positivamente a primeira plana em materia de arborisação em toda a Republica.

Antonio Lemos.

Bellissimos são seus bem cuidados jardins; encantadoras e poeticas suas extensas avenidas!

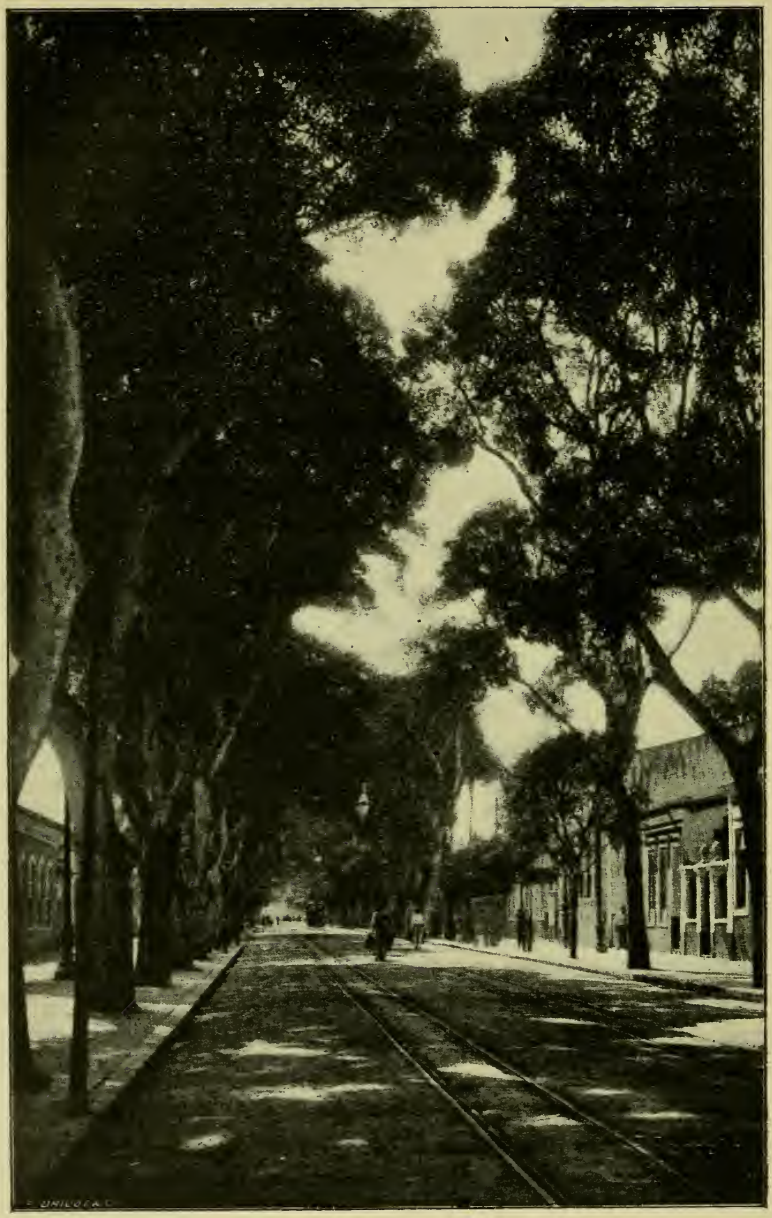
D'ahi, o poder dizer, com muita razão, o Intendente de Belém em recente informação, prestada ao Conselho Municipal, com relação, por exemplo, á formosa praça *Baptista Campos,* onde, como já vos dissemos, deverá ser erguida a estatua do Barão do Rio Branco :

« Todas as nossas praças cujo embellezamento a municipalidade iniciou, ostentam, pela exuberancia da vegetação rica e viridente, pela cultura methodica e aprimorada das plantas, uma feição de consoladora e amena frescura, realçada pela variedade das flôres que, aqui e alli, desabrocham, numa admiravel polychromia.

Entre as nossas praças, a que mais se destaca, não só pela sua vastidão consideravel, como tambem pela multiplicidade de apreciaveis obras de arte que nella se encontram — é a Baptista Campos, que mais apropriadamente deveriamos chamar parque.

Não receio ser taxado de exaggerado, assegurando-vos que esse formoso logradoiro publico, desde que se achem ultimados os seus trabalhos de embellezamento, poderá ser emparelhado sem desdoiro com os melhores congeneres das cidades européas mais adeantadas.

Regatos serpeiam por entre tufos de verdura, onde flôres coloridas e perfumosas abrem-se ao vivificante sol equatorial; cascatas, onde a agua limpida saltita sonoramente, erguem-se sob aspectos deliciosos; aqui um canteiro originalmente talhado, alli uma pequena ponte, adeante uma cabana. E tudo fórma um conjuncto agradavel, que prende durante horas o visitante, encantado nesse ambiente, que a arte vae transformando num recanto verdadeiramente delicioso. »



Avenida S. Jeronymo, em Belém.

E a preferencia definitiva que, entre as demais arvores, logrou a *mangueira* para a vasta arborisação de Belém, é assim justificada em importante relatorio do Intendente :

« Varios têm sido os ensaios de arvores apropriadas á arborisação urbana. Ora a amendoeira, ora a sumahumeira, ora a mutambeira mereceram as preferencias da administração.

Por esta ultima arvore, eu proprio tive tendencias, durante algum tempo. A observação e a experiencia, porém, desilludiram-me. Quer uma, quer outra das citadas arvores offerecem desvantagens, que não as tornam praticamente utilisaveis.

Estou hoje convencido da superioridade da mangueira, — a arvore classica de nossos antepassados, cujas qualidades são numerosas.

Com effeito, desenvolve-se com rapidez, cresce a alturas consideraveis e esgalha com regularidade. Mas a todas essas vantagens, a mangueira allia ainda as de uma folhagem densa e constantemente renovada.

Sua sombra é ampla e perfeita. Foi por isso que entre ordens por mim dadas ultimamente no Horto Municipal, salienta-se a recommendação para o cultivo, em grande escala, de mangueiras destinadas á arborisação, de preferencia a quaesquer outras arvores. » (*)

*

No limitado plano deste livro não nos é possivel maior extensão sobre as immensas riquezas vegetaes do Brazil, a respeito de cujas orchideas, por exemplo, affirma um escriptor que — « de seis mil especies classificadas em todo o globo, o Brazil concorre com 1059, sendo, portanto, o mais rico de toda a America ».

Não passaremos, entretanto, ao reino mineral, sem pôr sob vossos olhos um eloquente attestado dos prodigios de fertilidade de nossa natureza.

Vimol-o referido por illustre viajante em Matto-Grosso : « Em caminho, vi uma dessas graciosas curiosidades com

(*) *O Municipio de Belém* — Relatorio apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de Novembro de 1902 pelo Intendente, Senador Antonio José de Lemos, relativo á sua gestão de 1897-1902.

que a natureza parece ás vezes querer divertir-se : do alto do grosso tronco de uma gamelleira decrepita, truncada pelo raio ou pelo tempo, elevava-se uma graciosa palmeira cercada ainda de galhos verdes da velha arvore; como represalia de ser tantas vezes a palmeira o supporte dessa gigantesca parasita, cuja semente, nella deposta pelos passarinhos, ahi germina, cresce, vae descendo suas raizes e anastomosando-as ao redor da estipilte, e tão perfeitamente, que, ao cabo de tempo, torna-se em segundo envoltorio ao tronco da palmeira. » (*)

Não é, entretanto, unico esse bello specimen dos caprichos de nossa opulenta natureza!

Identico apreciámos, muitas vezes, no Recife, Capital do Estado de Pernambuco, á margem da ferro-via que se dirige á cidade de Olinda.

E o phenomeno era ainda mais surprehendente por ser o supporte uma frondosissima gamelleira, cuja cópa não permittia que se divisasse bem o tronco do *dendezeiro* que a dominava altaneiro e gracioso.

Foi necessariamente levado pela imponencia de phenomenos dessa natureza, que um escriptor nacional, descrevendo, em primorosa linguagem, nossas luxuriantes florestas, disse :

« ... Ha seiva para tudo, força para a expansão da maior belleza de cada uma. Toda aquella vasta flora traduz a antiguidade e a vida. Não se

(*) Dr João Severiano da Fonseca — obr. cit.

sente nella sombra de um sacrificio que seria o triumpho e o premio da morte. Dentro, as parasitas se enroscam pelos velhos troncos, com a graça de um adorno e de uma caricia. Ha mesmo arvores que são mães de arvores e supportam com facil e poderosa galhardia a filha, que lhe sáe do regaço e mais esplendorosa, ás vezes, que a rija e bella progenitora. Uma infinita variedade de arbustos cresce ás plantas dos gigantes verdes; é uma florasinha miuda, compacta e atrevida, dentro do bojo de outra mais ampla e opulenta. E tudo se ergue, e tudo se expande sobre a terra, compondo um conjuncto brutal, enorme, feito de membros asperrimos, entretecido no alto pela cabelleira basta e densa das arvores e em baixo pela rêde intermina das fortes e indomaveis raizes; todo elle se entrelaça, enroscando-se pelos braços gigantescos, prendendo-se como por tenazes numa grande solidariedade organica e viva... » (*)

Vegetação brazileira.

A feracidade de nossa terra é, emfim, tão notavel que, como bem reflecte auctorizado escriptor, « é tanta a força vegetativa

(*) Graça Aranha — *Chanaan.*

nos districtos quentes que, ao derrubar-se e queimar-se qualquer matto virgem, si o deixaes em abandono, dentro em poucos annos, ahi vereis já uma nova matta intransitavel; e não produzida, como era de crer, pelos rebentões das antigas raizes, mas sim resultante de especies novas, cujos germens ou sementes não se encontram nos extremos de anterior derrubada, e se ignoram donde vieram ».

* * *

REINO MINERAL

Como no vegetal, é o Brazil prodigiosamente rico no reino mineral.

Não invejamos absolutamente neste genero, como em nenhum outro, as riquezas do mundo!

Nosso abençoado sub-sólo occulta as mais variadas preciosidades : minas de ouro, ferro, cobre, estanho, chumbo, mercurio, carvão de pedra, diamantes, esmeraldas, rubis, saphiras, opálas, etc., etc.

Um dos maiores brilhantes admirados no mundo — *Estrella do Sul* — é brazileiro, e pertence a um principe asiatico, que o comprou, por elevadissimo preço, depois de ter figurado na Exposição de Paris, em 1855.

Quando se descobriram as importantes minas de diamante no centro do Estado da Bahia, na *chapada diamantina*, foi tão grande a quantidade extrahida e tal sua qualidade, que produziram, por algum tempo, a baixa no preço do diamante nos diversos mercados.

Imaginae que nosso querido Brazil que, diz Elizeu Réclus, « comparado ao Mexico e ao Perú, paizes da prata, é o paiz do ouro », é tão rico em mineraes de toda especie, que um de seus grandes Estados se denomina *Minas-Geraes,* tendo este por sua vez cidades chamadas — *Ouro-Preto* — *Ouro-Fino*

— *Ouro-Branco* etc., e mereceu de Saint Hilaire as seguintes palavras : « *Si ha uma região que possa passar sem o resto do mundo, será certamente a provincia de Minas* ».

Effectivamente, esse Estado encerra incalculaveis riquezas, sobretudo em ouro, diamante e aguas mineraes.

Entretanto, do de Matto Grosso, por exemplo, aliás muito pouco explorado, diz-nos o Dr João Severiano, na obra já muitas vezes citada :

« E' sabido o facto de Miguel Subtil, que é o da origem da cidade de *Cuyabá* : no primeiro dia colheu mais de meia arroba de ouro, e seu camarada quatrocentas oitavas, dessas minas que em um mez produziram quatrocentas arrobas. Ainda hoje sem nenhum trabalho apanha-se palhetas de ouro na rua e quintaes, principalmente após as grandes chuvas. Em 1875, acampado o 8º batalhão de infantaria junto á Prainha, os soldados faziam seus fogões escavando a terra : sobrevindo uma grande chuva lavou os cinzeiros e deixou descobertas já não palhetas, mas pequenas barras fundidas. »

Em relação ao ferro, em grande quantidade neste Estado, accrescenta :

« Esse metal por si constitue uma riqueza inexgottavel, um porvir immenso de grandeza, — e não só á provincia — para o Brazil todo. Prouvéra Deus que começasse a ser explorado de nossos dias. Convença-se o povo de que mais ditoso é o paiz que guarda em seu seio — ferro e carvão de pedra — do que o que encerra jazidas de diamantes e veios de ouro. Estes attrahem os garimpeiros, os aventureiros, os ambiciosos, que esperam do acaso os lucros da fortuna ; aquellas, os industriaes e trabalhadores, que buscam obtel-a a custo do labor, explorando não o acaso, mas a realidade. »

Tão sensata observação representa uma verdade incontestavel, que se tem presenciado não só no Brazil, como em outros paizes.

Nossas grandes riquezas mineraes, entretanto, não estão

somente guardadas nas entranhas da terra: encontram-se com fartura tambem no leito dos rios, nas proprias pedras dsa montanhas.

Obedecendo ao programma deste livro, não nos podemos furtar ao prazer de mostrar-vos mais uma expressiva nota, que nos proporciona, em seu bello trabalho, o Dr Severiano da Fonsêca:

« O *Burytisal* », diz elle, « abaixo do ribeirão de *Diamantino* é hoje uma tapéra, como quasi todos os antigos povoados da capitania. Sua casaria de telha attesta-lhe ainda a antiga importancia. Seus poucos habitantes passam a vida em descuidosa indolencia, trabalhando somente quando a necessidade os obriga. Consiste o trabalho na cata de diamantes, que vão buscar no fundo do rio: para isso vão sempre dois companheiros com um *baquité*, preso a uma corda. *Baquité* é o *samburá* que os indios costumam trazer ás costas. Dos companheiros, um segura na corda, e o outro mergulha no rio e enche o cesto de areia e cascalho, que o primeiro retira; repetindo-se a operação uma meia duzia de vezes. Lavam então as areias, e o resultado dá-lhes sempre para passarem uma semana ou duas, de gaudio, bebendo restillo e tocando viola. » (*)

Como nos rios, offerece a natureza nas praias e rochas opulentos thesouros!

A *monazita*, por exemplo, apreciado metal a que a industria tem dado differentes e importantes applicações, abunda extraordinariamente no Brazil, fornecendo as areias que a contêm, areias similhantes a puro ouro em pó, carregamentos colossaes a navios que as conduzem á Inglaterra e aos Estados Unidos da America do Norte.

No intuito de bem vos esclarecer sobre esse precioso producto, lêde as palavras de competente technico:

(*) Vidè a respectiva estampa á pagina 97.

« A *monazita* brazileira pertence a tres typos crystallographicos Hussak). O primeiro é o typo — Turneritz — : a elle pertencem a monazita do littoral da Bahia e do Espirito-Santo e a de Diamantina, em Minas Geraes. O segundo typo — *Alexandre Conty* — é encontrado no *Tripuy,* perto de Ouro Preto. O terceiro typo — *Bandeirinha* — encontra-se nessa localidade, em Minas Geraes (Hussak)

A monazita brazileira mostra-se magnetica, e com o electro-iman é possivel separal-a do zirconio ou da xenotima, mineraes que, ordinariamente, a acompanham (Derby).

Para se conhecer o modo de formação dos depositos monaziticos torna-se necessario dar aqui, em seus traços geraes, a geologia do littoral do Brazil.

O granito e o gneiss, contendo a monazita como elemento accessorio, são as rochas fundamentaes da maior parte do Brazil, no littoral do Atlantico. Não ha quem não as conheça : ellas constituem as montanhas do Rio, o Pão de Assucar, Corcovado, o Tijuca etc. Ellas formam a serra do Mar em todo o littoral, no sul, em S. Paulo, no Espirito Santo, na Bahia. No norte, ellas afloram em diversos pontos da costa e constituem grandes superficies de terrenos mais ou menos planos, ou apenas ondulados nas proximidades ou no proprio littoral. Assim ellas pódem ser observadas nas Guyanas, no Pará, no Maranhão, no Piauhy, e principalmente no Ceará, onde têm um grande desenvolvimento.

Sobre esses terrenos, que chamaremos crystallinos, existem depositos ou sedimentos, mais ou menos horizontaes, formados em uma epocha muito mais recente. Elles têm sido reconhecidos, em sua maioria, como sendo da edade terciaria — (Hart Branner), sendo certo que os ha tambem da epocha quaternaria ou anterior áquella. » (*)

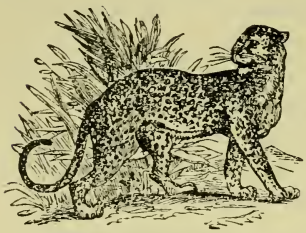
*
* *

REINO ANIMAL

Não é inferior aos outros o reino animal brazileiro, com suas variadissimas especies, que excedem, certamente, as

(*) Trechos de um artigo escripto pelo Dr Arrojado Lisbôa, no *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro, em Dezembro de 1902 ou Janeiro de 1905.

conhecidas nos demais paizes, com a vantagem ainda de não viverem em nossas florestas os terriveis animaes, que se encontram na Asia e na Africa.


Onça.

Não possuimos, por exemplo, o altivo e possante *leão,* nem a feroz *hyena,* o typo da crueldade.

A mais temida fera brazileira é a onça, de que se encontram differentes especies.

De quadrupedes, existem numerosos typos : o boi, o cavallo, o veado, a cabra, o carneiro etc., etc.

De reptís conhece-se notavel diversidade — cobras, por exemplo, algumas venenosissimas, sendo a mais temerosa pela corpulencia e força muscular a — *sucurijú* —, que habita os grandes rios.

Referindo-nos á cobra, mencionaremos seu inimigo nato, o *teiú* ou *tejuassú,* especie de calangro que lhe não teme o veneno: briga ardorosamente com a cobra, e quando se sente por esta mordido, vae ao matto em busca de uma herva delle conhecida, come-a como contraveneno, e volta á lucta encarniçada, sahindo as mais das vezes victorioso.

Com relação aos insectos, nenhum paiz no mundo os possue de tão prodigiosas especies, nem tão originaes nas fórmas e nas côres. Grande numero de naturalistas já têm visitado o Brazil em busca de *borbolêtas*, *bezouros,* etc., que vendem na Europa por valioso preço para os Museus e as collecções particulares.

Quanto ás aves, que bellezas indescriptiveis ostentam na multicôr e encantadora plumagem e no delicioso canto!

Com muita razão diz Wappeus em sua preciosa *Geographia do Brazil,* que « na classe das aves é o Brazil um paiz verdadeiramente privilegiado. A exuberancia de sua fauna ornithologica se caracterisa tanto pela variante das fórmas e côr

ARARA

ARARA

TUCANO

PAPAGAIO

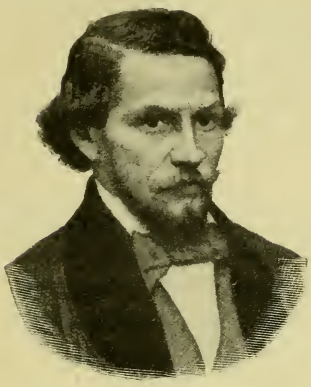
PAPAGAIO

ARAÇARI

CARDEAL

CANARIO

da plumagem, como pelo canto e habitos singulares de seus multiplos representantes. Ainda que muitas especies sejam communs a outros paizes americanos, a belleza das côres e a originalidade nas fórmas se accentuam especialmente nas aves do Brazil ».



Antonio Gonçalves Dias.

Dentre os apreciados cantores, notaremos o *canario*, o *cardeal*, o *bicudo*, o *curió*, a *patativa*, a *caraúna*, o *sabiá* — inspirador dos poetas, cantado por Gonçalves Dias, entre outros, na popularissima poesia :

CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flôres,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sosinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá,
Em scismar sosinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

*

Sobre as aves, façamos ainda uma ligeira referencia ao curioso passaro que habita os altos sertões do Pará e do Amazonas, o — *gallo da serra*, que é tido por uma verdadeira especialidade, não só pela encantadora plumagem, como por ser muito difficil aprisional-o.

Leiamos o que nos diz Baena, em sua Chorographia :

« E' bellissimo entre todos os passaros do sertão do Pará o denominado gallo da serra. O seu vulto, maior que o de um pombo, é emplumado de branda côr de ouro brilhante e a crista levantada da mesma côr, enfeitada de uma orla de vermelho. No vôo transcende o maçarico real, e o seu canto assemelha-se ao clangor agudo de clarim mavorcio.

Este passaro lavra o ninho de terra no intimo reconcavo dos penhascos, ou sobre a superficie das serras, esteja ou não essa superficie vertical ao horisonte; e ficam tão duros, que com sobeja difficuldade se póde desmantelal-os; a sua figura tem parecença de um pião de guarita de muralha.

Estes garbosos passaros têm o uso de sahirem uma vez no anno do seu habitual recesso e apparecem no contorno das paragens habitadas. Os caçadores referem que elles costumam pousar nas franças de qualquer arvore de empinado tope, e dellas descer alguns para formar ao pé da mesma arvore um terreirinho bem limpo, em torno do qual deixam remanecer certos pequenos arbustos, em cujas hastes empoleiram-se, e alternos passam de um para outro arbusto, e descem ao terreirinho onde travam ligeira dança até cançar : depois remontam á grenha da arvore, da qual se arremessam outros para exercitarem a mesma coréa genial. Tendo todos acabado de brincar, arrancam dalli deixando um companheiro de atalaia, o qual raras vezes abandona o logar antes de ser substituido : e se acontece que o caçador o mata, ou si elle proprio se ausenta, os gallos elegem logo uma outra arvore.

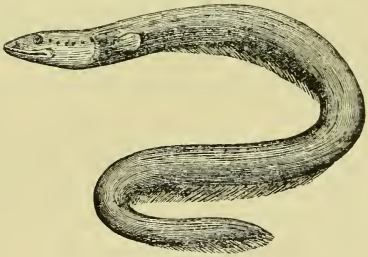
Estes passaros são mui variaveis no alimento : diariamente buscam cibato em todas as arvores fecundas.

O destro caçador para os prear tece laços mui subtis no mesmo logar que elles preparam para os seus brincos, ou espreita a occasião em que elles gozam as delicias do banho nas correntes junto aos penhascos, á sombra dos quaes lhes faz pontaria para que lhes chegue o tiro. E quando por qualquer destes modos nada consegue, mette um pedacinho de folha de ubim entre duas palhetas de uarumá, e as applica á bocca e assopra de tal sorte que arremeda o canto do gallo da serra, e por este reclamo obtém que esta ave se approxime e venha a ser victima do som da morte.

A femea desses passaros é totalmente differente na côr das pennas : ella confunde-se muito com uma gallinha preta. »

*

Dariam, egualmente, ensejo a largas referencias os saborosos peixes, de variegadas côres, que povôam em especies infinitas nossas aguas maritimas e fluviaes, como, por exemplo : — o *pirarucú* nos grandes rios do Pará e do Amazonas, e o *surubim* no S. Francisco, ambos de taes dimensões e em tão prodigiosa quantidade, que, pelo menos em todo o Brazil, poderiam substituir com reaes vantagens, o *bacalhau*, que importamos em larga escala.(*) Destacaremos, porém, dois typos apenas : o *poraqué*, que vive nos rios do norte, e a *baleia*, o maior habitante do Oceano.



Poraqué.

O *Poraqué*, vulgarmente conhecido por — *peixe electrico* —, é capaz de fulminar um homem pelo simples contacto.

(*) Referiu-nos pessôa fidedigna que só na fazenda *Utinga*, á margem de um pequeno braço do *S. Francisco*, cerca de seis leguas da Cidade da Barra, no Estado da Bahia, já tem acontecido pescarem-se de um só lanço de rêde, das chamadas de *arrasto*, muitas centenas de *surubins*.

Si o pretenderem matar com um instrumento de ferro ou de aço, excellentes conductores de electricidade, affirma-se, ao primeiro movimento neste sentido, o *poraqué*, sem que se possa evitar, fará com um simples estremecimento de seu corpo cahir longe a arma offensiva!

O Dr Francisco de Castro, do Pará, assim se refere ao *peixe electrico* :

« Este peixe habita os lagos, igarapés e rios da America meridional, preferindo os primeiros e os igarapés, por terem aguas menos movediças : é encontrado, porém, mais particularmente nas provincias do Pará e Amazonas, onde se lhe dá o nome de *poraqué*, e os ha ahi em grande quantidade e de todos os tamanhos, chegando alguns a terem 5 e 6 pés de comprimento e quasi meio pé de diametro na sua maior grossura. A côr da pelle é preta excepto na parte inferior da mandibula, e por baixo do pescoço, que é de um bello vermelho. A sua configuração em geral é como a das enguias, pelo que os francezes lhe têm chamado *enguia electrica*.

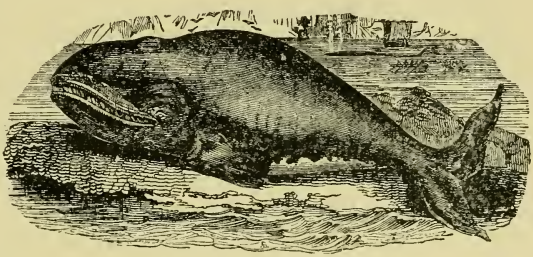
Tem a propriedade fulminante em alto gráo, dando choques ou commoções electricas vigorosas nos seus inimigos e em tudo quanto o tóca, por fórma que abate e fere de torpor inevitavel e temporario, não só os peixes, como tambem os homens e os mais animaes. Quando a descarga electrica é muito forte e o torpor profundo, sendo ao mesmo tempo dirigida sobre algum, ou alguns dos orgãos importantes e essenciaes á vida, acontece algumas vezes seguir-se a morte, a qual sobrevém então por asphixia. O apparelho ou pilhas, onde por uma singular faculdade este animal segrega a electricidade, occupa os lados da cauda ou rabo, e toma o volume de nove decimos do corpo e talvez metade da sua espessura.

A sua composição organica é admiravel, e recebe na estructura extraordinarissimo numero de nervos, e finas cartilagens. A sua carne é pouco ou quasi nada utilisada nos usos

culinarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa, e de cheiro de alguma sorte desagradavel. »

*

Quanto á *baleia*, que mede muitos metros de comprimento, tão alterosa e corpulenta que para ser *desmanchada* ha necessidade de escadas, só é vista na costa do Brazil em determinado tempo.



Baleia.

Ella habita de preferencia as regiões polares, de onde vem, em cardumes, em certas epochas, procurando aguas de regiões mais quentes, para poder crear os filhos, e regressa a seus dominios quando estes já estão em condições de supportar as frigidas.

Sua pesca, no Brazil, faz-se hoje principalmente no Estado da Bahia, onde são encontradas em grande quantidade de Junho a Dezembro, e proporciona quantiosos lucros aos exploradores.

Vendem a carne, que é preta e por muita gente apreciada; e da gordura, em quantidade consideravel, fazem azeite para illuminação e outros usos, aproveitando-se ainda as barbatanas e o immenso esqueleto para diversos fins industriaes, além da espermacete, que lhe extráem do cerebro, para a fabricação de velas.

Até 1862 a cidade de S. Salvador, por exemplo, Capital do Estado da Bahia, era illuminada a azeite de baleia.

Em rapidas palavras, dar-vos-emos uma ligeira noticia da perigosa pesca, afim de formardes uma idéa approximada da ousadia dos que vão perseguir o temeroso cetaceo, umas

vezes dentro mesmo da vasta bahia de *Todos os Santos,* outras — fóra da barra, em pleno Oceano.

Uma vez avistado o peixe, que se annuncia por uma poderosa rabanada, que faz vir á tona seu negro dorso, ou por forte esguicho de agua que lança ao ar, os pescadores fazem-se ao mar a todo o panno, nas respectivas *baleeiras.*

Quando se encontram em posição apropriada, o *homem do arpão,* de pé, na prôa, atira com toda a segurança o afiado instrumento sobre a baleia, que, ferida, parte numa carreira impetuosa, arrastando vertiginosamente a baleeira pelo extenso e grosso cabo que se prende ao arpão.

Neste momento, os corajosos pescadores fazem descer a grande vela da embarcação e deixam-se conduzir pela baleia, até que esta, cançada e sentindo as cruciantes dôres da ferida, vae pouco a pouco perdendo as forças, emquanto seus adversarios, aproveitando os momentos, vão colhendo a corda para trazel-a junto á embarcação.

Morta a baleia, um dos tripolantes — *o moço d'armas* — mergulha e vae amarral-a a muitas braças de profundidade, onde, geralmente, se vê cercado de immensos e vorazes tubarões attrahidos pelo sangue; e presa então á borda da *baleeira,* é conduzida para o *contracto,* como se denomina o logar destinado á *desmancha.*

Tratando do grande cetaceo, não podemos deixar de fazer uma referencia á sua notavel e proverbial dedicação á prole, a respeito da qual Rocha Pitta, numa feliz expressão, diz que — « *o amor que este monstro tem aos filhos é tambem monstruoso* ».

A proposito, observa um escriptor que « todos os pescadores são unanimes em proclamar o entranhado affecto e dedicação carinhosa da baleia para com o filho. O monstruoso cetaceo é tambem o symbolo do amor materno. Pelo filho acobarda-se, padece resignada, sacrifica a propria vida. Porisso, quando o *madrijo* anda acompanhado pelo *baleato,*

arpôa-se este levemente, porque assim se tem a certeza de matar aquelle sem muito esforço ».

Vem a pêlo fazer-vos conhecer uma bella producção do delicado poeta — João de Brito, que nos versos seguintes cantou primorosamente o amor materno do immenso peixe :

A PESCA DA BALEIA

Descobrindo seu dorso denegrido,
Como ilha fluctuante, surge immensa
Uma baleia ao longe, e com ruido
Arroja d'agua no ar columna densa.

Vem ao lado do filho, que estremece,
Que acaricia cheia de ternura,
Desce aos antros sem luz, onde elle desce,
E, si acaso o não vê, douda a procura.

Naquelle seio um coração palpita
Com desvelos de mãe; a natureza,
Que nos caprichos mostra-se infinita,
Quiz em um monstro provar toda a grandeza.

No emtanto os lenhos já navegam perto,
E cada qual demanda o baleato,
Que immerge, surde, bufa, salta, esperto,
Mas foge timido ao menor contacto.

Como se de um siphão internamente
Dispuzesse, evitando o choque á vaga,
Jorra-lhe a mãe na fauce o leite quente
Que com soffeguidão ligeiro traga.

Por braço herculeo e destro sacudida
Crava-se nelle a lamina farpada,
Apenas sente o misero a ferida,
Geme, e partindo solta a rabanada.

Não o segue um vapor nessa carreira
Do corsél de Mazeppa enfurecido,
Transportando sem vela a baleeira,
Que ostenta o arpoador na prôa erguido.

Vae co'o filho a baleia juntamente,
E, sem estorvo achar de si deante,
Agora espanca o mar co'a cauda ingente,
Agora se ergue, cáe, torna offegante.

. . . . . .

Do curso impetuoso o filho cança;
E emquanto a mãe afflicta ao peito o cinge,
No flanco embebem-lhe acerada lança,
Rompe em jactos o sangue e as ondas tinge.

Foge a desventurada enlouquecida,
A bramir, sem parar, vae longe, volta,
Quer morrer pelo filho, e expondo a vida,
Esbraveja, relucta, a ver se o solta.

Impossivel! o golpe repetido
Põe-na de novo em fuga. E' santo o intento,
Mas o vigor se exgotta. Atroz gemido
Proximo indica seu final momento.

Faz-se preciso então tel-a segura,
Arpôam-na tambem; já pouco sente
O arpão tenaz; a magua que a tortura
Por não livrar o filho é mais pungente.

A bordo do baixel reina a alegria,
Mas em volta a tristeza se derrama,
E o mar se muda, no esplendor do dia,
Em negro palco de um terrivel drama.

A baleia, o colosso do Oceano,
De cuja bocca o sangue em ondas corre,
Volve ao filho, inda vivo, um olhar humano,
Estrebucha, vacilla, arqueja e morre.

Preenchera a missão a mãe sublime,
Immolada do filho na defesa;
E o rei da creação, o heróe do crime,
Contempla extasiado a enorme presa!

*

Em verdade, meus caros meninos, é tão entranhado o amor de mãe, amor dulcissimo, que não degenera e só se extingue quando o coração já não tem vida; é tão poderoso que até nos proprios irracionaes se manifesta radiante, como acabastes de apreciar.

Que nunca vos passe pela mente, pois, a idéa de não retribuir com a mesma intensidade este sentimento sublime, que é o mais bello poema da vida da mulher : o mau filho é necessariamente um mau homem, um mau cidadão.

Pois bem, imaginae agora que superior ainda ao sagrado amor materno, existe um sentimento purissimo, tão possante e absorvente, que é mesmo capaz de suffocal-o — o AMOR DA PATRIA.

E vem a proposito dar-vos aqui um exemplo historico do que acabamos de affirmar.

Nas passadas luctas com os hollandezes em Pernambuco, de que já nos occupamos, houve, em Abril de 1635, um renhido encontro em *Villa Formosa*, á margem do rio *Serinhaem*, defendida por um punhado de bravos, onde, entre outros, perdeu a vida, combatendo valentemente, Estevam Velho.

Ao receber a triste noticia, Dona Maria de Souza, sua mãe, que já havia perdido nessa guerra outros filhos, lamentando, embora, a cruciante perda, não manifestou abatimento : desapparecera a mãe extremosa, para deixar agir a mulher patriota.

Chamou os dois restantes filhos, e disse-lhes :

— « A Estevam tiraram hoje a vida os hollandezes, e posto que, filhos meus, perdi já tres e um genro, antes vos

quero persuadir, que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, numa guerra onde tanto servem a Deus, como a El-Rei e não menos á Patria, pelo que cingi logo a espada; e a triste memoria do dia em que a pôndes na cinta, esquecendo-vos para a dôr, só vos lembre para a vingança, matando ou sendo mortos, tão esforçadamente [que não degenereis desta mãe e daquelles irmãos. »

Anna Nery.

*

O patriotismo da — mãe brazileira —, porém, é ainda capaz de maiores sacrificios! Anna Nery, a abnegada bahiana que recebeu o merecido e eloquente cognome de — MÃE DOS BRAZILEIROS, á partida de tres filhos, medicos militares, para os campos do Paraguay, seguiu-os, — anjo de caridade e de heroismo.

A seu cargo, tomou, na cidade de Corrientes, um hospital de sangue, onde, carinhosa e bemfazeja, se transformou em dedicada enfermeira, velando pelos feridos e amenisando com o conforto de sua palavra affectuosa o soffrimento de tantos patriotas!

Recebida triumphalmente em Assumpção, quando nosso exercito alli chegou victorioso, não foi menos enthusiastica sua entrada na cidade que lhe foi berço.

Bem expressiva é esta poesia de João de Brito, recitada no momento :

ANNA NERY

Eil-a dos seus já nos braços
Da caridade a heroina!
Cumprindo a missão divina
Entrega á Patria os trophéos.

Beijem-lhe a fimbria do manto,
Que ella tem direito a isto;
E' uma enviada de Christo,
Uma operaria dos céos!

Mas, deixemol-a um instante
De tanta pompa cercada,
E fitemol-a, só, sem nada,
Nos campos do Paraguay!
Vêde-a no seio acolhendo
— Feliz e santa guarida —
Aqui — uma aguia ferida,
Mais longe — um filho sem pae!

Vem da guerra, mas seus loiros
Não são de sangue manchados!
Seus filhos eram soldados,
De soldados mãe se fez.
E lá no alcaçar da morte,
Fazendo o bem sem escolha,
Tirou da Biblia uma folha
E fez della o seu arnez.

Sua mão em que hoje um anjo
Do céo vindo, imprime um beijo,
Inda salpicada eu vejo
Dos prantos de quem valeu.
Dissereis, oh! sim, dissereis
Em manhã meiga e formosa,
Singela folha de rosa
Cheia de aljôfres do céo!

Pende-lhe a historia dos feitos
Em lauréis da fronte magra...
Oh! gloria assim Deus consagra,
Não perece gloria tal!
Dê-se-lhe uma estatua agora,
Onde o porvir idolatre-a;
E que o coração da patria
Seja della o pedestal.

O seu poema é o seu nome!
Nery, que mulher da historia,
Hoje te excede na gloria,
Que tanto brilha e seduz?
Judith, no plaustro da fama,
Transpõe as eras louvada;
Mas Judith travou da espada...
Tua arma qual foi? — A Cruz!

Capitulo XII

Vias de communicação, navegação, industria e commercio

Como nenhum outro paiz, é dotado o Brazil de vias natuturaes de communicação, por uma extensissima rêde de caudalosos rios, que cortam largamente o territorio em todas as direcções. Vêm a pêlo interessantes referencias de competente escriptor :

« Para se chegar a comprehender a admiravel teia de vias de communicação que a natureza preparou na *zona central* do Brazil, é preciso ver a carta da America do sul e estudar attentamente seu systema hydrographico :

Não ha em parte alguma, mesmo na America do Norte, rios como o Amazonas e o Paraná-Prata. O Mississipi-Missouri é muito inferior ao Amazonas; o S. Lourenço mesmo, com seus bellos lagos, não vale o Prata enriquecido pelo Uruguay, pelo Paraná e pelo Paraguay. Os grandes affluentes do immenso Amazonas convergem para a ilha de Marajó, como as grandes linhas de caminhos de ferro francezes para Pariz. Esta maravilhosa orientação hydrographica repete-se em menor escala no Maranhão : seus bellos rios, navegaveis

a vapor, convergem para a ilha S. Luiz, onde se acha a Capital.

Em nenhuma outra parte do mundo existem rios que parece terem sido traçados, como os caminhos de ferro da França,

Paisagem no rio *Purús*, Estado do Amazonas.

por um corpo de engenheiros, sob um programma de centralisação economica, financeira e administrativa, perfeitamente meditado.

Na bacia do Amazonas percorre-se : de Belém a Manáos — 1.720 kilometros; de Manáos a Iquitos (rio Solimões), 2.260; de Manáos a Santa Izabel (rio Negro), 780; de Manáos a Hyutanahan (rio Purús), 1.800; de Manáos a Santo Antonio (rio Madeira), 780; de Belém a Bayão (rio Tocantins) 260; de

Leopodina á Santa Maria (Tocantins-Araguaya) 950; — a enorme cifra de 8.550 kilometros!

E' preciso notar que neste resumo, não está comprehendida a navegação : do *Guaporé*, affluente do Madeira, que vae até ao centro de Matto Grosso, navegaveis ambos por 4.334 kilometros; do *Tapajós* e seus affuentes; do *Xingú*, cuja nascente se acha muito perto de Cuyabá, capital de Matto Grosso; dos affluentes do *Araguaya*, como o rio das *Mortes*, que desemboca deante da ilha do *Bananal*, podendo ser navegado por barcos a vapor de um metro de calado.

Deve-se notar ainda que os rios do Brazil têm linhas duplas e triplas de navegação, por causa da quantidade enorme de ilhas, de *furos* (canaes entre as ilhas), de *igarapés* que fazem um verdadeiro plano hydrographico. Assim no valle do Amazonas, em uma embarcação a vapor de uma só roda na pôpa, póde-se ir por toda a parte, fazer visitas como se as fazem de *cab* em Londres ou de *coupé* em Pariz.

Uma singularidade do systema hydrographico brazileiro, que se deve estudar bem, é que todos os affluentes de seus grandes rios se entrecortam, de maneira que é facil passar-se de uma bacia para outra por planos inclinados á americana, e por meio de canaes.

Estudamos de 1883 a 1884 uma destes extraordinarios — *Varadouros* — como são chamados no centro do Brazil, no *sertão*, e que se acha muito perto da cidade de Oliveira, entre as aguas dos ultimos affluentes dos grandes rios Paraná e S. Francisco.

Em Matto Grosso, o mais celebre dos *Varadouros* é o do *Alegre*, descoberto em 1733, de onze a doze kilometros, por meio do qual se imagina, desde o tempo do Marquez de Pombal, ligar as aguas do Prata ás do Amazonas.

Executando-se este projecto, far-se-ia do Brazil uma immensa ilha, e um barco a vapor poderia ir do Pará a

Buenos-Ayres, navegando sempre em rios, ribeiros e canaes. O *Varadouro* de *Camapuam*, entre Goyaz e Matto Grosso, tem uma extensão de 18 a 20 kilometros : vae do *Sanguesuga*, affluente do rio Pardo e do Paraná, ao rio *Camapuan*, affluente do Coxim e do Paraguay.

A linha do Prata a Cuyabá divide-se em duas secções : Montevidéo a Corumbá, 3.100 kilometros; Corumbá a Cuyabá, 800 kilometros : — extraordinaria linha de navegação com 3.900 kilometros de extensão, sem contar a linha do Paraná, depois da confluencia do Paraguay até á cataracta do *Guayra* ou das *Sete Quedas*.

O systema hydrographico do alto Paraná é uma das maravilhas do Brazil central, estando já estudadas as seguintes linhas : Paranapanema a Jurú-mirim, 200 kilometros; Paranapanema a Salto Grande, 120 kilometros; Paranapanema ao Tibagy, 110 kilometros; Paranapanema ao Paraná, 192 kilometros ; Paraná, Ivinheima e Brilhante, 528 kilometros ; Mogy-Guassú (Porto Ferreira a Pontal), 205 kilometros.

E' preciso ainda addiccionar a navegação do Tieté, do Tibagy, do Piracicaba, do Ivahy, do Piquiry, do Iguassú e de uma infinidade de affluentes das duas margens do immenso Paraná, que, sob o nome de *Rio Grande*, penetra até ao coração de Minas Geraes e mistura seus affluentes com o rio S. Francisco, o *Mediterraneo Brazileiro*, que por si mesmo rivalisa em affluentes navegaveis a vapor com os mais bellos rios do Brazil » (*).

Infelizmente, porém, nossa navegação interior não attingiu ainda a escala necessaria.

Da longa descripção que fizemos das riquezas de nosso querido Brazil, bem podereis avaliar que futuro grandioso nos espera, quando possuirmos uma população cheia de iniciativa e proporcionada á vastidão de nosso feracissimo

(*) Dr André Rebouças, obr. cit.

territorio, dispondo de uma navegação desenvolvida entre suas differentes regiões!

Imaginae que colosso de riqueza representará o Brazil, assombrando o mundo, quando conjunctamente ao aproveitamento regular de suas multiplas vias naturaes de communicação, estiver seu magnifico sólo sulcado por extensas estradas de ferro, pondo em contacto Estado com Estado, municipio com municipio, cidade com cidade!

Calculae ainda que maravilhoso emporio representaremos, quando por todos esses meios poderem ser transportados os opulentos thesouros do centro do paiz para a vastissima costa!

Não é pequeno, e antes já é bem consideravel, o movimento de navegação extrangeira para o Brazil, que augmentará necessariamente á medida que o paiz se fôr desenvolvendo e conquistando novos mercados para seus productos.

Em 1902, só na bahia de *Guanabara*, no Districto Federal, que é, aliás, o maior centro de nosso commercio, entraram 103 navios e 782 vapores extrangeiros, procedentes de differentes pontos do Universo.

Como a de longo curso, é já extensa tambem a navegação de cabotagem, isto é, a navegação pela costa do Brazil, de Estado a Estado, que só póde ser feita por vapores nacionaes.

Com relação a estradas de ferro, já conquistámos, é certo, o nono logar no ról das grandes nações : estamos, entretanto, ainda muito distanciados do grau de expansão ferroviaria que nosso territorio e nossas riquezas reclamam.

Basta considerar que os dois maiores Estados brazileiros, Amazonas e Matto Grosso, riquissimos ambos, como já tivestes ensejo de ver, cuja superficie equivale a 3.267.670 kilometros quadrados, representando quasi a metade do territorio brazileiro, não possuem ainda um só metro de linha ferrea!

Os Estados em que ha maior trafego são os de S. Paulo e Minas Geraes, este com 3.500, e aquelle com 3.370 kilometros.

Sob o ponto de vista da construcção, porém, possue o

Brazil arrojados traçados, que constituem maravilhosas obras d'arte.

Já vos mostramos em capitulo anterior a ferro-via que circula o *Corcovado*, no Rio de Janeiro; apreciae agora na gravura, que aqui vêdes, um trecho da estrada de ferro, que vae do Estado do Paraná ao de S. Paulo, torneando em grande parte imponente serra.

Em extensão de linhas, porém, a mais importante é a *Estrada de Ferro Central do Brazil*, que, partindo do Districto Federal, se ramifica nos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, comprehendendo um percurso de 1.261 kilometros.

* * *

Nossa industria, aliás já desenvolvida, tambem não chegou ainda á prosperidade que nossos recursos naturaes podem proporcionar : basta dizer que fornecemos ao extrangeiro preciosas materias primas para a manufactura de objectos que lhe compramos depois, ou porque não os fabricamos, ou porque não os produzimos em quantidade sufficiente.

Numerosas são, entretanto, as fabricas existentes no paiz para differentes mistéres : tecidos de varias especies, moveis, calçados, chapéos, velas, phosphoros, sabão, perfumarias, charutos, vinhos, licôres, etc.

Dentre ellas apontaremos o admiravel *Emporio Industrial do Norte,* situado no bairro da Bôa Viagem, na Capital do Estado da Bahia, a mais importante fabrica de tecidos no Brazil e certamente na America do Sul, senão somente por sua vastidão, aperfeiçoamento de machinismos e producção, ao menos pelo alcance social de seu importantissimo plano industrial.

O *Emporio Industrial do Norte* produz 250.000 metros de tecidos por semana, *bulgarianas*, *riscados, algodãosinhos, zephirs*, etc., proporcionando trabalho a 1.400 operarios, com um consumo diario de vinte e quatro toneladas de carvão, distribuidas por suas treze possantes caldeiras.

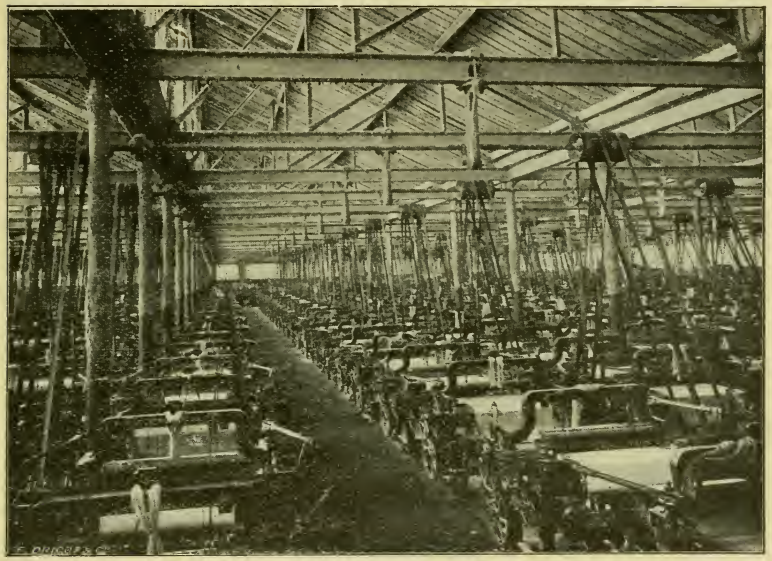
Aqui vos damos uma gravura do mais importante salão de trabalho.

Dentro da grande fabrica e fazendo parte de seu funccionamento, ostenta-se bella a *Villa Operaria,* a respeito da qual substituiremos aqui nossa palavra pela exacta e insinuante descripção de competente viajante extrangeiro, illustrando-a, porém, com algumas gravuras adequadas :

« ...Lembranças de mocidade, quando empregado em enorme estabelecimento industrial, abria-se o meu espirito ás primeiras cogitações da moderna vida operaria — tão menos poetica que a dos antigos artistas que trabalhavam patriarchalmente em lojas pequeninas, fraternizando com patrões; — lembrança de antigas leituras de folhetos e livros de propaganda socialista e anarchista; evocação symbolica do Phalansterio de Godin e das idéas de Fourier, que Emilio Zola reeditára ha pouco em *Travail...* tudo isso dançava-me macabramente no cerebro, ao penetrar na immensa colmeia onde os proprietarios do Emporio Industrial do Norte — com espirito de previdente e intelligente comprehensão dos phenomenos sociaes e dos problemas modernos — imaginaram recolher,

acabado o duro serviço, seus operarios e suas familias e proporcionar-lhes um agasalho tranquillo e feliz, um descanço seguro e uma diversão genial á tragica obra diaria.

Sabem-no todos os iniciadores de industrias no Brazil o quanto custa crear um operariado habil e constante, o quanto custa arraigal- o á



Salão de 1000 teares.

fabrica e vencer-lhe as tendencias nomadas que o clima, as tradições, a relativa facilidade de vida pelos mais differentes trabalhos favorecem tão naturalmente no proletariado robusto e intelligente, mas romantico e sonhador, qual as successivas phases da civilisação brazileira e a infiltração das correntes immigratorias vieram formando.

Industrial nato, *self made man* (*), vindo do mais humilde tirocinio commercial, com limitada, embora pratica, cultura, o Snr. Luiz Tarquinio, ao deixar a gerencia da grande casa ingleza, que lhe dava trezentos e

(*) Phrase ingleza que significa : homem que só deve a seus proprios esforços a posição que occupa.

tantos contos annuaes de lucro, para tomar a si a tarefa de fundar, fazer prosperar e dirigir o Emporio, resumiu na sua esclarecida bagagem mental de homem de negocios e de viajante, que tinha percorrido todos os grandes paizes industriaes da Europa e da America, todas as suas observações antigas e recentes e, com certeza, sem tel-o lido, mas partindo de egual ponto de vista, tentou e logrou fazer aquillo que Rousseau, com seu genio divino, imaginou que o barão de Wollmar fizesse na propriedade agricola que Saint-Préux devia descrever numa das cartas á *Nouvelle Héloïse.*

Parallela á fundação da grande fabrica, o Snr. Luiz Tarquinio enfrentou com ousadia o problema das casas operarias, um dos assumptos mais difficeis das nossas sociedades contemporaneas, objecto de tão vastos e profundos estudos, de tão audazes e differentes tentativas de solução.

E, ao pé da officina negra, ruidosa, tumultuosa e regimentada, a Villa Operaria, linda, clara, quieta e livre.

Um immenso edificio do lado opposto do estabelecimento, entrecortado por varias ruas internas, largas, bem calçadas, symetricas, com uma vasta praça ao centro. Edificio de dois andares, subdividido em quatrocentas casinhas, isoladas uma da outra, mas todas de dois andares, claras, bem arejadas, com luz electrica, agua corrente, soalhos de madeira. Bôas escadas levam ao primeiro andar, onde em cada casa o operario da fabrica fronteira póde residir com sua familia pelo modico aluguel de 14$ por mez. Ha familias de sete pessôas, ha-as de tres apenas. Acham-se actualmente installadas trezentas, com uma população total de 1.450 almas — uma Villa verdadeira!

No recinto do immenso edificio ha de tudo: armazem de roupas feitas, de fazendas, de miudezas, de generos alimenticios, calçados e chapéos, padaria, pharmacia. Ninguem é obrigado a fazer suas compras alli, porém os preços, inferiores aos dos generos vendidos lá fóra, asseguram aos negociantes dentro da villa a totalidade da freguezia.

O Dr. Adriano Gordilho, com quem tive ensejo de falar, é o medico da Villa e é pago pelos proprietarios do Emporio. O serviço medico e os remedios são gratis para todos os inquilinos da Villa. Poucos são os doentes, devido ao rigoroso respeito das mais requintadas medidas hygienicas e ás excellentes condições da installação da Villa.

Visitamos varias casinhas, quer das habitadas, quer das novas ainda, quer das que estão sendo limpas e caiadas de novo. O asseio é admiravel.

A ordem dos modestos moveis familiares é perfeita. Reina uma atmosphera de gente que, na tristeza geral do salariado moderno, se sente relativamente feliz e, comparativamente com o meio, digna da inveja dos outros companheiros, que em outras fabricas empregam seus braços.

Vista do pateo central.

No pateo central ergue-se um pavilhão de dois andares, muito alto, dominando a Villa, bem architectado e construido.

E' o pavilhão da Escóla e da Bibliotheca e rodeia-o vasto jardim apropriado para as diversões das creanças e para oxigenar o largo ambiente da Villa.

Não me devo esquecer de dizer que todas as casinhas têm seu minusculo jardim e sua horta pequenina, cercados.

As escólas são quatro, divididas por sexo, duas para o ensino primario, duas para o secundario. São magnificos salões, esplendidamente illuminados pelas largas vidraças das janellas e pelas lampadas da luz electrica. O ensino é dado por professoras. Cada escóla tem um

piano para exercicios de canto dos alumnos. Nenhum antipathico uniforme escólar. Cada rapazinho, cada menino traja á vontade, numa variedade encantadora.

Além dos elementos principaes, que são indispensaveis para futuros

Escóla « Ruy Barbosa ».

bons trabalhadores e futuras bôas mães de familia, ensinam-lhes um pouco de francez e de inglez, cujo aproveitamento será resultante do ulterior esforço voluntario do alumno.

Na Bibliotheca reina um espirito de larga tolerancia, a par de um justo conceito moral.

Sobre as vastas mesas, todos os jornaes diarios da Bahia, dois ou tres dos principaes da capital do paiz, algumas publicações hebdomadarias bem escolhidas e, em volta, nas estantes, livros de litteratura amena, historia, manuaes technicos, etc., para o gosto autonomo de cada um.

A Bibliotheca está aberta todo o dia e, de noite, até ás dez, para os operarios que queiram descançar lendo as noticias do dia.

A Villa Operaria tem a sua banda de musica.

Aos domingos, a população entrega-se a variadas diversões, nas quaes se distingue o espirito imaginoso do intelligente e vivaz povo bahiano, tão sympathico e tão original.

A's dez horas da noite apaga-se a luz no pateo central e todo o mundo recolhe-se então ás suas casinhas. Fecham-se então as cancellas. A ninguem é vedado sahir. Apenas obrigam aos que o querem fazer a prevenir o porteiro. Nenhum constrangimento, mas toda a disciplina. Sem o que, em quinze dias a taberna invadiria a Villa e todos os esforços se reduziriam a zero.

Mas ainda não disse o que de mais importante ao olhar do visitador offerece a organização da Villa Operaria de Bôa Viagem: cada chefe de familia operaria, decorridos cinco annos da entrada na casinha, tendo pago com pontualidade seus alugueis mensaes, torna-se dono e proprietario da mesma e recebe titulo relativo, ficando para todo o sempre dispensado de qualquer onus para com o Emporio.

Estatua de Luiz Tarquinio
Mandada erigir por deliberação dos accionistas do Emporio do Norte.

Tendo sido fundada em 1898 a Villa, este anno já são varios os operarios que vão receber esses titulos.

Si levarmos em conta a relativa baixa de salarios, que a concorrencia impõe aos donos da fabrica, e a excellente construcção em tijolos das casinhas, a economia annual de 168$ que cada familia faz com a isenção do pagamento do aluguel, ver-se-á que o Emporio encaminhou com resultados praticos e immensamente vantajosos para seus operarios a solução do problema das casas operarias.

No centro do pateo, uma estatua de marmore perpetúa a effigie do

venerando e exemplar fundador do Emporio Industrial do Norte e da annexa Villa Operaria. A estatua é bonita, mas o é mais a nobre idéa de quem creou esse milagre de producção, de trabalho, de ordem e de sabia e intelligente philantropia. O Snr. Luiz Tarquinio sabe, como nós todos sabemos, que o problema social não poderá ser resolvido pela philantropia esclarecida. Mas ter levado a termo tão prodigioso trabalho de riqueza e de amor, num paiz onde todos descrêm — e é este um dos males maiores do Brazil — é um facto que merece ser conhecido e admirado como uma bella prova de energia nacional e, sobretudo, um fecundo exemplo a imitar. » (*)

* * *

Nosso commercio é já extraordinario e muito vasto, podendo-se mesmo considerar a cidade do Rio de Janeiro, Capital da Republica, o maior centro de negocios na America do Sul.

Foi esse o movimento do commercio internacional do Brazil no anno de 1901, por exemplo :

	Importação	Exportação
Allemanha.	39.080.000 $ 000	126.749.284 $ 000
Argentina	56.173.430 $ 000	19.218.773 $ 000
Austria-Hungria. . .	7.632.843 $ 000	24.229.034 $ 000
Belgica	9.547.634 $ 000	18.876.880 $ 000
Estados Unidos . . .	51.635.665 $ 000	371.147.265 $ 000
França	33.263.299 $ 000	100.338.297 $ 000
Inglaterra e possessões	130.278.411 $ 000	111.487.400 $ 000
Hespanha	2.073.894 $ 000	1.351.823 $ 000
Hollanda	2.514.248 $ 000	41.989.849 $ 000
Italia	15.857.610 $ 000	8.109.950 $ 000
Portugal	26.928.540 $ 000	5.091.239 $ 000
Suecia-Noruega . . .	4.966.550 $ 000	—
Suissa	2.910.347 $ 000	—
Uruguay	27.085.441 $ 000	9.999.657 $ 000
Diversos paizes . . .	4.204.992 $ 000	22.237.243 $ 000
	415.053.516 $ 000	860.826.694 $ 000

(*) Mario Cattaruzza « *Um estabelecimento colossal e uma nobre idéa* ». Impressões de viagem publicadas n'*A Provincia do Pará*, Março de 1903.

Capitulo XIII

Raça

Na epocha do descobrimento, era o Brazil habitado por indios selvagens, sobre cuja apparencia e costumes substituiremos aqui palavras nossas por diversos trechos de um documento importantissimo, cujo original se acha ainda hoje na *Torre do Tombo* em Lisbôa, — « o auto solemne do descobrimento, a primeira palavra sobre a historia do Brazil » —, na phrase de um escriptor.

E' a carta que Pero Vaz de Caminha, Escrivão na flotilha de Pedro Alvares Cabral, dirigiu a D. Manoel, Rei de Portugal, no dia 1.º de Maio de 1500.

Preferimos transcrever alguns topicos, não só porque tereis bem viva a impressão daquelle tempo, como ainda para vulgarisar nas escólas as primeiras palavras escriptas sobre nosso Brazil.

Lêde-a, pois, na parte referente a dois indigenas que fôram conduzidos a bordo da náo de Pedro Alvares Cabral :

« O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, com uma altatifa aos pés por estrado e bem vestido, com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar e Nicoláo Coelho e Ayres Corrêa e mais outros, que aqui na náo com elle iamos, assentados no chão por essa altatifa. Acenderam tochas e entraram e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de falar ao capitão, nem a ninguem. Pero um d'elles poz olho no collar do capitão e começou de acenar com a mão para terra e depois para o collar, como que nos dizia que havia em terra ouro.

E tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz, tomaram-no logo na

mão, e acenaram para terra, como que os havia ahi. Mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo d'ella e não lhe quizeram pôr a mão, e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ahi de comer pão e pescado cozido, confeitos, pasteis, mel e figos passados; não queriam comer d'aquillo quasi nada, alguma cousa, se a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça, pozeram-lhes assim á boca tam-alavez, e não gostaram d'elle nada, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarrada; tomaram d'ella senhos bocados, e não beberam; somente lavaram as bocas e lançaram fóra. Viu um d'elles umas contas de rosarios brancos, acenou que lh'as dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescoço.

E depois tirou-as e embrulhou-as no braço e acenava para a terra, e então para as contas e para o collar do capitão, com que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós pelo desejarmos, mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o collar, isto não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar. E então estiraram-se assim de costas na altatifa a dormir...

O capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins..., e lançaram-lhes um manto em cima.

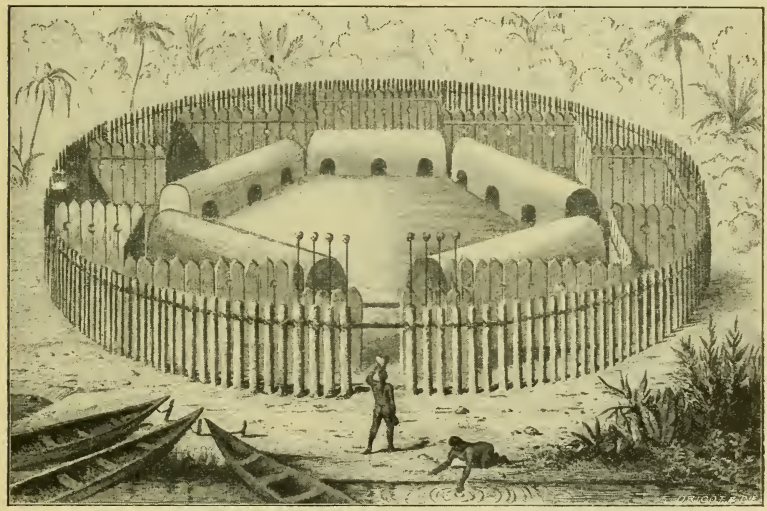
E elles consentiram e jouveram e dormiram! »

Em outra passagem, escreve Caminha :

« A feição d'elles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura.. , traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettido por elle senhos ossos d'osso brancos, de compridão de uma mão travessa, e de grossura de um fuzo d'algodão, e agudo na ponta, como furados. Mettem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque enxadrez; e em tal maneira o trazem ahi encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torna a fala, nem o comer, nem beber. Os cabellos nem são corredios, e andavam tosquiados de trosquia alta, mais que de sobrepente de bôa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um d'elles trazia por baixo da sulapa, de fonte a fonte, para detrás, uma maneira de cabelleira de pennas d'ava amarellas, que seria de compridão de um cento mui basta e mui cerradas que lhe cobria o toutiço e as orelhas; a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cera, e não no era!... »

Manifestando ainda outras impressões sobre os que encontrára em terra, accrescenta :

« Andavam ali muitos d'elles, ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns que andavam sem elles traziam os beiços furados... E alguns d'elles traziam tres d'aquelles bicos a saber, um na metade, e os dois nos cabos. E andavam outros ahi quartejados de côres; a saber, d'elles a metade de sua propria côr, e a metade de tintura negra, maneira azulada, e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas. » (*)



Aldeia de indios (Taba).

Calcula-se em um milhão, approximadamente, o numero de indios que existiam no Brazil, divididos em

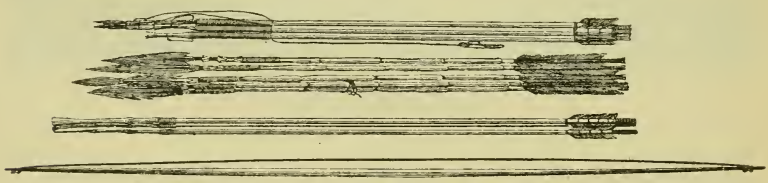
(*) Os trechos que ahi ficam transcriptos foram copiados da *Historia Geral do Brazil*, do Visconde de Porto Seguro, vol. 1º pags 72 a 74. Aos Senhores professores deixamos, naturalmente, o cuidado de explicar as palavras que os meninos não comprehenderem.

numerosas tribus, taes como os *Tamoyos*, *Carijós*, *Tupinambás*, *Tupiniquins*, *Cahetés*, *Tabayares*, *Pitagoares*, *Tapuias*, *Goytacazes*, *Guayanezes*, *Guaycurús*, etc.

Igaçába.

Eram nomadas. Em terreno abundante de caça e pesca, que lhes serviam de alimento, assentavam suas aldeias denominadas *tabas*, onde só permaneciam, vivendo em familia, emquanto se lhes afigurava vantajosa a situação, ou as guerras continuas não os obrigavam a procurar nova posição. Na *taba* obedeciam a um chefe, o *morubixaba*, e seguiam cegamente os conselhos do *pagé*, que lhes curava as enfermidades e predizia o futuro. Acreditavam na existencia de um ente superior aos homens — *Tupan* —, que viam representado no *sol*, na *tempestade*, no *trovão*, no *raio*, etc.; e criam numa outra vida, tendo um grande respeito aos mortos, que enterravam na posição figurada na gravura, dentro de uma talha de barro, geralmente chamada *igaçába*.

Alli depositavam tambem enfeites, armas e, durante algum tempo, alimentos.


Arco e fléchas.

Para moquear a pesca ou a caça friccionavam dois paus de muita resistencia, para produzir o fogo, e utilisavam-se de uma pedra muito afiada, encravada em uma haste, como machado para os córtes de madeira. Como armas princi-

paes, usavam de arcos e fléchas, envenenadas nas pontas para as guerras. De cascas de grandes arvores, faziam as *ubás* para a navegação e a pesca nos rios. Em suas festas usavam do *maracá*, que tangiam aos sons de cantigas especiaes. O *tacápe*, pesado madeiro, era o instrumento apropriado a matar, por uma forte pancada na cabeça, os prisioneiros, cujas caveiras eram dependuradas na frente das *tabas*, como já vistes na respectiva gravura. Grande, enfim, era a variedade de instrumentos, armas e utensilios de que dispunham para os diversos mistéres da vida.

Machado de pedra.

Ubá.

Na catechese dos indios, isto é, no emprego de meios para chamal-os á civilisação, grandes serviços prestaram os padres jesuitas vindos para o Brazil com os colonisadores, estudando seus costumes, apprendendo os differentes idiomas das diversas tribus, e estabelecendo aldeias, escólas, etc. Entre elles distinguiram-se por actos de abnegação, Aspicuelta Navarro, João de Almeida, Manoel da Nobrega, José de Anchieta, e Antonio Vieira, que, demais, era um notabilissimo orador e escriptor.

Tacápe.

Maracá.

Antonio Vieira.

Nobrega e Anchieta sobresahiram ainda por occasião da tremenda lucta travada entre os colonos e os indios congregados para uma acção deci-

siva em 1563, acontecimento que figura em nossa historia sob a denominação de *Confederação dos Tamoyos.*

José de Anchieta.

« Tebyreçá e seus sequazes », diz Mattoso Maia, « se declararam a favor dos portuguezes; mas o sobrinho delle, o terrivel *Jaguanhâro,* com as suas hordas, pronunciára-se a favor da confederação. Infructifero foi o ataque que o gentio dirigiu contra S. Paulo; mas fôram horriveis as depredações nas fazendas e assaltos em outros logares da capitania de S. Vicente. Em taes extremos a dedicação de dois Jesuitas fez mais do que os recursos bellicos de que pódiam dispôr os colonos; Nobrega e Anchieta apresentaram-se denodadamente aos chefes indios, ou *morubixabas,* reunidos em *Iperohy,* e numa famosa conferencia, conhecida na historia pelo — *armisticio de Iperohy* — depois de esforços inauditos alcançaram uns preliminares de paz, que tinham de ser notificados aos portuguezes por Nobrega, emquanto Anchieta ficava em refens.

Foi durante esta estada que Anchieta compoz um poema á Virgem Immaculada da Conceição, em versos latinos, os quaes escrevia na arêa da praia, e ia confiando á sua prodigiosa memoria, para em dias mais felizes reproduzir no papel. Quando Nobrega voltou, os dois Jesuitas conseguiram, por sua unica influencia, induzir os chefes indios a que estabelecessem a paz com os portuguezes. »

Attritos, porém, entre os colonos e os indigenas determinaram investidas contra estes, que, pouco a pouco, se fôram internando para o centro do paiz e para o norte, existindo ainda hoje numerosas tribus nos altos sertões do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Matto Grosso e Goyaz.

Durante muito tempo permaneceram captivos dos colonos, que de seus serviços se utilisavam como senhores, até que, depois de longas luctas, conseguiram o reconhecimento de sua liberdade, decretada em 1753 pelo poderoso

Ministro de D. José 1.º, Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, que relevantes serviços prestou durante seu governo á colonia portugueza, para onde suas vistas se dirigiram proficuamente.

Marquez de Pombal.

Não fôram, entretanto, os indigenas os unicos escravos que existiram no Brazil.

Reconhecida a difficuldade da obtenção de mais extensos serviços por parte dos indigenas, e ainda porque o elemento africano demonstrava, nas demais colonias portuguezas, superioridade para o trabalho, nasceu a idéa da da importação da raça negra da costa africana.

Assim começou, no Brazil, desde os primeiros tempos coloniaes, a escravidão dos negros, trazidos em grandes levas de Guiné, de Moçambique, etc., onde eram agarrados á força, comprados ou trocados por aguardente ou missangas.

Castro Alves.

Sobre esse triste destino do Continente Africano e dos miseros *importados*, o inspirado poeta bahiano, Antonio de Castro de Alves, que por seu ardor abolicionista foi cognominado — *poeta dos escravos* — compoz bellissimas poesias, verdadeiros poemas de sentimento, de imaginação e patriotismo, como, por exemplo, — *Vozes d'Africa*, ou a intitulada — *Navio Negreiro* —, em que a indignação do joven e impetuoso poeta fêl-o exclamar :

. . . . . .

IV

. . . . . .

Lá... nas arêas infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véos...
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amores... adeus!

Depois, o areal extenso.
Depois... o oceano de pó.
Depois no horizonte immenso
Desertos... desertos só.
E á fome, o cansaço, á sêde,
Ai! quanto infeliz que cede,
E cáe p'ra não mais se erguer,
Vaga um logar na cadêa,
Mas o chacal sobre a arêa
Acha um corpo que roer.

Hontem, a serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido á tôa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Hontem, plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...

Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão,
E assim zombando da morte
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoite... Irrisão!

Senhor Deus dos desgraçados,
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
O' mar, porque não apagas
Com a espuma de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolae das immensidades!
Varrei os mares, tufão!

. . . . . .

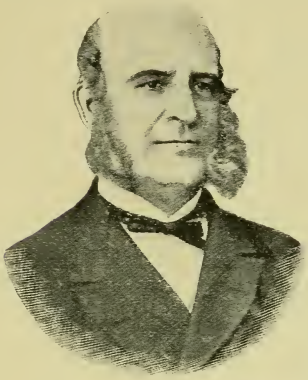
Os escravos eram considerados da mais infima classe, e para bem julgardes de sua condição social, bastará relembrar entre as muitas disposições das leis portuguezas a que se subordinava á seguinte rubrica : — « QUANDO OS QUE COMPRAM ESCRAVOS OU BÊSTAS OS PODERÃO ENGEITAR POR DOENÇAS OU MANQUEIRAS » (*).

Euzebio de Queiroz.

Tal estado de coisas perdurou até 1831, quando foi abolido o trafico africano por uma lei, que só em 1850 encontrou completa e inteira execução, graças á grande energia e tenacidade do Ministro Euzebio de Queiroz Coitinho Mattoso da Camara, cujas acertadas providencias fizeram cessar inteiramente a entrada de escravos no Brazil.

(*) Ord. Philippina — Livro 4º tit. 17.

Foi o primeiro golpe recebido pela nefanda instituição, que assim ficou restringida aos escravos existentes no paiz. Os progressos da civilisação brazileira, não poderiam, porém, permittir que ahi ficasse interrompida a marcha da Liberdade.

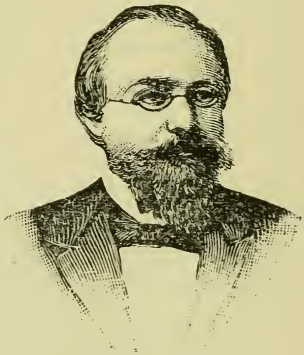


Visconde do Rio Branco.

Estancada a fonte do torpe commercio, mantinha-se, entretanto, a do ventre escravo, pois os filhos da escrava eram, como ella, considerados captivos.

A campanha abolicionista foi alastrando-se, pouco a pouco, e nova victoria obtêve a Civilisação, em 28 de Setembro de 1871, com José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, e seus devotados auxiliares, propondo e fazendo votar a aurea lei denominada do — *Ventre Livre* : já no Brazil ninguem mais nasceria escravo. Restava-nos, portanto, exclusivamente, os escravos existentes.

As idéas abolicionistas, porém, não se entorpeceram, e fôram conquistando dia a dia a consciencia da Nação.



Senador Dantas.

Em 1884, sendo Presidente do Conselho de Ministros o Senador Manoel Pinto de Sousa Dantas, que sobre a questão levantára a bandeira — « *não retroceder, não parar, não precipitar* » — foi apresentado á Assembléa Legislativa um projecto de lei, que, desenvolvendo o fundo de emancipação já creado pela lei de 1871, prohibia a venda de escravos dentro do paiz, de senhor a senhor, e entre outras pro-

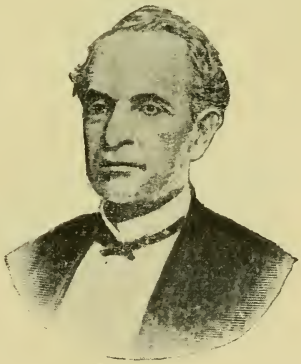
videncias estabelecia como base para a liberdade do escravo uma certa edade.

Senador Saraiva.

Divergencias politicas determinaram que esse projecto de lei não vingasse, cahindo mesmo do poder o Senador Dantas.

Substituiu-o o Senador José Antonio Saraiva, que, em moldes mais ou menos similhantes, apresentou novo projecto, deixando, egualmente, o governo antes de vel-o de todo approvado, pois somente na Camara dos Deputados havia vencido. Coube então ao novo Ministerio, presidido pelo Senador João Mauricio Wanderley, Barão de Cotegipe, leval-o a effeito, no Senado, transformando-o na lei de 28 de Setembro de 1885, que além de outras disposições declarava livres os escravos sexagenarios.

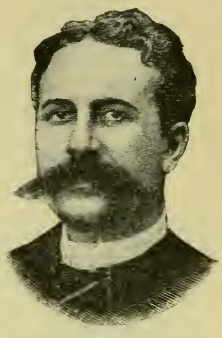
A consciencia nacional, porém, não estava ainda satisfeita : a campanha abolicionista levantára impavidamente a idéa da libertação total. Si bem que partidario della, o Barão de Cotegipe pertencia, entretanto, ao numero daquelles que desejavam que a essa medida fosse alliada a da indemnisação aos senhores de escravos, pela perda da *propriedade* que lhes era reconhecida pelas leis.


Barão de Cotegipe.

Foi essa a ultima phase da memoravel campanha abolicionista, que conquistava todo o paiz, amparada pela imprensa, pela tribuna popular e por numerosas sociedades, trabalhando proficuamente numa combinação gloriosa de esforços.

Na imprensa, José do Patrocinio, entre outros insignes jornalistas, fazia uma campanha tenaz e brilhantissima; ao passo que Joaquim Nabuco, orador notabilissimo, em constantes conferencias publicas, constituia-se o centro da propaganda; — seu enthusiasmo levou-o mesmo a Roma afim de solicitar o auxilio moral da palavra do Papa ao clero e ao povo brazileiro. (*)

José do Patrocinio.



Joaquim Nabuco.

E para ser completa nossa gloria, a mulher brazileira, sempre propensa ás acções generosas, aos impulsos da caridade e ao enthusiasmo pelas grandes causas, fez sentir notavelmente sua acção benefica.

Tratando da constituição de nossa nacionalidade, procuramos tornar conhecido o nome de — Maria Quiteria de Jesus Medeiros —, que se bateu valentemente pela independencia politica do Brazil.

Eis agora o mesmo idéal de liberdade inspirando de novo o coração da mulher brazileira, para a grande conquista do direito no terreno da paz.

Muitas distinctas senhoras, em differentes pontos do Brazil, entregaram-se com ardor á santa cruzada da libertação dos escravos; na impossibilidade, porém, de mencional-as em conjuncto, encarnaremos a brilhante pleiade em uma das mais valorosas e abnegadas, tanto mais quanto

(*) A respectiva Encyclica chegou, porém, ao Brazil já depois de abolida a escravidão.

podemos della falar com seguro conhecimento, na qualidade de seu secretario particular durante tres annos.

Vêde na estampa que vos offerecemos — Leonor Porto — Presidente da sociedade abolicionista — « Avè Libertas » —, fundada em Pernambuco, em 1884, e a respeito da qual assim se exprimiu illustre escriptor em precioso trabalho :

« De tal maneira a idéa abolicionista tem-se apoderado dos pernambucanos que muitas das mais nobres damas daquella terra se acharam com a força precisa para, em nome da humanidade, sahir excepcionalmente do exilio social e politico imposto a seu sexo, para fundar a 20 de Abril de 1884 essa gloriosa sociedade, solemnemente inaugurada a 8 de Setembro do mesmo anno, sob a brilhante denominação de — *Avè Libertas* —, a qual tem prestado incalculaveis serviços e restituido a liberdade a um grandissimo numero de captivos.

Dessa sociedade se poderia dizer, parodiando o Embaixador do Epiro — que é uma assembléa de deusas... O brilho reflectido pela fulgente auréola que circumda o nome illustre de D. Leonor Porto, dignissima Presidente da sociedade — *Avè Libertas* — e discipula de Stäel e de Beecher Stowe, a fará apparecer na historia do Brazil, como Madame Pastoret, na historia da França, e Mistress Elisabeth Fry na historia da Inglaterra ». (*)

Leonor Porto.

Effectivamente foram reaes e admiraveis os serviços prestados por esta verdadeira heroina : vimol-a, mais de uma vez, desprender-se de joias

(*) Dr Anselmo da Fonseca — *A escravidão, o clero e o abolicionismo* — Bahia.

de valor, para mitigar a fome a escravos foragidos, ou auxiliar pecuniariamente a liberdade de outros!

« Na propaganda abolicionista », diz com muita razão um jornal fluminense, noticiando a morte de Leonor Porto, aos 60 annos de edade, « ninguem mais firme e mais enthusiasta, a cujo devotamento e a cujo esclarecido patriotismo rendemos o devido preito nestas linhas », salientando mais que os escravos « encontraram sempre na sua bravura o amparo e a força para esperar o grande dia » (*); relembrando outro jornal que « a casa da benemerita abolicionista foi o principal refugio dos escravisados foragidos, velando maternalmente por elles ». (**)

Crescendo dia a dia a propaganda, augmentando sempre a acção dos abolicionistas e accentuando-se a aspiração geral, a negra mancha que nos ensombrava a civilisação não poderia resistir por mais tempo.

A questão tornou-se eminentemente nacional.

Já se não tratava de simples adeptos fervorosos da liberdade; não era a empreitada de um partido politico. Não: — era a alma brazileira que se manifestava a cada canto, na palavra do propagandista, na oração do tribuno, na penna do jornalista, nas preces da religião, no recinto do Parlamento, no altruismo dos proprios senhores de escravos, — era o povo que exigia; era a Nação que impunha sua vontade soberana.

Isso mesmo declarava a Princeza Imperial D. Izabel, que então regia o Imperio, em nome do Imperador doente na Europa, na mensagem, que nesse tempo ainda se denominava — fala do throno —, dirigida em 3 de Maio de 1888 á Assembléa Geral :

(*) *O Paiz*, do Rio de Janeiro, edição de 7 de Fevereiro de 1901.
(**) *Cidade do Rio*, edição de 7 de Fevereiro de 1901.

« A extincção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberdades particulares, em honra do Brazil, adeantou-se pacificamente de tal modo que é hoje aspiração acclamada por todas as classes, com admiraveis exemplos de abnegação da parte dos proprietarios. »

João Alfredo.

Disposta assim a Nação, em Março de 1888 foi deliberadamente chamado ao poder, em substituição ao Barão de Cotegipe, o Senador João Alfredo Corrêa de Oliveira.

No dia 8 de Maio era presente á Assembléa Geral em nome do Governo o projecto que, cinco dias depois, se transformou na lei nº 3353 de 13 DE MAIO DE 1888, redigida em linguagem breve e terminante :

ART. 1.º — E' DECLARADA EXTINCTA, DESDE A DATA DESTA LEI (*), A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL.

ART. 2.º — REVOGAM-SE AS DISPOSIÇÕES EM CONTRARIO.

Do que foi esse grandioso acontecimento, meus caros concidadãos, vamos transcrever aqui expressiva narração de uma testemunha de vista :

« Em 5 dias, apresentou-se a proposta, emittiu-se parecer sobre ella, foi emendada, e foi discutida em ambas as casas do Parlamento, sem preterição de nenhuma formalidade constitucional e regimental. Os oradores da minoria não procuraram obstruir. Falaram com a maior isenção, coragem e civismo. O povo os respeitou, apesar de excitado e ancioso pela conclusão. Poderosos eram os elementos ligados ao captiveiro. Os

(*) O projecto não continha a expressão — *desde a data desta lei* —. Para que a lei entrasse em execução no mesmo dia em que fosse promulgada, dispensados os prazos, o Deputado Innocencio Marques de Araujo Góes apresentou a emenda intercalando as referidas palavras.

lavradores, fortes potencias eleitoraes, dispunham de talentosos defensores de prestigio e de dinheiro. Todavia, nas ultimas semanas muitos fazendeiros emulavam em zelo com os abolicionistas para apressar a reforma. Como que sentiam remorso do tempo consumido em combatel-a, e urgencia em effectuar a reparação. Quanto aos deputados escravocratas, muitos haviam libertado espontaneamente seus escravos para que não se lhes attribuisse a opposição a interesses feridos. Foi uma medida popular. Confraternisaram nella mandantes e mandatarios. O povo participou directamente nas deliberações. Todo abolicionista via-se festejado nas ruas, fosse qual fosse o seu passado, o seu caracter, as suas idéas em outras questões.

Foi solemnissima a cerimonia da sancção. Milhares de pessôas do povo invadiram o Paço. Litteralmente rodeiada pela multidão, a Princeza, afflicta e chorosa, em virtude das más noticias chegadas da Europa sobre a saúde do Imperador, mal se podia mover. No momento em que empunhou a penna para a assignatura fez-se religioso silencio. Depois, uma explosão de bravos, applausos, acclamações delirantes nunca vistos. Muita gente chorava de alegria. Inimigos da vespera abraçavam-se reconciliados. José do Patrocinio, fóra de si, atirou-se aos pés da Princeza, quiz beijal-os, pronunciou de joelhos commoventissimas palavras. Nabuco abriu caminho até uma janella e dahi, com a sua voz poderosa, annunciou a boa nova ao povo que se atulhava no largo, onde hoje se vê a estatua de Ozorio, estendendo-se, em mó compacta, desde a rua Direita até ao ponto das barcas. Indescriptiveis as manifestações de regosijo que se succederam! Nunca houve nem tão cedo haverá demonstrações de enthusiasmo assim. » (*)

* * *

Como vêdes, o povo brazileiro não provém de uma raça especial, mas sim de uma fusão de elementos differentes, o que, entretanto, não impediu a formação de uma nacionalidade capaz de se collocar a par das mais bem constituidas.

Dotado de uma alma nobre, de inexcedivel delicadeza de

(*) Dr Affonso Celso, filho — *Oito Annos de Parlamento* — Esse illustre escriptor, Deputado e fervoroso adepto da abolição, apresentou immediatamente um projecto de lei, que foi approvado, considerando de festa nacional aquella grande data.

sentimentos e de elevadas qualidades moraes, o brazileiro é, por excellencia, generoso, chão e hospitaleiro.

No cultivo e na intensidade do affecto da familia não encontra rival entre os demais povos, e são, com effeito, proverbiaes a ternura e a abnegação até ao sacrificio da mulher brazileira — como filha, irmã e esposa; sendo mesmo proclamada, com toda a justiça, não só por escriptores nacionaes como por observadores extrangeiros, o prototypo da mãe de familia.

Nos dominios da intelligencia occupamos um logar salientissimo : entre outras provas da generalidade do talento entre nós, o éstro poetico, por exemplo, parece fazer parte do organismo do brazileiro, encontrando-se frequentemente, mesmo nos mais invios sertões, individuos, uns de apoucada instrucção, outros completamente analphabetos, verdadeiros poetas naturaes, cujas producções cheias de doçura são, em geral, repassadas de delicado sentimento, e muitas vezes improvisadas nos conhecidos e admirados *desafios*.

E não é somente notavel a generalidade do talento no Brazil; é tambem admiravel sua precocidade. Dentre muitos casos que vos poderiamos aqui apresentar em confirmação desta verdade, destacaremos um muito recente, — o de Oswaldo Coutinho de Faria, joven brazileiro de dezeseis annos de edade, que, no dizer de jornaes da França, onde elle se acha actualmente realizando experiencias de um apparelho de sua invenção, fará uma revolução nos dominios da electricidade pratica e industrial, pois sua brilhante descoberta vae de encontro a todos os principios e regras conhecidas, na opinião dos competentes e na delle proprio.

Referindo-se em longa e enthusiastica apreciação aos resultados já observados, conta um jornal :

« Era tão curioso quanto interessante ver na quarta-feira ultima, esse joven de pequena estatura, olhar brilhante e fixo, responder impertur-

bavel ás objecções que lhe faziam, com interesse, alguns engenheiros que assistiam á experiencia : tinha sempre uma resposta prompta, e reforçava seu juizo com uma demonstração decisiva e sem replica.

Oswaldo de Faria e seu apparelho.

Seu transformador e regulador electrico parece uma maravilha; e melhor do que nós, o Snr. Carlos Devic, engenheiro muito conhecido, cuja opinião não póde ser tida por suspeita, emittiu a respeito um parecer que o deverá consagrar para elle o apparelho preenche todas as condições procuradas pelos grandes sabios — pequeno volume, leveza e simplicidade de manipulação, julgando que, sob uma bôa direcção commercial, ao transformador e regulador está reservado um grande futuro sob o ponto de vista das applicações industriaes. » (*)

E' tão notavel esta descoberta que a Municipalidade de Pariz conferiu ao joven e admiravel inventor uma medalha de ouro.

No dia, portanto, em que a instrucção, adequadamente dirigida, penetrar em todas as camadas da população brazileira, desenvolvendo-lhe a intellectualidade prodigiosamente fertil, nossa amada patria attingirá o mais alto grau da Civilisação, pois que nossas aptidões para todos os ramos do saber e da cultura estão comprovadas pela vasta galeria de nota-

(*) *Le Brésil* — edição de 9 de Agosto de 1905.

bilidades que possuimos nas mais variadas manifestações do engenho humano, muitas dellas abrangendo mesmo differentes vocações. E, certamente, nossas producções litterarias correriam mundo, admiradas como merecem, si não tivessemos contra nós a circumstancia da lingua, que, bella, fluente e harmoniosa, como é a portugueza, não logra ainda, entretanto, a vantagem de ser tão conhecida e falada como, por exemplo, a franceza ou a hespanhola. São, por isso, dignos de louvor os esforços que faz para divulgal-a a « *Sociedade de Estudos Portuguezes* », com séde em Paris e ramificações em differentes capitaes européas (*), da qual é Presidente o distincto litterato Xavier de Carvalho, conhecido jornalista e activo correspondente, na França, de importantes folhas brazileiras.

Xavier de Carvalho.

Já no decurso deste livro vos familiarisastes com os nomes de muitos e notaveis brazileiros, a proposito de diversos assumptos. De passagem, faremos ainda uma ligeira nomenclatura, sem o caracter de escolha, absolutamente, entre os meritos de nossos grandes homens, mas a simples titulo de exemplos.

Assim, vos lembraremos na poesia : Gregorio de Mattos, notavel por suas satyras; Basilio da Gama, que nos legou o poema *Uruguay;* Santa Rita Durão, o cantor de um legendario episodio do descobrimento do Brazil, em seu poema

(*) Em Bruxellas, por exemplo, esta Sociedade tem como representante seu Vice-Presidente, Sr. Victor Orban, litterato e jornalista, francez de nascimento e grande amigo do Brazil, onde viveu muitos annos.

Caramurú, vertido para a lingua franceza por Monglave; Gonçalves Dias e Gonçalves Magalhães (Visconde de Araguaya), já citados, ambos tambem dramaturgos, que com Araujo Porto Alegre (Barão de Santo Angelo), tambem pintor e orador, exerceram tão grande influencia na litteratura patria : entre outras producções, deram-nos, o primeiro — *Primeiros Cantos, Ultimos Cantos, Tymbiras, Leonor de Mendonça, Boabdil*; o segundo, *Suspiros Poeticos, Confederação dos Tamoyos*, o *Poeta e a Inquisição, Olgiato;* o terceiro, *Brazilianas, Colombo*, poema onde celebrou a descoberta da America.

Porto Alegre.
Gonçalves Dias. G. Magalhães. (*)

A Laurindo Rabello e Moniz Barretto, notaveis repentistas, juntaremos Fagundes Varella, Alvares de Azevedo, Luiz Guimarães, junior.... cadeia ininterrupta de maviosos poetas, de que fazem parte, dentre tantos e tantos de egual merecimento, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Mucio

José de Alencar.

(*) Esta gravura é reproducção de uma photographia, hoje muito rara, feita em 1869, em Vienna, onde por acaso se encontraram os tres grandes poetas e amigos intimos.

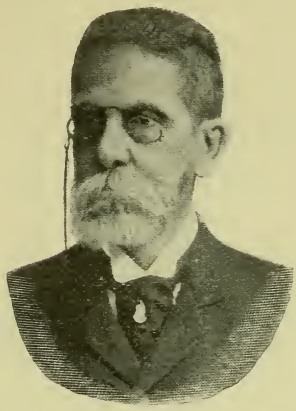
Teixeira, Raymundo Corrêa, Luiz Murat, Medeiros e Albuquerque, auctor da lettra do Hymno da Republica, etc.

Si não conheceis, já ouvistes, pelo menos, falar nos populares romances de José de Alencar, ao mesmo tempo orador, estadista, dramaturgo e jornalista, ou nos de Joaquim Manoel de Macêdo, tambem geographo, auctor dramatico e historiador: deram-nos, por exemplo, o primeiro — *Guarany*, que inspirou a Carlos Gomes a opera do mesmo nome, *Minas de Prata*, *Senhora*, *Luciola*, *Iracema*, *Viuvinha*, *Sonhos d'ouro*, *Mãe*; o segundo, *Moreninha*, *Moço Loiro*, *Vicentina*, *Roza*, *Fantasma Branco*, *Torre em Concurso*, etc.; nos de Machado de Assis, tambem poeta e philologo, reputado um dos chefes da litteratura moderna, Presidente da Academia Brazileira de Lettras, (*) (*Memorias Posthumas de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, etc.); de Coelho Netto, o fecundo romancista e apreciavel contista (*Sertão*, *Miragem*, *A conquista*, etc.); de Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), ao mesmo tempo orador, engenheiro militar, historiador,

Manoel de Macêdo.

(*) Esta associação litteraria, fundada ha poucos annos no Rio de Janeiro, compõe-se, como a Academia Franceza, de quarenta Academicos, que são neste momento os seguintes: — Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Clovis Bevilaqua, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Coelho Netto, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Barão de Loreto, Felinto de Almeida, Pedro Rabello, Sylvio Romero, Guimarães Passos, Martins Junior, José Verissimo, Ruy Barbosa, Magalhães de Azeredo, Teixeira de Mello, Barão do Rio Branco, Domicio da Gama, Affonso Celso Junior, José do Patrocinio, Silva Ramos, Alcindo Guanabara, Inglez de Souza, Aluizio de Azevedo, Oliveira Lima, Luiz Murat, Arthur Azevedo, Garcia Redondo, Carlos de Laet, Augusto de Lima, Rodrigo Octavio, Salvador de Mendonça, Graça Aranha, Affonso Arinos, Lucio de Mendonça e Araripe Junior; restando preencher a vaga de Valentim Magalhães, brilhante litterato, recentemente fallecido.

poeta, musico e estadista, celebrado auctor da *Retirada da Laguna* (*), onde descreve admiravelmente os horriveis



Machado de Assis.

Visconde de Taunay.

transes de um punhado de heroicos brazileiros, em cujo numero se achava, ao tempo da guerra do Paraguay, e *Innocencia*, considerada sua obra prima, traduzida em differentes linguas, circulando, póde-se dizer, o mundo civilisado, e a respeito da qual assim se expressou Graça Aranha, o joven e já notavel auctor do *Chanaan*, romance moderno, cuja fórma produziu verdadeira sensação na litteratura nacional :

Graça Aranha.

« Póde-se perder o nosso idioma : — *Innocencia* está salva. Não penseis que estou exaggerando. Se não me engano, depois da *Biblia*, de *D. Quixote*, da *Illiada* e dos *Luziadas*, é a

(*) Escripta em francez e vertida para nossa lingua pelo illustre escriptor brazileiro Ramiz Galvão.

Innocencia o livro mais traduzido nas linguas modernas. Dizem que a humanidade no futuro será mongolica; teme-se o perigo amarello. Seremos todos avassallados, falar-se-ão só as linguas orientaes... Pois bem, *Innocencia* está consagrada; ficará como uma reliquia de nossa litteratura; porque, imaginae, está traduzida em japonez! » (*)

Agrario de Menezes.

Si do romance passarmos ao genero dramatico, e onde alguns dos já citados figuram, deparam-se-nos, por exemplo, Agrario de Menezes, auctor do *Calabar*, tambem poeta, fallecido repentinamente, no theatro S. João, na Bahia, quando recebia ovações pela representação de uma de suas peças; Martinho Vasques, tambem popularissimo actor *(Lagrimas de Maria)*; Augusto de Castro; Moreira Sampaio; Pinheiro Guimarães; Martins Penna *(O Juiz de Paz na roça, Irmãos das Almas, O noviço, Judas em sabbado de alleluia, Quem casa quer casa, etc.)*, e França Junior *(Como se fazia um deputado, Direito por linhas tortas, etc.)*, comediographos nacionaes, por excellencia; genero egualmente cultivado por Arthur de Azevedo, tambem poeta e jornalista, dentre cujas producções algumas, como a *Capital Federal* e a comedia em verso o *Badejo*, fôram

Arthur de Azevedo.

(*) *A litteratura actual do Brazil*, conferencia realizada no Atheneu Argentino, em Buenos-Ayres, em Dezembro de 1897.

com grande exito representadas em Lisbôa; ao mesmo tempo em que era alli tambem coberto de applausos — *O Sorvedouro* —, drama de J. M. Cardoso de Oliveira, tambem diplomata e litterato, não inferiores aos que sob o titulo — *Le Gouffre* — recebera em Berna e Genebra, na Suissa, onde foi, pela primeira vez, levado á scena, com grande brilho para o nome brazileiro. (*)

Cardoso de Oliveira.

Rocha Pitta, auctor da primeira historia do Brazil, denominada *Historia da America Portugueza*, Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), Caetano da Silva, Barão do Rio Branco, glorioso advogado do Brazil nos arbitramentos das Missões e do Amapá, Pereira da Silva, Mello Moraes, João da Silva Lisbôa, tambem jornalista, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, vêm-nos á memoria, quando se trata da historia nacional; como se notam Conceição Velloso, auctor da *Flora Fluminense*, Barão de Capanema, Ladisláu Netto, Arruda Camara, Barboza Rodrigues, nas sciencias naturaes;

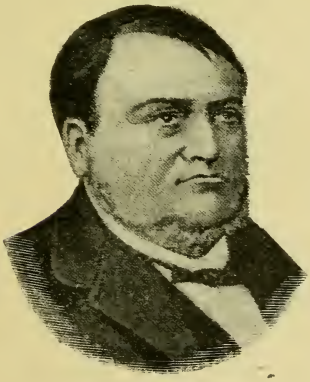
Silva Lisbôa.

(*) Theophilo de Andrade — « Le Gouffre » na Suissa. Resumo da opinião da imprensa européa sobre o drama « *Le Gouffre* » 1901.

Paulo Frontin e André Rebouças, na engenharia; ou na medicina Domingos Freire, Torres Homem, Moura Brazil, Francisco de Castro, tambem litterato, Manoel Victorino, ao mesmo tempo orador e jornalista; Moncorvo, descobridor da *papaina*, de que já vos demos noticia; Lacerda, da applicação do permanganato de potassa contra o veneno das cobras.

Francisco de Castro.

Na sciencia do Direito, acatamos o saber de um Augusto Teixeira de Freitas, de um Felicio dos Santos, de um Nabuco de Araujo, de um Coelho Rodrigues, de um Clovis Bevilaqua, todos auctores de projectos de Codigo Civil, tendo mesmo os trabalhos do primeiro servido de base ao Codigo Civil da Republica Argentina; como na administração e politica podemos mencionar



Teixeira de Freitas.

Nabuco de Araujo.

o Visconde do Rio Branco, tambem notavel orador e habilissimo diplomata; Bernardo Pereira de Vasconcellos, os

Viscondes de Itaborahy e de Uruguay, Zacharias de Góes, Francisco Belisario, Martinho Campos e muitos outros.

Encontram collocação eminente entre os grandes oradores parlamentares — José Bonifacio de Andrada e Silva, tambem poeta e naturalista, que tão relevantes serviços prestou á nossa Independencia, Antonio Carlos, Acayaba Montezuma, Joaquim Nabuco, tambem historiador, diplomata e litterato, Ferreira Vianna, Ruy Barbosa, ao mesmo tempo publicista, jurisconsulto e jornalista, que, na phrase de um distincto escriptor, « é um desses homens que se poderiam chamar os accumuladores das forças intellectuaes de uma geração »; e tantos, tantos, que já em 1829 o illustre viajante inglez Walsh, tendo visitado o Brazil, dizia que *os brazileiros lhe pareciam um povo de oradores;* da mesma fórma que na especialidade da eloquencia sagrada realçam nomes como os de Euzebio de Mattos, tambem poeta, musico, desenhista e gravador, Frei Francisco de Mont'Alverne, Dom Antonio de Macêdo Costa, verdadeira gloria do pulpito, tendo mesmo levado o encanto de sua palavra á França e a Italia, onde pregou, nas respectivas linguas, com extraordinario exito.

Visconde de Itaborahy.

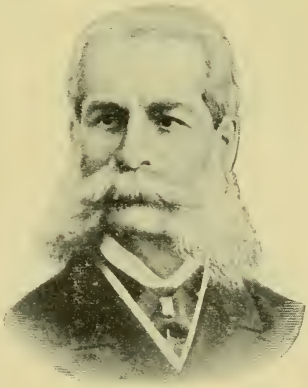
Ferreira Vianna.

Amestradas e brilhantes pennas, aureolados nomes, conta o jornalismo brazileiro, entre outros, e além de muitos já citados, Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barboza,

tambem orador sacro e historiador, prestando ambos relevantes serviços ao tempo de nossa Independencia; Evaristo Ferreira da Veiga, que tão saliente papel exerceu no movimento de 1831, que determinou a abdicação do primeiro Imperador, dirigindo a *Aurora Fluminense;* Gusmão Lobo, Ferreira de Araujo, Joaquim Serra, Quintino Bocayuva; como na critica litteraria Sylvio Romero, tambem poeta e historiador, José Verissimo e Araripe Junior, tambem pedagogista o primeiro e publicista o segundo; Tobias Barretto, ao mesmo tempo orador, jurisconsulto, publicista e poeta; ou na philologia, Couto de Magalhães, Castro Lopes, Moraes e Silva, auctor de um dos melhores diccionarios da lingua

Mont'Alverne.

Ferreira de Araujo.



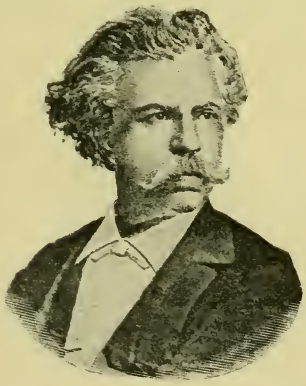
Barão de Macahubas.

portugueza, João Ribeiro, tambem poeta, Abilio Cezar Borges (Barão de Macahubas), notavel educacionista de larga nomeada dentro e fóra do paiz, tendo seu nome gravado na

Republica Argentina em uma escóla publica, onde se ostenta egualmente seu retrato.

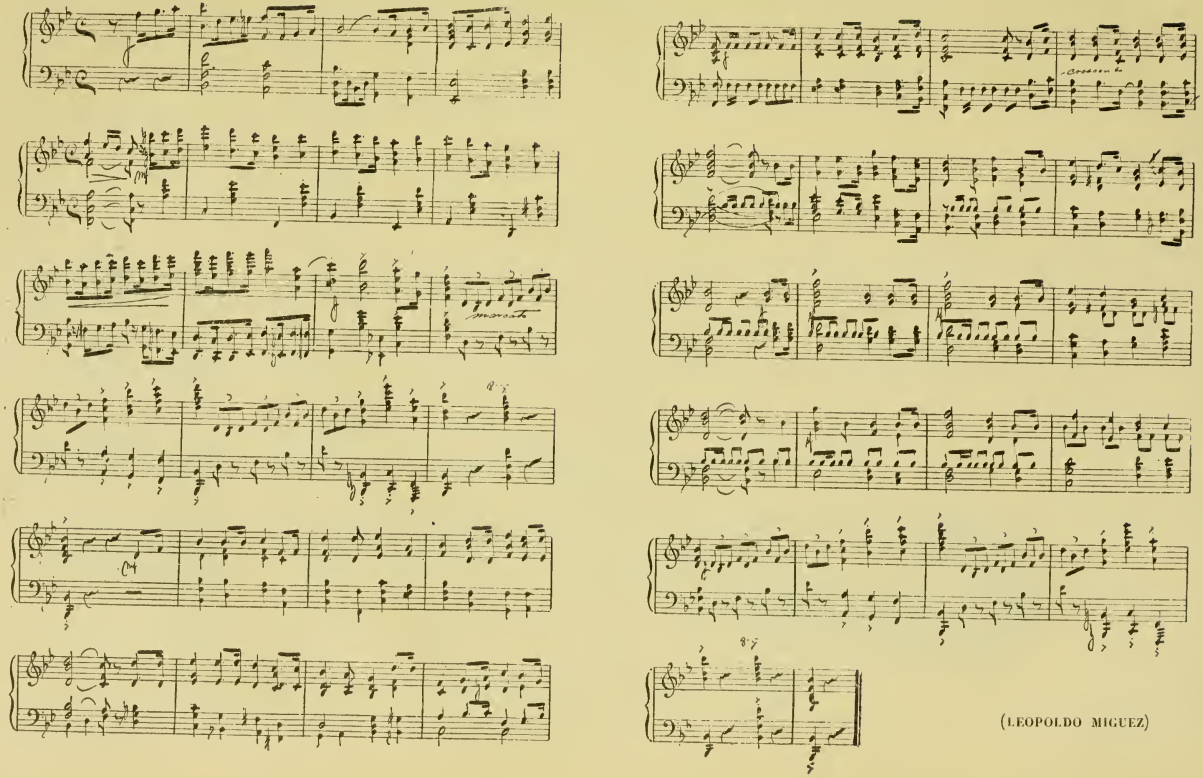
Si, como vos dissemos atraz, o éstro poetico parece fazer parte do organismo brazileiro, não o faz menos a inspiração musical, que, alliada áquelle, produz, por exemplo, as inspiradas e meigas *modinhas* populares, tão conhecidas em todo o Brazil, e das quaes Sylvio Romero e Sant'Anna Nery, litterato e jornalista, organizaram collecções.

Dentre, porém, os verdadeiros cultores da divina arte entre nós, relembraremos José Mauricio Nunes Garcia, de grande nomeada ao tempo de D. João VI, que o tinha em muita estima; Manoel de Christo, auctor de musicas sacras, muito conhecido no interior do norte do paiz, onde exerceu grande influencia, e de quem se conta ter conseguido uma vez apaziguar um troço de presos rebellados e em armas, apenas fazendo-os ouvir melodiosos sons de sua afinada orchestra; Francisco Manoel da Silva, auctor do *Hymno Nacional;* Leopoldo Miguez, auctor do *Hymno da Republica;* Meneleu Campos, cujas producções fôram ainda ultimamente applaudidas na Italia; Carlos Gomes, o glorioso maestro Carlos Gomes, conhecido e acclamado no mundo culto, onde se fizeram ouvir suas inspiradas operas *Guarany*, *Salvator Rosa*, *Escravo*, *Condor*, etc., e a respeito de quem se affirma ter Verdi, o grande maestro italiano, declarado, após uma audição do Guarany : — *Este começa, por onde os demais acabam* —. O *Guarany* foi pela primeira vez levado á scena no theatro Scala, de Milão, em 19 de Março de 1870, notando um dos jornaes da epocha que Carlos



Carlos Gomes.

Hymno da Proclamação da Republica



(LEOPOLDO MIGUEZ)

Lettra do Hymno da Proclamação da Republica

(MEDEIROS E ALBUQUERQUE)

Seja um pallio de luz desdobrado
Sob a larga amplidão d'estes céos,
Este canto rebél que o passado,
Vem remir dos mais torpes labéos!
Seja um hymno de gloria que fale
De esperanças de um novo porvir!
Com visões de triumphos embale
Quem por elle luctando surgir!

Liberdade! Liberdade!
Abre as azas sobre nós!
Das luctas na tempestade,
Dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outr'ora
Tenha havido em tão nobre paiz...
Hoje o rubro lampejo da aurora
Acha irmãos, não tyrannos hostis.
Somos todos eguaes! Ao futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte, que, juro,
Trilha, ovante, da Patria no altar!

Liberdade! Liberdade! etc.

Si é mistér que de peitos valentes
Haja sangue no nosso pendão,
Sangue vivo do heroe Tiradentes
Baptisou este audaz pavilhão!
Mensageiros da paz, paz queremos,
E' de amor nossa força e poder,
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos luctar e vencer!

Liberdade! Liberdade! etc.

Do Ypiranga é preciso que o brado
Seja um grito soberbo de fé!
O Brazil já surgiu libertado
Sobre as purpuras regias de pé!
Eia, pois, Brazileiros, avante!
Verdes louros colhamos, louçãos!
Seja o nosso paiz triumphante,
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade! etc.

Gomes fôra chamado á scena dezoito vezes, recebendo ruidosos applausos, « que não eram de simples cortezia, mas determinados pelas numerosas bellezas que a partitura contém realmente ». (*)

Clotilde Maragliano.

Para bem se avaliar o enthusiasmo com que foi recebida a brilhante estréa de Carlos Gomes no extrangeiro, basta dizer que apenas terminado o primeiro acto do *Guarany,* o editor Lucca, alli mesmo no theatro, contractava com o glorioso brazileiro a acquisição da bella partitura.

No palco divisamos numerosas *estrellas*, desde João Caetano, o genial actor dramatico de brilhante nomeada, mesmo fóra do Brazil, e, cuja estatua se ergue em frente á Academia de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, até Clotilde Maragliano, joven e notavel cantora, cuja estréa no theatro Bellini, na Sicilia, mereceu largos elogios da imprensa italiana, que a qualificou mesmo de « *uma maravilhosa excepção destinada a ir de triumpho em triumpho em sua carreira artistica* ». (**)

Não vos demos já neste livro, nas estatuas do *Duque de Caxias* e do *Marquez do Herval,* dois grandes attestados do valor de Rodolpho Bernardelli, por exemplo, na esculptura?

Que preciosas composições nos têm dado, entre outros, os pinceis de Almeida Junior, Amoedo, Belmiro de Almeida, Decio Villares?

Aqui mesmo, já tivestes ensejo de apreciar na reprodu-

(*) *La Lombardia*, 20 de Março de 1870.
(**) *Revue du Brésil* — Agosto de 1897.

cção de bellos quadros historicos os talentos de Aurelio de Figueiredo, de Pedro Peres, de Victor Meirelles, que se fez notar na Europa, expondo sua *Batalha de Riachuelo,* em Pariz, onde foi executada, e em Bruxellas uma apreciada tela, representando o panorama da cidade do Rio de Janeiro; de Pedro Americo, tambem litterato, que, aos onze annos de edade, nomeado, pelo Presidente da Parahyba, desenhista da commissão exploradora de que era chefe o naturalista francez Jacques Brunet, por proposta deste, já mostrava o que viria a ser mais tarde o insigne artista da *Batalha de Avahy*, coberto de louros no Brazil, applaudido pela critica e pela imprensa européa, e proclamado na allemã, por exemplo, « o chefe da escola idéalista na Europa », « um inattingivel mestre, um incomparavel talento », « um moderno Raphael », « um genio mais vasto, mais profundo, mais harmonico do que o do grande mestre allemão Kaulbach ».

Victor Meirelles.

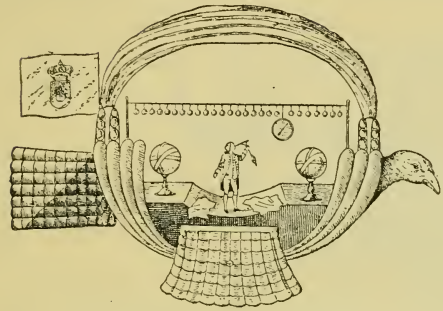
*

Ha, porém, um ramo do progresso, cuja gloria, já pela descoberta, já pelo desenvolvimento, cabe incontestavelmente ao Brazileiro mais do que a nenhum outro povo : — A NAVEGAÇÃO AEREA.

Pedro Americo.

Com effeito, este grande problema, estudado com todo o

ardor por notabilidades scientificas em todo o mundo civilisado, foi iniciado por um brazileiro illustre — o Padre BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, de S. Paulo, o primeiro homem no mundo que se elevou ao ar livremente em uma machina. A experiencia têve logar em Lisbôa no dia 8 de Agosto de 1709, quando ainda eramos colonia de Portugal, figurando porisso na *passaróla*, como vêdes na gravura, a bandeira portugueza.



Passaróla de Bartholomeu de Gusmão.

O acontecimento, presenciado pelo Rei e sua Côrte, causou extraordinaria sensação, ficando Bartholomeu appellidado — *Padre Voador* — e por alguns considerado — um *feiticeiro*.

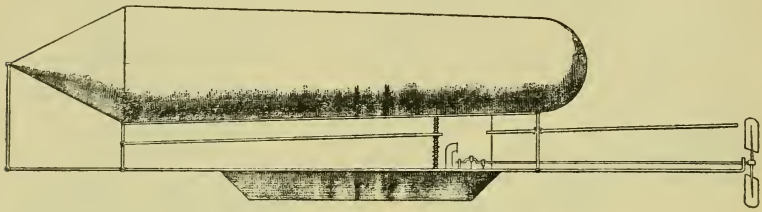
Datam d'ahi verdadeiramente as pesquizas e estudos para a solução do extraordinario problema, a que o Brazil tem ligado muitos nomes illustres.

JULIO CEZAR RIBEIRO DE SOUZA, do Pará, pondo em pratica seus estudos, aos quaes se dedicou por muitos annos, chegou a realizar com algum successo uma experiencia de dirigibilidade com o aerostato — VICTORIA — em Novembro de 1891, em Pariz.

Julio Cezar.

Dolorosos fôram, porém, os resultados praticos dos estudos de outro distincto brazileiro — AUGUSTO SEVERO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, do Rio Grande do Norte, na expe-

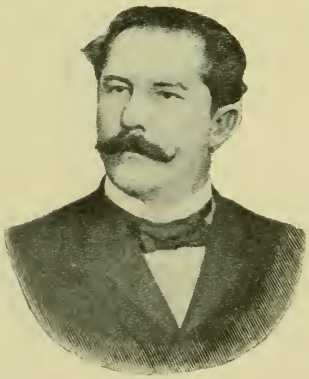
riencia que levou a effeito, despenhado de enormissima altura com o PAX e esmigalhado em consequencia de uma lamentavel explosão.



Aerostato Victoria.

O desastre foi geralmente attribuido á proximidade entre o balão e o motor, com o qual se communicou, explodindo, uma certa quantidade de hydrogenio escapada do mesmo balão, cujos destroços amortalharam o desditoso brazileiro e seu companheiro, o machinista Saché.

Esse terrivel acontecimento, que emocionou profundamente o mundo inteiro e particularmente o Brazil, teve por scenario a cidade de Pariz, em 12 de Maio de 1902; e uma testemunha, o engenheiro Buchet, constructor dos motores das helices do PAX, grande admirador de nosso compatriota, assim o relata :



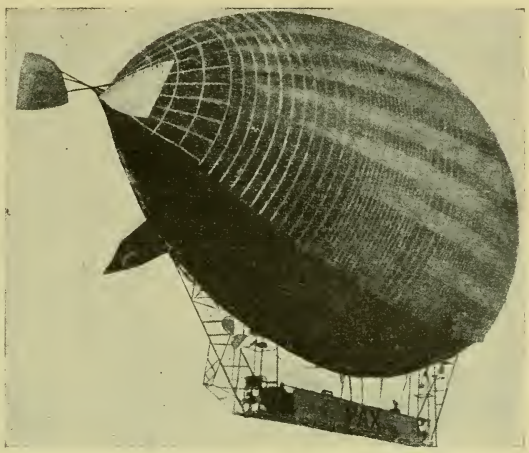
Augusto Severo.

« No domingo á tarde, Augusto Severo chamou-me pelo telephone da casa Lachambre e disse-me :

— Partimos esta noite. Já hontem recebi do Ministerio da Guerra auctorização para experimentar meu balão no campo das manobras de Issy-les-Moulineaux. O tempo parece que vae melhorar. Peço-lhe que vá buscar minha mulher á rua de Galiléa.

Immediatamente, mandei preparar tres automoveis e, acordado ás

4 horas da manhã, fui procurar a esposa de Augusto Severo, em companhia do Snr. Boyer. Ella subiu para a minha carruagem com sua irmã e um de seus filhos, e ás 5 horas estavamos na passagem das Favoritas. Já então o aerostato estava fóra de seu barracão e balançava no ar como um navio ancorado. Augusto Severo acabava de inspeccionar, com seu amigo Alvaro, a barquinha e seus accessorios, emquanto o machinista Saché (que



Pax.

já trabalhou nas minhas officinas, tendo-se retirado ha dois annos, primeiro para trabalhar no balão Roze, depois para entrar ao serviço de Augusto Severo) experimentava os motores e verificava seu perfeito funccionamento. A transmissão do movimento das helices era tambem excellente. Tudo estava a postos. Augusto Severo tomou logar na parte dianteira da barquinha, onde se achava collocado o motor de 16 cavallos; Saché, na parte contraria. Alvaro tinha sido obrigado a desistir da viagem á ultima hora. Cerca das 5 horas e 20 minutos, os motores pozeram-se em marcha; Augusto Severo pronunciou o « larguem tudo ! », e lentamente, muito lentamente, o aeronauta elevou-se. A quarenta metros de altura, approximadamente, o aeronauta fez cinco ou seis evoluções em fórma de 8, com o diametro cada vez mais reduzido, afim de experimentar bem a estabilidade e a docilidade de seu apparelho.

— Agora — gritou elle, lá do alto — aos Moulineaux!

Antes de entrar para a barquinha, Augusto Severo tinha-nos dado um bilhete de visita com estas linhas escriptas e assignadas no verso :

Entrada no campo de manobras para as experiencias do dirigivel « Pax ».
— Augusto Severo.

Obedecendo á acção de sua helice propulsora, o *Pax* dirigiu-se immediatamente para a egreja de S. Pedro de Montrouge, direito, fazendo fluctuar na pôpa a bandeira brazileira. Nós seguimol-o com a vista, afim de conhecer bem a direcção que elle tomava e eu já me preparava para pôr em marcha meu automovel, quando de repente um clarão muito vivo, uma labareda enorme rompeu da parte posterior do balão!

Destroços do Pax.

Depois, um fumo espesso substituiu o aerostato; depois ainda, uma detonação formidavel, que chegou a nossos ouvidos... Todos nós nos fitamos, sem ousar comprehender... Estavamos estupidos, paralysados, quando um grito, um grito terrivel, nos arrancou desse torpor... Era a esposa do aeronauta que acabava de o lançar, cahindo sem sentidos no chão. Não gastamos cinco minutos em chegar ao logar da catastrophe; mas alli, ai de nós! a terrivel incerteza de encontrarmos Augusto Severo e seu machinista ainda vivos desvaneceu-se. Tudo era findo! Ambos estavam mortos! E' horrivel! »

Duas circumstancias emprestáram a esse luctuoso facto um caracteristico, podemos assim dizer, de predestinação : — o obstaculo de ultima hora que impediu o embarque de Alvaro Reis; e a persistencia de Augusto Severo em realizar a experiencia, a despeito da profunda impressão de um sonho da vespera, conforme relatára á sua desolada esposa, que,

porisso, instantemente procurou demovel-o da ascenção naquelle dia, sonho durante o qual, pairando no *Pax* sobre um vasto cemiterio, vira nelle, claramente, sua estremosa mãe que lhe extendia os braços.

. . . . . .

Santos Dumont.

Essa horrivel desgraça, entretanto, fôra posterior á inesquecivel gloria que o Brazil alcançára de facto, com relação ao grandioso problema da dirigibilidade dos aerostatos.

Alberto dos Santos Dumont, de Minas, engenheiro brazileiro, já havia conquistado os louros da victoria nessa mesma Pariz, scenario de innumeras experiencias aerostaticas.

Desde creança dedicou-se a estudos relativos á grande descoberta, e apenas diplomado transportou-se a Pariz, entregando-se a elles com enthusiasmo e perseverança.

Construiu quatro balões com que fez diversas tentativas, realizando, finalmente, uma grande prova, ainda preparatoria, já com o Santos Dumont nº 5, afim de conquistar em uma experiencia definitiva o grande premio de cem mil francos, instituido por Henrique Deutsch, que tambem se entregava com enthusiasmo a estudos de aeronautica.

O Santos Dumont nº 5 media 34 metros de comprimento e tinha 550 metros cubicos de volume.

Eis como um jornal francez — *Le Monde Illustré* — descreveu essa experiencia preliminar, na manhã de 13 de Julho de 1901 :

« A's seis e meia, o aerostato está prompto a partir. O Snr. Santos Dumont não ignora que dois dos quatro cylindros do motor funccionam mal; mas que importa? « Ha de ir assim mesmo », diz elle. E o balão,

alliviado dos saccos de terra que o mantém no solo, é trazido suavemente para fóra do alpendre. Sem se preoccupar de determinar sua partida numa bôa direcção, o Snr Santos Dumont pronuncia o « Larguem tudo », e o aerostato eleva-se docemente nos ares, docemente de mais, porque o *guide-rope* (*) vae enrodilhar-se numa sébe, o que obriga o aeronauta a deitar lastro fóra.

E emquanto trovejam os applausos, o *Santos Dumont nº 5* paira nos ares, a 200 metros de altitude approximadamente. Similhante a um pombo viajante, que se orienta no espaço, o balão, com um crepitar de automovel, descreve em volta do parque aerostatico uma grande curva na direcção do oéste, como para ensaiar suas forças contra o vento bastante forte que sopra desse ponto; depois, virando de bordo, lança-se na direcção da torre Eiffel, saudado por numerosos vivas.

A partida effectuára-se exactamente ás 6 horas e 45 minutos, hora marcada pelo chronometro.

No fundo do parque aerostatico do Aero-Club existe um talúde elevado e ingreme, que os assistentes escalam para poderem seguir mais facilmente a marcha do balão dirigivel. Este já está longe, mas parece haver sido arrastado um pouco para o sul pelo vento. Em breve rectifica sua direcção e muito sensivelmente o aerostato, cuja velocidade parece bôa, approxima-se da torre Eiffel, cuja linha indecisa se destaca debilmente no meio da neblina que cobre Pariz.

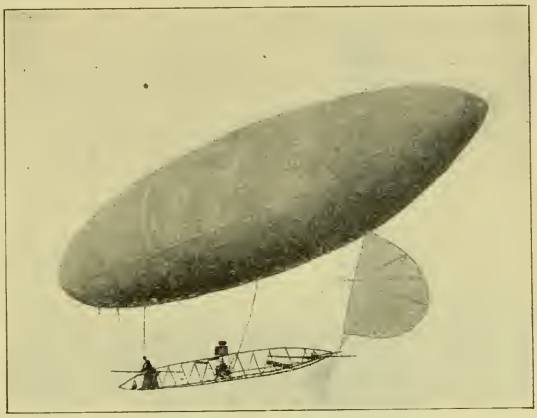
E o balão caminha sempre, impellido por seu helice. Atravessa o Sena, voga por cima da folhagem verde do bosque e vira o beque para a torre Eiffel, junto da qual passa ás 7 horas. Vê-se então um espectaculo emocionante no mais alto grau, inconcebivel, maravilhoso, fabuloso, inaudito. O enorme charuto de gaz, obedecendo docilmente ao leme, effectua uma conversão e volta em direcção á torre, atacando-a pela direita, do lado da Escola Militar.

Quasi ao nivel da primeira plataforma, não tarda em desapparecer por detraz do colosso de ferro, e quasi immediatamente surge do outro lado numa posição semi-vertical; eleva-se, executa um movimento de rotação rapido a 30 metros apenas da arcada esquerda, e desta vez, apontado ao vento, retoma a meia altura entre a segunda e a terceira plataforma o caminho que seguira antes.

(*) Corda pendente do balão.

Santos-Dumont diz « bons dias! » com o gesto amigavel de um viajante á portinhola de seu vagão, aos numerosos espectadores apinhados nas tres plataformas, que o acclamam com os seus bravos.

Os que tiveram a fortuna de ver isto, nunca mais o esquecerão em toda a vida. Tiveram a sensação de ver alguma cousa de genial pairar por cima de si. Esta data de 13 de Julho de 1901 ficará gravada em grandes lettras de ouro na historia.



Santos Dumont nº 6.

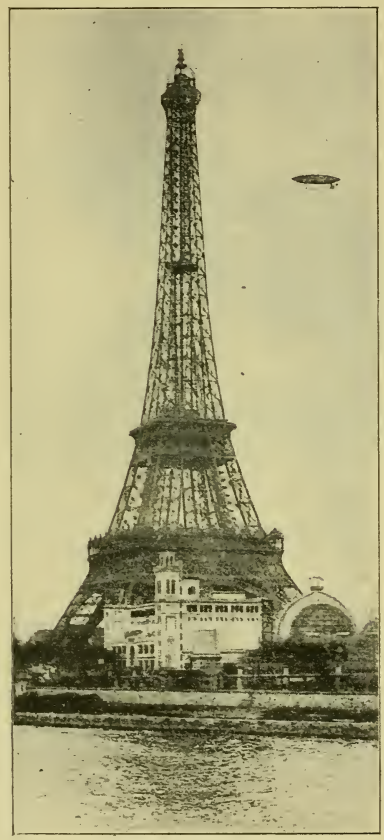
A's 7 e 20 o dirigivel achava-se de novo por cima do parque do Aero-Club, havendo effectuado o percurso em 40 minutos. »

Fazendo ainda outras experiencias, de que escapou muitas vezes, milagrosamente, á morte, no intuito de aperfeiçoar mais e mais seu invento, realizou em 19 de Outubro do mesmo anno, em Pariz, a prova decivisa, com o balão SANTOS DUMONT Nº 6, a respeito da qual transplantaremos para aqui a noticia, que lemos algures :

« A's 2 horas 25 minutos da tarde desse dia memoravel, ao sair o balão, o *guide-rope* embaraçou-se nos galhos de uma arvore, o que obrigou o aeronauta a effectuar nova partida.

Foi então o *Santos-Dumont nº 6* reconduzido ao Parque do Aero-Club, e ás 2 horas e 42 minutos se elevou novamente ao ar, ficando á altura do leito do Sena. Depois de pequena manobra, o balão partiu a toda a velocidade, fazendo rumo ao Campo de Marte. Ao som das acclamações enthusiastas da população dispersa por varios pontos apropriados para

assistir ao espectaculo, o aeronauta brazileiro transpoz a cerrada fila de bosques que cercam Pariz desse lado, e chegou á torre Eiffel ás 2 horas e 51 minutos.



Experiencia definitiva do Santos-Dumont nº 6.

Abordou-a á altura de 200 metros pelo pilar de oéste, e ahi iniciou o movimento gyratorio, perfeitamente executado em uma linha trajectoria de 50 metros. Ao chegar ao pilar do norte, o *Santos-Dumont nº 6* adquiriu o equilibrio perfeito.

Desde esse ponto Santos-Dumont encetou a viagem de regresso, encontrando vento contrario que soprava á razão de 4 1/2 metros por segundo. Abordou então o pilar do sul, já de volta, e fez rumo a Auteuil.

Nessa altura, o balão têve que luctar contra a resistencia do vento e fêl-o galhardamente, embora a marcha fosse menor do que no começo da experiencia. Desde que Santos-Dumont deste modo comprova que póde vencer a resistencia do vento, todos os assistentes comprehendem que o aeronauta brazileiro não terá nenhuma difficuldade em executar as manobras que lhe resta fazer.

Voltando á altura de 150 metros, o balão detém-se em Auteuil um momento, que o aeronauta aproveita para cumprimentar as pessôas que alli calorosamente o applaudem. A manifestação dura, porém, pouco, porque o balão logo parte em direcção ao Aero-Club, onde chega ás 3 horas, 11 minutos e 30 segundos, tendo consumido no percurso completo dez minutos menos do que o tempo arbitrado para a conquista do premio Deutsch.

Estava ganha a victoria, pelo menos na opinião de todos os juizes desinteressados que não podiam acceitar a reforma serodia das clausulas do concurso.

E' inutil accrescentar que a população de Pariz saudou freneticamente o vencedor, tomando alli quasi toda a imprensa a defesa do seu direito ao premio Deutsch, galharda e legitimamente ganho.

Seguiram-se, como era natural, applausos que echoaram pelo mundo inteiro, em honra ao Brazil e ao illustre brazileiro que tanto avançára a resolução do intrincado problema da dirigibilidade dos balões.

Effectivamente, pretendam embora o contrario seus emulos, nunca antes deste dia um aeronauta realizou a execução completa dum programma de tal natureza. Essa gloria coube ao Snr. Alberto dos Santos-Dumont.

No dia 4 de Novembro seguinte, sob a presidencia do Principe Rolando Bonaparte reuniu-se a commissão julgadora das provas apresentadas para o concurso ao premio Deutsch, e foi approvada por 13 votos contra 9 a proposta que o conferia sem restricções ao digno aeronauta. Essa maioria foi devida aos sabios membros do Instituto de França que faziam parte da commissão : Cailletet, Bouquet de Lagrye, E. Mascart e Julio Violle.

Santos-Dumont recebeu, no dia 5, os 100.000 francos, e, de accordo com o que já annunciára, assim os distribuiu : 50.000 francos para os pobres da cidade de Pariz, 20.000 ao seu secretario e infatigavel companheiro de trabalho Emmanuel Aimé, e os restantes 30.000 aos operarios que o coadjuvaram tão valiosamente nesta rude campanha.

O Congresso Brazileiro votou-lhe um premio de 100.000$000; e o Presidente da Republica mandou cunhar uma medalha especial de ouro para testemunhar ao nosso distincto praticio sua admiração pessoal; de todas as associações mais importantes do paiz recebeu elle telegrammas de calorosa felicitação.

Em Londres não fôram menores as demonstrações de apreço ao grande successor de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. No dia 23 de Novembro offereceu-lhe Lady Gray um esplendido banquete, a 25 o Aero Club de Londres fez-lhe obsequio egual, e a 26 o Dr. Joaquim Nabuco, Ministro do Brazil naquella capital, offereceu-lhe outra sumptuosa festa. »

SANTOS-DUMONT, entretanto, não serena o enthusiasmo :

prosegue sempre de experiencia em experiencia, aperfeiçoando detalhes, conquistando novos triumphos, fazendo repercutir o nome brazileiro em todos os recantos civilisados do Universo.

E hoje, para o — REI DO AR —, como SANTOS-DUMONT é chamado, o subir em um aerostato e dirigil-o a seu talante, com perfeita segurança, tornou-se uma coisa naturalissima.

Santos Dumont, nº 9.

Assim é que, presentemente, emquanto se prepara para uma grande experiencia com o SANTOS-DUMONT Nº 10, capaz de conter muitas pessôas, o glorioso brazileiro sáe, em recreio, quasi diariamente, em um pequeno dirigivel, como si se tratasse de um simples passeio a carro.

A gravura que vos damos representa-o deante de sua residencia, em Pariz, apeando-se do balão, que faz suster por um creado, emquanto almoça, para em seguida elevar-se de novo aos ares, conduzindo-o caprichosamente em todas as direcções aos echos de delirantes acclamações.

Capitulo XIV

Religião e instrucção

Descoberto o Brazil por navegantes de Portugal, nação essencialmente catholica, não poderia deixar de ser esta a religião implantada no paiz.

Assim, o primeiro ponto avistado por Alvares Cabral recebeu, como já vos dissemos, a denominação de — *Monte Paschoal*, que ainda conserva, traduzindo uma homenagem ás festas da *Paschoa*, celebradas naquelles dias.

Seu primeiro cuidado ao desembarcar na terra descoberta foi, como tambem já vistes, mandar celebrar o Santo Sacrificio da Missa, erguendo de prompto o emblema da religião de Christo, — a Cruz —, assumpto que inspirou ao notavel pintor brazileiro Victor Meirelles o bello quadro que adeante vos damos a apreciar.

A propria denominação dada immediatamente á nova terra — *Vera-Cruz* — é mais uma significativa homenagem á Religião Catholica.

Não é só : a catechese iniciada pelos jesuitas, de que já vos demos noticia no capitulo anterior, foi chamando ao gremio da mesma religião os indigenas brazileiros.

Em materia religiosa, ficou então o Brazil dependente do Bispado portuguez do *Funchal*, de que somente em 1551 foi desannexado, para constituir uma diocese especial, suffraganea do Arcebispado de Lisbôa.

O primeiro Bispo do Brazil, com séde na cidade de S. Salvador, foi D. Pero Fernandes Sardinha, que, intentando uma viagem a Portugal, para tratar justamente de negocios da diocese, têve a desgraça de naufragar em uns baixios

Primeira Missa no Brazil. — *Victor Meirelles.* — Academia de Bellas-Artes, no Rio de Janeiro.

chamados *Dom Rodrigo*, perto da foz do rio Coruripe, sendo assassinado com diversos companheiros por selvagens antropophagos.

Morte do primeiro Bispo do Brazil. (*)

Data de 1676 nosso primeiro Arcebispado, categoria a que foi elevado o Bispado da Bahia.

O primeiro Arcebispo nomeado depois de nossa independencia foi D. Romualdo Antonio de Seixas, primeiro Marquez de Santa Cruz, tendo exercido suas altas funcções ecclesiasticas durante 32 annos.

(*) Julgamos interessante reproduzir aqui a nota que se lê á pag. 267, vol. I.º, da *Historia Geral do Brazil*, do Visconde de Porto Seguro, da qual extrahimos a gravura acima :

« O quadro que publicamos desta matança foi tomado de outro, cujo auctor parece ter tido presente as palavras de Brito Freire : « *O Bispo, posto de joelhos com os olhos e as mãos levantadas para o céo, esperou os golpes da morte, sem mudança no rosto.* »

Homem de vasto saber e elevadas virtudes, tomou parte no Pará, de onde era filho, nas luctas de nossa emancipação politica, e exerceu mesmo altos cargos de eleição.

D. Romualdo Seixas.

Fôram sempre cordiaes as relações mantidas entre o Estado e os representantes da religião reconhecida como official, sendo apenas perturbadas em 1873, quando, em Pernambuco, o respectivo Bispo, D. Frei Victal de Oliveira, levantou a celebre *questão religiosa*, ao qual se alliou o Bispo do Pará, D. Antonio de Macêdo Costa, a proposito da execução de antigos preceitos da Egreja contra a Maçonaria, associação universal por ella condemnada.

Com o apoio moral do Papa, o Chefe da Egreja Catholica, oppuzeram-se os referidos Bispos a ordens emanadas do Governo, pelo que, processados pelo Supremo Tribunal de Justiça, fôram condemnados a quatro annos de prisão com trabalho, sendo ambos recolhidos á fortaleza de *Villegaignon*, no Rio de Janeiro.

D. Antonio de Macêdo Costa.

Esta pena, porém, foi pouco depois commutada por D. Pedro II na de prisão simples, até que os amnistou em 1876 a Princeza D. Izabel, então Regente do Imperio, na ausencia de seu pae.

D. Frei Victal, voltando á diocese de Pernambuco, falleceu

pouco depois; e D. Antonio, restaurado na do Pará, homem de profunda cultura, orador notavel e primoroso escriptor, falleceu, decorridos muitos annos, em Março de 1891, já como Arcebispo da Bahia, sua terra natal.

Egreja da Candelaria.

*

Proclamando-se a Republica no Brazil foi abolida a religião de Estado e assegurada a plena liberdade de consciencia, o que a Constituição de 24 de Fevereiro de 1891 confirmou.

A Religião Catholica, porém, arraigada em nossa consciencia, desde os primitivos tempos de nossa nacionalidade, como vistes, religião de nossos antepassados, continúa a ser a da maioria do povo brazileiro, senão de sua quasi totalidade.

Esta gravura representa o mais grandioso templo existente no Brazil — *a Egreja da Candelaria*, no Rio de Janeiro, obra que consumiu quasi um seculo para sua terminação; e a seguinte, a estatua inaugurada em Belém, em 15 de Agosto de 1900, em homenagem ás virtudes do preclaro Bispo D. Frei Caetano Brandão, fundador da primitiva Santa Casa de Misericordia do Estado do Pará.

*

E a idéa de religião, meus caros meninos, desperta-nos a de

caridade, sentimento nobilissimo que é um dos mais bellos apanagios do caracter brazileiro; e tão saliente que o Conde de Hubner, estadista austriaco, voltando de sua viagem á America do Sul, em 1882, escrevia, na Europa, que « o Brazil é antes de tudo, um paiz caridoso ».

D. Frei Caetano Brandão.

São já notaveis nossos serviços de assistencia publica, encarada sob todos os pontos de vista : hospitaes de caridade, recolhimentos de orphãos, hospicios de alienados, asylos de mendicidade, etc., etc., existem em numero consideravel distribuidos por todos os Estados da União, já mantidos pelos poderes publicos, já por associações particulares.

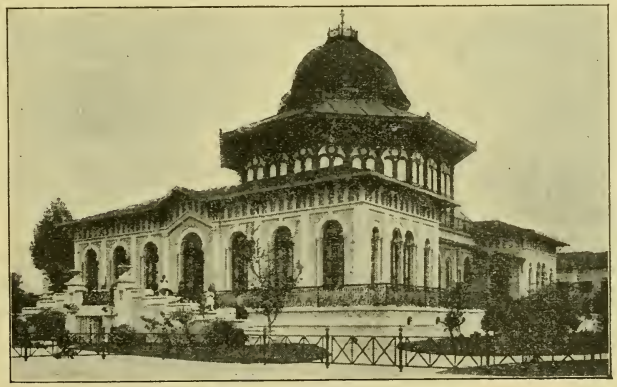
Agora mesmo, agita-se no Rio de Janeiro a idéa de uma repartição especial que centralise a direcção e a fiscalisação dos differentes serviços de assistencia publica e particular, commettimento de que se fez apostolo o integro magistrado Dr Ataulfo Napoles de Paiva, em larga e brilhante propaganda pela imprensa, tendo sido já encarregado pelo Governo de estudar e apresentar um plano sobre o importante assumpto.

*

Nossa Instrucção, si bem que ainda não diffundida em toda a vastidão de nosso territorio na escala em que a precisamos,

Ala direita da Santa Casa de Misericordia de Belém, Estado do Pará.

já comprehende todos os ramos : primaria, secundaria, artistica, profissional, technica, etc.



Jardim da Infancia, em S. Paulo.

A primaria conta milhares de escólas publicas em todo o paiz, além de numerosos collegios e escólas particulares.

A denominação do estabelecimento de ensino primario que a gravura representa — José Verissimo — é uma homenagem

Grupo Escolar « José Verissimo », no Estado do Pará.

tributada pelo Estado do Pará a um de seus distinctos filhos, litterato de nomeada e educacionista de valor. Vae sendo hoje geralmente adoptado no Brazil, como um bom elemento de educação civica, o systema de ligar-se ás casas de ensino o nome de compatriotas illustres por qualquer titulo, principalmente daquelles que se têm esforçado pelo progresso das lettras.

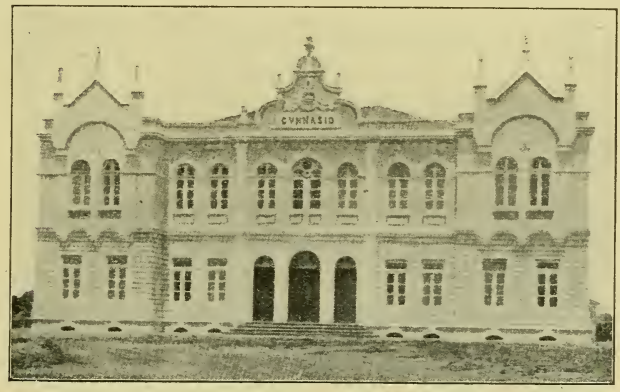
José Verissimo.

Com identico pensamento, o Municipio de Belém do Pará, na recente reorganização de suas escólas primarias, lançou um novo plano que produzirá, provavelmente, resultados beneficos : — a designação por datas historicas, como, por exemplo, — Escóla « *Treze de Maio* » (abolição da escravidão no Brazil); « *Sete de Setembro* » (independencia

do Brazil); « *Quinze de Novembro* » (proclamação da Republica); « *Quatro de Fevereiro* » (laudo do Presidente Cleveland sobre o territorio das Missões); « *Vinte e dois de Janeiro* » (chegada de D. João VI ao Brazil); « *Onze de Junho* » (batalha de Riachuelo), etc., etc.

Desenvolvendo a idéa, recommenda o regulamento do ensino municipal que na respectiva data o professor da determinada escóla, ao envez da aula do dia, convoque os alumnos para uma pequena sessão civica, onde deverá explicar o motivo da reunião, preleccionando sobre o acontecimento historico que a data relembrar, e os que com ella se relacionarem proximamente; cabendo aos demais professores, nas respectivas escólas em aula, fazer aos alumnos uma ligeira referencia ao assumpto.

Por essa fórma, elevando-se a setenta as actuaes escólas municipaes de Belém, dentro de cada anno farão os escolares uma rapida, mas proveitosa, *sabbatina* das paginas da his-



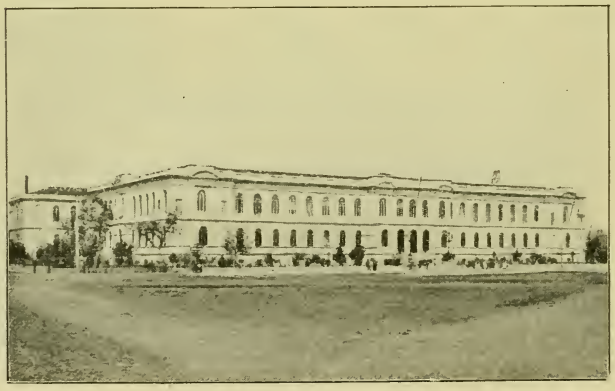
Gymnasio do Estado da Bahia.

toria brazileira, ao menos em suas datas mais salientes, em seus acontecimentos mais notaveis, relembrando os feitos de nossos grandes homens, e de um modo insinuante e attra-

ctivo, que despertará com proveito a attenção da mocidade, com real vantagem para sua educação nacional.

Faculdade de Medicina da Bahia.

Si, na phrase feliz de um de nossos escriptores, « render culto aos grandes homens é um dever tão sagrado quanto o



Escóla Normal de S. Paulo.

de amar nossa Patria », é preciso que desde a escóla a mocidade se familiarise com os grandes nomes brazileiros, habi-

tuando-se a veneral-os pelos feitos a que estão ligados, afim de que, defrontando uma estatua, por exemplo, lhe conheça

Instituto « Lauro Sodré », no Pará.

a causa, e tenha para aquelle blóco de marmore ou de bronze, ao envez de um olhar de indifferença, um respeitoso pensamento de admiração.

A instrucção secundaria é ministrada em Lyceus e Gymnasios existentes nos differentes Estados da União, e destina-se ao preparo para a matricula nos cursos do ensino superior, que comprehende : — Faculdades de Direito, nos Estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Minas Geraes e no Districto Federal; Faculdades de Medicina, no Estado da Bahia e no Districto Federal; Escólas Polytechnicas, nos Estados de Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Geraes e no Districto Federal.

Ha tambem em cada Estado uma *Escóla Normal*, destinada á formação de professores primarios.

A instrucção militar é dada em Escólas especiaes situadas no Districto Federal e nos Estados do Rio Grande do Sul e

Ceará, — para o exercito; e para a marinha, na Escóla Naval, existente naquelle Districto.

Em quasi todos os Estados encontram-se tambem estabelecimentos destinados ao ensino industrial e agricola, assim como ao da musica, da pintura, etc.

A ultima gravura que vos demos a apreciar representa o Instituto « Lauro Sodré », na Capital do Estado do Pará, estabelecimento de subido valor para o ensino artistico-profissional, e considerado em seu genero o mais importante no paiz e talvez mesmo em toda a America do Sul.

Além dos differentes estabelecimentos de ensino citados, possue ainda o Brazil um excellente Observatorio Astronomico no Districto Federal, e outros de menor importancia em alguns Estados; bôas Bibliothecas publicas, entre as quaes sobreleva a *Bibliotheca Nacional*, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da Republica, contando mais de 200.000 volumes, milhares de manuscriptos, mappas, etc.; Institutos Historicos e Geographicos, jardins botanicos, muséus, etc.

Capitulo XV

Defesa nacional

Não ha nação que não estribe a garantia de sua integridade e a defesa de sua honra na força armada, precavendo-se contra investidas e pretenções desarrazoadas no convivio internacional.

Os aprestos bellicos do Brazil não visam, entretanto, absolutamente, expandir seu poderio pela força, como ainda hoje praticam muitas nações da culta Europa, subjugando os fracos e supprimindo até nacionalidades menos desenvolvidas.

Nossa estremecida Patria não precisa de utilisar-se desses recursos reprovaveis, desses meios menos dignos : não lhe falta territorio, cultiva com ardor o sentimento da Justiça e do Direito, e sobejam-lhe riquezas para serem mesmo por outros cobiçadas.

Assim o legislador brazileiro, interpretando fielmente o caracter nacional, deixou expresso nas seguintes disposições da Constituição Federal :

Art. 34. — Compete privativamente ao Congresso Nacional :

Nº 11. — Auctorizar o Governo a declarar guerra se não tiver logar ou mallograr-se o recurso do arbitramento, e a fazer a paz.

Art. 48. — Compete privativamente ao Presidente da Republica :

Nº 7. — Declarar a guerra e fazer a paz nos termos do art. 34, nº 11 ;

Nº 8 — Declarar immediatamente a guerra, nos casos de invasão ou aggressão extrangeira.

Art. 88. — Os Estados Unidos do Brazil em caso algum se empenharão em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação.

Vède, pois : o Brazil comprehende a necessidade da defesa pela força, mas procura interessadamente pugnar por seus direitos no terreno da paz, pela discussão alta e elevada deante do tribunal da Justiça. E' a unica Constituição que existe consagrando como um principio nacional a instituição do — ARBITRAMENTO —, por meio do qual já colhemos refulgentes glorias a proposito dos territorios das *Missões* e do *Amapá*, disputando com as Republicas Argentina e Franceza, como já vos fizemos saber em um dos capitulos deste livro.

Somente em casos muito melindrosos, quando o ARBITRAMENTO pudér ser considerado uma fraqueza, uma indignidade, deante da affronta recebida, deverá o Governo recorrer á guerra.

Como já vistes, a proposito da occupação de nossa ilha da *Trindade* pela Inglaterra, em 1895, o Brazil com elevada dignidade recusou o arbitramento que lhe fôra proposto, devendo ser a Nação arrastada até onde os acontecimentos a pudessem levar na defesa de seus brios e interesses, si nossa firme e incontrastavel discussão diplomatica não tivesse forçado a Inglaterra a reconhecer nosso Direito.

E a prova de que desejamos viver em paz é que, ao passo que as grandes nações européas apparelham milhões de soldados, nós mantemos apenas reduzidas forças, como vereis adeante.

Demais, o Brazil sabe que é immensuravel o patriotismo de seus filhos, quando se trata da defesa da honra nacional : para attestal-o de um modo eloquentissimo, ahi está em nossa historia o exemplo da guerra contra o Dictador do Paraguay, onde, ao lado das forças regulares, os *Voluntarios da Patria*, em numerosissimos batalhões, levantaram muito alto o nome brazileiro.

*

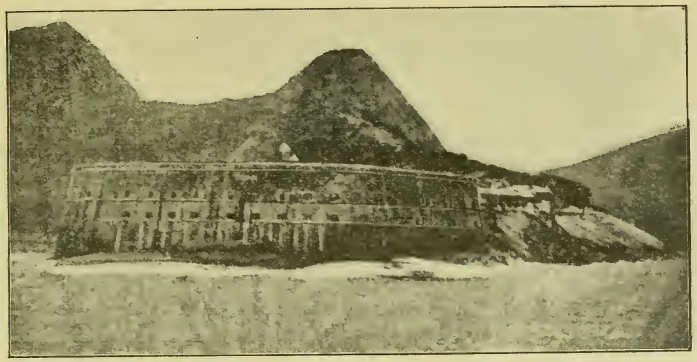
Entre seus meios de defesa conta o Brazil muitas *Fortalezas*, das quaes as mais importantes guardam a Capital da Republica. Dentre estas, destacaremos as que vos damos a apreciar em seguida :

A fortaleza *Santa Cruz* está situada á entrada da bahia de Guanabara, como sentinella avançada, e dispõe de bom armamento moderno e poderoso. Foi um dos mais firmes baluartes do Governo do Marechal Floriano Peixoto, durante a revolta de parte da armada, em 1893.

Commandava-a então o Tenente Coronel Pedro Alves.

Em 18 de Janeiro de 1892, entretanto, fôra o centro de um levantamento contra o Governo do mesmo Marechal.

A esse pronunciamento foi forçada a adherir a fortaleza da *Lage*, que fica proxima á de *Santa Cruz*.



Fortaleza Santa Cruz.

Chefiou essa revolta o Sargento Silvino de Macêdo, que aproveitando o momento da refeição das praças que guarneciam a fortaleza, no respectivo compartimento, lhes cortou a sahida; e pondo-se á frente de grande numero de presos, que alli cumpriam pena, aos quaes deu liberdade, apossou-se da fortificação. Illudido por pretensos auxilios, que lhe haviam sido promettidos, na cidade, tinha por fim o Sargento Silvino, de accordo com partidarios do Marechal Deodoro da Fonseca, que, aliás, affirma-se, tudo ignorava, forçar o Marechal Floriano a deixar o Governo para ser reempossado aquelle.

A revolta foi prompta e efficazmente suffocada no dia seguinte por navios da Armada, sob as ordens do Contra-Almirante Custodio José de Mello, então Ministro da Marinha, sendo, ao mesmo tempo, assaltada a fortaleza pelo lado de terra por forças do Exercito.

Prisioneiro, o Sargento Silvino conseguiu mais tarde fugir,

e, encorporado á revolta de 1893, foi ter a Pernambuco, em missão dos revolucionarios, sendo ahi descoberto, preso e fuzilado.

A ilha das *Cobras,* na bahia de Guanabara, está muito

Ilha das Cobras.

proxima á cidade. Ao tempo da revolta de 1893, commandava-a o Contra-Almirante Saldanha da Gama, que, com os alumnos da Escola Naval, alli tambem existente, adheriu ao movimento revolucionario, em Dezembro daquelle anno.

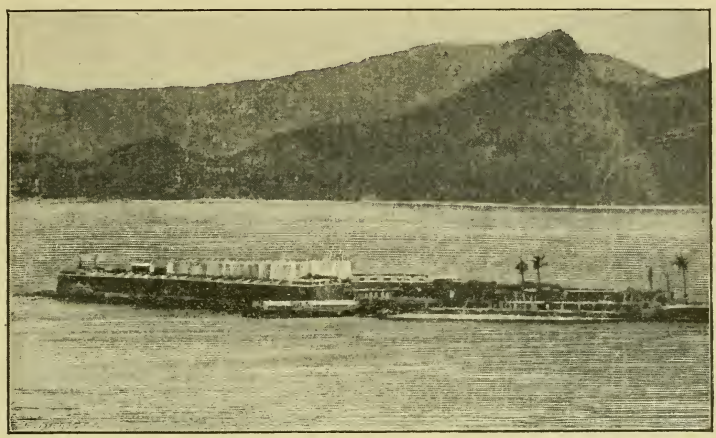
Villegaignon edificada em uma ilha no meio da bahia de Guanabara, domina a entrada da barra, que lhe fica bem em frente.

Foi iniciada em 1555 pela expedição franceza commandada por Durand Villegaignon, que lhe legou o nome. Serviu de poderoso contingente aos revolucionarios de 1893, para cujo lado passou em 9 de Outubro o corpo de marinheiros nacionaes, alli aquartelado.

*

Por mais poderosas que possam ser as fortalezas, limitam-se, entretanto, á defesa de determinado ponto. Não bastariam, pois, para a garantia geral do territorio nacional,

nem serviço algum poderiam prestar quando houvesse a nação de repellir pelas armas no exterior uma afronta a seus brios.



Fortaleza Villegaignon.

D'ahi a necessidade do Exercito e da Armada, que, como declara nossa Constituição, « são instituições nacionaes permanentes, destinadas á defesa da Patria no exterior e á manutenção das leis no interior ». Eis as disposições relativas á organização das forças de mar e terra :

Art. 87. — O Exercito Federal compôr-se-á de contingentes que os Estados e o Districto Federal são obrigados a fornecer, constituidos de conformidade com a lei annual de fixação de forças.

§ 1º. — Uma lei federal determinará a organização geral do Exercito.

§ 2º. — A União se encarregará da instrucção militar superior.

§ 3º. — Fica abolido o recrutamento militar forçado.

§ 4º. — O Exercito e a Armada compôr-se-ão pelo voluntariado, sem premio, e em falta deste pelo sorteio, previamente organizado. Concorrem para o pessoal da Armada a Escóla Naval, as de Aprendizes Marinheiros e a marinha mercante, mediante sorteio.

O Exercito Brazileiro em tempo de paz consta de 2.015 offi-

ciaes e 28.160 praças, distribuidas por differentes armas e corpos especiaes :

Corpos especiaes.	Officiaes.	Praças.
Estado Maior General	28	
Corpo do Estado-Maior	66	
» de Engenheiros	66	
» do Estado-Maior de 2ª classe .	10	
» de Saúde { Medicos	180	
» de Saúde { Pharmaceuticos . .	87	
Engenharia.		
2 Batalhões	36	826
Artilharia.		
Estado-Maior	62	
6 Regimentos de campanha	150	2.412
6 Batalhões de posição	126	1.974
Cavallaria.		
14 Regimentos.	350	5.670
Corpo de transporte	14	278
Infantaria.		
40 Batalhões	840	17.000
	2.015	28.160

São estes os postos reconhecidos no Exercito : — Marechal, General de Divisão, General de Brigada, Coronel, Tenente Coronel, Major, Capitão, Tenente e Alferes, para os officiaes; Sargento, Cabo, Furriel e Anspeçada, para as praças.

Como reserva do Exercito, para ser chamada a serviço de guerra em caso de necessidade, ha ainda uma milicia civica denominada — *Guarda Nacional.*

Para a instrucção militar existem diversas instituições, como a Escóla Preparatoria e Tactica de Porto Alegre, a

Bibliotheca do Exercito, o Tiro Nacional, para o aperfeiçoamento da pontaria, etc; e para os differentes serviços de guerra — as fabricas de polvora da Estrella e Coxipó, laboratorio pyrotechnico de Cuyabá, pombal militar, etc.

Annexos aos serviços do Exercito, ha ainda *Arsenaes de Guerra,* no Districto Federal e nos Estados do Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

*

Referindo-nos ao Arsenal de Guerra do Districto Federal, não podemos deixar de vos dar uma ligeira noticia de um triste acontecimento alli occorrido, em 5 de Novembro de 1897, que emocionou profundamente a nação.

Terminada a campanha de *Canudos,* de que já vos demos conhecimento, regressou ao Rio de Janeiro grande parte das forças federaes com o General Silva Barboza.

Para recebel-as, dirigiram-se ao Arsenal, onde se deveria effectuar o desembarque, o Dr Prudente de Moraes, Presidente da Republica, acompanhado de sua Casa Militar, altos funccionarios e o Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt, que, pouco tempo antes, regressára tambem do theatro da lucta, tendo prestado alli relevantes serviços administrativos.

As paixões e odios politicos exaggerados, porém, que agitavam a esse tempo o paiz, principalmente a Capital da Republica, motivaram o tresloucado arrojo do soldado Marcellino Bispo, contra o primeiro Magistrado da Nação; de tal sorte que se deu naquella praça de guerra o luctuoso attentado, que victimou o bravo Marechal Bittencourt, assim relatado pelo *Diario Official* de 6 de Novembro :

« Hontem, cerca de 1 hora da tarde, regressando de bordo do vapor *Espirito Santo,* onde fôra visitar as forças expedicionarias que regressavam da Bahia, e ao atravessar a alameda principal do Arsenal de Guerra, o Sr. Presidente da Republica foi violentamente acommettido por um

soldado do exercito, que, tomando o passo á S. Ex., tentou desfechar-lhe em pleno peito e a queima roupa uma pistola.

Marechal Bittencourt.

A arma negou fogo por duas vezes, e nessa occasião o Sr. Marechal Carlos Machado de Bittencourt, Ministro da Guerra, que se achava ao lado do Sr. Presidente, atirou-se contra o soldado com quem travou lucta corporal, procurando desarmal-o.

Acudiram outras pessoas, entre as quaes o Sr. Coronel Luiz Mendes de Moraes, chefe da Casa Militar de S. Ex., e alguns dos seus ajudantes de ordens que todos se esforçaram por paralysar as repetidas investidas do soldado.

Travou-se então rapido e terrivel conflicto, do qual sahiram feridos o Sr. Marechal Machado de Bittencourt, em cinco partes do corpo, e o Sr. Coronel Mendes de Moraes com uma facada no abdomen.

Tão graves fôram os ferimentos recebidos pelo Sr. Marechal Bittencourt, que S. Ex. expirou momentos depois em uma das salas do pavimento terreo do Arsenal, para onde fôra conduzido.

O Sr. Coronel Moraes, depois de acompanhar o Sr. Presidente até ao portão, onde se achava a carruagem presidencial, foi medicado no Arsenal e logo depois levado em padióla para sua residencia.

Emquanto se desenrolava esta scena luctuosa, o Sr. Presidente da Republica era cercado por algumas pessoas da sua comitiva e por grande numero de cidadãos, que o rodearam para evitar que o assassino lograsse seu intento e fizeram com que S. Ex. se desviasse do local e proseguisse, envolto na massa popular e por entre vivas e acclamações, até ao portão, onde embarcou em seu carro e regressou a Palacio sem haver soffrido felizmente o menor desacato physico. Essa circumstancia não permittiu a S. Ex. conhecer o desfecho da lucta, do qual só algum tempo depois e já em Palacio teve noticia.

Este ignobil attentado, que não póde deixar de repercutir dolorosamente em todos os corações bem formados, produziu profunda impressão em toda a Republica.

Hontem mesmo, ao Sr. Presidente da Republica fôram dirigidas, quer pessoalmente, quer por meio de cartas e telegrammas do paiz e do extrangeiro, innumeras manifestações de pezar pela morte do inditoso Marechal, gloriosamente ferido no seu posto de honra. S. Ex. recebeu egualmente muitas congratulações por haver escapado illeso de tão reprovavel ataque. »

Interpretando os sentimentos do povo, a Camara dos Deputados, em sessão de 8 de Novembro, votou uma moção que mandava inscrever « *na acta, recommendando á posteridade, o nome do glorioso soldado brazileiro, morto no posto de honra e do dever* », além de se congratular com o paiz pela salvação da vida do Presidente da Republica.

No Senado têve logar identica manifestação, pronunciando, entre outros, o Dr Ruy Barbosa eloquentissima oração, cujo grandioso fecho foi uma bellissima invocação a Deus em pról da patria amada.

Os funeraes do Marechal Bittencourt fôram feitos á expensas do Estado, e o Dr Prudente de Moraes, em uma mensagem especial ao Congresso, pondo em evidencia que aquelle deixára « em condições precarias numerosa familia, composta de viuva, cinco filhos menores e seis filhas », pediu para ella uma pensão, que o Congresso, por lei de 10 de Dezembro do mesmo anno, votou, concedendo a quantia mensal de 500$ á viuva e a de 100$ a cada um dos filhos menores e filhas do Marechal, sem prejuizo do montepio que as leis já lhes garantiam.

***

E' assim constituido o quadro da Armada Brazileira :

Corpo da Armada.

1 Almirante.
2 Vice-Almirantes.
10 Contra-Almirantes.
20 Capitães de Mar e Guerra.

40 Capitães de Fragata.
80 » Tenentes.
160 1.os Tenentes.
150 2.os Tenentes.

Corpo de Saúde.

67 Medicos, de Contra-Almirante a Segundo Tenente;
12 Pharmaceuticos, de Capitão de Fragata a Guarda Marinha.

Corpo de Fazenda.

111 Officiaes, de Capitão de Mar e Guerra a Aspirante.

Corpo de Machinistas Navaes.

395 Officiaes machinistas, de Capitão de Mar e Guerra a Sargento ajudante.

Corpo de Escreventes.

57 Escreventes, 1.º a 2.º Sargento.

Corpo de Fiéis.

80 Fiéis, de 1.º a 2.º Sargento.

Corpo de Enfermeiros.

80 Enfermeiros, de 1.º a 2.º Sargento.

Corpo de Patrões-Móres.

9 Officiaes, de Capitão Tenente a Guarda Marinha.

Corpo de Officiaes marinheiros.

102 Officiaes marinheiros, distribuidos em Mestres, Contra-Mestres, Guardiães.

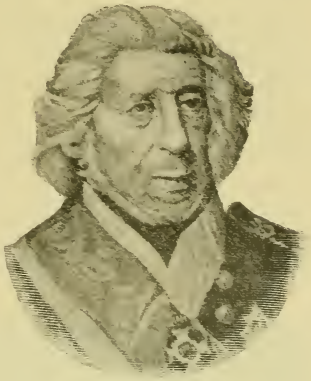
Corpo de Marinheiros Nacionaes.

5000 Marinheiros.

Corpo de Artifices Militares.

38 Carpinteiros-calafates;
17 Serralheiros;
15 Caldereiros de cobre;
18 Armeiros.

Nosso primeiro Almirante foi Lord Cochrane, inglez, a quem o Governo Brazileiro, convidára, em 1822, por occasião das luctas da independencia, para organizar e dirigir a nascente Armada Nacional.



Marquez do Maranhão.

Nome prestigioso, velho marinheiro coberto de glorias, prestou desde logo, como já vos dissemos, relevantes serviços, pelos quaes foi distinguido com o titulo de Marquez do Maranhão.

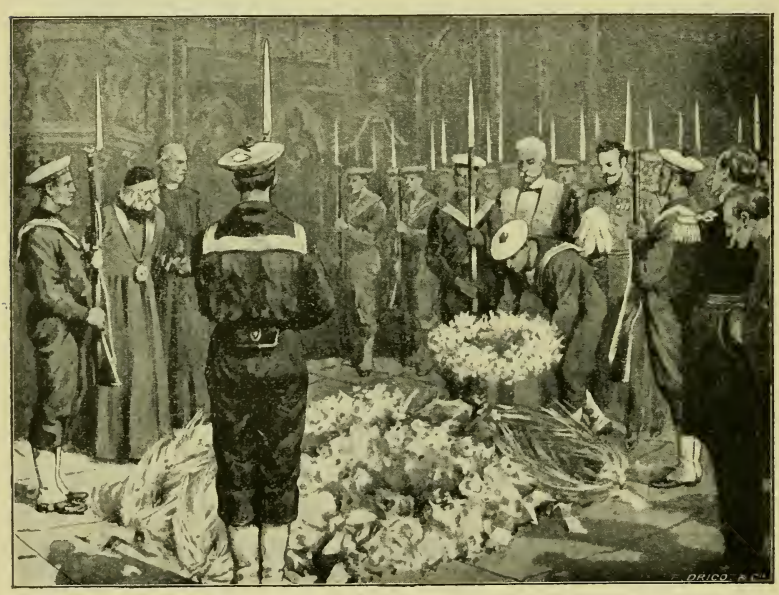
A proposito, relataremos aqui uma commovente cerimonia, realizada em Londres em Junho de 1901. Chegando á Inglaterra o encouraçado brazileiro *Floriano*, que viajava em visita de cumprimentos a diversas nações européas, a commissão de officiaes que foi á grande Capital resolveu, por iniciativa do Ministro brazileiro alli, Dr Joaquim Nabuco, prestar uma significativa homenagem á memoria de nosso primeiro Almirante, cujo corpo se acha no chão de uma das naves da imponente Abbadia de Westminster, sob um marmore com inscripções relativas aos titulos e meritos do valente marinheiro, tendo nos quatro cantos as armas do Brazil, do Chile, do Perú e da Grecia, paizes a cujas independencias prestára valioso auxilio.

Para a circumstancia, decorou-se o tumulo com a bandeira brazileira e flores e palmas com as côres nacionaes, congregando-se em torno numerosa e selecta assistencia, de que faziam parte descendentes de Lord Cochrane, representantes do Governo Britannico e da alta sociedade ingleza, o pessoal da Legação Brazileira, o Capitão de Mar e Guerra Huet de Bacellar, Commandante do *Floriano* e respectiva

commissão, o Consul do Brazil, o Delegado do Thesouro em Londres e grande numero de brazileiros.

Guardava o tumulo um contingente de vinte marinheiros, commandados pelo 2.º Tenente Adalberto Nunes, sendo essa a primeira vez que se viu uma força extrangeira no recinto da Abbadia, onde se acham os sarcophagos dos Reis e grandes homens da Inglaterra.

Ahi, depositadas sobre a lapida por um marinheiro, de joelhos, duas formosas corôas de flôres, o Dr Joaquim Nabuco, muito commovido, pronunciou as seguintes palavras : —



Homenagem do Brazil a Lord Cochrane.

« Depositamos estas flôres no tumulo de Lord Cochrane em nome da Marinha e da Nação Brazileira, a cuja Independencia e unidade elle prestou incomparaveis serviços. »

E depois das devidas continencias militares pela força naval, o General inglez Lord Dundonald, neto de Lord Cochrane, emocionado, respondeu :

— « *Em nome da familia de meu avô, agradeço á Marinha Brazileira e ao Povo Brazileiro este tributo de respeito á sua memoria* ».

Ajoelhando-se então os marinheiros, á voz de commando do Tenente Nunes, imitaram-nos todos os assistentes, aos échos do hymno brazileiro, que prorompeu magestoso e solemne do poderoso orgão da Abbadia.

Terminada a cerimonia, manifestou Lord Dundonald o desejo de passar em revista a pequena força naval, depois do que o Ministro brazileiro, em resposta a palavras do General inglez, dirigiu aos officiaes e praças um breve mas eloquente discurso, pondo em relevo a importancia e a solemnidade daquella homenagem, que foi commentada pela imprensa ingleza muito lisongeiramente para o Brazil.

*

A primitiva Armada, confiada a Lord Cochrane para a sustentação de nossa independencia, compunha-se dos seguintes navios : — Náo *Pedro 1.º*, com 74 canhões; fragata *Ypiranga*, com 54; corvetas *Liberal* e *Maria da Gloria*, esta com 32 e aquella com 20; brigue *Guarany*, com 14; e brigue escuna *Real Pedro*.

Hoje consta nosso material fluctuante dos seguintes navios:

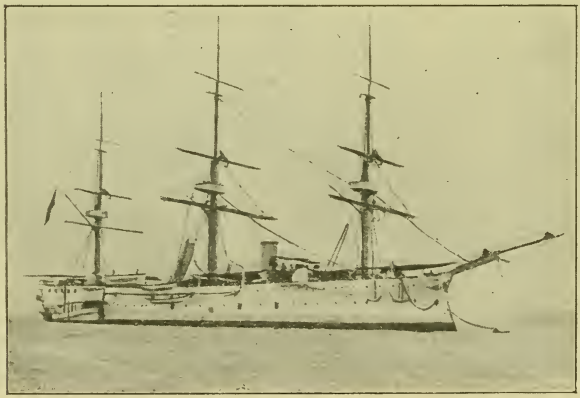
Encouraçados : — *Riachuelo*, *Deodoro*, *Floriano*, *Aquidaban*, *Rio Grande*.

Cruzadores : — *Tamandaré*, *Barroso*, *Trajano*, *Republica*, *Tiradentes*, *Andrada*, *Benjamin-Constant*.

Torpedeiras : *Pedro Affonso*, *Pedro Ivo*, *Bento Gonçalves*, *Silvado*.

Caça-torpedeiras : — *Tymbira, Tupy, Gustavo Sampaio, Tamoyo.*

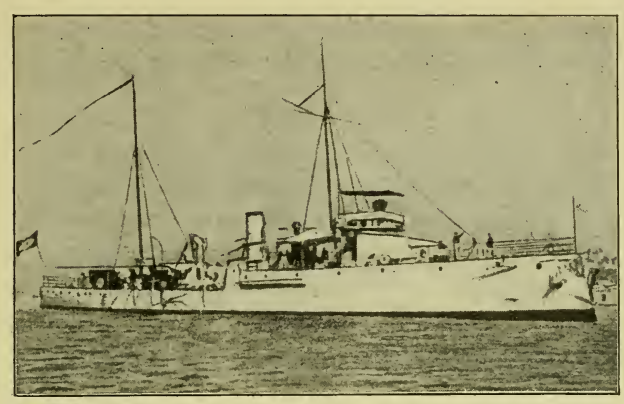
Encouraçado *Floriano.*



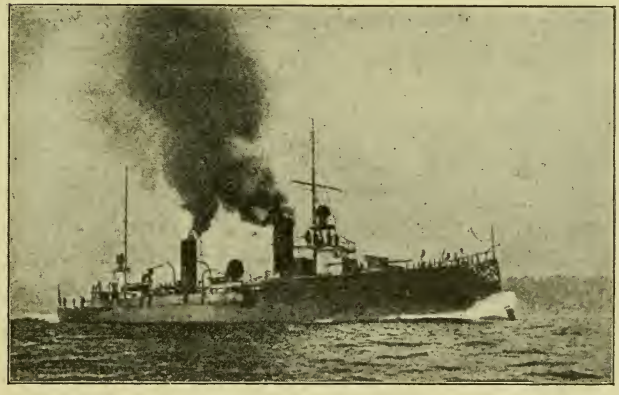
Cruzador *Benjamin Constant.*

Avizos : — *Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Centauro, Lamego, Teffé, Tocantins, Jutahy.*

Canhoneiras : — *Cananéa, Carióca, Camocim, Iniciadora, Guarany, Pernambuco, Maranhão.*



Torpedeira *Gustavo Sampaio.*



Caça-torpedeira *Tupy.*

Patachos : — *Guararapes, Caravellas, Paquequér.*

Brigue : — *Recife.*

Transportes : — *Commandante Freitas*, *Voluntario*, *Antonio João*, *Carlos Gomes*, *Purús*.

Rebocadores : — *Jaguarão*, *Coelho Netto*, *Lima Duarte*.

Hyate : — *Silva Jadim*.

*

Nossos navios de guerra são, geralmente, designados, como vistes, por nomes de compatriotas illustres ou por denominações que relembram grandes acontecimentos de nossa historia.

Para o primeiro caso, citaremos, por exemplo, o transporte de guerra *Carlos Gomes*, homenagem prestada ao glorioso maestro brazileiro.

Carlos Gomes falleceu em 1896 no Pará, sendo seu corpo transportado no navio a que ligou seu immorredouro nome para o Estado de S. Paulo, onde nascêra.

O quadro que vos damos a apreciar em seguida representa os ultimos dias do grande compositor, que em Belém, para onde fôra chamado da Europa afim de organizar o Conservatorio de Musica, que passou então a ser intitulado *Carlos Gomes*, se vira sempre carinhosamente cercado das altas auctoridades do Estado, civis e militares, e de conspicuos representantes da Egreja, do commercio, das artes, do jornalismo, da classe medica, etc. A téla, de grandes dimensões, obra de De Angelis, foi pintada na Italia por conta do Governo Municipal de Belém, que a inaugurou no salão de honra da respectiva Intendencia, no dia 17 de Setembro de 1899.

Para exemplo do segundo caso, destacaremos o — *Riachuelo*, que corporifica a lembrança da memoravel batalha ganha pela esquadra brazileira, em 11 de Junho de 1865, commandada pelo heroico Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso, agraciado por esse notavel feito com o titulo de —

Ultimos dias de Carlos Gomes. — Intendencia Municipal de Belém.

Barão do Amazonas, em homenagem á gloriosa fragata onde elle arvorára seu pavilhão.

Perto de *Corrientes*, ainda em aguas da Republica Argentina, foi, póde-se dizer, quasi completamente anniquilada a esquadra paraguaya, logo no inicio da tremenda guerra.

Nessa grande lucta tomaram parte os seguintes navios brazileiros : — *Amazonas*, *Parnahyba*, *Mearim*, *Iguatemy*, *Beberibe*, *Ypiranga*, *Araguary*, *Belmonte*, *Jequitinhonha*, respectivamente commandados pelos seguintes officiaes : — Capitão de Fragata Theotonio de Brito, Capitão Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, 1° Tenente Elysiario José Barbosa, 1° Tenente Justino José de Macêdo Coimbra, Capitão Tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, 1° Tenente Alvaro Augusto de Carvalho, 1° Tenente Antonio Luiz von Hoonholtz (mais tarde, Barão de Teffé), 1° Tenente Joaquim Francisco de Abreu, Capitão Tenente Joaquim José Pinto.

A gravura, que em seguida vos damos, representa Barroso cercado pelos Commandantes dos navios citados.

Noticiando o glorioso feito ao Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, dizia Barroso : « *Não fizemos tudo quanto desejavamos, mas fizemos tudo quanto podiamos* ».

E, descrevendo a acção, assim se refere á decisiva e audaciosa intervenção da fragata *Amazonas* :

« ...Nesta descida contra o inimigo encalhou infelizmente o *Jequitinhonha*, onde o Chefe Secundino Gomensoro tinha sua insignia.

A pouca largura do canal naquelle ponto não me permittia fazer as evoluções com a presteza desejavel, porém tendo eu a bordo o pratico Bernardino Gustavino, que ha dez annos está ao serviço nosso e que se póde chamar o chefe dos praticos, subi com a resolução firme de acabar de uma vez com a esquadra paraguaya, o que eu teria conseguido se quatro de seus vapores, que estavam mais acima, não tivessem fugido.

Assim puz a prôa sobre o primeiro, que mais proximo me ficava, e com tal impeto que o inutilisei completamente, ficando de agua aberta e indo pouco depois ao fundo.

1. Barroso. — 2. Gomensoro. — 3. Abreu. — 4. J. Pinto.
5. Garcindo. — 6. Honhooltz. — 7. Bonifacio de Sant'Anna. — 8. Elisiario Barbosa.
9. Macêdo Coimbra. — 10. Alvaro de Carvalho. — 11. Theotonio de Brito.

Segui a mesma manobra contra o segundo, que era o *Marquez de Olinda* (*), e contra o terceiro, que era o *Salto,* e a todos elles inutilisei.

O quarto vapor, contra o qual arremessei, o *Paraguay,* recebeu tal rombo no costado e caldeiras que foi encalhar em uma ilha em frente, para a qual fugiu sua gente, abandonando-o.

Em seguimento aproei a uma das baterias fluctuantes que foi logo a pique com o chóque e um tiro.

Todas estas manobras fôram feitas pela *Amazonas* debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e chatas, quer das baterias e mosquetarias de terra. A minha intenção era destruir por esta forma toda a esquadra paraguaya antes que encalhassemos em movimentos de subida e descida. Mas os quatro restantes, vendo a minha manobra e resolução de aproal-os a todos, tentaram fugir rio acima.

Concluida esta faina pelas quatro horas da tarde, tratei de tomar as chatas, as quaes eram logo abandonadas assim que eu dellas me approximava, saltando suas guarnições ao rio e fugindo a nado para terra, que estava proxima.

A *Belmonte* recebeu taes rombos abaixo do lume d'agua, que têve de encalhar para não ir a pique! Já estou tratando dos primeiros concertos necessarios. Infelizmente o *Jequitinhonha* ficou encalhado em logar onde da bateria de terra se lhe fazia vivo fogo, que foi correspondido.

Só ao pôr do sol diminuiu o fogo, talvez por terem acabado as munições do inimigo. »

Nesse memoravel feito, a maior e mais brilhante batalha naval travada até hoje na America do Sul, nossos navios conquistaram immarcesciveis louros para a Nação Brazileira, e a respeito diz muito bem Mattoso Maia, em suas *Lições de Historia do Brazil* :

« A abordagem da *Parnahyba* por tres vapores paraguayos, a resistencia intrepida do *Jequitinhonha*, encalhado de baixo da bateria inimiga repellindo varias abordagens, a impassibilidade heroica do Comman-

(*) Vapôr brazileiro aprisionado, em *Assumpção,* pelo Dictador do Paraguay, antes da declaração de guerra. (Vid. pagina 158.)

dante Abreu, salvando a *Belmonte* de fogo na coberta e de ir ao fundo por causa dos rombos na linha de fluctuação, o denodo com que todos os navios e suas guarnições combatem nesse memoravel dia, são outros tantos titulos de gloria immorredoura para os Annaes de nossa Marinha. »

Greenhalgh.

Falemos, por exemplo, da *Parnahyba*, cujo tombadilho foi scenario de verdadeiros rasgos de heroismo.

Encalhando, depois de ter luctado altaneira, é abordada pelos vapores paraguayos *Taquary*, *Paraguay* e *Salto*.

Trava-se então uma lucta de gigantes com as forças inimigas, que a invadem pela pôpa.

Morrem, entre outros, gloriosamente, defendendo a bandeira nacional, que os paraguayos intentam fazer descer do respectivo mastro, os bravos Capitão de infantaria Pedro Affonso e Guarda-Marinha Greenhalgh que succumbe a terriveis cutiladas sem abandonar a adriça.

Marcilio Dias.

Marcilio Dias, o brioso marinheiro que tinha sob sua guarda um dos canhões do navio, combate heroicamente contra quatro inimigos, e, conseguindo embora desfazer-se de dois, cáe morto, finalmente, crivado de feridas, no posto de honra junto á peça que guardava!

A garnição da *Parnahyba*, a despeito de tanta bravura,

não poderia certamente, extenuada, resistir á onda inimiga, que se avolumava.

Projecta então o valente Commandante Aurelio Garcindo, de accordo com o Immediato Felippe Rodrigues Chaves, em desespero de causa, fazer voar em pedaços seu navio, de preferencia a entregal-o ao inimigo.

Resolve-se lançar fogo ao paiól da polvora!

« A ordem », diz um historiador, « vae ser cumprida, e para executal-a segue valorosamente o official Corrêa da Silva. Nesse momento terrivel, que se approxima rapido, e em que a explosão vae pôr termo ao sangrento conflicto naquelle navio, reduzindo tudo a migalhas, envolvendo essa explosão em seus braços de morte e exterminio talvez os tres vasos inimigos, ouvem-se *vivas* á Nação Brazileira, ao Imperador, ao Chefe Barroso e ao Almirante Tamandaré.

Corrêa da Silva, attento, estaca ao ouvir aquelles *vivas*; e, com razão, acredita que desponta uma situação melhor, e que, assim, não seja preciso ter logar a medonha e gloriosa catastrophe. Com effeito, ella é desnecessaria. O navio chefe — a *Amazonas* — entretida em bater os canhões de Bruguez e a metralhar ainda alguns de nossos inimigos, percebe por entre o denso fumo da batalha a abordagem da *Parnahyba*, e, então, avança a toda a força em direcção aos inimigos que a abordam; e os nossos bravos, que os combatem, prestes a desapparecerem na explosão, avistam a protecção providencial, que se approxima, e erguem aquelles vivas. Nas aguas da *Amazonas*, navegam a *Belmonte* e a *Mearim*. Nossos marinheiros e soldados fazem um esforço supremo, e á machadinha, á ponta de bayoneta e de sabre carregam sobre os adversarios, que, a seu turno, notam a rapida approximação de nossos valentes vasos de guerra. » (*)

Effectivamente, a heroica *Amazonas* investe contra o

(*) Coronel José Bernardino Bormann — *Historia da guerra do Paraguay.*

inimigo, e Barroso, já coberto de glorias, destroça os navios paraguayos e liberta a *Parnahyba*, que, desencalhando, toma ainda activa parte na lucta.

. . . . . .

Entre outras considerações sobre a notavel batalha, assim se pronunciou o Ministro da Marinha de então, Francisco de Paula da Silveira Lobo, no relatorio do anno de 1866 :

« Os bellos feitos de nossa marinha realçam pela approvação insuspeita das grandes potencias.

O combate de Riachuelo, acto de bravura, ousadia e intelligencia de um chefe veneravel, e de alguns jovens commandantes, mereceu descripção minuciosa e a critica profissional dos primeiros jornaes da Europa. Jamais se vira, desde o emprego do vapor nas evoluções navaes (e em theatro tão singular), esquadra contra esquadra disputando a victoria.

Foi um facto nos annaes da marinha a vapor, que veiu mostrar em grande o magnifico quadro do desejado conflicto, que até então apenas se déra em pelejas parciaes, sem resolver definitivamente a questão. Tivemos a opportunidade de resolvel-a, acceitando o combate de muitos vapores (*). O exemplo dado serve hoje de thema a novas apreciações, e pretende-se que muito vale na arte da guerra.

Não houve monitores neste memoravel combate; mas o genio militar do nosso chefe suppriu a deficiencia, fazendo ariete de seu proprio navio, vapor de rodas, e de calado superior ao que convinha ao atrevimento das evoluções. »

Ao insigne pincel de Victor Meirelles, de quem já vos temos mostrado outras bellas composições, devemos, como já sabeis, a grandiosa téla cuja, reproducção aqui vêdes, representando justamente o momento da batalha em que a

(*) As forças paraguayas constavam de 9 vapores, 7 baterias fluctuantes, uma bateria de terra, corpo de fusileiros do Coronel Bruguez e duas estativas de foguetes a congréve, comprehendendo tudo 67 boccas de fogo e 5000 homens; ao passo que o Brazil dispunha de 9 vapores com 59 boccas de fogo e 2287 homens.

Batalha Naval de Riachuelo. — Quadro de Victor Meireilles. — Escóla de Bellas Artes do Rio de Janeiro

Amazonas, depois de haver mettido a pique dois navios paraguayos, um dos quaes se vê, submergindo-se, no primeiro plano á direita, *cia á ré*, para ir soccorrer a *Parnahyba*, tendo no *lais* da verga o signal — « *Sustentar o fogo, que a victoria é certa* ».

Não é só, porém, nesta obra d'arte, e no encouraçado *Riachuelo* que está hoje materialisada a lembrança do inolvidavel feito : existe ainda um objecto daquelle tempo, — genuino representante das glorias de 11 de Junho — o mastro grande da legendaria *Amazonas*.

Ao ser desmanchada a fragata, a Escóla Naval, com respeitoso carinho, recolheu-o e armou-o na ilha das *Enxadas*, situada na bahia de *Guanabara*, sendo alli em cada anniversario da batalha erguidos os dois signaes que o invicto Barroso fizera á esquadra, no mais acceso da lucta : — O BRAZIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA SEU DEVER — e — SUSTENTAR O FOGO, QUE A VICTORIA É CERTA.

Conclusão

Ahi fica, pois, meus caros concidadãos, descripta, como vos promettemos, ainda que em ligeiros traços, nossa querida Patria.

Como vistes, nada falta ao Brazil para occupar no convivio do mundo civilisado o logar proeminente que lhe compete pela vantajosa posição geographica, variadissimas e inexgottaveis riquezas naturaes e pelos talentos e aptidões de seus filhos.

Si é certo que, não obstante nossa juvenilidade como nação, já temos, relativamente, avançado muito; não é menos verdade que estamos ainda distanciados do grau de adeanta-

Paz e Concordia. — Quadro de Pedro Americo. — 1902.

mento de que somos capazes e temos necessidade de attingir, para cumprimento de grandes destinos.

Não deve bastar a nosso patriotismo que figuremos no mappa do globo em um dos primeiros logares, como extensão territorial; é preciso que pela — Instrucção — e pelo — Trabalho — procuremos conquistar uma posição equivalente na escala da civilisação.

Mas, que no desenvolvimento de nossos idéaes, em cada acto ou funcção publica que fôrmos chamados a exercer, e mesmo em qualquer relação da vida social ou privada, nos convençamos de que esses dois poderosos elementos não serão inteiramente efficazes, si não fôrem secundados, de perto, pela — Paz — e pela — Concordia —, sem as quaes não poderá ser assegurada a — Ordem —, base de toda organização estavel, e alcançado o — Progresso —, corôamento de todos os esforços sociaes.

Foi naturalmente sob esta inspiração que o pincel de Pedro Americo traçou o suggestivo quadro allegorico, de recente data e cuja reproducção vos damos.

Nelle desdobra o grande artista uma concepção tão brilhante quanto patriotica, que nos parece poder ser assim bem traduzida :

Descendo do magnifico Templo da — Paz e Concordia —, ao lado de cuja escadaria um côro de Virgens entôa o hymno da Paz, o Brazil — acclamado pelos homens mais illustres como pelos mais obscuros, corôado pela Gloria, illuminado pelas tradições religiosas, pelas Sciencias, pelas Artes, etc., recebe as homenagens das nações cultas, emquanto a Historia, em seu registro de 1900, archiva um memoravel acontecimento, (talvez o Laudo Suisso sobre o territorio do Amapá), e o Genio do mal roja por terra, quebrando a espada inutilisada pela victoria da — Civilisação.

. . . . . .

Que esta allegoria, pois, meus caros meninos, fique bem

gravada no intimo de vossas consciencias; e que todos vós, fortalecidos pela instrucção e unidos pela fraternidade escolar, vos prepareis, desde a infancia, para, mais tarde, no convivio social, mantendo inquebrantaveis a solidariedade nacional, o imperio da Lei e a supremacia do Direito, trabalhardes com amor e civismo pela gloria do Brazil, tendo por lemma esta expressiva sentença :

« NADA POR MIM; POR MINHA PATRIA, TUDO. »

INDICE

Homenagem ao Municipio de Belém I

Dedicatoria V

Duas palavras VII

CAPITULO I. — *Patria e Escóla* 1

CAPITULO II. — *Territorio e população*. 5

CAPITULO III. — *Limites e fronteiras* (questão do Acre; laudo sobre as Missões; laudo sobre o Amapá; organização do territorio do Amapá). 10

CAPITULO IV. — *Nacionalidade Brazileira* (Brazil colonia; prodromos da Independencia; Independencia do Brazil; abdicação de D. Pedro I; regencias; governo de D. Pedro II; deposição da monarchia, proclamação da Republica) 26

CAPITULO V. — *Divisões politicas* (Estados maritimos — Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro — Districto Federal —, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul; Estados centraes — Amazonas, Minas Geraes, Matto Grosso, Goyaz). 52

CAPITULO VI. — *Rios* (rio Amazonas; pororóca; abertura dos rios Amazonas, Tocantins e S. Francisco á navegação de todas as bandeiras; exploração do Tocantins; rio Negro, sua entrada no Amazonas, friagem; rios brazileiros; cachoeiras Visconde do Rio Branco e Paulo Affonso; gruta do Monjolinho; rio Commandituba, guerra hollandeza — Camarão, Henrique Dias; rio Paraguay, guerra contra o Dictador Lopez, bombardeio e tomada de Curuzú, fortaleza de Curupaity e passagem da mesma pela esquadra brazileira, encouraçado Tamandaré, passagem de Humaytá; causas da guerra, invasão de Matto Grosso, invasão do Rio Grande do Sul, tratado da Triplice Alliança, commando em chefe do Duque de Caxias, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas, termo da guerra) 98

CAPITULO VII. — *Lagos, portos e bahias* (lagos, portos, bahias; bahia de Guanabara — expedições francezas; questão Christie, reatamento das relações com a Inglaterra, D. Pedro II em Uruguayana; movimento para a restauração da Constituição Republicana; revolta da Armada; revolução do Rio Grande do Sul; bahia de Todos os Santos — primeira expedição hollandeza no Brazil, embarque das tropas portuguezas ao tempo da independencia do Brazil) 157

CAPITULO VIII. — *Cabos, pontas e ilhas.* — (Vicente Pinson, cabo Santo Agostinho, pontas de Mocuripe e Calcanhar; ilha de Marajó; ilha Fiscal; ilha Bom Jesus, farda do Conde de Porto Alegre, Corneta da Morte; ilha de Itaparica, seu papel na independencia do Brazil, D. Maria Quiteria; Fernando de Noronha; ilha da Trindade, sua occupação pelos inglezes, thesouros). 174

CAPITULO IX. — *Serras, montes e montanhas.* — (Systemas de montanhas; montanhas mais elevadas; ausencia de vulcões; monte Paschoal, descobrimento do Brazil; serra da Itiúba, campanha de Canudos; montes das Tabôcas e Guararapes, luctas da guerra hollandeza) 197

CAPITULO X. — *Clima* (Opiniões; longevidade). 214

CAPITULO XI. — *Producções e riquezas naturaes.* — (Bellezas naturaes; reino vegetal — café, canna de assucar, borracha, fumo, cacau, chá, herva-matte, algodão, carnaúba, trigo, castanha, poaya, araucaria, propriedades do cajú, do mamão, da banana, da manga; a mangueira e sua adaptação á arborisação publica : cidade de Belém, do Pará, arborisação, jardins e avenidas; caprichos da natureza brazileira; a floresta; — reino mineral; o Estrella do Sul; diamantes, ouro, ferro; a monazita; — reino animal — féras, quadrupedes, reptis, insectos, aves, gallo da serra; o pirarucú, o surubim, o poraqué, a baleia e sua pesca: amor materno da baleia; amor de mãe; Dona Maria de Souza, D. Anna Nery). 218

CAPITULO XII. — *Vias de communicação, navegação, industria e commercio* (rios, canaes, furos, igarapés, varadouros, estradas de ferro; fabricas — Emporio Industrial do Norte; commercio.) 266

CAPITULO XIII. — *Raça* (indigenas — costumes, armas, religião etc.; confederação dos Tamoyos; escravidão dos indios; Marquez de Pombal; importação dos negros; abolição da escravidão — Euzebio de Queiroz, Visconde do Rio Branco, Senador Dantas, Senador Saraiva, Barão de Cotegipe, José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Leonor Porto, Senador João Alfredo; raça brazileira, seus caracteristicos, precocidade de talento; a lingua portugueza; a poesia, o romance, o drama, a historia, as sciencias naturaes, a engenharia, a medicina, o direito, a oratoria, o jornalismo, a critica, a musica, a arte dramatica, a esculptura, a pintura, a navegação aerea — Bartholomeu Gusmão, Julio Cezar, Severo Maranhão, Santos Dumont.) 279

CAPITULO XIV. — *Religião e instrucção* (implantação da religião catholica; a primeira missa; morte do primeiro Bispo; bispos e arcebispos; questão religiosa; a caridade; a assistencia publica; — instrucção civica, instrucção secundaria e superior, instrucção artistica.) . . . 319

CAPITULO XV. — *Defesa nacional* (a guerra e a paz, o arbitramento; fortalezas; arsenaes de guerra, Marechal Bittencourt; organização do Exercito; organização da Armada; o primeiro almirante — home-

nagem a Lord Cochrane, em Londres; navios de guerra; denominações dos navios — Transporte *Carlos Gomes*, morte de Carlos Gomes no Pará; Encouraçado *Riachuelo* — batalha de Riachuelo, a fragata Amazonas, mastro grande da fragata Amazonas 350

CONCLUSÃO 353

NOTA

Deixo aos bem intencionados e aos que já emprehenderam trabalhos desta natureza, relevarem-me os senões encontrados neste livro, os quaes, certamente, hão de ser numerosos; tanto mais quanto, como já disse, trata-se de um simples ensaio de um novo plano de leitura escolar, que submetto aos bons conselhos da critica competente e bem orientada. Si o favor publico acolher com bondade meu despretencioso esforço, procurarei em futura edição preencher lacunas e remediar faltas inevitaveis em uma primeira tiragem, que, demais, foi quasi apressadamente feita por circumstancias imperiosas e independentes de minha vontade, o que determinou mesmo, infelizmente, a não inclusão de alguns retratos, cujos originaes, aliás promettidos com antecedencia — uns, não me vieram ainda ter ás mãos, outros — chegaram demasiado tarde.

Terminando esta nota, que julguei necessaria, não posso deixar sem reparo que a apparente differença entre algumas illustrações não é devida a processos artisticos diversos, mas exclusivamente á variedade dos originaes que obtive — photographias, lythographias, simples desenhos, estampas sobre madeira etc.; bem assim que, em alguns pontos fui forçado a sacrificar a esthetica á precisa observancia do plano, que me tracei, de procurar collocar a gravura junto, ou, pelo menos, o mais perto possivel, do personagem ou do acontecimento referido.

V. C. O.

DO MESMO AUCTOR

TRABALHOS PUBLICADOS

Martyrio e Honra—poemeto—Recife—1887.

Breves considerações—sobre o art. 19 da lei n. 2.033 de 20 de Setembro de 1871, precedidas de parecer do dr. João Vieira do Araujo, professor da Facultade de Direito do Recife—Recife—1888.

A morte de Silva Jardim, ou o Vesuvio em erupção—poemeto—Petrolina—Pernambuco—1891.

Rimas—collecção de versos—Manáos—1893.

Leitura amena—collecção de historictas e ligeiros contos para a mocidade escolar—Manáos—1893.

Desmembramento do Estado da Bahia—critica historico-constitucional ao projecto apresentado ao Senado Federal em Maio de 1896 pelo Senador João Barbalho Uchôa Cavalcante—série de artigos publcados n'*A Bahia*—1896

Os proprios nacionaes—Justificação constitucional do direito que aos Estados assiste sobre os antigos proprios nacionaes—publicação official, por ordem do Governo do Estado do Pará—Belem—1898.

O Instituto Civico-Juridico—Série de artigos de propaganda publicados n'*A Provincia do Pará* mandados reunir em folheto pela Intendencia Municipal de Belém, para distribuição gratuita ao povo—Belém—1898.

Impostos interestaduaes—série do artigos publicados n'*A Provincia do Pará* justificando constitucionalmente esses impostos—Belém—1898.

O Estado e o Municipio—Série de artigos publicados n'*A Provincia do Pará* sobre divisão de rendas—Belém—1898.

Discurso—programma de abertura da sessão do Conselho Superior de Instrucção Publica, em 30 Setembro de 1899—Belém—1899.

Relatorio—apresentado ao sr. Intendente de Belém sobre o primeiro anno lectivo do Instituto Civico-Juridico «Paes de Carvalho»--Belém—1899.

Discurso—pronunciado como representante do Exmº Sr. Dr. Governador do Estado do Pará na solemnidade da distribuição de premios e abertura das aulas do Instituto «Lauro Sodré»—Belém—1900.

Discurso—pronunciado em sessão solemne de distribuição de diplomas aos alumnos que concluiram o curso no Instituto Civico-Juridico «Paes de Carvalho»—Belém—1900.

Regulamento—de sabbatinas escolares—Belém—1900.

Circular—ao professorado justificando e recommendando a instituição da sabbatina escolar—Belém—1900.

Circular—ao professorado justificando a instituição das «Conferencias Civicas»—Belém—1900.

Regimento—do Congresso Pedagogico precedido de uma exposição de motivos, justificando a organização—Belém—1900.

Regulamento—de sabbatinas escolares (nova organização)—Belém—1901.

Appêllo—á mocidade escolar, a proposito do novo regulamento de sabbatinas—Belém—1901.

Leitura Civica—apontamentos historicos e noticia sobre a Constituição Federal, destinados ás escolas publicas (segunda edição, illustrada com gravuras)—Belém—1902.

Affonso Celso contra Affonso Celso—contradicta historica ao *Oito annos de Parlamento*—na parte relativa á proclamação da Republica—Belém—1903.

Poderes Implicitos—ou a intervenção federal nos Estados estudad' à luz da doutrina, da legislação comparado e em face da Constituição Brazileira—Belém, 1903.

A Patria Brazileira—leitura escolar—illustrada com 260 gravuras—1903.